LUCAS
ÍNDICE

LUKE

WILLIAM BARCLAY
Título original em inglês:
The Gospel of Luke

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

… Introduz e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO

ÍNDICE

Prefácio
Introdução Geral
Introdução a Lucas

Capítulo 1	**Capítulo 7**	**Capítulo 13**	**Capítulo 19**
Capítulo 2	**Capítulo 8**	**Capítulo 14**	**Capítulo 20**
Capítulo 3	**Capítulo 9**	**Capítulo 15**	**Capítulo 21**
Capítulo 4	**Capítulo 10**	**Capítulo 16**	**Capítulo 22**
Capítulo 5	**Capítulo 11**	**Capítulo 17**	**Capítulo 23**
Capítulo 6	**Capítulo 12**	**Capítulo 18**	**Capítulo 24**

PREFÁCIO

Qualquer pessoa que escrever um livro como este fica em grande dívida com outros. Têm-me acompanhado constantemente os comentários sobre *Lucas* de Alfred Plummer, no *International Critical Commentary*, e de J. M. Creed, o de Macmillan. Estes são comentários feitos em cima do texto grego. Tenho usado em todo momento os comentários sobre textos ingleses de H. Balmforth, na *Bíblia de Clarendon*, e de W. Manson, no *Moffatt Commentary*.

Desejo e oro para que algo do encanto daquele que para muitos é o mais belo de todos os evangelhos resplandeça através deste livro.

William Barclay
Trinity College, Glasgow,
Novembro, 1955.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE LUCAS

Um livro encantador e seu autor

O evangelho de Lucas foi chamado o livro mais encantador do mundo. Uma vez um americano pediu a Denney que lhe recomendasse um bom livro sobre a vida de Cristo, ao que este respondeu: "Você já leu o que escreveu Lucas?"

Existe uma lenda segundo a qual Lucas era um hábil pintor; até há um quadro da Maria em uma catedral espanhola que se diz ser dele. Certamente captava muito bem as coisas vivas. Não seria muito desacertado dizer que o terceiro evangelho é a melhor vida de Cristo que se escreveu.

A tradição tem sempre crido que Lucas é o autor e não temos nenhum escrúpulo em aceitar a tradição neste caso. No mundo antigo era comum atribuir os livros a nomes famosos; ninguém via mal nisso. Mas Lucas nunca foi uma figura famosa na igreja primitiva. Se não tivesse escrito o evangelho é mais que seguro que ninguém o tivesse atribuído como autor. Lucas era um gentio; e tem a distinção de ser o único autor do Novo Testamento que não é judeu. Era médico de profissão (Colossenses 4:14) e possivelmente esse mesmo feito lhe conferisse a grande simpatia que possuía.

Tem-se dito que um pastor vê o melhor dos homens; um advogado vê o pior, e um médico os vê tal como são. Lucas via os homens e os amava. O livro foi escrito para um homem chamado Teófilo. É chamado *excelentíssimo Teófilo*, tratamento que geralmente se dava aos altos funcionários do governo romano. Sem dúvida Lucas o escreveu para contar mais a respeito de Jesus a uma pessoa muito interessada; e teve êxito em dar a Teófilo um quadro que deve ter aproximado seu coração ainda mais ao Jesus do qual tinha ouvido.

Os símbolos dos evangelhos

Cada um dos quatro Evangelhos foi escrito de certo ponto de vista. Muitas vezes os escritores estão representados em vitrais; a cada um deles lhes atribui um símbolo. Estes variam, mas os mais comuns são os seguintes. O emblema de Marcos é um *homem*. Seu Evangelho é o mais simples e o mais direto. Bem se disse que sua característica é o *realismo*. É o mais aproximado de um relatório sobre a vida de Jesus. O emblema de Mateus é um *leão*. Era um judeu que escrevia para judeus e veria em Jesus o Messias, ao Leão da tribo do Judá, o anunciado por todos os profetas. O emblema do João é a *águia*. Esta pode voar mais alto que qualquer outra ave. Diz-se que de todas as criaturas só a águia pode olhar de frente para o sol. Seu evangelho é teológico; seu pensamento se remonta mais alto que o de qualquer dos outros. É o evangelho no qual o filósofo pode encontrar temas para pensar durante toda sua vida e resolvê-los só na eternidade. Mas o símbolo do Lucas é o *bezerro*. Este é um animal para o sacrifício; e Lucas viu em Jesus o sacrifício por todo o mundo. Por sobre tudo, rompe todas as barreiras e Jesus é para os judeus e os gentios, santos e pecadores. É o Salvador do mundo. Tendo isto em conta estudemos as características do evangelho de Lucas.

O cuidado de um historiador

Em primeiro lugar, e sobretudo, o evangelho de Lucas é um escrito extremamente cuidadoso. Seu grego é muito bom. Os primeiros quatro versículos se pode dizer que são o melhor escrito em grego do Novo Testamento. Neles proclama que seu trabalho é o produto de uma investigação esmerada.

Suas oportunidades foram amplas e suas fontes devem ter sido boas. Como fiel companheiro de Paulo deve ter conhecido a todas as grandes figura da igreja, e podemos estar seguros de que lhes fez contar sua história. Por dois anos foi o companheiro da prisão de Paulo na

Cesaréia. Nesses largos dias deve ter tido muitas oportunidades para estudar e investigar e as deve ter aproveitado bem.

Um exemplo do esmero de Lucas é a forma em que situava a aparição de João Batista. Fê-lo com não menos de seis dados: "No décimo quinto ano do reinado de Tibério César (1), sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia (2), Herodes, tetrarca da Galiléia (3), seu irmão Filipe, tetrarca da região da Ituréia e Traconites (4), e Lisânias, tetrarca de Abilene (5), sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás (6), veio palavra de Deus a João... (Lucas 3:1, 2). Eis aqui um homem que escreve cuidadosamente e que será o mais exato que possa.

O Evangelho dos gentios

É evidente que Lucas escreveu principalmente para os gentios. Teófilo era um gentio, como o autor, e não há no Evangelho nada que um gentio não possa captar ou compreender.

(a) Como vimos Lucas começa situar os fatos dando a data do reinado do imperador *romano* e do governador. A data *romana* aparece em primeiro lugar.

(b) Diferente de Mateus, não está interessado na vida de Cristo como cumprimento da profecia judaica.

(c) Muito poucas vezes cita o Antigo Testamento.

(d) Costuma dar o equivalente grego de palavras hebraicas, para que um grego possa entendê-las. Simão *o cananeu* se converte em Simão *o zelote* (comp. Lucas 6:15 e Mateus 10:4). Em Lucas o *Calvário* não é designado por seu nome hebreu, *Gólgota*, mas sim pelo grego *Kranion*. Ambos significam *lugar da caveira*. Nunca utiliza o termo *Rabi* para Jesus, e sim o grego *Mestre*.

Quando traça a ascendência de Jesus, não se remonta a Abraão, o fundador da raça judaica, como o faz Mateus, e sim a Adão, o fundador da raça humana (comp. Mateus 1:2 e Lucas 3:38). Justamente por esta

razão o Evangelho de Lucas é o mais fácil de ler. Ele escreveu não para os judeus, e sim para gente muito parecida conosco.

O Evangelho da oração

Este Evangelho é em especial o Evangelho da oração. Lucas mostra a Jesus em oração em todos os grandes momentos de sua vida. Jesus orou em seu batismo (3:2); antes de seu primeiro confronto com os fariseus (5:16); antes de escolher os doze (6:12); antes de perguntar a seus discípulos quem criam eles quem era ele e antes de seu primeiro anúncio de sua morte (9:18); na Transfiguração (9:29); e na cruz (23:40). Só Lucas nos diz que Jesus orou pelo Pedro em sua hora de prova (22:32). Só ele nos relata as parábolas do amigo que aparece a meia-noite (11:5:13) e do Juiz injusto (18:1-8).

Para Lucas a porta aberta da oração era uma das mais preciosas do mundo.

O Evangelho das mulheres

O lugar das mulheres na Palestina era baixo. Na oração matinal judaica o homem agradece a Deus por não tê-lo feito "gentio, escravo ou mulher". Mas Lucas em seu Evangelho dá um lugar muito especial à mulher. O relato do nascimento é dado do ponto de vista de Maria.

Em Lucas nós lemos a respeito de Isabel, de Ana, da viúva do Naim, da mulher que lavou os pés do Jesus na casa do Simão o fariseu. É Lucas o que nos faz vívida a imagem de Marta e Maria e de Maria Madalena.

Certamente Lucas era originário da Macedônia. Ali as mulheres tinham uma posição mais emancipada que em qualquer outro lugar, e isto possivelmente tivesse alguma influência em sua atitude.

O evangelho do louvor

Neste evangelho a frase *louvando* a Deus aparece com mais freqüência que em todo o resto do Novo Testamento. Este louvor alcança seu ponto culminante nos três grandes hinos que a igreja cantou através de todas as gerações O *Magnificat* (1:46-55), o *Benedictus* (1:68-79); e o *Nunc Dimittis* (2:29-32). Há algo no evangelho de Lucas que é muito encantador, como se o brilho do céu tivesse tocado as coisas da Terra.

O evangelho universal

Mas a característica mais proeminente de Lucas é que seu evangelho é universal. Caem todas as barreiras; Jesus é para todos os homens sem distinção.

(a) O reino dos céus está aberto para os samaritanos (9:51-56). Só Lucas nos relata a parábola do Bom Samaritano (10:30-37); o único leproso agradecido era samaritano (17:11-19). João transcreve um dito que diz que os judeus e os samaritanos não se tratam entre si (João 4:9). Mas Lucas se nega a fechar a porta a ninguém.

(b) Lucas mostra Jesus falando com aprovação de gentios a quem os judeus ortodoxos consideravam impuros. Mostra Jesus citando à viúva da Sarepta e ao Naamã o sírio como exemplos brilhantes (4:25-27). Elogia-se o centurião romano pela grandeza de sua fé (7:9). Lucas transcreve as belas palavras de Jesus: “Muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul e tomarão lugares à mesa no reino de Deus” (13:29).

(c) Lucas está especialmente interessado nos pobres. Quando Maria trouxe sua oferta para sua purificação era a oferta de um pobre (2:24). Quando Jesus, por assim dizer, mostra seus créditos aos mensageiros do João, o ponto culminante é: “e aos pobres, anuncia-se-lhes o evangelho” (7:22). Só ele nos relata a parábola do rico e o pobre (16:19-31). No relato de Lucas das Bem-aventuranças, Jesus diz, não como em Mateus:

"Bem-aventurados os pobres de espírito" (5:3), e sim: “Bem-aventurados vós, os pobres” (6:20). O Evangelho de Lucas foi chamado o *Evangelho da classe baixa*. Seu coração corria ao encontro de qualquer pessoa a quem a vida fosse uma luta desigual.

(d) Mas acima de tudo mostra a Jesus como o amigo dos ingratos e pecadores. Só ele nos relata a história da mulher que ungiu os pés de Jesus e os banhou com suas lágrimas e os secou com seus cabelos na casa de Simão o fariseu (7:36-50); do Zaqueu, o coletor de impostos traidor (19:1-10); a parábola do fariseu e do publicano (18:9-14). Só ele nos relata a história do ladrão arrependido (23:43) e nos conta a história imortal do Filho Pródigo e de seu amante Pai (15:11-32). Quando Mateus nos relata como Jesus enviou a seus discípulos a pregar, diz-nos que lhes recomendou que não fossem aos samaritanos nem aos gentios (Mateus 10:5); mas Lucas omite tudo isto. Os quatro autores dos Evangelhos citam a Isaías 40 quando dão a mensagem de João Batista, "... preparem o caminho do Senhor; endireitem seus caminhos"; mas só-Lucas continua a citação até sua conclusão triunfante: "...e verá toda carne a salvação de Deus" (Isaías 40:3-5; Mateus 3:3; Marcos 1:3; João 1:23; Lucas 3:4). Lucas, entre todos os autores dos Evangelhos, não via limites ao amor de Deus.

O livro bonito

Ao estudar este livro devemos procurar estas características. De todos os autores dos Evangelhos teríamos gostado de encontrar-nos com Lucas, porque este médico gentio que tivera a tremenda visão do amor transbordante e infinito de Deus deve ter sido uma pessoa encantadora. Faber escreveu as seguintes linhas:

A misericórdia de Deus é ampla
tal como o é o mar;
há em sua justiça uma bondade
que é mais que liberdade.
Porque o amor de Deus é mais vasto

que a dimensão da mente do homem;
e o coração do Eterno
é maravilhosamente bondoso.

E o Evangelho do Lucas nos demonstra que isto é certo.

Lucas 1

A introdução de um historiador - Luc. 1:1-4
A promessa de um filho - Luc. 1:5-25
A mensagem de Deus a Maria - Luc. 1:26-38
O paradoxo da bênção - Luc. 1:39-45
Um hino maravilhoso - Luc. 1:46-56
Seu nome é João - Luc. 1:57-66
A alegria de um pai - Luc. 1:67-80

A INTRODUÇÃO DE UM HISTORIADOR

Lucas 1:1-4

A introdução de Lucas é única nos três primeiros Evangelhos porque nela aparece o autor em cena e é utilizado o pronome "eu".

Há três coisas que devemos notar nesta passagem.

(1) É o melhor que foi escrito em grego no Novo Testamento. Lucas utiliza aqui o mesmo tipo de introdução que usam os grandes historiadores gregos. Heródoto, o famoso historiador grego começa: "Estes são os estudos de Heródoto de Halicarnaso." Um historiador muito posterior, Dionísio de Halicarnaso, diz-nos ao começo de sua história: "Antes de começar a escrever reuni informação, em parte dos lábios dos homens mais estudiosos com quem estive em contato, e em parte das histórias escritas por romanos, que eles elogiavam." De maneira que Lucas, ao começar seu Evangelho, seguiu no melhor grego os modelos de mais qualidade que encontrou. É como se Lucas se houvesse dito a si mesmo: "Estou escrevendo a maior história do mundo, e devo usar o melhor para fazê-lo." Alguns dos manuscritos antigos são reproduções muito belas, escritas em tinta prateada sobre pergaminho

púrpura e muitas vezes o escriba escrevia o nome de Deus e de Jesus em cor dourada. O Dr. Boreham nos conta de um operário ancião que todas as sextas-feiras de noite, separava as moedas mais novas e brilhantes de seu salário para a oferta dominical. O historiador, o escriba e o operário tinham a mesma idéia, só o melhor é suficientemente bom para Jesus. Sempre dariam o mais possível a seu Senhor.

(2) É muito significativo que Lucas não se conformasse com as outras histórias de Cristo. Teve que escrever a própria. A verdadeira religião não é nunca uma coisa de segunda mão, uma história repetida. É um descobrimento pessoal. O Dr. Gossip estava acostumado a dizer que os quatro evangelhos eram importantes, mas além de todos eles está o evangelho da experiência pessoal. Lucas havia redescoberto a Jesus por si mesmo.

(3) Nenhuma outra passagem da Bíblia lança tanta luz sobre a doutrina da inspiração das Escrituras. Ninguém pode negar que o evangelho de Lucas é um documento inspirado; e entretanto, Lucas começa afirmando que é o produto da mais cuidadosa investigação histórica. A inspiração de Deus não chega ao homem que espera sentado, de braços cruzados, com a mente ociosa, e sim à mente que pensa, busca e investiga. A verdadeira inspiração chega quando a mente que busca se encontra com o Espírito revelador de Deus. A palavra de Deus é dada, mas ao homem que a busca. "Procurem e acharão."

A PROMESSA DE UM FILHO

Lucas 1:5-25

Zacarias, o personagem principal desta cena, era um sacerdote. Pertencia à seção do Abias. Todo descendente direto do Arão era automaticamente sacerdote. Isto significava que para os propósitos correntes, havia muitos sacerdotes. Portanto estavam divididos em vinte e quatro seções. Só na Páscoa, no Pentecostes, e na Festa dos Tabernáculos serviam todos. Durante o resto do ano cada grupo servia

duas semanas. Os sacerdotes que amavam seu trabalho esperavam ansiosos acima de todas as coisas essa semana de serviço; era a tarefa suprema de suas vidas: Um sacerdote só podia casar-se com uma mulher de linhagem judaica absolutamente pura. Considerava-se um mérito especial o casar-se com uma mulher que também era descendente de Arão, como o era Isabel, a mulher de Zacarias. Havia ao redor de vinte mil sacerdotes e portanto havia quase mil em cada seção. De modo que dentro delas as tarefas se realizavam em grupos.

Faziam-se sacrifícios em nome de toda a nação todas as manhãs e todas as tardes. oferecia-se um cordeiro macho, de um ano de idade, sem mancha nem defeito, junto com uma oferenda de farinha, azeite e vinho. Antes do sacrifício da manhã e depois do da tarde se queimava incenso nos altares para que, por dizê-lo assim, os sacrifícios subissem a Deus envoltos em doces essências. Era muito possível que muitos sacerdotes não tiveram o privilégio de queimar incenso em toda sua vida; mas se a qualquer um deles lhes tocasse a sorte fazê-lo, esse dia seria o mais grandioso de todos, o dia tão desejado e sonhado. Neste dia a sorte caiu sobre Zacarias e certamente devia estar emocionado até o mais íntimo. Mas havia uma tragédia em sua vida. Não tinha filhos. Os rabinos judeus diziam que havia sete pessoas que não podiam comunicar-se com Deus, e a lista começava: "um judeu que não tem esposa, ou um judeu que tem esposa, mas não tem filhos".

A esterilidade era uma causa válida de divórcio. Era natural então, que Zacarias, em seu grande dia, pensasse e orasse a respeito de sua tragédia pessoal e doméstica. Então apareceu a assombrosa visão com sua alegre mensagem de que, apesar de que suas esperanças estavam mortas, nascer-lhe-ia um filho. Queimou-se incenso e se fez a oferta, no átrio interior do templo, o Átrio dos Sacerdotes.

Enquanto se fazia o sacrifício, a multidão se apertava em outro átrio, o Átrio dos Israelitas. Era um privilégio do sacerdote abençoar as pessoas depois do sacrifício da tarde, postando-se atrás do corrimão entre ambos os átrios. O povo estava assombrado de que Zacarias demorasse

tanto. Quando saiu não pôde falar e o povo soube que tinha tido uma visão. De maneira que em uma alegria sem palavras, terminou sua tarefa semanal e voltou para casa; logo a mensagem de Deus se fez realidade e Isabel soube que ia ter um filho. Há um detalhe que ressalta aqui. *Foi na casa de Deus onde a mensagem divina chegou a Zacarias*. Muitas vezes desejamos que a mensagem de Deus chegue a nós.

Na obra do Shaw, *Santa Joana*, esta ouve as palavras de Deus. O Golfinho está zangado. "Ó, tuas vozes, tuas vozes, por que não vêm a mim? Eu sou o rei e não tu." Juana lhe responde: "Vêm, mas tu não as escutas. Não te sentaste nos campos ao entardecer para ouvi-las. Quando soa o *Ângelus*, fazes o sinal da cruz e pronto, mas se orasses em teu coração e ouvisses o som dos sinos no ar após deixarem de tanger, escutaria as vozes tal como eu."

Joana deu-se a si mesma a oportunidade de escutar a Deus. Zacarias estava no templo esperando a Deus. A voz de Deus chega àqueles que, como Zacarias, escutam-na em Sua casa.

A MENSAGEM DE DEUS A MARIA

Lucas 1:26-38

Maria se tinha comprometido com o José. O compromisso durava um ano, e era tão sério como o matrimônio. Só podia ser dissolvido pelo divórcio. Se o homem que estava comprometido com uma mulher morria, perante a lei ela era viúva. Utilizava-se a estranha frase: "uma virgem viúva". O compromisso criava um vínculo que só a morte podia romper. Nesta passagem nos encontramos diante de uma das doutrinas mais polêmicas da fé cristã: o nascimento virginal. A Igreja não insiste em que creiamos nesta doutrina. Consideremos as razões a favor e contra sua aceitação, e tomemos nossa própria decisão. Existem dois grandes razões para aceitá-lo literalmente.

(1) Se lermos esta passagem, e mais ainda, se lermos Mateus 1:18-25, o significado literal é que Jesus nasceria da Maria sem pai humano.

(2) É muito natural sustentar que se Jesus era, tal como acreditam, uma pessoa muito especial, entraria no mundo de uma maneira também muito especial.

Agora consideremos algumas das coisas que podem nos fazer duvidar de que o nascimento virginal deva ser tomado tão literalmente.

(1) As genealogias de Jesus que aparecem tanto em Lucas (3:23-38), como no Mateus (1:1-17), traçam sua ascendência desde José, o que é estranho se ele não era seu pai verdadeiro.

(2) Quando Maria encontrou a Jesus depois de que este se atrasou no templo, diz: “Teu pai e eu, aflitos, estamos à tua procura” (2:48). Aqui Maria chama *pai* a José, sem dúvida alguma.

(3) Repetidamente, o povo se refere a Jesus como o filho de José (Mateus 13:35; João 6:42).

(4) No resto do Novo Testamento ninguém se refere ao nascimento virginal. Certamente, em Gálatas 4:4 Paulo fala de Jesus como "nascido de mulher". Mas isto é algo que se pode dizer de qualquer mortal (comp. Jó 14:1; 15:14; 25:4).

Mas nos perguntemos, se não crermos na história do nascimento virginal literalmente, de onde surgiu? Os judeus diziam que no nascimento de todo menino tomavam parte três pessoas: o pai, a mãe e o Espírito de Deus. Acreditavam que ninguém podia nascer sem a intervenção do Espírito. E bem pode ser que as histórias do Novo Testamento sobre o nascimento de Jesus sejam formas encantadoras e poéticas de dizer que, embora tivesse um pai humano, o Espírito Santo de Deus atuou em seu nascimento de uma maneira única e especial.

Sobre este assunto devemos, tomar nossa própria decisão. Pode ser que desejemos nos aferrar à doutrina literal do nascimento virginal, pode ser que prefiramos pensar nele como uma bela forma de dar ênfase à presença do Espírito de Deus na vida da família. A submissão de Maria é algo muito formoso. "Aceitarei algo que Deus me mande." Maria tinha

aprendido a esquecer a oração mais comum do mundo: "Que se mude a tua vontade" e a elevá-la à maior: "Que se faça a tua vontade."

O PARADOXO DA BÊNÇÃO

Lucas 1:39-45

Toda esta passagem é como um canto lírico sobre a bem-aventurança de Maria. Em nenhum outro lugar podemos apreciar o paradoxo da bem-aventurança como na vida de Maria. A ela foi outorgado o privilégio de ser a mãe do Filho de Deus. Bem pôde encher-se seu coração de um trêmulo, assombrado e pasmada alegria. E entretanto, essa bênção ia ser a espada que atravessaria seu coração. Algum dia teria que ver seu filho pendente de uma cruz.

O ser escolhido por Deus quase sempre significa ao mesmo tempo uma coroa de alegria e uma cruz de tristeza. A verdade crua é que Deus não escolhe uma pessoa para sua tranqüilidade e comodidade nem para sua alegria egoísta, e sim para uma grande tarefa que exigirá tudo o que sua cabeça, coração e mãos possam dar. Deus escolhe uma pessoa para utilizá-la. Quando Joana d'Arc soube que sua hora estava perto, orou: "Só durarei um ano; usa-me como quiseres." Quando se toma consciência disto, as tristezas e dificuldades que podem surgir no serviço de Deus não são motivos de lamentação; são nossa glória, porque tudo se faz e se sofre por Deus.

Quando Ricardo Cameron foi preso pelos dragões, mataram-no. Tinha mãos muito bonitas e as cortaram para mandá-las a seu pai com uma mensagem perguntando se as reconhecia. "São de meu filho, de meu querido filho – disse este –; bendita a vontade do Senhor que jamais me faltará, nem a nenhum dos meus." As lágrimas da vida foram iluminadas com o sentimento de que isto também estava nos planos de Deus.

Um grande santo espanhol orou por seu povo da seguinte maneira: "Deus lhes negue a paz e lhes dê glória." Um grande pregador moderno

disse: "Jesus Cristo não veio para tornar a vida mais fácil, e sim para tornar os homens maiores." É a paradoxo da bênção que confere a uma pessoa em um mesmo momento a alegria maior e a maior tarefa do mundo.

UM HINO MARAVILHOSO

Lucas 1:46-56

Aqui nos encontramos com uma passagem que se converteu em um dos grandes hinos da Igreja – o *Magnificat*. É uma passagem saturada do Antigo Testamento. É muito semelhante ao canto da Ana em 1 Samuel 2:1-10. Tem-se dito que a religião é uma droga, o ópio dos povos; mas, como disse Stanley Jones, "O *Magnificat* é o documento mais revolucionário do mundo." Fala-nos de três revoluções de Deus.

(1) *Dispersou os que, no coração, alimentavam pensamentos soberbos*. Esta é uma revolução moral. O cristianismo é a morte do orgulho. Por que? Porque se as pessoas puserem sua vida a serviço de Cristo se despoja dos últimos vestígios de orgulho que há nele. Algumas vezes algo acontece ao homem que o deixa envergonhado diante de uma luz vívida, ofuscante e reveladora.

O. Henry nos relata uma pequena história a respeito disto: Havia um jovem que foi criado em uma vila. Na escola costumava sentar-se ao lado de uma menina e eram muito amigos. Foi à cidade e tomou maus caminhos. Converteu-se em um batedor de carteira, em um ladrão desprezível. Um dia acabava de roubar o moedeiro a uma anciã. Foi um bom trabalho, e se sentia satisfeito. Nesse momento viu a menina que conhecia caminhando pela rua, ainda tão doce e irradiando inocência. E de repente se viu si mesmo tão vil como era. Ardendo de vergonha, apoiou a cabeça contra o ferro frio de um poste de luz. "Deus – disse –, queria morrer". Viu-se si mesmo.

Cristo capacita o homem para ver-se a si mesmo. É o golpe de morte para o orgulho. A revolução moral começou.

(2) *Derribou do seu trono os poderosos e exaltou os humildes*. Esta é uma revolução social. O cristianismo dá por finalizados os títulos e prestígios mundanos. Mureto foi um estudioso da Idade Média. Era pobre. Em uma cidade italiana adoeceu e foi levado a um hospital para carentes vagabundos. Os médicos estavam discutindo seu caso em latim, sem imaginar que pudesse entender, e sugeriram que já que se tratava de um vagabundo sem valor algum poderiam usá-lo para seus experimentos médicos. Ele os olhou e lhes respondeu em sua mesma linguagem educada: "Não digam que não vale nada nenhum homem pelo qual Cristo morreu."

Quando tomamos consciência do que Cristo fez por todos os homens, não podemos falar mais do homem comum. As escalas e filas sociais desaparecem.

(3) *Encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos*. Esta é uma revolução econômica, Uma sociedade não cristã é uma sociedade que busca adquirir, na qual cada um luta por obter tudo o que possa. Uma sociedade cristã é aquela na qual ninguém se anima a ter muito enquanto outros têm muito pouco, na qual todo homem obtém para dar. Há encanto no *Magnificat*, mas esse encanto é dinamite. O cristianismo gera uma revolução em cada homem, e uma revolução no mundo.

SEU NOMBRE É JOÃO

Lucas 1:57-66

Na Palestina o nascimento de um menino era uma ocasião de muita alegria, em especial se se tratasse de um varão. Quando o momento do nascimento estava perto, os amigos e os músicos do lugar se reuniam ao redor da casa. Quando se anunciava o nascimento, se fosse o caso de um varão, os músicos tocavam e cantavam, e havia saudações e felicitações. Se se tratasse de uma menina, os músicos se retiravam silenciosos e cabisbaixos. Havia um dito: "O nascimento de um varão causa alegria universal, o nascimento de uma menina causa tristeza universal." Assim

na casa do Isabel havia uma dupla alegria. Enfim tinha tido um filho e era um varão. No oitavo dia o menino foi circuncidado e nesse dia recebeu o seu nome. As meninas podiam receber seu nome em qualquer momento dentro dos trinta dias de seu nascimento. Na Palestina os nomes eram descritivos. Às vezes descreviam uma circunstância referente ao nascimento, como *Esaú* e *Jacó* (Êxodo 25:26). Outras vozes descrevem o menino. *Labão*, por exemplo, significa branco ou loiro.

Algumas vezes o menino recebia o nome do pai. Muitas vezes o nome descrevia a alegria do pai. *Saul* e *Samuel*, por exemplo, significam *pedido*. Outras vezes o nome é uma declaração da fé dos pais. *Elias*, por exemplo, significa, *Jeová é meu Deus*. Assim nos tempos em que se adorava ao Baal os pais do Elias afirmaram sua fé no verdadeiro Deus. Isabel, para surpresa de seus vizinhos, disse que seu filho se chamaria João e Zacarias indicou que esse também era seu desejo. João é uma forma derivada do nome *Jehohanan*, que significa *dom de Deus* ou *Deus é benigno*. Era o nome que Deus tinha ordenado que fosse dado ao menino e descrevia a gratidão dos pais pela alegria inesperada.

A pergunta de todos os vizinhos e dos que tinham ouvido esta história assombrosa era: "O que irá ser este menino?" Todo menino é um molho de possibilidades. Um ancião professor de latim sempre fazia uma reverência à sua classe antes de começar a ensinar. Quando lhe foi perguntado a razão, respondeu: "A gente nunca sabe o que chegarão a ser alguns destes garotos."

A chegada de um menino a uma família significa duas coisas. Em primeiro lugar, é o privilégio maior que a vida pode dar a um homem e a sua mulher. É algo pelo qual se deve agradecer a Deus. Em segundo lugar, é uma das responsabilidades supremas da vida, devido ao fato de que esse menino é um molho de possibilidades, e dos pais e dos professores depende a realização, ou não, das mesmas.

A ALEGRIA DE UM PAI

Lucas 1:67-80

Zacarias teve uma grande visão a respeito de seu filho. Viu-o como o profeta e o precursor que prepararia o caminho do Senhor.

Todos os judeus devotos esperavam e desejavam o dia em que chegaria o Messias, o Rei Ungido de. Deus. A maioria acreditava que antes que ele viria um precursor que anunciaria sua vinda e lhe prepará-la o caminho. A crença comum era que para fazê-lo retornaria Elias (Malaquias 4:5). Zacarias viu em seu filho aquele que prepararia o caminho do Rei divino. Os versículos 75-77 nos dão um excelente quadro dos degraus do caminho cristão.

(1) Deve haver uma *preparação*. Toda a vida é uma preparação para nos levar a Cristo.

Quando Sir Walter Scott era jovem seu desejo era chegar a ser soldado. Um acidente o deixou um pouco coxo e teve que abandonar seu sonho. Começou a ler as antigas histórias e romances escoceses e se converteu em um grande novelista. Um ancião disse dele: "Todo o tempo se fazia a si mesmo, mas não compreendeu o que era o que lhe acontecia até ter passado muitos anos." Na vida Deus faz que tudo contribua para nos levar a Cristo.

(2) Deve haver *conhecimento*. A simples realidade é que os homens não conheciam a Deus até quando Jesus chegou. Os gregos pensavam em um Deus insensível, além da alegria e a tristeza, que contemplava impertérrito aos homens desde seu soberbo isolamento o qual não era de ajuda para ninguém.

Os judeus pensavam em um Deus exigente, cujo nome era "Lei" e cuja função era a de juiz – no qual não havia outra coisa que terror. Jesus vinha para falar de um Deus que era amor, e em sua surpresa os homens só podiam dizer: "Nunca soubemos que Deus era assim." Uma das grandes funções da encarnação é a de levar o conhecimento de Deus aos homens.

(3) Há *perdão*. Devemos ser claros a respeito de algo que tem que ver com o perdão. O perdão não é tanto o remissão de uma pena como a restauração de uma relação. Nada nos pode salvar de certas conseqüências de nosso pecado; o relógio não pode ser atrasado; mas a alienação de Deus se converte em amizade. O Deus distante se aproxima e o Deus que temíamos se converte no que ama as almas dos homens.

(4) Há *um novo andar pela vida* no atalho da paz. Paz em hebreu não significa simplesmente estar livres de perigos; significa tudo aquilo que dá bem-estar ao homem; e através de Cristo o homem pode caminhar nos atalhos que levam a tudo o que significa vida, e já não ao que significa morte.

Lucas 2

A viagem a Belém - Luc. 2:1-7
Os pastores e os anjos - Luc. 2:8-20
Observância das antigas cerimônias - Luc. 2:21-24
Um sonho realizado - Luc. 2:25-35
Uma encantadora velhice - Luc. 2:36-40
Descoberta cedo na vida - Luc. 2:41-52

A VIAGEM A BELÉM

Lucas 2:1-7

No Império Romano se realizavam censos periódicos com duplo objetivo: para impor as contribuições e para descobrir aqueles que podiam cumprir o serviço militar obrigatório. Os judeus estavam isentos do serviço militar, e, portanto, o censo na Palestina tinha um propósito predominantemente impositivo. Com respeito a estes censos, temos informação bem definida do que acontecia no Egito; e é quase seguro que o que passava ali, também acontecia em Síria, e Judéia era parte desta província.

A informação que temos provém de documentos escritos sobre papiros e descobertos entre o pó em cidades e vilas egípcias e nas areias do deserto. O recenseamento era feito a cada quatorze anos. encontraram-se documentos de cada censo entre 20 d. C. e 270 d. C.

Se se respeitava o prazo de quatorze anos, então o censo em Síria deve ter sido no ano 8 A. C. e portanto Jesus deve ter nascido esse ano. Pode ser que Lucas tenha cometido um pequeno engano. Cirênio não foi governador de Síria até o ano 6 A. C., mas teve um posto oficial nessa zona com antecedência, entre os anos 10 e 7 A. C. e o censo deve ter sido tomado durante esse período. Os críticos questionaram o fato de que todos deviam retornar à sua cidade de origem para ser recenseados; mas existe um decreto de governo no Egito que diz:

> Gaio Vibio Máximo ordena: devido a que chegou o momento de recensear, é-nos necessário obrigar a todos aqueles que por qualquer causa residem fora de seus distritos a retornar a seus lares, para que cumpram com o censo e para que também atendam diligentemente o cultivo de suas parcelas.

Se isto acontecia no Egito, bem podia acontecer na Judéia onde se respeitava a velha linhagem tribal, e os homens tinham que ir aonde residia sua tribo. Este é um exemplo de como um maior conhecimento demonstrou a exatidão do Novo Testamento.

A distância entre Nazaré e Belém era de uns cento e vinte quilômetros. As comodidades que se ofereciam aos viajantes eram muito primitivas. A estalagem oriental estava composta por uma série de casinhas que davam a um pátio comum. Os viajantes levavam sua própria comida; tudo o que outorgava o hospedeiro era forragem para os animais e fogo para cozinhar. A cidade estava repleta e não havia lugar para a Maria e José. Portanto seu filho nasceu no pátio comum. As fraldas consistiam em um tecido quadrado com uma tira longa que saía diagonalmente de uma ponta. O menino era envolto no tecido e logo se enrolava na tira. A palavra que traduzida manjedoura, significa o lugar onde se alimentavam os animais: também poderia referir-ser ao estábulo.

O fato de que não houvesse lugar na hospedaria é um símbolo do que ia acontecer com Jesus. O único local no qual houve lugar para ele foi a cruz. Procurou uma entrada aos corações repletos dos homens e não a encontrou; continua procurando, e continua sendo rechaçado.

OS PASTORES E OS ANJOS

Lucas 2:8-20

É algo maravilhoso que a história nos conte que o primeiro anúncio de Deus foi aos pastores. Eles eram desprezados pelos bons ortodoxos de seus dias. Virtualmente não podiam cumprir com todos os detalhes da Lei cerimonial; não podiam observar todas as meticulosas lavagens de mãos, as normas e as regulamentações. O cuidado de seus rebanhos os absorvia e os ortodoxos os consideravam como pessoas inferiores. A mensagem de Deus chegou primeiro a esses homens simples do campo. Mas aqueles eram pastores muito especiais.

Já vimos como todos os dias no templo, pela manhã e à tarde, oferecia-se um cordeiro sem mancha como sacrifício a Deus. Para assegurar-se de que o aprovisionamento destes cordeiros perfeitos não falhasse, as autoridades do templo tinham seus próprios rebanhos, e sabemos que estes pastavam perto de Belém.

É muito provável que estes pastores estivessem a cargo desses rebanhos. É belo pensar que os pastores que cuidavam os cordeiros do templo foram os primeiros em ver o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Já vimos que quando nascia um menino os músicos da zona se congregavam para saudá-lo com música singela.

Jesus nasceu em um estábulo em Belém e portanto essa cerimônia não teve lugar. É bonito pensar que os coros celestiais substituíram os músicos terrestres, e que os anjos cantaram para Jesus canções que teria sido impossível entoar por bocas humanas.

Todo este relato deve nos ter feito pensar na enorme simplicidade do nascimento do Filho de Deus. Teríamos pensado que, se ele ia nascer

no mundo, devê-la tê-lo feito em um palácio ou em uma mansão. Havia um rei europeu que preocupava a seu séquito desaparecendo muito seguido e caminhando de incógnito entre o povo. Quando lhe foi pedido que não o fizesse por questões de segurança, ele respondeu: "Não posso governar a meu povo sem saber como vivem."

É um grande pensamento da fé cristã o saber que temos um Deus que conhece nossa vida porque ele também a viveu, e não pediu vantagens especiais sobre os outros homens.

OBSERVÂNCIA DAS ANTIGAS CERIMÔNIAS

Lucas 2:21-24

Nesta passagem vemos Jesus cumprindo três antigas cerimônias pelas que todo menino judeu devia passar.

(1) *A circuncisão*. Todo menino judeu era circuncidado no oitavo dia depois de ter nascido. Essa cerimônia era tão sagrada que podia levar-se a cabo até no sábado, dia em que a lei proibia realizar qualquer ato que não fosse absolutamente essencial; e, como já o vimos, os varões recebiam o nome nesse dia.

(2) *A redenção do filho primogênito*. De acordo com a lei (Êxodo 3:2), tudo primeiro filho varão, assim como toda primeiro macho do gado, eram consagrados a Deus. Essa lei pôde ter sido um reconhecimento do bondoso poder de Deus ao dar vida, ou pode ter sido uma relíquia dos tempos em que os meninos eram sacrificados aos deuses. Se fosse levado a cabo literalmente a vida teria se desorganizado. Portanto, existia uma cerimônia chamada a Redenção do Primogênito (Números 18:16). Estava estabelecido que pela soma de cinco siclos – 72 gramas de prata – os pais podiam comprar seu filho a Deus. A soma devia ser paga aos sacerdotes. Não podia ser paga antes dos trinta e um dias de vida do menino, nem muito depois deste prazo.

(3) *A purificação depois do nascimento*. Quando uma mulher dava à luz um filho, se fosse um varão era impura por quarenta dias, e se fosse

uma menina, era por oitenta. Podia dedicar-se a seu lar e suas tarefas diárias, mas não podia entrar no templo nem tomar parte em nenhuma cerimônia religiosa (Levítico 12). Ao finalizar este tempo, tinha que levar a templo, como oferta um cordeiro para ser queimado, um pombinho como oferta por seu pecado. Este sacrifício era um tanto custoso, por isso a lei estabelecia (Levítico 12:8) que se alguém não podia oferecer o cordeiro podia levar outra pomba. A oferta de duas pombas em lugar de um cordeiro e uma pomba se chamava oferta dos pobres. Maria trouxe esta última oferta. Uma vez mais vemos que Jesus nasceu em um lar comum, onde não havia luxos, onde se guardava cada moeda, onde os membros da família conheciam bem todas as dificuldades de ganhar a vida e de sua permanente insegurança. Quando a vida nos preocupa, devemos recordar que Jesus conhecia as dificuldades de fazer que as entradas cobrissem todas as necessidades.

Estas três cerimônias são antigas e estranhas; mas as três têm como base a convicção de que um menino é um dom de Deus. Os estóicos diziam que Deus não dava os filhos aos pais, mas sim os emprestava. De todos os dons de Deus não há nenhum pelo qual sejamos tão responsáveis como pelo dom de um filho.

UM SONHO REALIZADO

Lucas 2:25-35

Não havia judeu que não visse sua nação como o povo escolhido. Mas viam claramente que por meios humanos sua nação nunca obteria a grandeza do mundo, que eles criam que o destino lhes proporcionava. A grande maioria acreditava que devido a que os judeus eram os escolhidos, estavam destinados a serem os donos do mundo e senhores de todas as nações.

Alguns criam que para trazer esse dia desceria algum grande paladino celestial; outros acreditavam que surgiria outro rei da linha do Davi e que se reviveriam todas as antigas glórias; outros criam em que o

próprio Deus irromperia diretamente na história por meios sobrenaturais. Mas, contrastando com todos estes, havia uns poucos, conhecidos como os *Silenciosos da terra*, que não tinham sonhos de violência nem de poder nem de exércitos com estandartes; acreditavam em uma vida de oração constante e de silenciosa vigília até que Deus viesse. Esperavam durante todas suas vidas silenciosa e pacientemente. Simeão era assim; esperava em oração, em adoração e em humilde e fiel expectativa, o dia no qual Deus confortaria a seu povo. Deus lhe havia prometido através do Espírito Santo que sua vida não terminaria até que ele visse o Rei Ungido de Deus. Reconheceu em Jesus a esse Rei e se sentiu feliz. Agora estava preparado para partir em paz e suas palavras se converteram no *Nunc Dimittis*, outro dos grandes e preciosos hinos da Igreja.

No versículo 34 Simeão dá uma espécie de resumo da obra e destino de Jesus.

(1) Jesus será a razão pela qual *muitos cairão*. Isto é estranho e duro de entender, mas é certo. Não é tanto Deus quem julga ao homem; o homem se julga a si mesmo; seu julgamento é sua reação perante Jesus Cristo. Se, quando se vê confrontado com essa bondade e beleza, seu coração se sente pleno de um amor que responde, está dentro do Reino. Se permanecer frio, sem comover-se ou ativamente hostil, está condenado. Há uma grande negação, assim como há uma grande aceitação.

(2) Jesus será a causa pela qual *muitos se levantarão*. Muito tempo há Sêneca disse que o que os homens precisavam era uma mão que se estendesse e os ajudasse a levantar-se. É a mão de Jesus a que levanta o homem e o tira da vida velha, levando-o à nova, do pecado à retidão, da vergonha à glória.

(3) Jesus encontraria *muita oposição*. Não pode haver neutralidade com respeito ao Jesus Cristo. Ou nos rendemos ou estamos em guerra com ele. E a tragédia da vida é que o orgulho do homem nos impede de fazer essa rendição na qual há vitória.

UMA ENCANTADORA VELHICE

Lucas 2:36-40

Ana também pertencia aos *Silenciosos da terra*. Não sabemos nada a respeito dela com exceção do que nos relatam estes versículos, mas até neste breve relato Lucas nos desenhou muito bem seu caráter.

(1) Ana era uma viúva. *Tinha conhecido a dor mas não se amargurou*. A dor pode nos fazer duas coisas: pode nos tornar duros, amargurados, ressentidos, e rebeldes contra Deus. Ou, pode nos tornar mais bondosos, mais suaves, mais solidários. Pode nos despojar de nossa fé, ou pode fazer que esta lance raízes mais profundas e inamovíveis. Tudo depende do que pensemos de Deus. Se pensarmos que Deus é um tirano, nos ressentiremos. Se pensarmos em Deus como Pai, poderemos estar seguros de que:

> A mão de um pai não causará nunca
> uma lágrima desnecessária a seu filho.

(2) Tinha oitenta e quatro anos. *Era anciã mas nunca tinha perdido a esperança*. A idade pode levar embora o vigor e as forças de nosso corpo; mas sua ação pode ser pior – os anos podem levar a vida de nosso coração até que as esperanças uma vez acariciadas morram e nos convertemos em seres languidamente satisfeitos e tremendamente resignados a aceitar as coisas tal qual são. Uma vez mais tudo depende do que pensemos a respeito de Deus. Se pensarmos nele como algo distante, remoto e isolado, então podemos nos desesperar; mas se pensarmos nele como intimamente conectado com a vida, com sua mão sobre o leme da vida, então estaremos seguros de que o melhor está por vir, e os anos nunca matarão nossa esperança.

Como era Ana então?

(1) *Nunca cessava de adorar*. Passava sua vida na casa de Deus com o povo de Deus. Deus nos deu sua Igreja para que fosse a mãe de nossa fé. Estamos perdendo um tesouro incalculável quando nos negamos a ser um com o povo que adora a Deus.

(2) *Nunca deixou de orar*. A adoração pública é grande; mas também o é a particular. Como alguém já disse acertadamente: "Oram melhor juntos aqueles que oraram primeiro sozinhos." Os anos tinham deixado a Ana sem amargura e com uma esperança inamovível porque dia a dia estava em contato com Aquele que é a fonte do vigor, e em cujo vigor nossa fraqueza se aperfeiçoa.

DESCOBERTA CEDO NA VIDA

Lucas 2:41-52

Estas é uma das passagens mais importantes do relato do evangelho. A lei estabelecia que todo varão adulto judeu que vivesse dentro dos 30 quilômetros de Jerusalém devia ir ali para a Páscoa. Em realidade todos os judeus do mundo tinham a esperança de poder passar a festa ali pelo menos uma vez em sua vida.

Um jovem judeu era considerado adulto quando fazia doze anos. convertia-se então em filho da lei e devia cumprir as obrigações que esta impunha. Por isso, Jesus concorreu pela primeira vez à festa da Páscoa aos doze anos. Podemos imaginar como terá ficado fascinado com a cidade Santa, o templo e os rituais sagrados. Quando seus pais voltaram, ele ficou para atrás. Não foi por negligência que não sentiram saudades. Geralmente as mulheres começavam a viagem antes que os homens porque caminhavam mais devagar. Os homens começavam mais tarde e caminhavam mais ligeiro, e as duas seções só se encontrariam ao entardecer para acampar.

Era a primeira Páscoa de Jesus. Sem dúvida José pensou que ele estava com Maria e Maria pensou que estava com seu marido e que até o entardecer não se deram conta de sua ausência. Voltaram para Jerusalém para buscá-lo. Durante a Páscoa era costume de o Sinédrio reunir-se em público no templo para discutir questões teológicas e religiosas, em presença de todos os que queriam ouvi-los. Ali encontraram a Jesus. Não devemos pensar em uma cena em que um menino precoce domina a seus

maiores. *Escutando e perguntando* é uma frase comum entre os judeus para dar a entender que um estudante está aprendendo de seus professores. Jesus estava escutando as discussões e procurando com interesse o conhecimento como um ávido estudante. E aqui vem uma dos passagens-chave da vida de Jesus Cristo. Maria lhe disse: "Teu *pai* e eu ... estamos à tua procura" E Jesus respondeu: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de *meu Pai*?"

Notemos como muito brandamente mas de maneira bem definida Jesus toma a palavra *pai* de José e a aplica a Deus. Em algum momento Jesus deve ter descoberto sua relação sem igual com Deus. Não pôde tê-lo sabido quando era um menino na manjedoura e um bebê nos braços de sua mãe, já que isto teria sido monstruoso ou anormal. Deve tê-lo pensado à medida que os anos passavam; e então nesta primeira Páscoa, quando chegou à idade adulta, tomou consciência de que Ele não era como os outros homens, que em uma forma muito especial e sem paralelos era o Filho de Deus. Aqui nos é relatada a história do dia em que Jesus descobriu quem era. E notemos uma coisa – o descobrimento não o fez orgulhoso. Não o fez desprezar a seus humildes pais, a gentil Maria e o trabalhador José. Voltou para seu lar, e estava sujeito a eles. O mesmo fato de que era o Filho de Deus o fazia um filho perfeito para seus pais humanos. O verdadeiro homem de Deus não despreza as ataduras da Terra; justamente por sê-lo desempenha as tarefas humanas com suprema fidelidade.

Lucas 3

O correio do rei - Luc. 3:1-6
João chama ao arrependimento - Luc. 3:7-18
A detenção de João - Luc. 3:19-20
Chega a hora para Jesus - Luc. 3:21-22
A linhagem de Jesus - Luc. 3:23-38

O CORREIO DO REI

Lucas 3:1-8

Para Lucas a aparição de João Batista é um dos pontos em que a história muda. É assim tanto que se situa o momento com seis dados diferentes.

(1) Tibério era o sucessor de Augusto e portanto o segundo dos imperadores romanos. Cerca dos anos 11 ou 12 d. C. Augusto o tornou seu colega no poder imperial, mas não se tornou imperador único até o ano 14 d. C. O décimo quinto ano de seu reinado deve ter sido entre 28 e 29 d. C. Lucas começa situando a aparição de João no cenário mundial, o cenário do Império Romano.

(2) Os três dados seguintes que Lucas dá se relacionam com a organização política da Palestina. O título tetrarca significa literalmente *governador de uma quarta parte*. Em províncias tais como Tessália e Galácia, que estavam divididas em quatro seções ou áreas, o governador de cada uma delas era chamado *tetrarca*; mas mais tarde a palavra ampliou seu significado e se aplicou ao governador de qualquer parte. Herodes o Grande morreu no ano 4 A. C., depois de ter reinado quarenta anos. Dividiu seu reinou entre três de seus filhos e em um primeiro momento os romanos aprovaram sua decisão.

(a) Deu Galiléia e Peréia a Herodes Antipas, quem reinou desde ano 4 A. C. até o ano 39 d. C. Portanto, Jesus viveu principalmente sob o reinado deste soberano e em seus domínios da Galiléia.

(b) Deu Ituréia e Traconites a Herodes Felipe, que reinou do 4 A. C. até 33 D. C. A cidade da Cesaréia de Felipe foi chamada assim por ele, porque ele a mandou construir.

(c) Deixou Judéia, Samaria e Edom a Arquelau. Um rei péssimo. Os judeus no final pediram aos romanos que o tirassem de seu cargo; e Roma, preocupada com os contínuos problemas da Judéia, instalou um procurador ou governador romano. Assim foi como os romanos começaram a governar diretamente sobre a Judéia. Nesse momento era

governador Pilatos, que esteve no poder desde o ano 25 até 37 d. C. De modo que neste parágrafo Lucas nos dá uma visão panorâmica da divisão do reino que tinha pertencido a Herodes o Grande.

(3) Não sabemos virtualmente nada do Lisânias.

(4) Uma vez esclarecida a situação mundial e política da Palestina, Lucas relata a situação religiosa e se situa a aparição de João no momento em que Anás e Caifás eram sacerdotes. Nunca houve dois sumo sacerdotes ao mesmo tempo. Por que, então, Lucas nos oferece dois nomes? O sumo sacerdote era ao mesmo tempo a cabeça civil e religiosa da comunidade. Na antiguidade o posto tinha sido hereditário e tinha durado toda a vida.

Mas com a chegada dos romanos o posto era objeto de todo tipo de intrigas. O resultado foi que entre os anos 37 A. C. e 26 d. C. houve mais de vinte e oito sumo sacerdotes. Anás foi em realidade sumo sacerdote entre os anos 7 e 14 d. C. Portanto neste momento está fora de seu posto; mas foi passado por não menos de quatro de seus filhos e Caifás era seu genro. Portanto, embora Caifás era o supremo sacerdote reinante, Anás ostentava o poder. Esta é a razão pela qual Jesus foi levado a ele em primeiro lugar logo depois de ser preso (João 18:13) apesar de que nesse momento não estava em funções. Lucas associa seu nome com Caifás porque, apesar de ser este o sumo sacerdote, Anás era ainda o sacerdote de maior influencia no país.

Os versículos 4-6 são uma citação de Isaías 40:3-5. No Oriente, quando um rei se propunha visitar parte de seus domínios mandava um correio para que avisasse as pessoas que deviam preparar os caminhos.

Durante o serviço de coroação na Abadia do Westminster encontramos um paralelo moderno disto. Quando toda a congregação estava sentada apareceu inesperadamente um grupo de limpadores com escovas e aspiradoras que começaram a limpar os tapetes de modo que estes estivessem absolutamente limpos para a chegada da rainha.

Assim, pois, João é considerado como o correio do Rei. Mas a preparação sobre a qual insistia, era uma preparação do coração e da

vida. Dizia: "O rei está por chegar, corrijam não seus caminhos, e sim suas vidas." Em nossas mãos está a tarefa perene de fazer com que a vida seja digna de ser vista pelo Rei.

JOÃO CHAMA AO ARREPENDIMENTO

Lucas 3:7-18

Aqui nos defrontamos com a mensagem de João às pessoas. Em nenhum outro lugar se nota tão claramente a diferença entre João e Jesus porque, qualquer que fosse a mensagem de João, não era evangélica. Não se tratava de boas novas; eram novas de terror. João tinha vivido no deserto. A face do deserto estava coberta de arbustos e matagais, assaz seca como isca. Algumas vezes uma faísca acendia a face do deserto e saíam de seus ninhos as víboras e as serpentes fugindo aterrorizadas das chamas ameaçadoras. João comparava a elas as pessoas que seriam batizadas. Os judeus não tinham a menor dúvida de que nos planos de Deus eles eram a nação mais favorecida. Sustentavam que Deus julgaria todas as nações com uma medida mas aos judeus com outra. Em realidade sustentavam que um homem estava livre de todo juízo simplesmente pela virtude de ser judeu. Um filho de Abraão estava livre de juízo. João lhes dizia que o privilégio racial não significava nada; que Deus julgava a vida e não a linhagem.

Há três pontos sobressalentes na mensagem de João.

(1) Demandava que os homens compartilhassem suas riquezas uns com outros. Era um evangelho social que estabelecia que Deus nunca absolverá ao homem que se contente tendo muito enquanto outros têm pouco.

(2) Ordenava ao homem não deixar seu trabalho, e sim trabalhar por sua própria salvação fazendo seu trabalho como devia ser feito. Que o coletor de impostos seja um bom funcionário, que um soldado seja um

bom defensor. O dever do homem era servir a Deus onde ele o tinha posto. João estava convencido de que em nenhuma parte se pode servir a Deus melhor que no trabalho diário.

(3) João estava seguro de que ele era só o precursor do Rei. Este estava por vir, e com ele o julgamento. A pá mencionada era uma grande pá chata de madeira; com ela os grãos eram lançados ao ar; os grãos pesados caíam ao chão e a palha voava. E assim como se separava a palha do grão, o Rei separaria os bons dos maus. De maneira que João pintava um quadro do juízo, mas se tratava de um juízo que um homem podia enfrentar com confiança se tinha saldado suas dívidas com seu vizinho, e se tinha realizado fielmente sua tarefa diária.

João foi um dos pregadores mais efetivos do mundo.

Uma vez Chalmers, quando o felicitaram por um sermão, disse: "Sim, mas o que fez?" Está claro que João pregava a ação e produzia ação. Não se ocupava de sutilezas teológicas, mas sim da vida.

A DETENÇÃO DE JOÃO

Lucas 3:19-20

João era um pregador da justiça tão direto e franco que não podia senão correr perigo. Josefo, o historiador judeu, diz que a causa de sua detenção era que Herodes "temia que a grande influencia que João exercia sobre o povo lhe desse poder e inclinação para organizar uma rebelião, pois pareciam preparados a fazer algo que ele propusesse".

Isto sem dúvida é certo, mas o Novo Testamento nos dá uma causa muito mais pessoal e imediata. Herodes Antipas se casou com Herodias e João o repreendia por isso. As relações envoltas neste casamento são extremamente complicadas. Herodes o Grande era um homem que se casou várias vezes. Herodes Antipas era filho do Herodes o Grande e de uma mulher chamada Maltake. Herodias era filha do Aristóbulo, que também era filho de Herodes o Grande e de Mariana, chamada

comumente a asmonea. Como vimos, Herodes tinha dividido seu reino entre Arquelau, Herodes Antipas e Herodes Felipe. Tinha outro filho, também chamado Herodes, que era filho do Mariana, filha do sumo sacerdote. Este Herodes não teve parte do reino de seu pai e vivia em Roma. Casou-se com o Herodias. Era em realidade seu meio tio, porque o pai dela, Aristóbulo, e ele eram filhos de Herodes, mas de distintas mães. Herodes Antipas em uma de suas visitas a Roma, seduziu-a e se casou com ela, que era sua cunhada, por estar casada com seu meio irmão, e ao mesmo tempo sua sobrinha por ser filha de seu outro meio irmão, Aristóbulo. Todo este procedimento causou comoção à opinião judaica, já que era contrário à Lei, e inapropriado sob qualquer ponto de vista. É algo muito perigoso repreender a um tirano oriental, mas João o fez. O resultado foi que o prendeu e o encarcerou em um calabouço do castelo do Macário nas bordas do Mar Morto. Não podia haver nada mais cruel que tomar a esta criatura do deserto e encerrá-la em um calabouço. Finalmente foi decapitado para gratificar o ressentimento do Herodias (Mateus 14:5-12; Marcos 6:17-29).

É sempre perigoso dizer a verdade; e entretanto quem se une à verdade, poderá no momento terminar no cárcere ou no patíbulo, mas no final sairá vitorioso.

Uma vez, o conde do Morton, que era regente de Escócia, ameaçou a André Melville, o reformador. Disse-lhe: "Não haverá tranqüilidade neste país até que meia dúzia de homens como você sejam pendurados ou desapareçam do lugar." Melville lhe respondeu: "Senhor! Tratar a seus cortesãos dessa maneira! Para mim tanto faz me apodrecer no ar ou na terra... Deus seja louvado; não está em suas mãos enforcar nem exilar sua verdade." Platão disse uma vez que um homem sábio sempre preferirá sofrer equivocadamente que fazer coisas equivocadas.

Só devemos nos perguntar a nós mesmos se em última análise e em definitiva preferiremos ser Herodes Antipas ou João Batista.

CHEGA A HORA PARA JESUS

Lucas 3:21-22

Os pensadores da Igreja procuraram sempre uma resposta ao seguinte problema: Por que Jesus foi para ser batizado por João? O batismo de João era o batismo do arrependimento e cremos que Jesus não era pecador. Então, por que se oferece a si mesmo para esse batismo? Na igreja primitiva se sugeria às vezes, com um toque caseiro, que o fez para agradar a Maria, sua mãe, e em resposta a seu pedido; mas precisamos de uma razão melhor que essa. Na vida de cada homem há certas etapas bem definidas, certas dobradiças sobre as quais gira toda a sua vida. Assim foi na vida de Jesus, e cada tanto devemos nos deter e buscar ver a vida de Jesus como uma totalidade.

A primeira grande mudança, como já vimos, foi a visita ao templo quando tinha doze anos, momento em que descobriu sua relação sem igual com Deus. No momento da aparição de João, Jesus tinha cerca de trinta anos (Lucas 3:23). Quer dizer, que pelo menos tinham passado dezoito. Através de todos estes anos Jesus deve ter estado pensando e tomando cada vez mais consciência de sua condição sem igual. Entretanto, continuou sendo o carpinteiro do Nazaré. Deve ter sabido que chegaria o dia em que deveria dizer adeus a Nazaré e sair para cumprir sua tarefa maior. Deve ter esperado que algum sinal mostrasse que esse dia tinha chegado. Agora, quando João apareceu o povo se reunia para ouvi-lo e ser batizado. Isto é, através de todo o país havia um movimento sem precedentes *rumo a* Deus. Quando Jesus viu isto, soube que *sua hora tinha chegado*. Não era que tivesse consciência de pecado e precisasse arrepender-se. Era que sabia que nesse momento Ele também devia identificar-se com esse movimento rumo a Deus. Para Jesus a aparição de João foi o chamado de Deus à ação; e seu primeiro passo foi identificar-se com o povo em sua busca de Deus.

Mas no batismo de Jesus algo aconteceu. Antes de que desse este passo tremendo tinha que ter certeza de que sua atitude era correta; e no

momento do batismo *Deus lhe falou*. Não nos equivoquemos. O que aconteceu no batismo foi uma experiência pessoal de Jesus. A voz de Deus veio a Ele, e lhe disse que tinha tomado a decisão correta. Mas o que é mais – muito mais –, a mesma voz de Deus lhe indicou o caminho a seguir. Deus lhe disse: "Tu és meu Filho amado; em ti tenho complacência." Esta oração está composta por dois textos. *Tu és meu filho amado* – do Salmo 2:7, que foi sempre aceito como uma descrição do Messias Rei. *Em ti tenho complacência* – é parte de Isaías 42:1 e pertence a uma descrição do servo do Senhor cujo retrato culmina nos sofrimentos de Isaías 53. Portanto em seu batismo Jesus se deu conta, em primeiro lugar, de que era o Messias, o Rei Ungido de Deus; e, em segundo lugar, de que isso não envolvia nem poder nem glória, e sim sofrimento em uma cruz.

A cruz não tomou a Jesus de surpresa; do momento em que tomou consciência de sua situação Ele a viu diante de si. O batismo mostra a Jesus pedindo a aprovação de Deus e recebendo o destino da cruz.

A LINHAGEM DE JESUS

Lucas 3:23-38

Esta passagem começa com uma declaração muito sugestiva. Diz-nos que quando Jesus começou seu ministério não tinha menos de trinta anos de idade. Por que passou trinta anos em Nazaré quando tinha vindo a ser o Salvador do mundo? Diz-se tradicionalmente que José morreu bastante jovem e que Jesus precisou sustentar Maria e seus irmãos menores, e que só quando foram o suficientemente crescidos para tomar o negócio em suas mãos, Jesus se sentiu livre para deixar Nazaré e sair ao mundo. Seja isto certo ou não, três coisas se podem afirmar.

(1) Era essencial que Jesus levasse a cabo com a maior fidelidade as tarefas familiares mais limitadas antes de que Deus lhe confiasse a tarefa universal de salvar o mundo. Por sua fidelidade, sua responsabilidade, sua realização das obrigações menores do lar, Jesus se preparou para sua

grande tarefa. Quando relatou a parábola dos Talentos, as palavras de Deus ao servo fiel foram: "Bem, servo bom e fiel; sobre pouco foste fiel, sobre muito te porei; entra no gozo de teu Senhor" (Mat. 25:21, 23). Sem dúvida Jesus se referia à sua própria experiência quando disse isto.

Quando a mãe do Sir James Barrier morreu, ele disse: "Posso olhar para trás e não ver nada que não tenha sido terminado."

Porque Jesus realizou fielmente as tarefas menores, foi-lhe dada a tarefa maior do mundo.

(2) Teve oportunidade de viver seus próprios ensinos. Se tivesse sido um professor sem lar, vagabundo, sem laços humanos nem obrigações que unissem a ninguém, os homens poderiam haver dito dele: "Que direito tem de nos falar das obrigações e das relações humanas, se tu não as cumpriste?" Mas Jesus podia dizer a outros, não "Façam o que digo", e sim "Façam o que eu fiz."

Tolstoi era um homem que sempre falava de viver o caminho do amor; mas sua mulher escreveu duramente a respeito dele: "Há tão pouca ternura genuína nele; sua bondade não provém de seu coração, mas sim de seus princípios. Suas biografias relatarão como ajudou aos trabalhadores a levar baldes de água, mas ninguém saberá jamais que nunca deu descanso à sua mulher e que nunca – nestes trinta e dois anos – deu a seu filho um copo de água nem permaneceu cinco minutos ao lado de sua cama para me dar um pequeno descanso de minhas tarefas."

Nunca ninguém pôde dizer isso de Jesus. Viveu em seu lar o que pregava fora dele.

(3) Se Jesus queria ajudar aos homens devia saber como viviam. E por ter acontecido esses trinta anos no Nazaré, conhecia os problemas que surgiam no trabalho, da insegurança que ameaça o operário, do cliente de mau caráter, do homem que não paga suas dívidas. É uma glória da encarnação saber que não existem problemas na vida que nós enfrentamos que Jesus também não tenha enfrentado.

Aqui encontramos a genealogia de Jesus dada por Lucas. Os judeus estavam interessados nas genealogias. Em especial as que pertenciam

aos sacerdotes, que tinham que provar que eram descendentes diretos de Arão, preservavam-se nos registros públicos. Nos tempos de Esdras e Neemias dois sacerdotes perderam seu posto porque não puderam exibir sua genealogia (Esdras 2:61-63; Neemias 7:63-65). Mas o problema desta genealogia é sua relação com a que aparece em Mateus 1:1-17.

Os pontos em questão são os seguintes: só Lucas dá a seção entre Adão e Abraão; a seção de Abraão a Davi é a mesma em ambos; mas a parte entre David e José é quase completamente diferente.

Desde que os homens começaram a estudar o Novo Testamento tentaram explicar as diferenças.

(1) Diz-se que ambas as genealogias são simbólicas e que Mateus dá a ascendência *real* de Jesus, enquanto que Lucas dá a *sacerdotal*.

(2) Uma das sugestões mais antigas é que Mateus dá em realidade a genealogia de *José* e Lucas a de *Maria*.

(3) A explicação mais engenhosa é a seguinte: em Mateus 1:16 o pai do José é *Jacó*; em Lucas 3:23 é *Eli*. De acordo com a lei judaica do matrimônio de levirato (Deuteronômio 25:5 ss.), se um homem morria seu irmão devia, se estava livre para fazê-lo, casar-se com a viúva e garantir a continuação da linha. Quando isto acontecia o filho deste matrimônio podia ser considerado como descendente do primeiro ou do segundo marido. Sugere-se que a mãe de José se teria casado duas vezes. José seria em realidade filho de Eli, seu segundo marido, mas perante a lei o era de Jacó, o primeiro marido que tinha morrido. Sugere-se então que enquanto Jacó e Eli tinham a mesma mãe, tinham pais distintos e que o pai de Jacó era descendente de Davi pela linha de Salomão, enquanto que o do Eli o era também, mas através do Natã. Esta engenhosa teoria significaria que ambas as genealogias são corretas. Em realidade, tudo o que podemos dizer é que não sabemos.

Na genealogia que Lucas dá de Jesus se devem notar duas coisas.

(1) Dá ênfase à humanidade real de Cristo. Assinala o fato de que era um homem entre os homens. Não era um espectro nem um semideus. Para salvar os homens se converteu no mais real de todos eles.

(2) Mateus chega até Abraão; Lucas o faz até Adão. Para Mateus, Jesus era uma posse dos judeus; para Lucas, era-o de toda a humanidade, porque traçou sua linhagem não até o fundador da nação judaica, e sim até o fundador da raça humana. Um dos grandes pensamentos de Lucas é apagar os limites nacionais e raciais até da genealogia de Jesus.

Lucas 4

A batalha contra a tentação - Luc. 4:1-13
A primavera na Galiléia - Luc. 4:14, 15
Sem honra em sua própria terra - Luc. 4:16-30
O espírito de um demônio imundo - Luc. 4:31-37
Um milagre em uma casa - Luc. 4:38-39
As multidões insistentes - Luc. 4:40-44

A BATALHA CONTRA A TENTAÇÃO

Lucas 4:1-13

Vimos como na vida de Jesus existiram certos grandes marcos, e este é um deles. No templo, quando tinha doze anos tomou consciência de que Deus era seu pai em uma maneira única. Sua hora tinha chegado com o surgimento de João e a aprovação de Deus tinha chegado durante seu batismo. De modo que neste momento Jesus estava para começar sua campanha. Antes de fazer tal coisa, qualquer pessoa deve escolher os métodos que vai usar. O relato da tentação mostra a Jesus escolhendo uma vez por todas os métodos que se propunha utilizar para ganhar homens para Deus. Mostra a Jesus rechaçando o caminho do poder e a glória e aceitando o do sofrimento na cruz.

Antes de considerar a história em detalhe devemos ter em conta dois pontos gerais.

(1) É a mais sagrada de todas as histórias, porque não pode proceder de outra fonte senão dos próprios lábios de Jesus. Em algum

momento deve ter relatado a seus discípulos a experiência mais íntima de sua alma.

(2) Já nesse então Jesus deve ter tido consciência de que era dono de poderes excepcionais. A base das tentações é que só poderiam ter sido apresentadas a um homem que pudesse fazer coisas maravilhosas. Para nós não seria uma tentação converter as pedras em pão ou saltar do pináculo do templo, já que se trata de impossíveis. São tentações que só podem apresentar-se a um homem dotado de poderes únicos e que tinha que decidir o que fazer com eles.

Em primeiro lugar pensemos na cena. Ocorreu no deserto. A zona desabitada da Judéia ocupava a meseta central que era o espinho dorsal da parte sul da Palestina. Entre esta zona e o Mar Morto havia um deserto terrível, de cinqüenta quilômetros por vinte e cinco. Era chamado "Jeshimmon", que significa "A devastação". As colinas eram como acumulações de pó; a pedra calcária parecia amolada e descascada; as rochas nuas e trincadas; o solo parecia oco sob os cascos dos cavalos; brilhava com o calor como uma grande fornalha e terminava em precipícios de quatrocentos metros de altura, que se precipitavam ao redor do Mar Morto. Nesta aterradora desolação Jesus foi tentado.

Não devemos pensar que as três tentações apareceram como as cenas de um drama. Devemos pensar que Jesus se retirou deliberadamente a este lugar solitário e lutou por quarenta dias com o problema de como ganhar os homens. Fui uma longa batalha que só finalizou na cruz, já que a história termina dizendo que o diabo o deixou *por algum tempo*.

(1) A primeira tentação consistiu em converter as pedras em pão. Este deserto não era arenoso. Estava coberto de pequenas partes de pedra calcária exatamente como pães. O diabo disse ao Jesus: "Se quiseres que o povo te siga, utiliza teus poderes maravilhosos para dar-lhes bens materiais". Estava-lhe sugerindo que devia *subornar as pessoas com presentes materiais* para que o seguissem. A resposta de Jesus é uma citação de Deuteronômio 8:3. "Não só de pão viverá o homem." A tarefa

do cristianismo não é a de produzir novas condições, apesar de que o peso e a voz da igreja devem estar apoiando todos os esforços para melhorar a vida dos homens. A tarefa real é a de produzir *novas criaturas*; feitas as novas criaturas, se seguirão as novas condições.

(2) Na segunda tentação Jesus imaginou estar de pé em uma montanha da qual se via todo mundo civilizado. O diabo lhe disse: "Adora-me, e o mundo será teu." *Esta é uma tentação à contemporização*. "Tenho as pessoas ‘com o rabo preso’, não ponha seus princípios tão alto. Façamos um acordo. Contemporiza um pouco com o mal e os homens te seguirão". Uma vez mais Jesus cita as escrituras (Deuteronômio 6:13; 10:20). É uma tentação constante querer ganhar os homens, contemporizando com os princípios mundanos.

G. K. Chesterton disse que a tendência do mundo é ver as coisas em um tom cinza indeterminável; mas a obrigação de um cristão é ver as coisas em preto e branco. Como disse Carlyle: "Um cristão deve ser consumido pela convicção da beleza infinita da santidade e a maldição infinita do pecado."

(3) Na terceira tentação Jesus se imaginou no pináculo do templo, no encontro do Pórtico de Salomão e o Real. Havia uma queda de cento e cinqüenta metros para o vale do Cedrom. *Esta tentação era a de dar sensações às pessoas*. "Não tentarás ao Senhor teu Deus", disse Jesus (Deuteronômio 6:16). Ele viu claramente que se produzia ações espetaculares seria notícia por uns poucos dias. Mas o sensacionalismo nunca perdura. O duro caminho do serviço e do sofrimento leva à cruz, mas depois da cruz à coroa.

A PRIMAVERA NA GALILÉIA

Lucas 4:14, 15

Nem bem Jesus deixou o deserto teve que enfrentar outra decisão. Sabia que a hora de atuar tinha chegado; tinha estabelecido seu método. Agora tinha que decidir *por onde começar*.

(1) *Começou pela Galiléia*. Galiléia era uma região ao norte da Palestina de setenta e cinco quilômetros de comprimento por quarenta de largura. O nome significa círculo e provém do hebreu *Galil*. Era assim chamada porque estava rodeada por nações que não eram judias. Precisamente devido a isso, tinha estado sempre exposta a novas influências e era a parte mais progressista da Palestina. Era uma zona densamente povoada. Josefo, que em um momento foi governador dessa região, diz que tinha 204 vilas ou povos, nenhum com uma população menor de quinze mil habitantes. Parece incrível que pudesse haver na Galiléia ao redor de três milhões de pessoas. Era uma terra de uma fertilidade extraordinária. Havia um provérbio que dizia: "É mais fácil fazer crescer uma legião de oliveiras na Galiléia que criar um menino na Judéia." Um bom clima e um excelente fornecimento de água a convertiam no jardim da Palestina. A lista de árvores que crescia ali demonstra quão fértil era – videiras, oliveiras, figueiras, carvalhos, nogueiras, terebintos, palmeiras, cedros, ciprestes, bálsamos, pinheiros, sicômoros, louros, amendoeiras, cidreiras, romãs e espirradeiras. Os galileus eram os montanheses da Palestina. Josefo diz deles: "Eram muito partidários das inovações e propensos por natureza à mudança, adoravam a rebelião. Estavam sempre dispostos a seguir a um líder que começasse uma insurreição. Eram de temperamento rápido e brigão." "Os galileus", dizia-se, "nunca careceram de coragem." "Ansiavam mais a honra que o ganho."

Esta é a terra na qual Jesus começou. Era sua própria terra; e lhe daria, ao menos no começo, um auditório que escutaria sua mensagem e se entusiasmaria.

(2) *Começou na sinagoga*. Esta era o verdadeiro centro da vida religiosa na Palestina. Havia só um Templo; mas a lei dizia que onde quer que houvesse dez famílias judias devia haver uma sinagoga; de modo que em todo povoado e vila o povo se reunia nelas para adorar. Na sinagoga não havia sacrifícios; para isso havia o templo. Na sinagoga se ensinava. Mas, como Jesus podia entrar em uma sinagoga, e como sendo

um leigo, um carpinteiro de Nazaré, podia pregar uma mensagem ali? No serviço em uma sinagoga havia três partes.

(a) Ofereciam-se orações de adoração.

(b) Lia-se a Bíblia. Faziam-no sete pessoas da congregação. Como liam em hebreu antigo, que já não era compreendido por todos, eram traduzidos ao aramaico ou ao grego por um perito em targum; no caso da Lei, um versículo por vez, no caso dos profetas, cada três versículos.

(c) A parte do ensino. Na sinagoga não havia um ministro profissional; não se designava especialmente a nenhuma pessoa para que desse uma mensagem; o presidente podia convidar a qualquer pessoa distinguida que estivesse presente para que falasse e logo se discutia e conversava. Assim é como Jesus teve sua oportunidade. Nesse momento a sinagoga e sua plataforma estavam abertas para ele.

(3) A passagem termina dizendo que Jesus era glorificado por todos. Este período do ministério de Jesus foi chamado a primavera galiléia. Tinha chegado como um sopro do próprio vento de Deus. A oposição ainda não se tinha cristalizado. Os corações dos homens estavam famintos de palavras de vida, e ainda não se deram conta do golpe que ia aplicar à ortodoxia de seu tempo. Um homem com uma mensagem sempre dominará um auditório.

SEM HONRA EM SUA PRÓPRIA TERRA

Lucas 4:16-30

Uma das primeiras visitas de Jesus foi a Nazaré, sua própria cidade. Não era uma aldeia. É chamada *polis* que significa povoado ou cidade; e bem pode ter tido como vinte mil habitantes. Estava localizada em uma pequena depressão nas colinas nas inclinações mais baixas da Galiléia perto da planície de Jezreel. Mas até um menino podia subir às colinas que dominavam a cidade, e divisar um panorama maravilhoso de vários quilômetros quadrados.

Sir George Adam Smith nos descreve a cena que se via. Ante os olhos do observador se estendia a história do Israel. divisava-se a planície do Esdrelom, onde tinham pelejado Débora e Baraque; onde Gideão tinha obtido suas vitórias; onde Saul tinha guerreado e chegado ao desastre e onde Josias tinha morrido na batalha; via-se a vinha do Nabote e o lugar onde que Jeú tinha matado a Jezabel; Suném, onde tinha vivido Elias; o Carmelo, no qual tinha liberado sua épica batalha com os profetas de Baal; e à distância se percebia o Mediterrâneo e suas ilhas. Mas não só ali estava a história de Israel; o próprio mundo se descortinava diante das colinas de Nazaré. Três grandes caminhos as costeavam. O caminho para o sul com seus peregrinos a Jerusalém, a grande rota do mar que levava do Egito a Damasco com as caravanas carregadas que transitavam por ela, e o grande caminho para o este com as caravanas da Arábia, e as legiões romanas partindo para as fronteiras orientais do império. É errado pensar que Jesus se criou em um rincão afastado; criou-se em uma cidade próxima à história e com o comércio do mundo quase em suas portas.

Já descrevemos o serviço da sinagoga e a passagem nos dá uma imagem vívida da ação. Jesus não tomou um livro, já que nesse então tudo estava escrito em rolos. Leu Isaías 61. Em algumas versões correntes o versículo 20 fala equivocadamente do ministro. O funcionário em questão era o *Chazzan*, que desempenhava muitas tarefas. Devia tomar e guardar os rolos sagrados das Escrituras; devia limpar a sinagoga; devia anunciar a chegada do sábado com três chamados de trombeta de prata do teto da sinagoga; era também o professor da escola da vila. O versículo 20 nos diz que Jesus se sentou. Isto dá a impressão de que tinha terminado. Mas em realidade significa que estava por falar, já que o orador o fazia sentado e os rabinos também ensinavam sentados (comp. nossa expressão a *cátedra* [cadeira] do professor).

O que indignou as pessoas foi o evidente cumprimento de Jesus aos gentios. Os judeus estavam tão seguros de que eles eram o povo de Deus

que desprezavam completamente a todos os outros. Acreditavam que: "Deus tinha criado os gentios para que fossem o combustível do fogo do inferno." E este jovem Jesus, ao qual todos conheciam, estava pregando a respeito de que os *gentios* gozavam do favor especial de Deus. Estavam começando a dar-se conta de que nesta nova mensagem havia certas coisas com as quais jamais tinham sonhado.

Devemos ter presentes outras duas coisas antes de deixar esta passagem:

(1) Jesus tinha o costume de ir à sinagoga no dia de sábado. Devem ter tido muitas coisas com as que estaria totalmente em desacordo; *entretanto concorria*. O serviço nas sinagogas estava longe de ser perfeito; entretanto Jesus nunca deixava de reunir-se com os que se congregavam para adorar a Deus em seu dia.

(2) Só temos que ler a passagem de Isaías que Jesus leu para nos dar conta da diferença entre Jesus e João o Batista. João pregava a destruição e em face de sua mensagem os homens tremiam de medo. Jesus trazia o *evangelho* – as boas novas. Ele também conhecia a ira de Deus mas esta era sempre a ira do amor.

O ESPÍRITO DE UM DEMÔNIO IMUNDO

Lucas 4:31-37

Seria bom se soubéssemos tanto a respeito de Cafarnaum como sabemos de Nazaré, mas nos encontramos diante do estranho fato de que ainda existem dúvidas a respeito da localização desta cidade perto do lago, na qual Jesus levou a cabo uma boa parte de seu grande obra.

Esta passagem é especialmente interessante porque é a primeira em Lucas em que nos encontramos diante de uma pessoa possuída pelo demônio. O mundo antigo cria que o ar estava densamente povoado por espíritos malignos, os quais criam, queriam entrar nos homens. Muitas vezes o faziam através da comida ou da bebida. As enfermidades eram causadas por eles. Os egípcios acreditavam que o corpo humano se

dividia em trinta e seis partes diferentes, qualquer das quais podia ser invadida e dominada por um desses maus espíritos. Havia espíritos da surdez, da mudez, da febre; espíritos que enlouqueciam o homem; espíritos de mentira e defraudação e de imundície. Nesta passagem Jesus exorcizou a um destes últimos. Para muitos isto é um problema. Em geral, o pensamento moderno considera esta crença em espíritos como algo supersticioso e primitivo que foi superado. E entretanto, parece que Jesus cria nela.

Existem três possibilidades.

(1) Jesus cria nelas. Se isto for certo, Jesus, quanto ao pensamento científico, não estava adiantado em sua época; encontrava-se sob todas as limitações do pensamento médico da mesma. Não há necessidade de negar esta conclusão já que, se Jesus era em realidade um homem, em questões científicas deve ter tido os conhecimentos comuns em seus dias.

(2) Jesus não cria nelas, mas o doente sim e da maneira mais intensa. Portanto Jesus só podia curar as pessoas levando em conta suas próprias crenças. Se uma pessoa estiver doente e alguém lhe diz: "Você não tem nada", não serve de ajuda. Deve-se admitir a realidade da dor antes de curar. As pessoas criam que estavam possuídas por demônios, e Jesus, como um médico sábio, sabia que não poderia curá-los a não ser que admitisse que tinham razão quanto a seu mal.

(3) O pensamento moderno começou a inclinar-se para a possibilidade de que existam demônios. Há certos problemas aos quais não se pode apontar uma causa física. Não há razão para que o homem esteja doente, mas o está. Devido a que não existe uma explicação física alguns pensam agora que deve haver uma causa espiritual e que, depois de tudo, os demônios não são tão irreais.

As pessoas estava surpreendidas em face do poder de Jesus e não sem razão. O Oriente estava cheio de pessoas que podiam exorcizar demônios. Mas seus métodos eram misteriosos e maravilhosos. Um exorcista punha um anel sob o nariz da pessoa afetada. Recitava longos feitiços; e de repente parecia que alguém mergulhava em uma vasilha

com água que se tinha posto perto, e o demônio saía. Uma raiz mágica chamada *baaras* era muito eficiente. Quando um homem se aproximava dela, encolhia-se a não ser que a agarrasse. Isto significava a morte. De modo que se cavava a terra ao redor dela, atava-lhe um cão o qual com seus puxões arrancava a raiz e quando o fazia o cão morria, como substituto do homem. Que grande diferencia entre essas manipulações histéricas e as tranqüilas palavras de Jesus! Sua autoridade os enchia de estupor.

A autoridade de Jesus era algo totalmente novo. Quando os rabinos ensinavam sustentavam cada declaração com citações. Diziam sempre: "Existe um dito que diz que..." "O rabino Tal ou Qual disse..." Apelavam sempre à autoridade. Quando os profetas falavam diziam "Assim diz o Senhor." Sua autoridade era delegada. Quando Jesus falava dizia "Eu te digo." Não necessitava que nenhuma autoridade o apoiasse; não precisa de uma autoridade delegada; Ele era a autoridade encarnada. Aqui há algo novo; encontramo-nos diante de um homem que falava como alguém que sabia.

Em toda esfera da vida o perito tem certo ar de autoridade. Um músico nos relata que quando Toscanini subia ao pódio fluía dele certa autoridade e a orquestra o sentia. Quando necessitamos um conselho técnico chamamos o perito e cremos em sua palavra. *Jesus é o perito na vida*. Ele fala e os homens sabem que suas palavras estão além da discussão humana – é Deus.

UM MILAGRE EM UMA CASA

Lucas 4:38-39

Aqui escreve Lucas, o médico. *Com febre muito alta* – cada palavra é uma palavra médica. Os escritores médicos gregos dividiam as febres em maiores (grandes) e menores. Lucas sabia justamente como descrever esta enfermidade.

Há três grandes verdades neste curto incidente:

(1) Jesus estava sempre disposto a servir. Vinha da sinagoga. Todo pregador sabe como se sente depois do serviço. Tem necessidade de descansar, suas forças o abandonam. A última coisa que quer é uma multidão a seu redor e um novo chamado. Mas embora Jesus deixou a sinagoga e entrou na casa de Pedro, chegou até ele o clamor insistente da necessidade humana. Não alegou que estava cansado e devia repousar. Respondeu sem queixar-se.

No Exército de Salvação se conta a respeito de uma tal senhora Berwick nos dias dos bombardeios de Londres. Aposentada de seu cargo na tarefa social do Exército em Liverpool, foi viver em Londres. Nessa época dos bombardeios o povo tinha idéias muito estranhas e cria que de algum modo a casa desta senhora era segura; de modo que se reuniam ali. Apesar de haver-se aposentado, continuava existindo nela o desejo de ajudar. Preparou-se uma simples caixa de primeiros auxílios e pôs um letreiro em sua janela: "Se necessitarem ajuda, chamem aqui."

Jesus estava sempre preparado para ajudar; seus seguidores devem fazer o mesmo.

(2) Jesus não precisava ter uma multidão a seu redor para realizar um milagre. Mais de uma pessoa faria diante de uma multidão um esforço que nunca faria em particular. Muitos se encontram muito melhor em sociedade que em seus próprios lares.

Muitas vezes somos amáveis, corteses e serviçais para com os estranhos e todo o contrário quando não nos vêem nada mais que os nossos. Mas Jesus estava preparado para pôr em jogo todo seu poder em uma casa aldeã do Cafarnaum, quando as multidões se foram.

(3) Quando a sogra de Pedro sarou, levantou-se imediatamente e os servia. Deu-se conta de que tinha recuperado sua saúde para utilizá-la no serviço a outros. Não queria carinhos nem mimos; queria continuar cozinhando e servindo a sua família e a Jesus. As mães são sempre

assim. Faríamos bem em recordar que se Deus nos deu o dom sem igual da saúde e a força, foi para que o utilizemos sempre no serviço de outros.

AS MULTIDÕES INSISTENTES

Lucas 4:40-44

(1) Muito cedo pela manhã, Jesus saiu para estar sozinho. Só podia enfrentar as necessidades insistentes dos homens porque primeiro procurava a companhia de Deus.

Uma vez, na Primeira Guerra Mundial, devia começar uma reunião de oficiais. Estavam todos pressente menos um – o marechal Foch, o próprio comandante-em-chefe. No fim um oficial que o conhecia bem disse: "Creio que sei onde encontrá-lo." Guiou-os a uma capela em ruínas que estava perto do quartel-general, e ali, diante de um altar destroçado, o grande soldado estava ajoelhado em oração. Sabia que antes de reunir-se com os homens devia fazê-lo com Deus.

(2) Entretanto, não existem palavras de queixa nem de ressentimento quando as multidões invadem a intimidade de Jesus. A oração é grande, mas em último lugar a necessidade humana é maior.

Florence Allshorn, uma grande missionária, estava a cargo de um colégio de preparação de missionários. Conhecia a natureza humana e não suportava as pessoas que de repente descobriam que sua hora quieta era justamente a hora de lavar os pratos... Devemos orar; mas a oração não deve ser uma escapatória da realidade. Não nos pode preservar do chamado insistente da necessidade humana. Deve nos preparar para ele; e algumas vezes, também, teremos que nos incorporar e trabalhar – embora não o queiramos.

(3) Jesus não deixava que os demônios falassem. Uma e outra vez encontraremos em seus lábios esta ordem de guardar silêncio. Por que? Por esta única razão: os judeus tinham suas próprias idéias populares sobre o Messias. Para eles devia ser um rei e conquistador que pisaria no pescoço da águia e expulsaria os romanos da Palestina. Este país estava

em uma condição muito inflamável. A rebelião estava sempre sob a superfície e freqüentemente fazia irrupção. Jesus sábia que se se comentava que ele era o Messias, os revolucionários estariam preparados para levantar-se antes de que se os homens o chamassem Messias devia ensinar-lhes que significado tinha este título, que significava ser não o rei conquistador, e sim o servo sofredor. As ordens de guardar silêncio se deviam a que o povo ainda não sabia o que significava o messianismo, e se se começava com idéias equivocadas certamente provocariam morte e destruição.

(4) Aqui se menciona pela primeira vez no Evangelho de Lucas o reino de Deus. Jesus apareceu pregando o reino de Deus (Marcos 1:15). Essa era a essência de sua mensagem. O que queria dizer ao falar do reino de Deus? Ao examiná-lo nos encontramos diante de um tremendo paradoxo.

Para Jesus o reino eram três coisas ao mesmo tempo.

(a) Era o *passado*. Abraão, Isaque e Jacó estavam no Reino e tinham vivido séculos atrás (Lucas 13:28).

(b) Era o *presente*. Dizia: "...o reino de Deus está entre vós..." (Lucas 17:21).

(c) Era *futuro*. Era algo que Deus ainda estava por dar e pelo qual todos os homens deviam orar.

Como pode ser o Reino todas estas coisas ao mesmo tempo? Vejamos o Pai Nosso. Há duas petições, uma ao lado da outra. “Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mateus 6:10-11). Os hebreus, como o demonstra qualquer versículo dos salmos, tinham uma maneira de dizer as coisas duas vezes; e sempre a segunda explicava, desenvolvia ou ampliava a primeira; e portanto, *o Reino de Deus é uma sociedade sobre a Terra na qual a vontade de Deus se cumpre tão perfeitamente como no céu*. Portanto se qualquer homem no passado cumpriu perfeitamente a vontade de Deus, está no Reino; mas o dia em que todos os homens o façam está ainda muito distante; a consumação está por chegar; e portanto o Reino é passado, presente e

futuro ao mesmo tempo. Outros homens cumprem esta vontade de vez em quando, algumas vezes obedecendo e outras desobedecendo. Só Jesus cumpriu em forma perfeita. Esta é a razão pela qual Ele é o fundamento e a encarnação do Reino. Veio para que todos os homens pudessem fazer o mesmo. Fazer a vontade de Deus é ser um cidadão do Reino. Bem poderíamos orar: "Senhor, venha o teu Reino, começando por mim."

Lucas 5

As condições para um milagre - Luc. 5:1-11
Tocando o intocável - Luc. 5:12-15
A oposição se intensifica - Luc. 5:16-17
Perdoado e curado - Luc. 5:18-26
Hóspede de um indivíduo desprezado - Luc. 5:27-32
O grupo feliz - Luc. 5:33-35
A nova idéia - Luc. 5:36-39

AS CONDIÇÕES PARA UM MILAGRE

Lucas 5:1-11

A famosa extensão de água da Galiléia tem três nomes diferentes: Mar da Galiléia, Mar do Tiberíades e Lago do Genesaré. Tem uns vinte quilômetros de comprimento por treze de largura. Descansa em uma depressão a uns duzentos metros sob o nível do mar. Este fato lhe dá seu clima quase tropical.

Em nossos dias está quase deserto, mas na época de Jesus havia nove cidades ao redor de seus margens, nenhuma delas com menos de quinze mil habitantes. Genesaré é em realidade o nome de uma bela planície que existia no lado ocidental do lago. Era muito fértil. Os judeus gostavam de jogar com derivações, e tinham três para Genesaré, as quais mostravam quão bela era.

(1) De *kinnor* que significa harpa porque "seu fruto é tão doce como o som de um harpa".

(2) De *gan*, um jardim, e *sar*, príncipe – portanto "o príncipe dos jardins".

(3) De *gan* e *asher*, riquezas, ou seja "o jardim das riquezas".

Devemos notar, em primeiro lugar, embora não se diga, que estamos diante de um dos momentos decisivos da vida de Jesus. A última vez que o ouvimos pregar estava na sinagoga; agora está à beira do lago. Voltará a estar na sinagoga; mas chegará o momento em que a porta desta lhe será fechada e as margens do lago e os caminhos se converterão em sua igreja e seu púlpito será uma barco. Onde queira, os homens o escutavam. "Nossas sociedades", disse João Wesley, "foram formadas pelos que vagabundeavam ao redor das escuras montanhas e que não pertenciam a nenhuma igreja cristã; mas a pregação dos metodistas os depenou e os seguiu através dos desertos deste mundo, os caminhos e os valados, os mercados e as feiras, as colinas e os vales; e levantaram o estandarte da cruz nas ruas e atalhos das cidades, nas vilas, nos celeiros e nas cozinhas dos camponeses – e tudo se fez de tal maneira e em tal extensão, como jamais se fez dos tempos dos apóstolos." Ao fecharem-se as portas da sinagoga, Jesus ensinou no caminho.

Nesta história há o que poderíamos chamar uma lista das condições para um milagre.

(1) É preciso o olho que vê. Não há necessidade de pensar que Jesus *criou* um cardume de peixes para a ocasião. No Mar da Galiléia existiam cardumes fabulosos que cobriam o mar como um manto sólido de mais de meia hectare de superfície. O mais provável é que o olho agudo de Jesus visse um e tenha parecido assim um milagre. Necessitamos olhos que realmente vejam. Muita gente viu o vapor levantando a tampa do bule; só James Watt o viu e pensou na máquina a vapor. Muitos viram cair uma maçã; só Isaac Newton pensou na lei da gravidade. A Terra está cheia de milagres para o olho que vê.

(2) É preciso o espírito que se esforça. Se Jesus o dizia, Pedro estava disposto a provar outra vez, embora estivesse cansado. Para a

maioria das pessoas o desastre em sua vida é que deixam de esforçar-se com suficiente empenho.

(3) É preciso o espírito que busca fazer o impossível. A noite tinha passado, e este era o momento para pescar. Todas as circunstâncias eram pouco favoráveis, mas Pedro disse: "Sejam quais forem, as circunstâncias, se tu o disseres, provaremos outra vez."

Muitas vezes esperamos porque o momento não é oportuno. Se esperarmos que as circunstâncias sejam perfeitas, nunca começaremos. Se quisermos um milagre, devemos cumprir com o que Jesus nos mande, embora se trate de um impossível.

TOCANDO O INTOCÁVEL

Lucas 5:12-15

Havia dois tipos de lepra na Palestina. Uma parecia uma doença da pele muito má e era a menos perigosa das duas. Na outra, a doença começava por meio de uma pequena mancha, e terminava comendo a carne até que o desventurado ficava só com o coto da perna ou da mão. Era literalmente uma morte em vida. As normas com respeito à lepra estão contidas em Levítico 13 e 14. O mais terrível era a solidão que trazia consigo. O leproso devia gritar: "Imundo! Imundo!" em qualquer lugar que fosse; tinha que viver sozinho; "fora do acampamento será sua morada" (Levítico 13:45, 46). Deixava de pertencer à sociedade dos homens e era exilado de seu lar. O resultado era, e ainda o é, que as conseqüências psicológicas da lepra eram tão sérias como as físicas.

O Dr. A. B. MacDonald, em um artigo sobre uma colônia de leprosos em Itu, da qual estava a cargo, escreve:

"O leproso está doente tanto no corpo como na mente. Por alguma razão existe uma atitude para com a lepra que difere das que existem com respeito a outras doenças que desfiguram. Está associada com a vergonha e o horror, e conduz consigo em uma forma misteriosa, um sentido de culpa, apesar de que a tenha obtido inocentemente como qualquer outra doença

contagiosa. Separados e odiados, os leprosos pensam muitas vezes em tirar a vida e muitos o fazem."

O leproso era rechaçado por outros até que começava a rechaçar-se a si mesmo. Este é o tipo de homem que veio a Jesus; era imundo, e *Jesus o tocou*.

(1) Aqui nos encontramos diante de uma tremenda verdade – *Jesus tocava o intocável*. A mão de Jesus se abriu para o homem de quem todos se apartavam. Surgem duas coisas. Em primeiro lugar, quando rechaçamos a nós mesmos, quando nossos corações estejam cheios de uma amarga vergonha, recordemos que, apesar de nossa vergonha, a mão de Cristo ainda está estendida. Mark Rutherford queria acrescentar uma nova bem-aventurança: "Bem-aventurados os que nos curam de nosso rechaço de nós mesmos." Isso é o que Jesus fez e faz. Em segundo lugar, é da própria essência do cristianismo tocar o intocável, amar a quem ninguém ama, perdoar o quem não se perdoa. Jesus o fez – nós também devemos fazê-lo.

(2) Jesus enviou o homem a que levasse a cabo a rotina normal que se prescrevia para limpar-se. As normas estão em Levítico 14. De maneira que o milagre não deixava de lado o que a ciência médica da época podia fazer. Não absolvia o homem de levar a cabo as normas prescritas. Nunca obteremos milagres negando os dons, a ciência e a sabedoria que Deus nos deu. Quando a habilidade do homem se combinava com a graça de Deus ocorriam maravilhas – e ainda ocorrem.

(3) O versículo 15 nos fala da popularidade de Jesus. Mas só era popular porque a gente queria obter algo dele. Há tantos que desejam os dons de Deus mas que repudiam seus mandatos – e nada pode ser mais desonroso que isto.

A OPOSIÇÃO SE INTENSIFICA

Lucas 5:16-17

São só dois versículos, mas devemos fazer uma pausa ao lê-los, porque se trata de um fato de grande importância nesta história. Apareceram em cena os escribas e os fariseus. A oposição não se daria por satisfeita até ter dado morte ao Jesus.

Se queremos compreender o que aconteceu com Jesus, devemos entender algo a respeito da Lei, e a relação dos escribas e os fariseus para com ela. Quando os judeus voltaram de Babilônia cerca do ano 440 a. C., sabiam bem que, humanamente falando, tinham desaparecido suas esperanças de grandeza nacional. Portanto decidiram deliberadamente cifrar sua grandeza em ser o povo da Lei. Dedicariam todas as suas energias a conhecer e guardar a Lei de Deus.

A base da lei eram os Dez Mandamentos. Estes são princípios grandes e amplos para a vida. Não se trata de normas e regulamentos; não legislam cada ato e cada circunstância. Para certa seção dos judeus isto não era suficiente. Não queriam grandes princípios. Procuravam uma norma que cobrisse todas as situações que pudessem conceber-se. Portanto começaram a desenvolver e elaborar normas dos Dez Mandamentos. Tomemos um exemplo. O mandamento diz: “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar”; e logo continua dizendo que no sábado não se deve trabalhar (Êxodo 20:8-11).

Mas isto não era suficiente para os judeus. Perguntavam: "O que é trabalhar?" E definiam o trabalho sob trinta e nove cabeçalhos distintos que chamavam "Pais do trabalho". Mas não isso não lhes era suficiente. Cada um destes grupos estava subdividido imensamente. Começaram a surgir milhares de regras e normas, que foram chamadas de a Lei Oral, e que não só foram colocadas ao nível dos mandamentos, mas também acima deles.

Uma vez mais tomemos um exemplo real. Uma das tarefas que se proibia no sábado era levar uma carga. Jeremias 17:21-24 diz para se

guardassem de levar carga no dia de sábado. Mas estes legalistas insistiam que se devia definir a carga. Portanto apareceram as regras. Uma carga era: "comida em peso igual a um figo seco; vinho para encher uma taça; leite para tomar um sorvo; azeite para ungir a um pequeno, água para umedecer um emplastro para uma pálpebra, papel para escrever nele uma nota; tinta para escrever duas letras, cano para fazer uma pluma..." e assim sucessivamente. Portanto se um alfaiate levava em sua roupa um alfinete ou uma agulha no sábado, estava quebrantando a Lei; tomar uma pedra suficientemente grande para atirar num pássaro, no sábado era um pecado. A bondade chegou a identificar-se com estas normas e regras intermináveis.

Tomemos outro exemplo. Curar no dia de sábado era trabalhar. Estava escrito que só se a vida estava em perigo real se podia curar. Só se podiam tomar medidas para que o doente não se agravasse, mas não se podia melhorar sua condição. Portanto se podia pôr uma atadura em uma ferida, mas sem ungüento; podia-se pôr uma parte de algodão em um ouvido, mas sem medicamentos. É fácil ver que não existiam limites para isto. Os escribas eram peritos na lei que sabiam tudo isto e o deduziam da Lei. O nome, fariseu significa "o compartimento"; e os fariseus eram aqueles que se separaram do povo e da vida comum para preservar estas regras e normas.

Notemos duas coisas. Em primeiro lugar, os escribas e os fariseus viam nestas leis questões de vida ou morte; as quebrantar era um pecado mortal. Em segundo lugar, só as pessoas desesperadamente cuidadosas teriam tentado guardá-las, já que devem ter feito que a vida fosse terrivelmente incômoda. Só as melhores pessoas tentariam fazê-lo.

Jesus não utilizava estas regras e normas. Para ele, o lamento da necessidade humana era mais importante que estas coisas. Mas para os escribas e fariseus estava quebrantando a Lei, era um homem pecador que o fazia e ensinava outros a fazê-lo. Por isso o odiavam e por isso o mataram. A tragédia na vida de Jesus foi que aqueles que eram mais zelosos de sua religião o levaram à cruz. É irônico pensar que as

melhores pessoas de sua época o crucificaram. Deste momento em diante não haveria descanso para Ele. Estaria sempre sob o olhar crítico desses olhos hostis. A oposição tinha se cristalizado e havia só um final.

Jesus sabia isto e antes de enfrentar a oposição se retirou a orar. O amor dos olhos de Deus o consolava do ódio nos olhos dos homens. Da paz de Deus extraiu forças para a batalha da vida – e é suficiente para um discípulo ser como seu Senhor.

PERDOADO E CURADO

Lucas 5:8-26

Eis aqui uma vívida história. Jesus estava ensinando em uma casa. As casas palestinas tinham tetos chatos, com um pequeno desnível para que corresse a água de chuva. Estava formado por vigas que foram de parede a parede a pouca distância uma da outra. O espaço entre elas estava cheio de raminhos que tinham sido calcados com morteiro e unidos com greda. Era a coisa mais fácil do mundo tirar o enchimento de entre duas vigas. Na verdade, muitas vezes se puxavam os ataúdes das casas pelo teto.

O que significa a passagem sobre o perdão dos pecados? Para compreendê-lo devemos ter em conta que na Palestina o pecado e o sofrimento estavam inextricavelmente unidos. Cria-se implicitamente que se uma pessoa sofria era porque tinha pecado. E portanto o doente tinha muitas vezes o sentimento mórbido de ser um pecador. Por esta razão Jesus começou dizendo ao homem que seus pecados lhe eram perdoados. Sem isto o homem não poderia jamais ter acreditado que tinha sido curado. Isto mostra como no debate os escribas e os fariseus estavam completamente derrotados. Eles objetavam que Jesus pretendesse perdoar o homem. Mas segundo seus próprios argumentos e hipóteses o homem estava doente porque tinha pecado; e se se curava estava provado que seus pecados estavam perdoados. O protesto dos fariseus se tornou contra eles e os deixou sem fala.

O bonito desta história é que estamos diante de um homem que foi salvado pela fé de seus amigos. *Ao ver ele a fé deles* – a fé premente daqueles que não se detiveram ante nenhum obstáculo para levar a seu amigo a Jesus, obteve a cura. Ainda acontece assim.

(1) Há os que são salvos pela fé de seus pais. Carlyle costumava dizer que até através dos anos escutava a voz de sua mãe: "Confia em Deus e faz o bem."

Quando Santo Agostinho estava vivendo uma vida descuidada e imoral sua piedosa mãe pediu a ajuda de um bispo cristão. "É impossível", disse este, "que o filho de tais orações e lágrimas se perca." Muitos de nós daríamos testemunho com gosto de que à fé de nossos pais devemos tudo o que temos e tudo o que possamos chegar a ser.

(2) Há os que são salvos pela fé dos que os amam. Quando H. G. Wells estava recém casado, e o êxito lhe oferecia novas tentações, disse: "Era suficiente para mim saber que atrás das portas de meu lar dormia alguém tão doce e puro que me era impossível pensar em aparecer diante dela sujo, ébrio ou envilecido."

Muitos de nós cairíamos em tentação se não fora porque não poderíamos suportar a dor e a pena nos olhos de outros.

Na estrutura mesma da vida e do amor – bendito seja Deus – estão as influências preciosas que salvam os homens.

HÓSPEDE DE UM INDIVÍDUO DESPREZADO

Lucas 5:27-32

Aqui nos encontramos com o chamado de Mateus (cf. Mat. 9:9-13). De todas as pessoas na Palestina os cobradores de impostos eram os mais odiados. Neste momento a Palestina era um país sob a soberania dos romanos. Os cobradores de impostos estavam a serviço do governo romano; e portanto, eram vistos como quintas-colunas, traidores e renegados. O sistema impositivo se prestava a abusos. O costume romano era dar em concessão o pagamento de impostos.

Assinalavam um distrito determinado e vendiam o direito a cobrar os impostos ao melhor negociador. Estabelecia-se um montante e se o comprador cobria esta cifra no final do ano estava autorizado a reter todo o resto que pudesse obter do povo; e como não havia jornais nem telégrafos nem nenhuma forma de fazer anúncios públicos que chegassem aos ouvidos de todos, as pessoas não sabiam realmente quanto tinham que pagar. Havia um imposto de recenseamento que todo varão entre os 14 e os 65 anos e toda mulher entre os 12 e os 65 anos tinham que pagar pelo simples privilégio de existir. Havia um imposto sobre a terra que consistia em um décimo de todas as colheitas, e um quinto do vinho e do azeite. Podia ser pago em espécie ou em dinheiro. Havia um imposto às rendas que consistia em um por cento dos ganhos de um homem. Nestes impostos não havia muito lugar para a extorsão.

Em segundo lugar se pagava por todo tipo de tarefas: por utilizar os caminhos principais, os portos e os mercados. Pagava-se por um carro, por cada uma de suas rodas e pelo animal que o puxava. Existiam impostos sobre as vendas sobre certos artigos, e direitos de importação e exportação. Um cobrador de impostos podia deter um homem no caminho, fazê-lo desempacotar e cobrar o que quisesse. Se o homem não podia pagar, às vezes o cobrador de impostos oferecia-lhe empréstimo em dinheiro com interesses exorbitantes com o qual o tinha mais sob suas garras. Os cobradores de impostos ou publicanos eram classificados no mesmo nível dos ladrões e assassinos. Não lhes era permitido entrar na sinagoga. Um escritor romano nos conta que uma vez viu um monumento a um cobrador de impostos honrado. Isto demonstra quão estranho era o caso de um publicano honrado. Mateus era assim e Jesus o escolheu como apóstolo.

(1) A primeira coisa que Mateus fez foi convidar Jesus a uma festa – podia fazê-lo bem – e a todos seus companheiros e desprezados amigos para conhecê-lo. O primeiro sentimento de Mateus foi compartilhar o maravilhoso que tinha encontrado. Disse João Wesley: "Nenhum homem

foi ao céu sozinho; deve encontrar amigos ou fazer-se amigo deles." É um dever cristão compartilhar a bênção que encontramos.

(2) Os escribas e fariseus não estiveram de acordo. Os fariseus – os separados – não podiam permitir sequer que alguém parte de sua túnica tocasse a um homem como Mateus. Jesus lhes deu a resposta perfeita. Uma vez Epicteto chamou a seu ensino "a medicina da salvação". Jesus declarou que só os doentes precisam de médico; e gente como Mateus e seus amigos eram os que mais o necessitavam.

Seria bom olhar ao pecador como um doente e não como um criminoso; e olhar ao homem que se equivocou não como a alguém que deve ser rechaçado e condenado mas sim como a alguém que necessita amor e ajuda para encontrar o caminho correto.

O GRUPO FELIZ

Lucas 5:33-35

O que surpreendia e chocava os escribas e fariseus era a normalidade dos seguidores do Jesus.

Collie Knox nos conta a respeito de um capelão muito querido que lhe disse uma vez: "Moço, não faça uma agonia de sua religião." Dizia-se que Burns era açoitado por sua religião em lugar de ser ajudado. Os judeus ortodoxos tinham a idéia – que ainda não morreu totalmente – de que um homem não era religioso se não estava incômodo. Tinham sistematizado sua observância religiosa. Jejuavam na segunda-feira e na quinta-feira; e muitas vezes se branqueavam o rosto para que ninguém duvidasse de que o estavam fazendo. Em realidade, o jejum não era tão sério porque durava do amanhecer até o entardecer e depois desta hora se podia comer. O que queriam era que Deus prestasse atenção ao que jejuava. Muitas vezes pensavam nisto como um sacrifício. Ao fazê-lo um homem estava oferecendo, a Deus em essência, nada menos que sua carne. Também se sistematizou a oração. Orava-se às doze do dia, às três e às seis da tarde.

Jesus se opunha a tudo o que fosse religião regulamentada. Utilizou uma imagem vívida. Na Palestina quando duas pessoas jovens se casavam não viajavam para a lua-de-mel; ficavam em sua casa e deixavam a casa aberta por uma semana. Vestiam-se com suas melhores roupas, às vezes até colocavam coroas; por uma semana eram rei e rainha e sua palavra era lei. Não voltariam a ter outra semana igual em suas sacrificadas vidas. Os convidados compartilhavam essa semana festiva eram chamados os filhos do tálamo.

(1) É extremamente sugestivo que Jesus mais de uma vez assemelhe a vida cristã a uma festa de bodas. A alegria é uma característica primordialmente cristã. Um estudante dizia a respeito de uma famosa professora americana: "Fazia-me sentir como se me banhassem os raios do Sol." Muita gente pensa no cristianismo como algo que os obriga a fazer coisas que não querem fazer e que lhes impede de fazer o que desejam. A risada se converteu em um pecado em vez de – como o disse um famoso filósofo – "uma glória repentina".

(2) Mas ao mesmo tempo Jesus sabia que chegaria o momento em que o noivo teria que partir. A morte não o pegou de surpresa. Via a cruz diante de si; mas até no caminho em direção a ela conhecia essa alegria que ninguém pode tirar, porque é a alegria da presença de Deus.

A NOVA IDÉIA

Lucas 5:36-39

Nas pessoas religiosas há uma espécie de paixão pelo antigo. Nada se move mais devagar que a Igreja. O problema com os fariseus era que toda a aparência religiosa de Jesus era tão chamativamente nova que simplesmente não podiam habituar-se a ela. A mente perde logo a qualidade da elasticidade e deixa de aceitar novas idéias.

Jesus utilizou duas ilustrações. Disse: “Ninguém tira um pedaço de veste nova e o põe em veste velha...” O tecido novo forte só fará que o velho se rompa mais. Na Palestina se usavam odres de pele. Quando

ficava o vinho novo neles, fermentava e produzia gás. Se o odre era novo tinha certa elasticidade e cedia à pressão; mas se era velho a pele se secava e endurecia e podia romper-se. Jesus disse: "Não deixem que suas mentes se convertam em odres velhos. O povo diz que o vinho velho é o melhor. Pode ser que o seja em seu momento, mas esquecem que é um engano rechaçar o novo, porque chegará o dia em que se estacionará e se converterá no melhor." Toda a passagem mostra a Jesus condenando a mente fechada e pedindo aos homens que não rechacem as novas idéias.

(1) Nunca devemos ter medo de pensar com ousadia. Se existir o Espírito Santo, Deus nos está guiando sempre para novas verdades.

Fosdick pergunta: "Como progrediria a medicina se os médicos se restringissem a drogas, métodos e técnicas de mais de trezentos anos?" E entretanto, nossas normas de ortodoxia ainda são mais velhas. O homem que tem algo novo sempre tem que lutar.

Galileo foi famoso como herege quando sustentou que o mundo se movia ao redor do Sol. Lister teve que lutar para que suas técnicas anti-sépticas fossem utilizadas nas operações cirúrgicas. Simpson lutou contra a oposição ao emprego benéfico do clorofórmio. Tenhamos claro que quando nos ofendem as novas idéias estão demonstrando simplesmente que nossas mentes já estão velhas e perderam sua elasticidade. Nunca evitemos a aventura do pensamento.

(2) Nunca devemos temer os métodos novos. Que uma coisa *sempre* foi feita pode ser a melhor razão para deixar de fazê-la. Que algo *nunca* foi feito pode ser a melhor razão para prová-lo. Nenhuma empresa poderia subsistir com métodos gastos – e entretanto, a Igreja insiste neles. Qualquer negócio que tivesse perdido tantos clientes como a Igreja perdeu teria que ser renovado faz muito – mas a Igreja rechaça tudo o que é novo.

Uma vez, em uma viagem ao redor do mundo Rudyard Kipling viu o General Booth subindo ao navio. Ele o fez ao compasso de pandeiro, o que ofendia ao espírito ortodoxo do Kipling. Kipling chegou a conhecer o general e lhe disse o muito que lhe desgostava o pandeiro e coisas pelo

estilo. Booth o olhou: "Jovem", disse-lhe, "se pensasse que poderia ganhar mais uma alma para Cristo parado sobre minha cabeça e agitando uma pandeiro com os pés, aprenderia a fazê-lo."

Há um conservadorismo sábio e outro néscio. Tomemos cuidado de não ser em pensamento e ação reacionários obstinados quando teríamos que ser, como cristãos, graciosos aventureiros.

Lucas 6

A oposição aumenta - Luc. 6:1-5
O desafio de Jesus - Luc. 6:6-12
Jesus escolhe seus homens - Luc. 6:13-19
O fim dos valores terrestres - Luc. 6:20-26
A regra áurea - Luc. 6:27-38
Regras para o viver - Luc. 6:39-46
O único fundamento seguro - Luc. 6:47-49

A OPOSIÇÃO AUMENTA

Lucas 6:1-5

Este é o primeiro de dois incidentes que mostram que a oposição a Jesus está surgindo rapidamente, e mostram claramente que a acusação imediata será a de quebrar a Lei do sábado. Jesus e seus discípulos estavam caminhando por um atalho entre os cultivos de cereais. O fato de que os discípulos arrancassem as espigas não era em si um delito. Uma das leis misericordiosas do Antigo Testamento estabelecia que qualquer um que passasse por uma seara podia arrancar espigas sempre e quando não utilizasse a foice (Deuteronômio 23:25).

Ninguém se teria queixado em nenhum outro dia, mas se tratava de um sábado. Quatro dos trabalhos proibidos eram: segar, debulhar, abater e preparar comida; tecnicamente os discípulos tinham realizado todas estas tarefas. Ao arrancar o cereal eram culpados de colher; ao esfregá-lo entre as mãos, de debulhar; ao tirar a vagem, de abater e ao comer demonstravam que tinham preparado comida no dia de sábado. Tudo isto

nos parece fantástico, mas devemos recordar que para um fariseu estrito este era um pecado mortal; transgrediu-se uma de suas pequenas normas; o que para eles era questão de vida ou morte.

Acusaram-nos e Jesus citou o Antigo Testamento. Recordou o incidente em 1 Samuel 21:1-6 quando Davi e seus companheiros, estando famintos, tinham comido os pães sem levedura do Tabernáculo. Um nome melhor para este é o de Pão da Presença. Todos os sábados à manhã se apresentavam a Deus doze pães de trigo assado com farinha peneirada não menos de onze vezes. Havia um pão por cada tribo. Nos tempos de Jesus ficavam sobre uma mesa de ouro maciço de um metro de comprimento, meio metro de largura e vinte e cinco centímetros de altura. A mesa estava situada na largura do lado norte do lugar sagrado. O pão estava na presença de Deus e ninguém mais que os sacerdotes podiam comê-lo (Levítico 24:5-9). Mas a necessidade de Davi era mais importante que as normas e regras.

Os próprios rabinos diziam: "O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado." Portanto, admitiam que as necessidades humanas anulavam as leis rituais. Se isto era assim, então, quanto mais Senhor do Sábado é o Filho do Homem com seu coração de amor e misericórdia? Quanto mais podia utilizá-lo para seus fins de amor? Mas os fariseus se esqueceram dos direitos da misericórdia porque estavam submersos em suas normas e regras. É muito sugestivo que observassem a Jesus e seus discípulos caminhando entre as searas. Evidentemente os estavam espiando; deste momento em adiante cada ato da vida de Jesus seria observado e escrutinado por seus olhos agudos, críticos e hostis.

Nesta passagem há uma verdade primitiva. Jesus disse aos fariseus: “Nem ao menos tendes lido o que fez Davi?” A resposta era afirmativa é óbvio, mas nunca tinham compreendido seu significado. É possível ler as Escrituras meticulosamente, conhecer a Bíblia por dentro de capa a capa, citá-la palavra por palavra, passar em qualquer exame sobre ela, e entretanto, não captar seu significado. Por que os fariseus não entendiam seu significado e por que freqüentemente nos acontece também ?

(1) Não se aproximavam dela com uma mentalidade aberta. Aproximavam-se não para aprender os mandatos de Deus, a não ser para encontrar textos que provassem e apoiassem suas próprias idéias. Muitas vezes os homens têm imposto uma teologia à Bíblia em lugar de encontrar uma teologia nela. Quando lemos as Escrituras não devemos dizer: "Ouve, Senhor, que teu servo fala", e sim: "Fala, Senhor, que teu servo ouve."

(2) Não tinham um coração necessitado. O homem que não tem consciência de sua necessidade sempre perde o significado mais profundo das Escrituras. Quando se desperta a necessidade, a Bíblia é um livro novo.

Em seu leito de moribundo o Bispo Butler estava preocupado. Seu capelão lhe disse: "O senhor se esqueceu que Jesus Cristo é o Salvador?". "Mas, como posso saber que é meu Salvador?" "Está escrito: 'Aquele que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora'", respondeu-lhe o capelão. E Butler lhe disse: "Tenho lido essas palavras milhares de vezes e nunca vi seu significado até este momento. Agora morro em paz." A consciência de sua estado de necessidade lhe abriu o tesouro das Escrituras.

Quando lemos o livro de Deus devemos fazê-lo com nossa mente aberta e com nosso coração necessitando dEle – e então para nós será também o livro mais prezado do mundo.

O DESAFIO DE JESUS

Lucas 6:6-12

Neste momento a oposição a Jesus era aberta. Jesus estava ensinando na sinagoga um dia de sábado e os escribas e fariseus estavam ali com o propósito de observá-lo, de maneira que se curava a alguém, podiam acusá-lo de quebrantar a Lei do sábado.

Há um detalhe muito interessante nesta história. Se a compararmos com Mateus 12:10-13 e Marcos 3:1-6 encontramos que só Lucas nos

conta que o homem tinha seca sua mão *direita*. Aqui fala o médico, interessado nos detalhes do caso. Neste incidente Jesus quebrantou abertamente a lei. Curar era trabalhar, e estava proibido fazê-lo no dia de sábado. Na verdade, se a vida estava em perigo se podiam tomar certas medidas para ajudar ao doente.

Por exemplo, sempre era legal tratar enfermidades da garganta ou da vista. Mas este homem não estava em perigo de morte; bem poderia ter esperado até o dia seguinte. Mas Jesus estabeleceu o grande princípio de que, digam o que digam as normas e regras, sempre é correto realizar uma boa ação no dia de sábado. Jesus perguntou agudamente: “É lícito nos sábados fazer bem ou fazer mal? Salvar a vida ou matar?” Isto lhes deve ter dado em cheio, porque enquanto Jesus estava buscando ajudar a melhorar a vida deste homem, eles estavam fazendo todo o possível para destruí-lo. Ele estava procurando salvar e eles só procuravam destruir.

Nesta história temos três personagens:

(1) Ali estava *o homem da mão seca*. Podemos dizer duas coisas a respeito dele.

(a) Um dos evangelhos apócrifos, quer dizer, dos que nunca foram admitidos no Novo Testamento, diz-nos que se tratava de um homem que trabalhava com pedra e que se aproximou de Jesus pedindo sua ajuda e dizendo: "Eu trabalhava a pedra e ganhava a vida com minhas mãos; rogo-te, Jesus, que me devolvas a saúde para que não tenha que mendigar meu pão com vergonha." *Era um homem que queria trabalhar*. Deus sempre olha com aprovação ao homem que quer trabalhar honestamente.

(b) *Era um homem disposto a fazer o impossível*. Não discutiu quando Jesus lhe pediu que estendesse sua mão inútil; tentou, e com a força que Cristo lhe deu, teve êxito. A palavra *impossível* deveria ser tirada do vocabulário de um cristão. Como o disse um cientista famoso: "A diferença entre o difícil e o impossível é simplesmente que para obter o impossível se necessita um pouco mais de tempo."

(2) Ali estava *Jesus*. Nesta história nos vemos envoltos em uma gloriosa atmosfera de desafio. Jesus sabia que era observado, mas assim

mesmo, curou. Pediu que o homem ficasse de pé no meio. Não ia curá-lo em um canto.

Conta-se uma história a respeito de um dos pregadores de Wesley que se propôs a ir a um povo hostil. Contratou ao pregoeiro do povo para que anunciasse a reunião, e este o fez em um sussurro tímido. O pregador lhe tirou o sino das mãos, fê-lo soar e gritou: "Fulano de tal pregará em tal lugar a tal hora esta noite – *e esse homem sou eu*." O verdadeiro cristão desdobra com orgulho o estandarte de sua fé e desafia a oposição a que faça o pior.

(3) Ali estavam *os fariseus*. Estes homens tomaram a extraordinária posição de odiar a um homem que curou a outro que sofria. São o exemplo vívido dos homens que amam mais o seu sistema que a Deus. Suas regras e normas lhes são mais apreciadas que Deus. Vemos que isto acontece nas igrejas vez por outra. Discute-se não a respeito dos grandes tema da fé, e sim a respeito de política eclesiástica.

Leighton disse uma vez: "A forma de governo da Igreja não é obrigatória, mas a paz, a concórdia, a amabilidade e a boa vontade são indispensáveis." Sempre está presente o perigo de pôr a fidelidade a um sistema por cima da fidelidade a Deus.

JESUS ESCOLHE SEUS HOMENS

Lucas 6:13-19

Aqui vemos Jesus escolhendo seus seguidores. É interessante e saudável ver por que os escolheu, porque pelas mesmas razões e para os mesmos propósitos ainda quer e necessita homens que o sigam.

(1) Marcos 3:14 nos diz que os escolheu *para que estivessem com ele*. Isto quer dizer duas coisas.

(a) Escolheu-os para que fossem seus amigos. É surpreendente que Jesus precisasse amigos humanos. É da mesma essência da fé cristã que podemos dizer com toda reverência e humildade que Deus não pode ser

feliz sem os homens. Justamente por ser o Pai haverá um vazio em seu coração até que todos os homens tenham voltado ao lar.

(b) Jesus sabia que o fim estava perto. Se tivesse vivido em uma época posterior teria escrito um livro que teria levado seus ensinos a todo o mundo. Mas, vivendo quando o fez, escolheu a estes homens para escrever sobre eles sua mensagem. Eles seriam seus livros vivo. Eles o acompanhariam para poder algum dia levar sua mensagem a todos os homens.

(2) Jesus os escolheu *entre seus discípulos*. A palavra discípulo significa *uma pessoa que aprende*. Seriam aqueles que aprenderiam cada vez mais a respeito dele. Um cristão é um homem cuja vida busca aprender a respeito desse Senhor com quem algum dia se encontrará face a face e conhecerá assim como ele é conhecido.

(3) Jesus os escolheu para que fossem *seus apóstolos*. A palavra grega *apóstolos* significa *alguém que é enviado*. Pode ser utilizada para referir-se a um mensageiro ou a um embaixador. Portanto seriam seus embaixadores diante dos homens. O embaixador é um homem que em uma terra estrangeira representa e fala em nome de seu país. O cristão sempre é enviado para ser um embaixador de Cristo, não por suas palavras, mas sim por sua vida e obra.

Devemos notar duas coisas a respeito dos Doze em si:

(1) *Eram homens comuns*. Nenhum era rico nem famoso nem tinha influências; sua educação não era especial; eram homens que pertenciam ao povo. É como se Jesus tivesse dito: "Dêem-me doze homens comuns e mudarei o mundo?' A obra de Jesus não está em mãos dos homens que o mundo chama grandes, e sim nas mãos de pessoas comuns como nós.

(2) *Eram uma estranha mistura*. Tomemos a dois deles – Mateus, era um cobrador de impostos, e, portanto, um traidor e um renegado de seu próprio país. Simão era um zelote, e os zelotes eram nacionalistas fanáticos, homens que juravam assassinar a todos os traidores e romanos que pudessem. Um dos milagres do poder de Cristo é que Mateus e Simão o zelote pudessem viver em paz na companhia dos apóstolos.

Quando os homens são realmente cristãos os caracteres mais diversos e diferentes podem viver juntos em paz.

Foi dito de Gilbert Chesterton e de seu irmão Cecil: "Discutiam sempre, mas nunca brigavam." Só em Cristo podemos resolver o problema de conviver; e isto acontece porque até as pessoas que menos se parecem estão unidas porque lhe amam. Se lhe amarmos realmente também nos amaremos uns aos outros.

O FIM DOS VALORES TERRESTRES

Lucas 6:20-26

O Sermão da Planície de Lucas e o da Montanha de Mateus (Mateus 5 a 7) se correspondem estreitamente. Ambos começam com as Bem-aventuranças. Existem diferenças entre ambas as versões, mas uma coisa está clara – são uma série de bombas de tempo. Talvez por havê-los lido tão freqüentemente tenham esquecido seu caráter revolucionário. São bem distintos das leis que daria qualquer filósofo ou sábio. Cada uma das Bem-aventuranças é um desafio. Como disse Deissmann: "São ditas em uma atmosfera carregada de eletricidade. Não se trata de estrelas silenciosas, mas sim de relâmpagos seguidos por um trovão de surpresa e admiração." Literalmente tomam as idéias estabelecidas e as põem ao contrário. Jesus chamava felizes àqueles que o mundo considerava desgraçados, e desgraçados aos considerados felizes. Imaginem a alguém que diga: "Felizes os pobres", e "Ai dos ricos!". Falar assim é pôr fim a todos os valores do mundo.

Onde está a chave de tudo isto? Encontramo-la no verso 24. Jesus diz nele: "Ai de vós, ricos!, porque já tendes vosso consolo." A palavra *tendes* que Jesus utiliza era o verbo que se usava quando se saldava uma conta. É uma palavra de negócios, que um comerciante escrevia sobre sua conta quando estava saldada. O que Jesus diz é o seguinte: "Se você entrega o seu coração e todas as suas energias para obter o que o mundo valoriza, você o obterá, mas será tudo o que obterá." Mas se pelo

contrário entregamos nosso coração e nossas energias para ser totalmente fiéis a Deus e leais a Cristo, correremos todo tipo de infortúnios, seremos considerados desventurados pelo mundo, mas o pagamento chegará, e quando chegar teremos alegria eterna.

Aqui estamos face a face com uma escolha eterna. Trata-se de uma escolha que deve começar na infância e que só termina no fim da vida. Tomaremos o caminho fácil, que leva a prazer e ao ganho imediato? Ou, tomaremos o caminho difícil que leva a trabalho imediato e às vezes ao sofrimento? Nos apegaremos ao prazer e ao ganho do momento, ou estamos dispostos a olhar para frente e sacrificá-los por um bem melhor? Estaremos nos prêmios do mundo ou o faremos em Cristo? Se tomarmos os caminhos do mundo devemos abandonar os valores de Cristo. Se seguirmos a Cristo, devemos abandonar ao mundo. Jesus não tinha dúvidas a respeito de que caminho no final levava à felicidade.

F. R. Malthy disse: "Jesus prometeu três coisas a seus discípulos: que não teriam medo jamais, que seriam absurdamente felizes e que constantemente se veriam em dificuldades."

G. K. Chesterton, cujos princípios faziam que se visse constantemente em problemas, disse uma vez: "Eu gosto de me colocar em águas quentes. Mantêm-me limpo!" O ensino de Jesus é que a alegria do céu compensará amplamente as dificuldades da Terra. Como disse Paulo: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória” (2 Coríntios 4:17).

O desafio das Bem-aventuranças é o seguinte: "Será você feliz no caminho do mundo ou no de Cristo?"

A REGRA ÁUREA

Lucas 6:27-38

Nenhum outro mandamento de Jesus causou tanta discussão e debate como o de amar nossos inimigos. Antes de obedecê-lo devemos descobrir o que significa. Existem três palavras em grego que significam

amor: *eram*, que descreve o amor apaixonado de um homem para uma mulher; *philein*, que descreve o amor por nossos seres queridos, o carinho de nosso coração; e *agapán*, que necessita todo um parágrafo para traduzi-lo:

Agapán descreve o sentimento ativo de benevolência para com outra pessoa; significa que não importa o que essa pessoa nos faça, jamais poderemos lhe desejar outra coisa que não seja o melhor; e estaremos dispostos deliberadamente a nos desviar de nosso caminho para lhe fazer bem. Isto é muito sugestivo. Não podemos amar a nossos inimigos como amamos a nossos seres queridos. Fazê-lo seria algo pouco natural, impossível e até quase mau. Mas podemos cuidar de que, não importa o que alguém nos faça, embora nos insulte, nos maltrate ou nos injurie, procuremos sempre seu maior bem. Uma coisa surge de tudo isto. O amor que temos por nossos seres queridos é algo que não podemos deter. Mas o amor aos nossos inimigos não é somente algo que surge de nosso coração; provém também da vontade. É algo que podemos sentir pela graça de Cristo.

Esta passagem encerra dois grandes aspectos da ética cristã.

(1) A ética cristã é *positiva*. Não consiste em *não fazer* coisas, e sim em *fazer coisas*. Jesus nos deu a Regra Áurea que nos ordena fazer a outros o que nós gostaríamos que outros nos fizessem. Esta regra aparece em muitos escritores de diversos credos em sua forma negativa.

Um homem pediu a Hillel, um dos grandes rabinos judeus, que lhe ensinasse toda a Lei enquanto permanecia sustentando-se em uma perna. Hillel lhe respondeu: "Não faça a outros o que te é odioso. Esta é toda a lei e todo o resto são explicações."

Filo, o grande judeu de Alexandria, disse: "Não faça a outrem o que você odeia sofrer." Isócrates, o orador grego, disse: "Não faça a outros aquelas coisas que lhe zangam quando as sofre às mãos de outros." Os estóicos tinham uma de suas regras básicas a seguinte: "Não faça a outros o que não quer que façam a você."

Quando Confúcio foi perguntado: "Existe alguma palavra que possa servir como regra para ser praticada a vida inteira?", respondeu: "Não poderia ser a palavra reciprocidade? Não faça a outros o que não deseja que façam a ti."

Todas estas formas são negativas. Não é tão difícil deixar de fazer uma ação; mas é algo muito diferente sair de nosso caminho e fazer com outros o que gostaríamos que nos fizessem. A própria essência da conduta cristã é que não consiste em não fazer coisas más, a não ser em fazer ativamente boas coisas.

(2) A ética cristã está apoiada na *coisa extra*. Jesus descreveu os caminhos comuns da conduta consciente e logo os despediu com esta pergunta: "Que mérito têm?" Muitas vezes a pessoa diz ser tão boa como seus vizinhos. Provavelmente o sejam. Mas a pergunta de Jesus é a seguinte: "Quão melhores são que as pessoas comuns?" Não devemos nos comparar com nossos vizinhos; essa comparação pode ser muito adequada; devemos nos comparar com Deus; e nesta comparação todos nos encontramos em falta.

(3) Qual é a razão para esta conduta cristã? A razão é que nos faz ser parecidos com Deus, dado que essa é a forma em que Ele atua. Deus envia sua chuva sobre justos e injustos. É amável com o homem que lhe dá gozo e com aquele que entristece seu coração. O amor de Deus abraça tanto o santo como o pecador. Esse amor é o que devemos copiar; se também nós procurarmos só o bem de nossos inimigos, seremos em realidade filhos de Deus.

O versículo 38 (Trad. Brasileira) tem uma frase estranha: "...vos porão no regaço..." Os judeus vestiam uma túnica larga, solta, até os pés, com um cinto ao redor da cintura. Podia-se subir a túnica de maneira que o peitilho formasse uma espécie de bolso no qual se podiam levar coisas. portanto o equivalente moderno da frase séria: "As pessoas encherão seu bolso."

REGRAS PARA O VIVER

Lucas 6:39-46

Pareceria que esta passagem é uma série de ditos que não guardam relação entre si.

Há duas possibilidades.

(a) Pode ser que Lucas tenha reunido vários ditos de Jesus, pronunciados em distintas ocasiões, e que nos esteja dando uma espécie de compêndio de regras para o viver e para a vida.

(b) Ou que este seja um exemplo do método judeu de pregação. Os judeus chamavam a pregação *charaz*, que significa enfileiras contas. Os rabinos sustentavam que o pregador não devia deter-se em um tema mais que uns breves momentos, mas para manter a atenção, devia passar rapidamente de um tema a outro. De modo que a pregação judaica às vezes nos parece desconectada.

A passagem se divide em quatro seções.

(1) Versículos 39 e 40. Jesus chama a atenção de seus ouvintes ao fato de que nenhum professor pode guiar seus alunos além do nível que ele mesmo alcançou. Há uma dupla advertência nisto. Devemos procurar o melhor professor para nossa aprendizagem, porque só ele nos pode guiar mais adiante. Ao ensinar devemos sempre lembrar que não podemos ensinar o que não sabemos.

(2) Versículos 41 e 42. Este é um exemplo do senso de humor de Jesus. Jesus deve ter sorrido ao descrever ao homem com a viga em seu próprio olho tentando tirar a palha do olho de outro. Ensinou-nos que não temos direito a criticar a menos que estejamos livres de faltas. O que quer dizer que não temos direito a criticar absolutamente, porque "há tanto mal no melhor de nós e tanto bem no pior de nós que mal podemos encontrar faltas nos demais."

(3) Os versículos 43 e 44 nos lembram que um homem não pode ser julgado em nenhuma outra forma senão por seus atos.

Disse a um professor: "Tua vida fala tão alto que não posso ouvir o que tu dizes.” Tanto o ensinar como o pregar são apresentar "a verdade através da personalidade". As belas palavras nunca ocuparão o lugar das obras formosas. Isto é muito importante hoje. Tememos a ameaça do comunismo e de outros movimentos seculares. Nunca venceremos estes grupos escrevendo livros e panfletos e tendo grupos de discussão. A única forma em que podemos provar a superioridade do cristianismo é demonstrando através de nossas vidas que produz homens e mulheres melhores.

(4) Versículo 45. Nele Jesus nos recorda que as palavras que saem de seus lábios são em última análise o produto de seu coração. Nenhum homem pode falar de Deus com sua boca a não ser o que o Espírito de Deus esteja em seu coração.

Nada mostra tão bem o estado do coração de um homem como as palavras que pronuncia quando não está cuidando e considerando o que diz, a não ser quando está falando livremente e dizendo a primeira coisa que lhe vem à cabeça, como costumamos dizer. Se lhe pedirmos que nos dirija até um lugar determinado alguns nos dirão que esse lugar se encontra perto da *Igreja*, outros que está perto do *cinema*, ou da *quadra de esportes de futebol*, ou de algum *bar*. A resposta a uma pergunta qualquer mostra para onde se dirige naturalmente o pensamento de um homem e onde residem os interesses de seu coração. Nossa conversação sempre nos delata.

O ÚNICO FUNDAMENTO SEGURO

Lucas 6:47-49

Para obter o ensino real desta parábola temos que ler também a versão de Mateus (7:24-27). Na versão de Lucas o rio parece estar fora de lugar; isto é devido a Lucas não ser originário da Palestina e não ter uma clara visão mental das circunstâncias, enquanto que Mateus era da Palestina e conhecia bem o quadro. Na Palestina no verão muitos dos

rios se secavam e deixavam seu leito arenoso vazio. Mas no inverno, depois das chuvas de setembro, o rio seco se convertia em uma torrente enfurecida.

Muitos homens que procuravam um lugar para fazer sua casa, encontravam um trecho arenoso que os agradava e a construíam ali para descobrir ao chegar o inverno que tinham feito sua casa em meio de um rio, que a arrastava com sua fúria. Mas o homem sábio procurava a rocha, onde era muito mais difícil edificar, e onde era um trabalho muito duro fazer os alicerces. Mas ao chegar o selvagem tempo ventoso do inverno seu trabalho se via amplamente gratificado, dado que sua casa se mantinha forte, firme e segura. De qualquer maneira a parábola nos ensina a importância de colocar os alicerces corretos para a vida. O único alicerce verdadeiro é obedecer os ensinos de Jesus.

O que levou o construtor insensato a escolher equivocadamente?

(1) Quis *evitar trabalho*. Não queria incomodar-se cavando na rocha. A areia era muito mais fácil, mais atrativa e oferecia menos problemas. Desejava o caminho fácil. Pode ser mais fácil seguir nosso caminho que o de Jesus, mas no final aquele nos leva à ruína. Parece-nos difícil tomar o caminho de Jesus, mas é o caminho à segurança agora e para sempre jamais.

(2) O construtor insensato era *curto de vista*. Não se preocupou em pensar que seria de seu lugar escolhido seis meses depois. Em cada decisão que tomamos na vida há uma perspectiva de curto alcance e outra de longo alcance. Feliz é o homem que nunca troca o bem futuro pelo prazer presente. Feliz é o homem que vê as coisas, não à luz do momento, e sim à luz da eternidade.

Quando aprendermos que o caminho duro é muitas vezes o melhor, e que a perspectiva de longo alcance é sempre a correta, então fundamentaremos nossa vida sobre os ensinos de Jesus e nenhuma tormenta a sacudirá.

Lucas 7

Um soldado com fé - Luc. 7:1-10
A compaixão de Cristo - Luc. 7:11-17
A prova final - Luc. 7:18-29
A perversidade dos homens - Luc. 7:30-35
O amor de uma pecadora - Luc. 7:36-50

UM SOLDADO COM FÉ

Lucas 7:1-10

O personagem principal nesta história é um centurião romano. Este centurião não era um homem comum.

(1) Primeiro e acima de tudo, *era um centurião*, e nenhum centurião era um homem comum. Equivalente a sargento, em uma companhia; os centuriões eram a espinha dorsal do exército romano. Em qualquer lugar do Novo Testamento que se fala de centuriões, se fala bem (Lucas 23:47; Atos 10:22; 22:26; 23:17, 23, 24; 24:23; 27:43).

Políbio, o historiador, descreve as qualidades que devia ter um centurião. Deviam ser: "nem tanto homens que procurem o perigo, como dotados do dom do mando, seguros na ação e de confiança; não devem estar ansiosos por entrar na luta; mas em circunstâncias difíceis devem estar dispostos a manter seu lugar e morrer em seus postos." O centurião deve ter sido um homem entre muitos ou nunca poderia ter conservado seu posto.

(2) *Tinha uma atitude completamente pouco comum para com seu escravo*. Amava a esse escravo e estava disposto a enfrentar qualquer dificuldade com o fim de salvá-lo. Para a lei romana um escravo era uma ferramenta viva; não tinha direitos; seu dono podia maltratá-lo e até matá-lo se assim o desejava.

Um escritor romano sobre administração de bens recomenda ao camponês que examine seus implementos todos os anos e despreze aqueles que estão velhos e quebrados e que faça o mesmo com seus

escravos. Normalmente quando um escravo se tornava velho era abandonado para que morresse. Portanto a atitude deste centurião para com seu escravo não era nada comum.

(3) *Era claramente um homem profundamente religioso*. Um homem tem que estar mais que levianamente interessado para chegar a construir uma sinagoga. É certo que os romanos apoiavam a religião pelo motivo cínico de manter o povo tranqüilo. Viam-na como o ópio dos povos. Augusto recomendou que se construíssem sinagogas por essa mesma razão.

Como disse Gibbon em uma sentença famosa: "Todas as formas religiosas que existiam no mundo romano eram consideradas igualmente verdadeiras pelas pessoas, falsas pelos filósofos, *e muito úteis pelos magistrados*." Mas este centurião não era um cínico; era um homem sinceramente religioso.

(4) *Tinha uma atitude pouco comum para com os judeus*. Se os judeus desprezavam os gentios, estes os odiavam. O anti-semitismo não é algo novo. Os romanos consideravam os judeus como uma raça imunda, falavam do judaísmo como uma superstição bárbara, do ódio que os judeus tinham pela humanidade, acusavam-nos de adorar a cabeça de um asno e de sacrificar anualmente um estrangeiro gentio a seu Deus. É verdade que muitos gentios, cansados dos deuses e da moral do paganismo, tinham aceito a doutrina judaica do Deus único e a austera ética judaica. Mas toda a atmosfera desta história implica um laço de amizade entre este centurião e os judeus.

(5) *Era um homem humilde*. Sabia muito bem que a Lei proibia a um judeu estrito entrar na casa de um gentio (Atos 10:28). Sabia também que um judeu estrito não permitiria que um gentio entrasse em sua casa, nem podia ter nenhum tipo de comunicação com ele. Nem sequer se animou a aproximar-se de Jesus. Pediu a seus amigos judeus que fossem falar com o Mestre. Este homem que estava acostumado a mandar tinha uma surpreendente humildade em presença da verdadeira grandeza.

(6) *Era um homem de fé*. Sua fé estava baseada no melhor dos argumentos. Partia do aqui e agora para alcançar o lá e depois. Partia de sua própria experiência para com Deus. Se sua autoridade produzia resultados, quanto mais a autoridade de Jesus? Chegou com essa confiança perfeita que olha e diz: "Senhor, eu sei que podes fazer isto." Se só tivéssemos uma fé como esta também ocorreria um milagre para nós e a vida começaria de novo.

A COMPAIXÃO DE CRISTO

Lucas 7:11-17

Nesta passagem, e na imediatamente anterior, fala novamente Lucas o médico. No versículo 10 a palavra traduzida *curado* é um termo médico que significa em perfeita saúde. No versículo 15 o termo traduzido *sentou-se* significa tecnicamente que um doente está *sentado na cama*.

Este incidente teve lugar em Naim, que está a um dia de caminho do Cafarnaum. Naim está entre o En-dor e Suném, onde Elias, como o relata a velha história, ressuscitou o filho de uma viúva (2 Reis 4:18-37). Até o dia de hoje, a uns dez minutos a caminho de Naim sobre o caminho a En-dor, há um cemitério de tumbas de pedra onde os mortos são sepultados.

Em muitos sentidos esta é a mais bela história dos evangelhos.

(1) Fala-nos a respeito do *triste* e *lastimável* que é *a vida humana*. A procissão fúnebre era encabeçada por um grupo de choronas profissionais com suas flautas e címbalos, lançando em uma espécie de frenesi seus agudos gritos de pesar. Na simples expressão: "filho único de sua mãe, a qual era viúva", está condensado toda a dor imemorial do mundo.

Virgílio, o poeta romano, em uma frase imortal falou de "as lágrimas dos objetos" – *sunt lacrimae rerum*. É da natureza das coisas o viver em um mundo de corações quebrantados.

(2) Mas à tristeza da vida humana, *Lucas agrega a compaixão de Jesus*. Comoveu-se até o mais profundo de seu coração. No idioma grego não há outra palavra mais forte que signifique piedade, simpatia e sentimento que a que se utiliza uma e outra vez nos evangelhos ao falar de Jesus (Mat. 14:14; 15:32; 20:34; Mar. 1:41; 8:2). Isto para o mundo antigo deve ter sido algo surpreendente. A fé mais nobre da antiguidade era a dos estóicos. Criam que a principal característica de Deus era a *apatia*. Esta significava *incapacidade de sentir*. Se alguém pode fazer que outro seja feliz ou tenha tristeza, esteja alegre ou contente, significa que, ao menos por um instante, pode influir na outra pessoa. Se pode fazê-lo, quer dizer que ao menos por um momento, é maior e superior que ela. Agora, ninguém pode ser maior que Deus; portanto, ninguém pode influir em Deus; logo, pela natureza das coisas, Deus deve ser incapaz de sentir. E aqui os homens estavam em face da assombrosa concepção de que o Filho de Deus se havia comovido até as profundezas de seu ser.

Para muitos esta é a coisa mais apreciada de Deus que era o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

(3) Mas à compaixão de Jesus, Lucas acrescenta *seu poder*. Jesus se aproximou e tocou o féretro. Não se tratava de um ataúde, já que no oriente não eram utilizados. Utilizavam-se ataúdes feitos de vime para levar o corpo à tumba. Era um momento dramático. Como disse um grande comentarista: "Jesus reclamou como seu o que a morte tinha tomado como sua presa." Bem pode ser que nos encontremos diante de um milagre do diagnóstico; que Jesus com sua vista penetrante visse que o jovem estava sob um transe cataléptico e o salvou de ser enterrado vivo, como acontecia a muitos na Palestina. Não interessa; o fato é que Jesus pediu a vida para um jovem que estava marcado pela morte. Jesus não é somente o Senhor da vida; é também o Senhor da morte que triunfou Ele próprio sobre ela e que prometeu que, porque Ele vive, nós também viveremos (João 14:19).

A PROVA FINAL

Lucas 7:18-29

Um dia João mandou emissários a Jesus para perguntarem se Ele era realmente o Messias, o Rei Ungido de Deus, ou se deviam procurar a outro.

(1) Este incidente preocupou a muitos pensadores porque a aparente dúvida na mente do João os surpreendeu.

Deram-se várias explicações.

(a) Sugere-se que João deu esse passo, não sua causa, mas sim *por causa de seus discípulos*. Ele estava tinha certeza; mas eles tinham suas dúvidas e ele desejava que enfrentassem uma prova indisputável.

(b) Sugere-se que João queria que Jesus se apressasse, que ele pensava que já era tempo de Jesus agir decisivamente.

(c) A explicação mais simples é a melhor. Pensemos no que acontecia a João. O filho do deserto e o ar livre, estava confinado em uma pequena cela no castelo do Macário.

Uma vez um dos MacDonalds, um chefe dos *Highlands* escoceses, esteve detento em uma cela no Castelo de Carlisle. A cela tinha uma janela pequena. Até o dia de hoje se podem ver no arenito as marcas dos pés e as mãos deste homem que se levantava e se pendurava da sacada da janela, contemplando dia a dia com infinitas ânsias as colinas e os vales ao redor, pelos quais não poderia andar nunca mais. Encerrado em sua cela, afogado pelas estreitas paredes, João expôs esta pergunta porque seu cruel cativeiro tinha posto dúvidas em seu coração.

(2) Notemos a prova que Jesus ofereceu. Apontou os fatos. O doente, que sofria e o pobre humilde estavam experimentando o poder e ouvindo a palavra das Boas Novas. Aqui há algo que poucas vezes se levou em conta – *esta não é a resposta que João esperava*. Se Jesus era o Ungido de Deus, João teria esperado que a resposta fosse: "Meus exércitos se estão reunindo. Cesaréia, a sede do governo romano, está para cair. Os pecadores são destruídos. O juízo começou." Teria

esperado que Jesus dissesse: "A ira de Deus está em marcha." Mas Jesus disse: "A misericórdia de Deus está aqui." Recordemos que onde a dor é consolada e a tristeza se converte em alegria, onde se vence a tristeza, o sofrimento e a morte, lá está o Reino de Deus. A resposta de Jesus foi: "Voltem e digam a João que chegou o amor de Deus."

(3) Depois que se foram os emissários de João, Jesus lhe rendeu uma homenagem. O povo se reuniu no deserto para ver e ouvir a João. Não tinha saído a ver uma cana levada pelo vento. Isto pode significar duas coisas.

(a) Nada era mais comum nas margens do Jordão que as canas sacudidas pelo vento. Tratava-se em realidade de um provérbio que se utilizava para referir-se às coisas mais comuns. Pode significar então que as pessoas não saíam para ver algo comum.

(b) Pode ser que signifique inconstância. Os homens não saíam para ver uma pessoa vacilante e cambiável, como uma cana que se movia, e sim a uma pessoa firme como uma árvore. Não saíam para ver um ser suave e efêmero, como os cortesãos vestidos de seda dos palácios reais.

Então, o que tinham saído a ver?

(a) Em primeiro lugar, Jesus honra a João. Todos esperavam que antes que o Ungido de Deus viesse ao mundo, Elias retornaria à Terra para preparar o caminho e ser seu arauto (Malaquias 4:5). João era o arauto do Santíssimo.

(b) Em segundo lugar, Jesus estabelece claramente as limitações do João. O menor no Reino dos Céus era maior que ele. Por que? Alguns têm dito que a razão é que João titubeou em sua fé em um momento. Mas não era por isso. A razão era que João tinha marcado uma linha divisória na história. Da proclamação de João tinha chegado Jesus; a eternidade tinha invadido o tempo; o céu tinha invadido a Terra; Deus tinha chegado em Jesus; e portanto a vida jamais poderia ser igual.

Nosso calendário se divide em antes de Cristo e depois de Cristo, Jesus é a linha divisória. E, portanto, todos os que vêm depois dele e o recebem, alcançam necessariamente uma bênção maior que os que

vieram antes que ele. A entrada de Jesus no mundo dividiu o tempo em dois; e a entrada dele em nossas vidas também as divide em dois. Qualquer pessoa que esteja em Cristo é uma nova criatura (2 Cor. 5:17). É criado de novo.

Como disse Bilney, o mártir: "Quando leio que Jesus Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, é como se o dia irrompesse de repente na noite."

A PERVERSIDADE DOS HOMENS

Lucas 7:30-35

Esta passagem contém duas grandes advertências:

(1) Fala-nos a respeito dos perigos do livre-arbítrio. Os escribas e os fariseus tinham conseguido frustrar os propósitos de Deus para com eles. A tremenda verdade do cristianismo é que a coerção de Deus não é a da força, mas a do amor. Aqui é precisamente onde podemos ver a dor de Deus. A tragédia maior do amor é olhar a um ser querido e ver que tomou o caminho errado e considerar o que deveria ter sido, o que poderia ter sido e o que se queria que fosse. É a angústia maior da vida.

É certo que:

> "De todas as tristes palavras da língua e a pena,
> as mais tristes são estas: 'Poderia ter sido'."

A tragédia de Deus também é o que poderia ter sido da vida. Como disse G. K. Chesterton "Deus não tinha escrito um poema, e sim uma peça de teatro; uma obra que planejou como perfeita, mas que tinha ficado necessariamente em mãos de atores e diretores humanos, que fizeram dela um grande desastre."

Deus nos salva de levar nossa vida ao fracasso e de angustiá-lo utilizando nosso livre-arbítrio para frustrar seus propósitos.

(2) Fala-nos da perversidade dos homens. Tinha vindo João, vivendo com a austeridade de um ermitão, e os escribas e fariseus disseram que era um louco excêntrico, que algum demônio tirara sua

razão. Veio Jesus, vivendo como outros homens e tomando parte em todas as suas atividades, e o vituperavam dizendo que amava muito os prazeres da Terra. Conhecemos bem os dias em que um menino protesta diante de tudo; conhecemos nosso humor quando nada vai bem para nós. O coração humano pode perder-se em uma perversidade na qual qualquer chamado que Deus nos faça seja enfrentado com um obstinado e volúvel descontentamento infantil.

(3) Mas há uns poucos que respondem e a sabedoria de Deus é finalmente justificada por aqueles que são seus filhos. O homem pode abusar de seu livre-arbítrio para frustrar os propósitos de Deus: em sua perversidade pode estar cego e surdo aos chamados de Deus. Se Deus tivesse usado a força da coerção e preso o homem com laços de ferro a uma vontade que não teria podido negar, então teria havido um mundo de autômatos e sem problemas. Mas Deus escolheu o caminho perigoso do amor, e este no final vencerá.

O AMOR DE UMA PECADORA

Lucas 7:36-50

Esta história é tão vívida que nos faz crer que Lucas bem poderia ter sido um artista.

(1) A cena ocorre no pátio da casa de Simão o fariseu. As casas dos ricos estavam construídas ao redor de um pátio quadrado. Nesse pátio muitas vezes havia um jardim e uma fonte; e quando fazia calor se comia ali.

No oriente era costume que, quando um rabino concorria a uma comida em uma dessas casas, entravam nela todo tipo de pessoas – estavam livres para fazê-lo – para ouvir as pérolas de sabedoria que saltam de seus lábios. Isto explica a presença da mulher. Quando um hóspede entrava na casa sempre eram feitas três coisas. O anfitrião punha sua mão no ombro de sua hóspede e lhe dava o beijo da paz. Este era um sinal de respeito que nunca se omitia no caso de um rabino

famoso. Os caminhos eram só rastros de terra e os sapatos consistiam em solas que se mantinham no lugar por meio de tiras que cruzavam o pé. De modo que sempre se punha água fresca sobre os pés do hóspede para limpá-los e aliviá-los. Queimava-se um pingo de incenso sobre sua cabeça ou se colocava uma gota de água de rosas. As boas maneiras ordenavam que se cumprissem estas coisas, e neste caso não aconteceu nada disto.

No oriente, as visitas não se sentavam à mesa, elas se reclinavam. Faziam-no em leitos baixos, apoiando-se sobre o cotovelo esquerdo e deixando livre o braço direito, com os pés para trás; e durante a comida tiravam as sandálias. Isto explica como a mulher podia estar de joelhos aos pés de Jesus.

(2) Simão era um fariseu, um dos separados. Por que tinha convidado Jesus à sua casa? Há três respostas possíveis.

(a) É possível que fosse um admirador e simpatizasse com Jesus, porque nem todos os fariseus eram seus inimigos (Lucas 13:31). Mas a atmosfera de falta de cortesia torna isso pouco provável.

(b) Poderia ser que o teria convidado a sua casa com a intenção deliberada de persuadi-lo a falar ou atuar de tal maneira que desse a base de uma acusação contra ele. Simão pôde ter sido um agente provocador. Mais uma vez, não é factível, porque no versículo 40 ele dá a Jesus o título de rabino.

(c) O mais provável é que Simão colecionasse celebridades; e que com um orgulho de patrocinador tenha convidado a esse surpreendente jovem galileo a comer com ele. Isto explicaria melhor a estranha combinação de certo respeito com a omissão das cortesias que deviam prestar-se na ocasião. Simão era um homem que buscava patrocinar a Jesus.

(3) A mulher tinha uma má reputação notória. Era uma prostituta. Sem dúvida tinha visto Jesus falando com a multidão e tinha visto nele a mão que a levantaria do lodo de sua vida. Levava ao redor de seu pescoço, como todas as mulheres judias, um pequeno frasco com perfume concentrado; chamavam-se alabastros e eram muito caros. Quis

derramá-lo sobre seus pés porque era tudo o que tinha para oferecer. Mas ao vê-lo, chorou e caiu a seus pés. Para uma mulher judia aparecer com o cabelo solto era um ato de grave falta de modéstia. Ao casar uma jovem se atava o cabelo e jamais voltaria a aparecer com ele solto novamente. O fato de que esta mulher soltasse o cabelo em público demonstra como se esqueceu de todos menos de Jesus.

Toda a história mostra o contraste entre duas atitudes da mente e do coração.

(1) Simão estava consciente de que não necessitava nada e portanto não sentia amor. A impressão que tinha de si mesmo era que se tratava de uma boa pessoa aos olhos de Deus e dos homens.

(2) A mulher tinha consciência nada mais que de sua necessidade, e portanto estava cheia do amor por aquele que podia dar-lhe de modo que recebeu o perdão.

A auto-suficiência fecha a porta entre o homem e Deus. E o estranho é que quanto melhor é o homem, mais sente seu pecado. Paulo podia falar dos pecadores "dos quais eu sou o primeiro" (1 Timóteo 1:15). Francisco de Agarram podia dizer: "Em nenhum lugar há um pecador mais desgraçado e miserável que eu." É certo dizer que o maior dos pecados é não estar consciente de pecado; mas sentir a necessidade abrirá as portas ao perdão de Deus, porque Deus é amor, e a maior glória do amor é que precisamos dele.

Lucas 8

No caminho - Luc. 8:1-3
O semeador e a semente - Luc. 8:4-15
Leis para a vida - Luc. 8:16-18
O verdadeiro parentesco - Luc. 8:19-21
Calma na tormenta - Luc. 8:22-25
A derrota dos demônios - Luc. 8:26-40
Cura de uma filha única - Luc. 8:41-42 y 49-56
Não estava perdida na multidão - Luc. 8:43-48

NO CAMINHO

Lucas 8:1-3

O momento que esperávamos que viesse chegou. Jesus está no caminho. As sinagogas não estão abertas para ele, como anteriormente. Tinha começado, poderia dizer-se, na igreja, onde qualquer homem com uma mensagem de Deus podia esperar justificadamente encontrar um auditório atentou e receptivo. Em lugar de boas-vindas tinha encontrado oposição; em vez de ouvintes ansiosos tinha encontrado os escribas e fariseus esperando friamente apanhá-lo em suas próprias palavras e obra; de maneira que agora se dirigiu aos caminhos, a saía das colinas e as bordas do lago.

(1) Novamente estamos diante de um fato que já notamos. Esta passagem enumera um pequeno grupo de mulheres que o serviam com seus próprios recursos. Considerava-se como um ato piedoso sustentar a um rabino, e o fato de que os seguidores devotos de Jesus o ajudassem está diretamente de acordo com este costume e prática comum. Mas, como com os discípulos, ocorria o mesmo com estas mulheres, não podemos deixar de ver que se tratava de um grupo muito heterogêneo.

Ali estava Maria Madalena, ou seja Maria da cidade da Magdala, da qual tinha expulso sete demônios. Esta tinha evidentemente, um passado escuro e terrível. Ali estava Joana. Esta era a mulher da Chuza o *epítrope* do Herodes. Um rei tinha muitos bens e propriedades; seu *epítrope* era o encarregado de cuidar seus interesses financeiros. No Império Romano, até nas províncias que eram governadas por procônsules escolhidos pelo senado, o imperador tinha seus *epítropes* para proteger seus interesses. Portanto não havia funcionário mais importante nem digno de confiança.

É surpreendente encontrar a Maria Madalena com seu escuro passado e a Juana, uma dama da corte, em um mesmo grupo. Uma das qualidades supremas de Jesus é a de poder fazer que as pessoas mais

diversas vivam juntas sem perder no mais mínimo sua personalidade ou suas qualidades.

G. K. Chesterton escreve sobre o texto que diz que o leão deitará com o cordeiro: "Mas recordem que este texto se interpreta muito levianamente. Supõe-se constantemente que... quando o leão descansa ao lado do cordeiro, comporta-se como ele. Mas isto não é mais que uma anexação brutal e imperialista por parte do cordeiro. Simplesmente o cordeiro absorve o leão em vez de ser este o que come o cordeiro. O verdadeiro problema é o seguinte: Pode o leão descansar junto ao cordeiro e reter ainda sua real ferocidade? *Este* é o problema que a Igreja teve que enfrentar; *este* é o milagre que obteve."

Não há nada que a igreja necessite mais que aprender a sujeitar em um jugo comum os distintos temperamentos e qualidades das pessoas. Se não termos êxito é nossa culpa, porque em Cristo pode fazer-se – e se tem feito.

(2) Nesta lista de mulheres temos um grupo cuja ajuda era prática. Sendo mulheres, na Palestina não estavam autorizadas a pregar, mas davam os dons que tinham.

Havia um velho sapateiro que desejava ser pastor, mas nunca o caminho lhe fora aberto. Era amigo de um jovem estudante de teologia; e quando o nomeou para seu primeiro cargo o ancião lhe pediu um favor. Pediu-lhe que lhe permitisse fazer sempre os seus sapatos, enquanto vivesse, de maneira que pudesse sentir que o pregador estava calçando seus sapatos no púlpito ao qual ele nunca poderia subir. Nem sempre é a pessoa à frente a que está fazendo o trabalho mais importante.

Quantos homens que ocupam um posto público não poderiam mantê-lo nem por uma semana sem ter por trás a tranqüilidade de um lar. Não há nenhum dom que não possa ser utilizado para o serviço de Cristo. Muitos de seus melhores servos estão nos bastidores, não se pode vê-los, mas são essenciais para sua causa.

O SEMEADOR E A SEMENTE

Lucas 8:4-15

Nesta parábola Jesus utiliza uma figura que todos os seus ouvintes conheciam. É bastante provável que enquanto falava estivesse vendo algum semeador que semeava sua semente.

A parábola nos fala de quatro tipos de solos.

(1) O solo comum na Palestina estava dividido em franjas largas e estreitas, entre as quais havia atalhos transitáveis; quando a semente caía em um destes, que eram tão duros como o caminho, não tinha probabilidades de brotar.

(2) Havia o solo rochoso. Isto não quer dizer que estivesse cheio de pedras. Significa que o solo consistia em uma delgada capa de terra sobre a rocha. Em tal solo não havia umidade nem mantimentos, e a planta que crescia estava destinada a secar-se e morrer.

(3) O solo que estava cheio de espinhos no momento se via bastante bom. É possível fazer que qualquer pedaço de terra *pareça* limpo, removendo-o. Mas as sementes do joio e as raízes fibrosas dos pastiçais ficam nele. A boa semente e os espinheiros cresceram juntos e estes últimos sempre são mais fortes; portanto afogaram as plantas boas.

(4) O solo bom era profundo, limpo e bem preparado.

Os versículos 9 e 10 sempre foram um quebra-cabeças. Parece que Jesus disse que falava em parábolas para que as pessoas não o compreendesse; e não podemos crer que escondia deliberadamente seu significado de seus ouvintes.

Sugeriu-se várias explicações.

(1) Mateus 13:13 diz algo um pouco diferente. Diz que Jesus falava em parábolas *porque* as pessoas não podiam ver nem entender claramente. Mateus parece dizer que não se tratava de impedir que as pessoas vissem e entendessem, mas sim para ajudá-los a fazê-lo.

(2) Mateus cita imediatamente um dito de Isaías 6:9, 10. Diz em efeito: "Falei-lhes a palavra de Deus e o único resultado é que não

entenderam nada." Portanto o dito de Jesus pode indicar não o objeto de seu ensino por meio de parábolas, e sim o resultado da mesma. O resultado nítido era que as pessoas não compreendiam.

(3) O que Jesus queria dizer é o seguinte: o povo pode chegar a ter uma mentalidade tão pesada, apagada e torpe que quando a verdade de Deus chega a eles não podem vê-la. Deus não tem a culpa. Chegaram a ser tão folgazões mentalmente, estão tão cegados pelos preconceitos, são tão incapazes de ver o que não querem ver, que o resultado é que não podem assimilar a verdade de Deus. São mentes não cultivadas, não feitas na observação de si mesmas e nas dos outros, não disciplinadas na reflexão como necessidade humana interior, e sim fixas nas coisas materiais de cada dia e no afã de subsistir.

Há duas interpretações desta parábola:

(1) Sugere-se que significa que o destino da palavra de Deus depende do coração em que é semeada.

(a) O atalho duro representa a mente fechada, que não está disposta a receber nada.

(b) O terreno pouco profundo representa aqueles que aceitam a palavra mas que nunca pensam a respeito dela nem se dão conta de suas conseqüências e que portanto fracassam diante das dificuldades.

(c) O terreno espinhoso representa aqueles cujas vidas estão tão ocupadas que as coisas de Deus não têm lugar nelas. Devemos recordar sempre que as coisas que afogam os melhores não são más necessariamente. Pode ser que em si mesmas sejam muito boas. O pior inimigo do melhor é o bom.

(d) O terreno bom representa o coração bondoso. O bom ouvinte faz três coisas. Em primeiro lugar, ouve atentamente. Em segundo lugar, guarda o que ouve em sua mente e coração e pensa nisso até que descobre seu significado por si mesmo. Finalmente, age. Traduz em ação o que ouviu.

(2) Sugere-se que a verdadeira interpretação da parábola é esta: pensemos na situação. Jesus tinha sido expulso das sinagogas. Os

escribas e fariseus e os líderes religiosos estavam contra Ele. Indevidamente seus discípulos estariam desiludidos. Jesus lhes ensinou esta parábola e lhes está dizendo: "Todos os lavradores sabem que uma parte de sua semente se perderá; não pode crescer toda. Mas isso não os desalenta nem os impede de semear porque sabem que apesar de tudo sua colheita é segura." Está dizendo a seus discípulos: "Sei que sofremos contrariedades e desilusões; sei que temos nossos inimigos e opositores; mas, não desanimem; a colheita é segura ao final."

De modo que esta parábola pode ser tanto um chamado de atenção sobre como ouvimos e recebemos a palavra de Deus e um estímulo para afastar todo desespero com a segurança de que todas as contrariedades não podem arruinar a colheita final de Deus.

LEIS PARA A VIDA

Lucas 8:16-18

Aqui há três ditos, cada um com uma advertência para a vida.

(1) O versículo 16 dá ênfase ao caráter essencialmente conspícuo da vida cristã. O cristianismo é por natureza algo que deve ser visto. É fácil encontrar razões de prudência para não fazer ostentação de nosso cristianismo diante da face do mundo. Em quase todas as pessoas há um medo instintivo de sentir-se diferentes. É provável que o mundo sempre persiga aqueles que não estão de acordo com seus modelos. Um escritor que criava galinhas conta que todas as que estavam no galinheiro eram iguais, menos uma. A que era distinta foi morta a bicadas pelas demais. Até no mundo animal ser diferente é um crime. Por difícil que seja, temos o dever de não nos envergonhar nunca de mostrar a quem pertencemos e a quem servimos; em realidade, bem visto, não se trata de um dever, mas sim de um privilégio.

Pouco antes da coroação da rainha da Inglaterra a maioria das casas e lojas estavam embandeiradas. Eu estava no campo nesse momento e em um pequeno matagal à beira do caminho dava com o acampamento

de um funileiro ambulante. Consistia em uma pequena loja, ao lado da qual havia um poste com a bandeira britânica quase tão grande como a loja. Era como se esse cidadão errante tivesse dito: "Não tenho muito neste mundo; mas o que tenho leva minha bandeira."

(2) O versículo 17 sublinha a impossibilidade de guardar um segredo. Há três pessoas das quais tentamos ocultar as coisas.

(a) Às vezes tratamos de fazê-lo de nós mesmos. Fechamos nossos olhos às conseqüências de certas ações e hábitos, apesar de que as conhecemos bem. É como se um homem fechasse deliberadamente seus olhos aos sintomas de uma enfermidade que sabe que tem. Só podemos dizer que nos damos conta de quão tolo é.

(b) Às vezes tratamos de esconder as coisas de nossos amigos. Mas as coisas se dispõem para sair à luz. O homem com um segredo é infeliz. O homem contente é o que não tem nada a esconder.

Conta-se que uma vez um arquiteto solicitou a Platão para construir uma casa que tivesse todas suas habitações escondidas a olhos do público. "Eu lhe darei o dobro, se me fizer uma casa em que possam ver-se todas as habitações", disse-lhe o filósofo. Feliz é o homem que pode falar assim.

(c) Às vezes tentamos esconder as coisas a Deus. Ninguém tentou jamais fazer algo tão impossível. Faríamos bem em ter permanentemente perante nossos olhos o texto que diz: "Deus, Tu me vês."

(3) O versículo 18 nos dá a lei universal de que o que tem obterá mais e que o que não tem perderá o que tem.

Se um homem for fisicamente são e mantém seu corpo assim, poderá fazer grandes esforços; mas se se deixa decair perderá as habilidades que tem. Quanto mais aprenda um estudante mais chegará a captar; mas se se nega a continuar aprendendo perderá o conhecimento que tem. Esta é outra forma de dizer que não podemos nos deter na vida. Ou avançamos ou retrocedemos. Aquele que busca achará sempre; mas aquele que deixa de procurar perderá até o que tem.

O VERDADEIRO PARENTESCO

Lucas 8:19-21

Não é difícil dar-se conta de que, ao menos durante sua vida, a família de Jesus não simpatizava com ele. Marcos 3:21 nos relata que seus parentes tentaram detê-lo porque acreditavam que tinha perdido o julgamento. Em Mateus 10:36 Jesus adverte seus discípulos que os inimigos de um homem bem podem ser os membros de seu próprio lar – e falava de sua dura e amarga experiência.

Nesta passagem há uma grande verdade prática. Pode acontecer que um homem se encontre muito mais perto de gente com a qual não está relacionado que de sua própria parentela. A relação mais profunda da vida não é simplesmente uma relação de sangue; é também da mente e do coração. Quando as pessoas têm fins, princípios, interesses, metas comuns na vida, seu vínculo é verdadeiro e real. Recordemos a definição do Reino que já elaboramos. *O Reino de Deus é uma sociedade sobre a Terra na qual a vontade de Deus se cumpre perfeitamente, assim como no céu*. A qualidade suprema de Jesus é que Ele sozinho entre todas as pessoas, obteve plenamente essa identidade de sua vontade e a vontade de Deus. Portanto, todos aqueles que têm como meta na vida fazer que a vontade de Deus seja a própria, são verdadeiros filhos de Deus.

Dizemos que todos os homens são filhos de Deus; e em um sentido real e precioso isto é verdade, porque Deus ama o santo e o pecador; mas o ser filhos no sentido mais profundo está condicionado eticamente. Quando um homem, com a ajuda do Espírito Santo, põe sua vontade em linha com a de Deus, começa a verdadeira relação. Os estóicos diziam que esse era o único caminho para a felicidade na vida. Tinham a convicção de que tudo o que passava alegria e tristeza, triunfo e desastre, lucros e perdas, sol e sombra – é vontade de Deus. Quando um homem se nega a aceitá-la dá de cabeça contra a parede do universo e não obtém mais que problemas e dor de coração. Quando olhe a Deus e lhe diz: "Faze comigo o que queres", acha o atalho da felicidade.

Se isto for assim, surgem duas coisas:

(1) Existe uma fidelidade que ultrapassa todas as fidelidades terrestres; há algo que precede às coisas mais queridas do mundo. Nesse sentido Jesus Cristo é um senhor exigente, pois não está disposto a compartilhar o coração de um homem com nada nem ninguém. O amor necessariamente é exclusivo. Só podemos amar a uma pessoa e servir a um senhor de uma vez.

(2) Isso é duro; mas nos encontramos com esta grande maravilha – quando um homem se entrega absolutamente a Cristo se converte em membro de uma família cujos limites são o mundo. Qualquer perda que experimente será equilibrada por este ganho.

O homem que, através de Jesus Cristo, busca a vontade de Deus, entrou em sua família, que inclui a todos os santos na terra e no céu.

CALMA NA TORMENTA

Lucas 8:22-25

Lucas nos relata esta história com uma grande economia de palavras, entretanto tem uma vivacidade extraordinária.

Sem dúvida alguma, Jesus decidiu cruzar o lago porque necessitava descanso e silêncio. Quando zarparam, dormiu. É bonito pensar em Cristo dormindo. Estava cansado, como também nos cansamos. Ele também podia chegar a um esgotamento tal que a necessidade de dormir se fizesse imperativa. Confiava em seus homens. Estes eram pescadores do lago e podia confiar em sua capacidade e experiência, e descansar. Confiava em Deus; sabia que estava tão perto dEle no mar como na terra.

E então se desatou a tormenta. O Mar da Galiléia é famoso por suas rápidas borrascas. Um viajante disse: "Tão somente havia se posto o sol quando o vento começou a soprar sobre o lago, e continuou fazendo-o toda a noite com uma violência que aumentava, de modo que quando

chegamos à costa na manhã seguinte a superfície do lago parecia uma grande caldeira em ebulição."

A origem destas tormentas é o seguinte: O Mar da Galiléia está a mais de duzentos metros abaixo do nível do mar. Está rodeado de terras planas atrás das quais se elevam as altas montanhas. Os rios penetraram profundas gargantas nas planícies ao redor do mar. Estas gargantas atuam como grandes funis que trazem o vento frio das montanhas e assim surgem as tormentas. O próprio viajante nos conta como tentaram armar suas tendas nessa tormenta: "Tivemos que pôr duas estacas a cada corda, e freqüentemente nos víamos obrigados a nos atirar com todo nosso peso sobre elas para impedir que o tremente tabernáculo fosse levado pelos ares."

Uma dessas repentinas tormentas foi a que atacou o barco nesse dia, e Jesus e seus discípulos estiveram em perigo de morte. Os discípulos despertaram a Jesus, e ele com uma palavra acalmou a tempestade.

Tudo o que Jesus fazia tinha mais que um simples significado temporário. E o verdadeiro significado deste incidente é que, *em qualquer lugar onde Jesus está, a tormenta se calma*.

(1) Quando Jesus chega, *acalma a tormenta da tentação*. Às vezes a tentação nos chega com uma força dominante. Como disse Stevenson: "Conhece você a estação de trens da Caledonia em Edimburgo? Uma fria manhã me encontrei ali com Satanás." Todos nos encontramos alguma vez com ele. Se nos encontrarmos com a tormenta da tentação sozinhos, somos vencidos; mas com Cristo existe a calma contra a qual a tentação perde seu poder.

(2) Quando Jesus chega, *acalma as tormentas das paixões*. A vida é duplamente difícil para o homem de coração fogoso e temperamento inflamável.

Um amigo encontrou a outro: "Vejo que você conseguiu dominar seu temperamento." "Não", respondeu-lhe, "eu não o dominei, Jesus o fez por mim." Mas perderemos a batalha se Jesus não estiver conosco para nos dar a calma da vitória.

(3) Quando Jesus chega, *acalma as tormentas do pesar*. A tempestade da dor chega algum com toda a força devido a que a dor é sempre a penalidade do amor e se alguém ama terá que sofrer.

Quando a esposa de Pusey morreu, ele disse: "Era como se houvesse uma mão debaixo do meu queixo para me sustentar." Nesse dia, na presença de Jesus, enxugam-se as lágrimas e o coração ferido acha consolo.

A DERROTA DOS DEMÔNIOS

Lucas 8:26-40

Nunca poderemos compreender esta história a não ser que nos demos conta de que, pensemos o que pensemos a respeito dos demônios, eram intensamente reais para o povo de Gadara e para o homem cuja mente estava transtornada. Tratava-se de um caso de loucura violenta. Era muito perigoso para viver entre os homens e o fazia entre as tumbas, que conforme se acreditava, eram o lar dos demônios. Bem podemos notar a coragem de Jesus ao tratar com este homem. O doente tinha uma força maníaca que lhe permitia romper as cadeias. Seus concidadãos estavam aterrorizados, de maneira que nunca tentavam fazer-lhe nada; mas Jesus o enfrentou com calma e sem medo. Quando lhe perguntou seu nome, respondeu: "Legião". Uma legião romana era um regimento de seis mil soldados. Sem dúvida este homem tinha visto uma legião romana partindo, e sua pobre e afligida mente havia sentido que não havia um demônio e sim um regimento deles dentro dele. Bem pode ser que a própria palavra o acossasse, porque possivelmente tivesse visto quando menino as atrocidades que levavam a cabo os romanos. É perfeitamente possível que essas mesmas atrocidades tivessem deixado uma marca em sua mente e que finalmente o enlouquecessem.

Têm-se feito muitas conjeturas a respeito dos demônios e os porcos. Jesus foi condenado por ter mandado os demônios aos inocentes animais. A ação tem sido qualificada de cruel e imoral. Mais uma vez devemos

recordar a intensidade da crença desse povo nos demônios. O homem, que pensava que os demônios falavam através dele, pediu a Jesus que não os mandasse aos abismos do inferno ao qual os consignaria no juízo final.

Vejamos se podemos nos fazer um quadro do sucedido. O homem – e esta é a essência desta parte da história – nunca teria acreditado que se curou a não ser que tivesse uma demonstração ocular e visível. Nada lhe teria convencido a não ser a partida tangível dos demônios. Certamente que o que aconteceu foi isto. A manada de porcos se estava alimentando perto do precipício. Jesus estava exercendo seu poder de cura em um caso muito obstinado. De repente os gritos selvagens do homem assustaram às porcos que caíram pelo precipício para o rio em um terror cego. "Olhe! Olhe!", disse Jesus, "Lá vão seus demônios!" Jesus *tinha* que encontrar uma forma de convencer o homem; e a encontrou. De qualquer modo, podemos comparar o valor de uma manada de porcos com o de um homem de alma imortal? Protestaremos se salvar a alma deste homem custou a vida dos porcos? Certamente, temos que guardar certa proporção. Se a única forma de convencer este homem de que estava curado era que os porcos morressem, parece-nos extraordinariamente cego objetá-lo.

Devemos observar a reação de dois grupos de gente.

(1) Ali estavam *os gadarenos*. Estes pediram a Jesus que fosse embora.

(a) Odiavam que se interrompesse a rotina de suas vidas. Sua vida era muito tranqüila e este Jesus tinha vindo para incomodá-los e portanto o odiavam. Mais pessoas odeiam a Jesus porque os incomoda por qualquer outra razão. Se Jesus disser a um homem: "Você deve deixar este hábito, deve mudar sua vida"; se disser a um empregador: "Você não pode ser cristão e fazer que as pessoas trabalharem nessas condições"; ou a um proprietário: " Você não pode fazer dinheiro alugando essas covinhas" – é provável que cada um lhe diga: "Vá embora e me deixe em paz." Essa é a resposta que todos temos a dar.

(b) Amavam mais a seus porcos que o que valorizavam a alma de um homem. Um dos perigos supremos da vida é valorizar mais as coisas que as pessoas. Essa tendência foi a que criou as más condições de trabalho e as moradias insalubres. Mais perto de nós, essa mesma tendência faz que exijamos egoisticamente nossa tranqüilidade e comodidade embora isto signifique que alguém que está cansado deve trabalhar como escravo por nós. Nada deste mundo pode ser tão importante como uma pessoa.

(2) Ali estava *o homem que tinha sido curado*. Naturalmente, ele queria seguir a Jesus, mas este o enviou a seu lar. O testemunho cristão, como a caridade cristã, começa pela casa. Seria muito mais fácil viver e falar de Cristo entre pessoas que não nos conhecessem. É nosso dever ser testemunhas de Cristo no lugar em que ele nos pôs. E se acontecer que somos os únicos cristãos na loja, no escritório, na escola, na fábrica, no círculo em que vivemos ou trabalhamos, não devemos nos lamentar. É um desafio em que Deus nos diz: "Vão e digam às pessoas com as que se encontram todos os dias o que eu tenho feito por vocês."

CURA DE UMA FILHA ÚNICA

Lucas 8:41-42 y 49-50

Aqui encontramos que toda a crueldade da vida se converte de repente em felicidade. Lucas sentiu a tragédia da morte desta menina de forma muito aguda. Há três fatores que a fizeram tão aguda.

(a) Era filha única. Só Lucas nos relata isto. A luz da vida de seus pais se apagou.

(b) Tinha cerca de doze anos. Estava às portas da vida adulta porque no oriente os meninos se desenvolvem mais rápido que no ocidente. A essa idade bem poderia ter estado por casar-se. O que teria que ter sido a manhã de sua vida se tornou em noite.

(c) Jairo era o presidente da sinagoga. Era o homem responsável por administrá-la e de ordenar o culto público. Tinha alcançado o posto mais

alto que a vida podia lhe dar diante dos olhos de seus concidadãos. Sem dúvida estava em uma boa posição; e tinha ascendido a escala da ambição e o prestígio terrestres. Parecia como se a vida – como acontece às vezes – lhe tivesse prodigalizado muitas coisas e agora estava por lhe arrebatar o mais precioso. Toda a crueldade – que conhecemos tão bem – é o cenário desta história. As choronas já tinham chegado. Parece-nos algo repulsivamente artificial. Mas na Palestina contratar essas mulheres era um símbolo de respeito pelos mortos que nunca se omitia. Estavam seguros de que estava morta, mas Jesus disse que dormia. É perfeitamente possível que dissesse isto literalmente. Pode ser que estejamos aqui diante de um milagre de diagnóstico; que Jesus viu que a menina estava em um transe profundo e que ia ser enterrada viva. Pela evidência das tumbas na Palestina é bem claro que muitos eram enterrados vivos. Isto acontecia facilmente porque as condições climáticas faziam necessário um enterro rápido. Entretanto, pode ser que Jesus com seu poder lhe devolvesse a vida.

Devemos ter em conta um detalhe muito prático. Jesus ordenou que a menina comesse algo. Pode ser que estivesse pensando tanto na menina como na mãe? Esta, com a dor da pena e com a repentina emoção de alegria, estaria perto do desmaio. Em tal momento fazer algo prático com nossas mãos pode salvar nossas vidas. E bem pôde ter sido que Jesus, com sua afetuosa sabedoria que tão bem conhecia a natureza humana, estivesse dando a esta mãe nervosíssima um trabalho para acalmar seus nervos.

Mas, por certo, o personagem mais interessante da história é Jairo.

(1) *Era um homem que podia guardar seu orgulho.* Era o presidente da sinagoga. Nestes momentos as portas das sinagogas se estavam fechando para Jesus, se é que já não o tinham feito. Poderia não ter amado a Jesus, e ele também, poderia tê-lo considerado como alguém que estava quebrantando a lei. Mas na hora de necessidade, guardou seu orgulho e pediu ajuda.

Há uma história famosa do Rolando, o Paladino de Carlos Magno. Estava a cargo da retaguarda do exército quando foi atacado repentinamente pelos sarracenos em Roncesvalles. A batalha rugia furiosamente com desastrosa sorte. Agora, Rolando tinha um berrante chamado Olivante que tinha roubado do gigante Jatmundo e que podia ser ouvido a quarenta e cinco quilômetros. Era tão poderoso que, conforme diziam, os pássaros caíam mortos quando seu som cruzava o ar. Seu amigo Olívio lhe pediu que soprasse o berrante para que Carlos Magno o ouvisse e viesse a ajudá-lo. Mas Rolando era muito orgulhoso. Um a um seus homens morreram lutando até ele ficar sozinho. No fim com seu último fôlego soprou o berrante, e quando Carlos Magno o ouviu veio a toda pressa. Mas muito tarde, porque Rolando também estava morto. Era muito orgulhoso para pedir ajuda.

É fácil ser assim, pensar que podemos nos arrumar sozinhos. Mas a forma em que podemos encontrar os milagres da graça de Deus é guardando nosso orgulho, confessando humildemente nossa necessidade e pedindo. Peçam e receberão – mas não receberemos sem pedir.

(2) Jairo era claramente *um homem de uma fé obstinada*. Seja o que for que sentiu, não aceitou absolutamente o veredicto das choronas; porque entrou com sua esposa ao quarto onde jazia sua filha. Esperava contra a esperança. Sem dúvida em seu coração estava este tácito sentimento: "Nunca se sabe o que este Jesus pode fazer." E nenhum de nós sabe tudo o que Jesus pode fazer. No dia mais escuro podemos confiar nas riquezas recônditas, na graça enorme e no invencível poder de Deus.

NÃO ESTAVA PERDIDA NA MULTIDÃO

Lucas 8:43-48

Esta história teve muita importância no coração e na imaginação da Igreja primitiva. Acreditava-se que a mulher era uma gentia da Cesaréia de Filipe.

Eusébio, um grande historiador da igreja (300 d. C.) relata-nos como se dizia que a mulher tinha erigido de seu próprio pecúlio, em sua cidade natal, uma estátua comemorando sua cura. Dizia-se que essa estátua tinha permanecido ali até que Juliano, o imperador romano que tentou instaurar os deuses pagãos, destruiu-a, e erigiu a sua própria nesse lugar, a qual foi destruída por um raio enviado por Deus.

A vergonha da mulher era que cerimonialmente era impura (Levítico 15:19-33). Seu fluxo de sangue a tinha cortado da vida. Esta é a razão pela qual não se dirigiu abertamente a Jesus mas sim se arrastou entre a multidão; e por essa razão também se sentiu tão envergonhada quando ele perguntou quem o havia tocado.

Todos os judeus devotos vestiam túnicas de franjas com borlas (Números 15:37-41; Deuteronômio 22:12). As franjas terminavam em quatro borlas de linho branco com um fio azul tecido entre este. Era para lembrar ao judeu cada vez que se vestia e que as via que era um filho de Deus, dedicado a guardar sua lei. Mais tarde, quando foi perigoso ser judeu levavam estas borlas na roupa interior. Em nossos dias ainda existe no *talith* ou xale com que o judeu se cobre a cabeça e os ombros quando está em oração. Mas na época de Jesus as levavam na túnica; a mulher tocou uma destas borlas.

Lucas, o médico, fala mais uma vez. Marcos diz que a mulher tinha gasto tudo o que tinha em médicos, e que piorava (Marcos 5:26). Mas Lucas deixa de lado a frase final porque não gostou deste comentário contra seus colegas.

A beleza desta história é que no momento em que Jesus está face a face com a mulher, pareceria não haver ali ninguém mais. Ocorreu em meio da multidão; mas esta foi esquecida e Jesus falou com a mulher e a tratou como se tivesse sido a única pessoa no mundo. Era uma doente pobre, sem importância. Com uma enfermidade que a fazia impura, e assim mesmo, Jesus deu tudo a ela.

Temos muita facilidade para catalogar as pessoas e as tratar de acordo com sua importância relativa. Para Jesus essas categorias criadas

pelos homens não existiam. Ele ou ela eram simplesmente uma alma humana em necessidade. O amor jamais pensa nas pessoas em termos de importância humana.

Um visitante distinto certa vez foi visitar Tomás Carlyle. Estava trabalhando e não o podia incomodar, mas Jane, sua esposa, aceitou levar a visitante e abrir um pouco a porta para que ao menos pudesse vê-lo. Quando olharam a Carlyle, submerso em seu trabalho e abstraído de todo o resto, escrevendo os livros que o fariam famoso no mundo inteiro, ela disse: "Esse é Tomás Carlyle de quem todos falam – e é meu marido." Jane não pensava de acordo com as categorias do mundo e sim de acordo com seu amor.

Uma viajante nos relata que viajando pela Geórgia nos dias anteriores à Segunda Guerra Mundial, levaram-na a ver uma anciã muito humilde e pobre em sua cabana. A velha camponesa lhe perguntou se ia a Moscou. A viajante respondeu que sim. "Então", perguntou-lhe a anciã, "poderia levar um pacote de caramelos caseiros a meu filho?" Não podia consegui-los em Moscou. O nome de seu filho era José Stalin. Normalmente não pensamos no desaparecido ditador da Rússia como em alguém que gostava de caramelos caseiros – mas sua mãe sim! Para ela as etiquetas feitas pelos homens não importavam.

Quase todos teriam olhado a mulher na multidão como algo sem importância. Para Jesus, ela era alguém em necessidade, e portanto, por assim dizer, afastou a multidão e se deu a ela. "Deus ama a cada um de nós como se não houvesse ninguém mais a quem amar."

Lucas 9

Os emissários do Rei - Luc. 9:1-9
Alimento para os famintos - Luc. 9:10-17
A grande descoberta - Luc. 9:18-22
As condições do serviço - Luc. 9:23-27
O monte da glória - Luc. 9:28-36
A descida do monte - Luc. 9:37-45
A verdadeira grandeza - Luc. 9:46-48

Duas lições sobre tolerância - Luc. 9:49-56
A honestidade de Jesus - Luc. 9:57-62

OS EMISSÁRIOS DO REI

Lucas 9:1-9

Na antiguidade havia uma só maneira de difundir uma mensagem, e era por meio da palavra falada. Não existiam periódicos, os livros se escreviam à mão, e produzir um exemplar do tamanho do Novo Testamento teria custado 400 dólares. O telégrafo, esse grande disseminador de notícias, nem tinha sido sonhado. Por isso Jesus enviou os Doze nesta missão. Ele também estava sob as limitações do tempo e o espaço. Seus auxiliares tinham que ser bocas que falassem por ele.

Deviam viajar sem carga. A razão é que poderiam fazê-lo mais rápido e ir mais longe. Quando mais um homem esteja envolto nas coisas materiais, mais preso permanecerá a um lugar. Deus precisa de um ministério estável; mas também dos que abandonam as coisas terrestres para aventurar-se por Ele e sua causa.

Se não eram recebidos deviam sacudir o pó de seus pés ao deixar a cidade. Quando os rabinos entravam na Palestina depois de ter viajado por uma terra gentílica, sacudiam até a última partícula de pó pagão de seus pés. Uma aldeia ou um povo que não os recebesse tinha que ser tratado como um judeu estrito teria tratado a um país pagão. Tinham rechaçado sua oportunidade e se condenaram a si mesmos.

A reação de Herodes mostra que este ministério foi muito eficiente. Estavam sucedendo muitas coisas. Possivelmente Elias, o precursor, tinha chegado ao fim. Possivelmente tinha chegado o grande profeta prometido (Deuteronômio 18:15). Mas "a consciência nos converte todos em covardes", e na mente de Herodes respirava o temor de que João Batista, a quem pensava ter eliminado, houvesse tornado a persegui-lo.

O que se sobressai no ministério que Jesus deu aos Doze, é o seguinte: seguidamente nesta curta passagem *a pregação se une ao*

poder de cura. Vincula a preocupação pelos corpos e os espíritos dos homens. Era algo que não só tinham que ver com palavras, por muito consoladoras que estas fossem; tinha que ver com atos. Era uma mensagem que não se limitava a falar a respeito da eternidade; propunha mudar as condições na Terra. Era a antítese de uma religião de alegrias futuras. Insistia em que a saúde dos corpos dos homens era parte tão integral do propósito de Deus como a saúde de suas almas. Nada tem feito mais mal à Igreja que a repetida declaração de que as coisas do mundo não interessam. Nos anos trinta de nosso século o desemprego invadiu lares respeitáveis e decentes. A habilidade do pai se oxidava no ócio; a mãe tratava de fazer com cem o que deveria fazer com mil; os meninos não podiam compreender o que acontecia; sabiam que estavam famintos. Os homens se amarguravam e se desalentavam. Dizer a essas gente que as coisas materiais não interessavam era algo imperdoável, em especial se quem o dizia tinha uma posição cômoda.

O general Booth foi criticado uma vez por oferecer comida às pessoas em vez de evangelizá-los. O velho guerreiro respondeu duramente: "É impossível consolar o coração dos homens com o amor de Deus quando seus pés estão morrendo de frio." É obvio, é possível dar muita importância aos bens materiais. Mas é igualmente possível descuidá-los. Só com grande perigo pode a igreja esquecer que Jesus enviou primeiro seus homens a *pregar o Reino e curar* para salvar os homens em corpo e espírito.

ALIMENTO PARA OS FAMINTOS

Lucas 9:10-11

Este é o único milagre de Jesus relatado nos quatro evangelhos (Mateus 14:13; Marcos 6:30; João 6:1). Começa com algo belo. Os Doze haviam voltado de sua excursão. Em nenhum outro momento Jesus necessitou mais estar sozinho com eles como neste, de maneira que os levou a Betsaida, que era uma vila do outro lado do Jordão, ao norte do

Mar da Galiléia. Quando o povo descobriu que foi embora, eles o seguiram em hordas – *e Ele lhes deu as boas-vindas*. Aqui vemos a compaixão divina. A maioria das pessoas se desgostaram ante essa invasão de sua duramente ganha intimidade. Como nos sentiríamos se tivéssemos procurado um lugar solitário para estar com nossos amigos mais próximos e de repente aparecesse uma multidão clamorosa com suas insistentes demandas? Às vezes estamos muito ocupados para ser incomodados. Mas para Jesus, a necessidade humana precedia a qualquer outra coisa.

Chegou a noite; o povo, cansado e faminto, estava longe de seus lares. Jesus, surpreendentemente, ordenou a seus discípulos que lhes dessem de comer. Há duas formas de considerar honestamente este milagre. A primeira, é ver nele simplesmente um milagre no qual Jesus criou mantimentos para toda essa multidão. A outra é a dos que acreditam que o que realmente aconteceu foi o seguinte: O povo tinha fome, *mas era tremendamente egoísta*. Todos tinham algo, mas não estavam dispostos a tirá-lo nem mesmo para si mesmos por medo a ter que compartilhá-lo com outros. Os Doze puseram diante da multidão suas poucas reservas, e no final houve mais que suficiente para todos. De modo que pode ser visto como um milagre que converteu as pessoas egoístas e suspeitas em generosas, um milagre do que acontece quando, movidas por Cristo, as pessoas se sentem dispostas a compartilhar.

Antes de distribuir a comida, Jesus a abençoou; deu graças. Um dito judeu dizia: "Aquele que goza de algo sem dar graças é como se o tivesse roubado de Deus." A bênção que se proferia na Palestina em todo lar antes de cada comida era: "Bendito seja, Jeová, nosso Deus, Rei do mundo, que faz o pão surgir da terra." Jesus não comia sem dar graças ao Doador de todas as coisas boas.

Esta é uma história que nos diz muitas coisas:

(1) *Jesus de preocupava com a fome dos pobres*. Seria muito interessante calcular quanto tempo Jesus passou, não falando, e sim consolando a dor dos homens e satisfazendo sua fome. Jesus ainda

necessita o serviço das mãos dos homens. A mãe que esteve toda sua vida cozinhando para sua família faminta; a enfermeira, o médico, o amigo, o parente, que sacrificaram sua vida e seu tempo para consolar a dor de outros; o reformador social que se consumou procurando melhores condições para os homens e as mulheres – todos pregaram um sermão muito mais efetivo que o homem que fala, embora se trate de um grande orador.

(2) *A ajuda que Jesus nos dá é generosa*. Fala suficiente e mais que suficiente. No amor não se calcula o mais e o menos. Deus é assim. Quando plantamos um envelope de sementes quase sempre temos que limpar as plantas, e muitas vezes temos que tirar mais que as que podemos deixar. Deus criou um mundo onde há mais que suficiente para todos se os homens o compartilharem.

(3) Como sempre, há uma verdade permanente aplicável a todos os tempos. *Todas as necessidades dos homens se satisfazem em Jesus*. Há uma fome da alma; em todo homem há, pelo menos às vezes, um desejo de encontrar algo em que possa investir sua vida. Nossos corações não têm descanso até que descansam em Deus. “O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades”, disse Paulo (Filipenses 4:19) – até nos lugares desertos desta vida.

A GRANDE DESCOBERTA

Lucas 9:18-22

Este é um dos momentos cruciais em toda a vida de Jesus. Fez esta pergunta quando já havia manifesto no semblante o firme propósito de ir a Jerusalém (Lucas 9:51). Sabia bem o que o esperava ali, e a resposta a esta pergunta era de suma importância. O que Jesus sabia era que Ele ia morrer na cruz. O que queria saber antes de ir era: "Havia alguém que sabia quem era ele?" Toda a diferença dependeria da resposta. Se não obtivesse resposta, e se encontrasse com uma opaca falta de compreensão, significaria que todo seu trabalho não tinha valor nenhum.

Se havia uma resposta positiva, por mais incompleta que fosse, significava que tinha aceso nos corações uma tocha que o tempo jamais poderia apagar. Como terá ficado alegre o coração de Jesus quando a descoberta de Pedro surgiu em seus lábios: "O Cristo de Deus"! Quando Jesus ouviu isto soube que não tinha fracassado.

Mas os Doze não só tinham descoberto o fato, mas também conheciam seu significado. Criaram-se em um meio onde foram ensinados a esperar de Deus um Rei conquistador que os guiasse a dominar o mundo. Os olhos de Pedro deviam ter brilhado com uma grande emoção quando disse isto. Mas Jesus tinha que ensiná-los que o Ungido de Deus tinha vindo para morrer em uma cruz. Tinha que tomar suas idéias a respeito de Deus e de seus propósitos e mudá-las completamente; e desde este momento se aproximou a isso. Tinham descoberto sua identidade; agora tinham que descobrir o que significava sua descoberta.

Nesta passagem há duas grandes verdades gerais:

(1) Jesus começou perguntando o que diziam os homens a respeito dEle e depois, de repente, lançou-lhes a pergunta: "E vós, quem dizeis que sou?" Nunca é suficiente saber o que os outros dizem a respeito de Jesus. O povo poderia passar num exame a respeito do que foi dito e pensado a respeito de Jesus; poderia ler todos os livros sobre cristologia que escritos em todos os idiomas da Terra, e não ser cristão. Jesus deve ser sempre nossa descoberta pessoal. Nossa religião não pode ser contada como um conto. Jesus pergunta a todos os homens, não: "Pode me dizer o que outros disseram e escreveram a respeito de mim?", e sim: "Quem *você pensa* que sou eu?" Paulo não disse: “"Eu sei o que tenho crido", e sim “Sei em Quem tenho crido” (2 Timóteo 1:12). O cristianismo não é recitar um credo; é conhecer uma pessoa.

(2) Nesta passagem ouvimos dos lábios de Jesus a frase *é necessário que*. Disse: "É necessário que vá a Jerusalém e morra." É muito interessante ver no evangelho de Lucas a quantidade de vezes que Jesus diz *é necessário que*. "...nos negócios de meu pai me é necessário

estar" (2:49); "É necessário que... anuncie o evangelho do Reino de Deus" (4:43); "é necessário que hoje e amanhã... siga meu caminho" (13:33). Várias vezes disse a seus discípulos que era necessário que morresse na cruz (9:22; 17:25; 24:7). Jesus sabia que tinha que cumprir o seu destino. A vontade de Deus era a sua. Não tinha outro objetivo senão cumprir na Terra que o que Deus o havia enviado a fazer. O cristão, como seu Senhor, é um homem que está sob ordens.

AS CONDIÇÕES DO SERVIÇO

Lucas 9:23-27

Aqui Jesus estabelece as condições do serviço daqueles que o seguem.

(1) *Negar-se a si mesmo*. O que significa isto? Um grande erudito dá o significado seguinte: Pedro uma vez negou a seu Senhor. Disse: "Não conheço esse homem." Negar-nos a nós mesmos quer dizer: "Não me conheço a mim mesmo." É ignorar a existência de si mesmo. É tratar o *eu* como se não existisse. Quase sempre tratamos a nós mesmos como se nosso eu fora com muito o mais importante do mundo. Se queremos seguir ao Jesus devemos destruir o eu e nos esquecer de que existe.

(2) *Tomar sua cruz*. O que significa isto? Jesus sabia muito bem o que significava a crucificação. Quando era menino de uns onze anos, Judas o galileo tinha encabeçado uma rebelião contra Roma. Tinha atacado ao exército real em Seforis, que estava a uns seis quilômetros de Nazaré. A vingança dos romanos foi rápida e repentina. Queimaram a cidade integralmente; seus habitantes foram vendidos como escravos; e dois mil rebeldes foram crucificados com o passar do caminho para que fossem uma terrível advertência para outros que queriam fazer o mesmo. Tomar nossa cruz significa estar preparados para enfrentar coisas como esta por nossa fidelidade a Deus; significa estar dispostos a suportar o pior que um homem nos possa fazer pela graça de ser fiéis para com Deus.

(3) *Usar sua vida, não escondê-la*. Devem-se mudar todas as pautas terrestres. As perguntas não são: "Quanto poderei obter?", e sim: "Quanto posso dar?" Não: "O que é seguro?" e sim: "O que é correto?" Não: "Quanto é o mínimo que se pode trabalhar?" e sim: "Quanto é o máximo?" O cristão deve dar-se conta de que a vida lhe é dada, não para que a guarde para si, mas sim para utilizá-la para outros; não para poupar sua chama, e sim para consumir-se por Cristo e os homens.

(4) *A fidelidade ao Jesus terá seu prêmio*, e a falta dela seu castigo. Se formos fiéis a Ele no tempo, Ele o será conosco na eternidade. Se buscarmos segui-lo neste mundo, no vindouro nos ele nos apontará como um dos seus. Mas se o desonramos com nossas vidas, embora o confessemos com nossos lábios, chegará o dia em que ele não poderá fazer outra coisa que nos negar.

(5) No último versículo desta passagem, *Jesus diz que alguns dos que estavam ali veriam o Reino de Deus antes de morrer*.

Alguns desejam sustentar que ao Jesus dizer isto estava pensando em seu retorno com glória, que declarou que isso aconteceria durante a vida de alguns dos que se encontravam ali, e que portanto se equivocou totalmente. Não é assim. O que Jesus está dizendo é o seguinte: "Antes que passe esta geração, verão sinais de que o Reino de Deus está a caminho." Sem dúvida isto era certo. Algo tinha chegado ao mundo que, como a levedura na massa, tinha começado a mudá-lo.

Seria bom que, às vezes, deixássemos nosso pessimismo e pensássemos na luz que se esteve abrindo caminho lentamente no mundo. Estejamos contentes – o Reino está a caminho – e faremos bem em agradecer a Deus pelos sinais de sua aparição.

O MONTE DA GLÓRIA

Lucas 9:20-36

Aqui nos encontramos com outro dos grandes momentos da vida de Jesus na Terra. Devemos recordar que estava para partir a Jerusalém,

fazia a cruz. Já vimos a importante passagem na qual perguntou a seus discípulos quem criam que era ele, com o propósito de descobrir se alguém tinha consciência disso. Mas havia uma coisa que Jesus nunca faria: não tomaria nenhuma resolução sem a aprovação de Deus Nesta cena o vemos procurar e receber essa aprovação. Nunca saberemos o que aconteceu no Monte da Transfiguração, mas sabemos que foi algo grandioso. Jesus tinha ido ali para procurar a aprovação de Deus para o passo decisivo que ia dar. Moisés e Elias apresentaram-se a Ele. O primeiro era o grande legislador do povo do Israel; o segundo o maior de seus profetas. Foi como se os príncipes da vida, o pensamento e a religião de Israel motivassem a Jesus a continuar. Agora podia partir para Jerusalém, seguro de que ao menos um pequeno grupo de homens sabia quem era, que o que estava fazendo era a consumação de toda a vida, pensamentos e trabalho de sua nação, e que Deus estava de acordo com sua decisão.

Há aqui uma expressão muito vívida. Diz dos três apóstolos: "... mas permanecendo acordados, viram a glória do Jesus. . . "

(1) Na vida perdemos muito porque nossas mentes estão dormidas. Há certas coisas que tendem a manter dormitadas nossas mentes.

(a) Os *preconceitos*. Pode ser que estejamos tão obstinados em nossas idéias que nossas mentes estejam fechadas. Se uma nova idéia bater à nossa porta, somos como dorminhocos que não despertamos.

(b) A *letargia mental*. Há muitos que rechaçam a enérgica tarefa de pensar. Disse Platão: "Não vale a pena viver uma vida que não se examinou." Mas, quantos de nós pensamos realmente nas coisas em sua totalidade? Foi dito de alguém que havia tangenciado os clamorosos desertos da infidelidade, ao qual alguém replicou mais sábio que teria sido melhor se ele tivesse aberto passado por eles lutando. Às vezes estamos tão entorpecidos que nem sequer enfrentamos nossos problemas e nossas dúvidas.

(c) O *amor à tranqüilidade*. Há uma espécie de mecanismo de defesa que nos faz fechar a porta automaticamente em face de qualquer

pensamento que nos incomode. É possível drogar-se mentalmente até que a mente adormece.

(2) Mas a vida está cheia de coisas destinadas a despertar.

(a) A *tristeza*. Uma vez Edgar disse de uma jovem cantor, que era tecnicamente perfeita, mas cantava sem sentimento nem expressão. "Será grande quando algo despedace seu coração." Muitas vezes a dor pode despertar rudemente ao homem, mas nesse momento, através das lágrimas verá a glória.

(b) O *amor*. Em alguma parte Browning fala de duas pessoas que se apaixonaram. Ela o olhou. Ele a olhou como pode fazê-lo um apaixonado "e de repente despertou a vida". O verdadeiro amor desperta horizontes que jamais sonhamos que existiam.

(c) O *sentido de necessidade*. Por muito tempo alguém pode viver a rotina da vida adormecido e, de repente, surge um problema completamente impossível de resolver, alguma pergunta sem resposta, alguma tentação entristecedora, o requerimento de um esforço que considera além de sua capacidade. Nesse dia não fica outra coisa senão chorar, aferrando-se ao céu. E esse sentido de necessidade o desperta para Deus.

Faríamos bem em orar: "Senhor, mantém-me sempre acordado diante de ti."

A DESCIDA DO MONTE

Lucas 9:37-45

Nem bem Jesus desceu do monte, as demandas e as desilusões da vida o rodearam. Um homem se aproximou dos discípulos procurando sua ajuda, porque seu filho era epilético. Certamente, a epilepsia se atribuía à maligna atividade de um demônio. A palavra utilizada no versículo 42 é muito vívida. Enquanto se aproximava de Jesus, o demônio *o derrubou e sacudiu com violência*. São as palavras que se utilizam para um boxeador que aplica um golpe decisivo a seu oponente

ou de um lutador que nocauteou alguém. Deve ter sido um lamentável espetáculo o do jovem preso de convulsões; e os discípulos não puderam curá-lo. Mas quando Jesus chegou dominou a situação com grande calma e devolveu ao jovem curado a seu pai.

Nesta passagem há duas coisas que se destacam.

(1) O momento sobre o monte é absolutamente necessário, mas não pode ser prolongado por mais tempo. Se a subida ao monte é essencial, a descida é igualmente imperativa. Pedro, sem saber o que estava dizendo, gostaria de ficar no monte. Queria construir três tabernáculos para poder permanecer ali em toda a glória. Freqüentemente temos momentos que gostaríamos de prolongar indefinidamente.

Mas depois de ter estado no topo da montanha devemos voltar à batalha e à rotina da vida. Não fomos criados para viver alegres na montanha; esse momento nos é dado com o propósito de nos dar forças para cada dia da vida. Depois da grande luta no Monte Carmelo contra os profetas do Baal, Elias, em reação, escapou. Saiu ao deserto, e como o conta a velha história, enquanto dormia debaixo de um zimbro, um anjo lhe preparou comida duas vezes. E então nos encontramos com a seguinte declaração: “Levantou-se, pois, comeu e bebeu; e, com a força daquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites” (1 Reis 19:1-8).

Devemos ir ao monte da presença de Deus, mas não para ficar ali, a não ser para continuar com a força que nos seja dada por muitos dias. Dizia-se do Capitão Scott, o grande explorador, que era "uma estranha mistura de sonhador e prático, e nunca mais prático que imediatamente depois de ter sonhado." Não podemos viver para sempre no momento da montanha, mas não podemos viver sem ele.

(2) Em nenhum outro incidente se mostra tão claramente a competência de Jesus. Quando desceu do monte toda a situação estava assaz fora de controle. Temos a impressão de ver gente corrente sem saber o que fazer. Os discípulos estavam muito contrariados; o pai do jovem estava amargamente desiludido e preocupado. Jesus entrou nesta cena de desordem. Dominou a situação em um instante, e com sua

mestria a desordem se converteu em calma. Muitas vezes sentimos que a vida está fora de controle; que perdemos nosso domínio sobre as coisas. Só o Mestre da vida pode dirigi-la com essa tranqüila idoneidade que consegue controlar tudo.

(3) Porém mais uma vez o incidente terminou com Jesus apontando a cruz. Aqui havia triunfo; Jesus tinha dominado os demônios e maravilhado as pessoas. E no momento em que estavam dispostos a aclamá-lo, disse-lhes que Ele estava a caminho da morte. Teria sido muito fácil para Jesus tomar o caminho do êxito pessoal; sua grandeza foi que o rechaçou e escolheu a cruz. Ele não evitaria a cruz à qual tinha chamado a outros.

A VERDADEIRA GRANDEZA

Lucas 9:46-48

Enquanto os Doze pensavam que o Reino de Jesus era terrestre, era inevitável que houvesse competição para ocupar os postos mais altos nele. Faz muito tempo, o venerável Beda sugeriu que esta disputa surgiu porque Jesus tinha levado Pedro, Santiago e João ao monte com Ele, e os outros estavam com ciúmes.

Jesus sabia o que acontecia em seus corações. Tomou um menino e o localizou ao lado dele; esse posto séria o de mais alta honra. Continuou dizendo que quem quer que recebesse a um menino pequeno, receberia a Ele; e que quem o recebesse, receberia a Deus. O que queria dizer? O menino não era muito importante. Os Doze eram os auxiliares escolhidos por Jesus; mas o menino não ocupava nenhum posto de honra nem tinha nenhum posto oficial. De modo que Jesus disse: "Se estiverem preparados para utilizar suas vidas servindo, ajudando e amando as pessoas que aos olhos do mundo não têm importância, estarão servindo a mim e servindo a Deus." Jesus disse: "Se estiverem preparados para utilizar suas vidas fazendo coisas aparentemente sem importância, sem

tentar ser o que o mundo chama grandes, então serão importantes aos olhos de Deus." Há muitos motivos equivocados para o serviço.

(1) Existe o desejo de *obter prestígio*. A. J. Cronin nos conta a respeito de uma enfermeira que conheceu quando atuava como médico. Por vinte anos tinha servido sozinha em um distrito de dezessete quilômetros. "Maravilho-me com sua paciência, fortaleza e simpatia. De noite nunca estava cansada para levantar-se para um chamado de urgência. Seu salário era muito inadequado, e uma noite, tarde, depois de um dia especialmente cansativo, animei-me a lhe dizer em tom de protesto: "Enfermeira, por que não faz com que lhe paguem mais? Deus sabe que você o merece." Ela respondeu: "Tudo o que me interessa é que Deus saiba." Não estava trabalhando para os homens, e sim para Deus. E quando trabalhamos para Deus o prestígio será a última coisa que entrará em nossa mente porque saberemos que o melhor que pudermos fazer não é suficiente para Ele.

(2) Existe o desejo de *ocupar uma posição*. Se alguém recebe uma tarefa ou um posto na Igreja, deveria considerá-lo não como uma honra, mas sim como uma responsabilidade. Há os que servem na Igreja pensando em si mesmos e não naqueles a quem servem. Um primeiro-ministro britânico recebeu felicitações por ter obtido o posto: "Não quero suas felicitações", disse, "quero suas orações." Ser eleito para um posto é ser afastado para o serviço, não elevado a um posto de honra diante dos olhos dos homens.

(3) Existe o desejo de *obter distinção*. Muitas pessoas estão dispostas a servir ou dar, sempre e quando seu serviço e generosidade sejam agradecidos e elogiados. Uma das instruções de Jesus foi que não deixássemos que nossa mão esquerda soubesse o que está fazendo a direita. Se dermos só para, com isso, ganhar algo para nós mesmos, destruímos todo o bem que poderíamos ter feito.

DUAS LIÇÕES SOBRE TOLERÂNCIA

Lucas 9:49-56

Havia muitos exorcistas na Palestina que pretendiam poder expulsar demônios; e sem dúvida João viu neste homem um competidor e quis eliminá-lo. O caminho direto entre a Galiléia e Jerusalém atravessava Samaria; mas a maioria dos judeus o evitavam. Havia uma disputa de séculos entre os judeus e os samaritanos (João 4:9). Os samaritanos em realidade faziam tudo o que podiam para estorvar e até ferir os grupos de peregrinos que tratavam de atravessar seu território. Era estranho que Jesus tomasse esse caminho para Jerusalém; e era mais estranho ainda que tratasse de encontrar hospitalidade em uma aldeia samaritana.

Ao fazer isto, Jesus estava estendendo uma mão amiga a esse povo que era inimigo. Neste caso não só lhe negaram albergue, mas também rechaçaram o oferecimento de amizade. Sem dúvida Tiago e João criam estar fazendo algo digno de elogio quando se ofereceram para pedir a ajuda divina para destruir a aldeia.

Em nenhuma outra passagem Jesus ensina tão diretamente o dever da tolerância como nesta. A tolerância, em muitas maneiras, é uma virtude perdida, e se existir, surge de uma causa equivocada.

De todos os grandes líderes religiosos nenhum foi um modelo tão perfeito de tolerância como João Wesley. "Não tenho mais direito a objetar a um homem porque tenha uma opinião distinta à minha de que tenho para discutir com ele porque usa peruca e eu meu próprio cabelo; mas se a tira e sacode o pó sobre minha cara, considerarei meu dever me afastar dele logo que me seja possível." "O que resolvi evitar por todos os meios possíveis foi a estreiteza de espírito, o zelo partidário, o estar constrangidos a nossas próprias vísceras – esse fanatismo miserável que faz que alguns não estejam dispostos a pensar que há alguma obra de Deus, a não ser entre eles." "Pensamos e deixamos pensar." Quando seu sobrinho, Samuel, filho de Carlos, ingressou na igreja católica, escreveu-lhe: "Não me interessa que esteja nesta igreja ou naquela. Pode te salvar

ou te condenar em ambas; mas tenho medo de que não nasça de novo." O convite metodista ao sacramento é simplesmente: "Venham todos os que amam o Senhor." A convicção de que somente nossas crenças e métodos são corretos foi causa de mais tragédia e angústia na igreja que qualquer outra coisa.

Oliver Cromwell escreveu uma vez aos escoceses intransigentes: "Vos rogo, pelas vísceras de Cristo, que pensem que é possível que estejam equivocados." T. R. Glover cita em algum lugar o seguinte dito: "Lembre ao tentar fazer algo, que alguém não pensa igual a você."

Há muitos caminhos para chegar a Deus. Ele tem sua própria escada secreta a cada coração. Deus se manifesta em muitas formas; e nenhum homem nem nenhuma igreja têm o monopólio de sua verdade.

Mas – e isto é de grande importância – nossa tolerância deve estar apoiada no amor e não na indiferença. Não somos tolerantes porque nada nos importa; mas sim porque olhamos à outra pessoa, não com olhos críticos, a não ser com os olhos do amor. Quando se criticou a Abraão Lincoln por ser muito cortês com seus inimigos, e lhe foi dito que seu dever era destruí-los, deu esta grande resposta: "Não os destruo al torná-los meus amigos?" Embora um homem esteja totalmente equivocado não devemos olhá-lo como um inimigo que deve ser destruído, mas sim como um amigo perdido que deve ser recuperado pelo amor.

A HONESTIDADE DE JESUS

Lucas 9:57-62

Aqui nos encontramos com as palavras de Jesus a três possíveis seguidores.

(1) Jesus recomendou ao primeiro homem: "Calcula o que custa antes de me seguir." Ninguém pode dizer que foi induzido a seguir a Jesus sob falsas recomendações. Jesus fez aos homens o favor de pôr suas exigências o mais alto possível. Bem pode ser que tenhamos ferido seriamente a Igreja dizendo às pessoas que em realidade ser membro

dela não é nada diferente; seria melhor que lhes disséssemos que realmente é o mais diferente. Poderíamos ter menos gente; mas os que conseguíssemos estariam totalmente consagrados a Cristo.

(2) As palavras de Jesus ao segundo homem parecem duras, mas não o são necessariamente. Provavelmente seu pai não estava morto, nem sequer perto de seu fim. Suas palavras parecem significar: "Eu te seguirei depois que meu pai morrer."

Um oficial inglês no oriente nos relata a história de um jovem árabe tão brilhante que lhe ofereceu uma beca para Oxford ou Cambridge. Sua resposta foi: "Eu aceitarei depois de enterrar meu pai." Nesse momento seu pai não tinha mais de quarenta anos.

O que Jesus estava enfatizando é que em tudo há um momento crucial; se o perdermos, o mais certo é que não volte a apresentar-se. O homem do relato sentia o desejo de sair da morte espiritual que o rodeava. Se perdesse o momento, nunca mais poderia sair. Os psicólogos nos dizem que cada vez que temos um bom sentimento, se não o cumprirmos imediatamente, faltar-nos-á vontade para fazê-lo em outra ocasião. A emoção se converte em um substituto da ação.

Tomemos um exemplo: algumas vezes sentimos desejo de escrever uma carta, possivelmente de simpatia, de agradecimento, de felicitações. Se não o fizermos no momento, se o deixarmos para amanhã, será que a escreveremos? Jesus insiste conosco que ajamos imediatamente, quando nossos corações estão comovidos.

(3) As palavras de Jesus ao terceiro homem afirmam uma verdade que ninguém pode negar. Nenhum lavrador arou um sulco direito olhando para trás por cima do ombro. Alguns têm seus corações no passado. Caminham sempre olhando para trás e desejando os velhos tempos.

Watkinson, o grande pregador, conta-nos como uma vez à beira do mar, quando estava com seu pequeno neto, encontraram-se com um velho pastor. O ancião estava de muito mau humor, e para cúmulo de males estava um pouco insolado. O menino estava ouvindo, mas não

tinha compreendido bem; e quando deixaram o ancião com suas queixas, disse a Watkinson: "Avô, espero que você nunca sofra de entardecer!" O cristão marcha não para o entardecer e sim para o amanhecer. A contra-senha do Reino não é: "para trás" e sim: "para frente!". A este homem Jesus não disse nem "Segue-Me!", nem "Volte!". Disse-lhe: "Não aceito o serviço de mornos", e deixou para que tomasse sua própria decisão.

Lucas 10

Segadores para a colheita - Luc. 10:1-16
A verdadeira glória de um homem - Luc. 10:17-20
Um direito insuperável - Luc. 10:21-24
Quem é o meu próximo? - Luc. 10:25-37
Choque de temperamentos - Luc. 10:38-42

SEGADORES PARA A COLHEITA

Lucas 10:1-16

Esta passagem descreve uma missão maior que a primeira dos Doze. O número setenta era simbólico para os judeus.

(a) Era o número de anciãos escolhidos para ajudar a Moisés na tarefa de guiar e dirigir o seu povo no deserto (Núm. 11:16, 17, 24, 25).

(b) Era o número de membros do Sinédrio; o conselho supremo dos judeus. Se relacionarmos os Setenta com qualquer destes corpos, eles serão os auxiliares de Jesus.

(c) Sustentava-se que era o número de países no mundo. Lucas era um homem com uma perspectiva universal, e bem poderia ser que estivesse pensando no dia em que todas as nações do mundo conhecessem e amassem a seu Senhor.

Encontramos um detalhe incidental muito interessante. Uma das cidades que se amaldiçoa é Corazim. Isto implica que Jesus fez ali muitas e grandes obras. Entretanto, nos evangelhos nem sequer são mencionadas e não conhecemos nada que Jesus fez ou disse ali. Nada

pode nos mostrar mais vividamente quantas coisas ignoramos a respeito da vida de Jesus. Os evangelhos não são biografias; são só esboços da vida de Jesus (João 21:25).

Esta passagem nos relata certas coisas de grande importância tanto para o pregador como para o ouvinte.

(1) O pregador não deve estar recarregado de coisas materiais; deve viajar sem peso. É fácil ver-se envolto e enredado nas coisas desta vida. Uma vez o Dr. Johnson, depois dê ter visitado um castelo e conhecido seu sistema, disse: "Estas são as coisas que fazem difícil morrer." A terra nunca deve obscurecer o céu.

(2) O pregador deve concentrar-se em sua tarefa. Não deve saudar ninguém no caminho. Isto se remonta às instruções de Eliseu a Geazi em 2 Reis 4:29. Não é uma ordem de ser descortês; significa que o homem de Deus não deve voltar-se, nem deter-se em coisas de pouca importância quando as grandes coisas o chamam.

(3) O pregador não deve trabalhar pelo ganho que possa obter. Deve comer o que lhe é servido; não deve ir de casa em casa procurando um lugar melhor e mais cômodo.

Não passou muito tempo para a igreja ter seus parasitas. Há um livro chamado *The Teaching of the Twelve Apostles*. Foi escrito ao redor de 100 anos d. C.; e é o primeiro livro de disciplina. da igreja. Havia então profetas que foram de cidade em cidade. Estabelece-se que se um profeta quer ficar em um lugar por mais de três dias sem trabalhar é um falso profeta; e se no Espírito um profeta pede dinheiro ou comida também é falso. Aquele que trabalha merece seu salário, mas um servo do Mestre crucificado não pode procurar o luxo.

(4) Sobre o ouvinte, esta passagem nos diz que o ter ouvido a palavra de Deus é uma grande responsabilidade. O homem será julgado de acordo com o que teve oportunidade de conhecer. Permitimos coisas em um menino que condenaríamos em um adulto; perdoamos coisas em

um selvagem que castigaríamos em um homem civilizado. A responsabilidade é a outra cara do privilégio.

(5) É algo terrível rechaçar o convite de Deus. Em certo sentido toda promessa de Deus que o homem já ouviu pode converter-se em sua condenação. Se receber essas promessas, serão sua glória maior, mas cada uma que ele tenha visto e rechaçado será um dia uma testemunha contra ele.

A VERDADEIRA GLÓRIA DE UM HOMEM

Lucas 10:17-20

Quando retornaram os setenta estavam radiantes com os triunfos que tinham obtido em nome de Jesus. Ele lhes disse: “Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago”. É uma frase difícil de entender. Pode ter dois significados.

(1) Pode significar: "Vi as forças da escuridão e do mal derrotadas; a cidadela de Satanás é atacada e o Reino de Deus está a caminho." Pode significar que Jesus sabia que foi dado o golpe mortal a Satanás e todo seu poder, embora a conquista final se atrasasse; o dia D, como disse um grande erudito, foi obtido e cedo ou tarde chegará o dia D.

(2) Mas igualmente pode ser uma advertência contra o orgulho. A lenda diz que Satanás se rebelou contra Deus por orgulho e foi expulso do céu onde tinha sido uma vez chefe dos anjos. Pode ser que Jesus estivesse dizendo aos Setenta: "Vocês obtiveram triunfos; mas guardem-se do orgulho; porque uma vez o chefe dos anjos se sentiu orgulhoso e foi expulso do céu." Certamente Jesus começou a advertir a seus discípulos contra o orgulho e a excessiva confiança. Era certo que lhes deu todo o poder, mas sua glória maior devia ser que seus nomeie estivessem escritos no céu.

Sempre será certo que a maior glória de um homem não é o que ele tem feito, e sim o que Deus tem feito por ele. Bem se pode dizer que a

descoberta do uso do clorofórmio salvou ao mundo "de mais dor que qualquer outra descoberta médico.

Uma vez alguém perguntou a Sir James Simpson, seu descobridor: "Para você qual é sua maior descoberta?" Naturalmente, a resposta esperada era: "A descoberta do clorofórmio." Mas Simpson respondeu: "Minha mais grandiosa descoberta foi quando me dei conta de que Jesus Cristo era meu Salvador."

O orgulho nos afasta do céu; a humildade é o passaporte à presença de Deus.

UM DIREITO INSUPERÁVEL

Lucas 10:21-24

Há três grandes pensamentos nesta passagem.

(1) O versículo 21 nos fala a respeito da sabedoria da simplicidade. A mente singela pode receber verdades que a mente culta não pode.

Uma vez Arnold Bennet disse: "A única forma de escrever um grande livro é fazê-lo com os olhos de um menino que vê tudo pela primeira vez." É possível ser muito inteligente, tão inteligente e culto que no final não possamos ver o bosque pelas árvores.

Alguém disse que a melhor prova de um verdadeiro erudito é quanto é capaz de esquecer. Acima de tudo, devemos recordar isto sempre que ser cristão não significa conhecer todas as teorias sobre o Novo Testamento; menos ainda conhecer todas as teologias e cristologias; porque ser cristão não significa *saber a respeito de Cristo*: significa *conhecer a Cristo*, e para isto não é preciso sabedoria terrestre, e sim a graça celestial.

(2) O versículo 22 nos fala da relação sem igual entre Jesus e Deus. Isto é o que o quarto evangelho quer dizer quando expressa: "E Verbo se fez carne" (João 1:14), ou quando leva Jesus a dizer: "Eu e o pai somos um" ou, "Quem me vê , vê ao Pai" (João 10:30; 14:9).

Para os gregos Deus era incognoscível. Havia uma grande brecha entre a matéria e o espírito, o homem e Deus. Diziam: "É muito difícil conhecer a Deus, e quando o conhecemos é impossível falar com outro a respeito dele." Mas quando Jesus veio, disse: "Se querem saber como é Deus, olhem para mim." Jesus não contou tanto aos homens a respeito de Deus; mostrou a Deus; porque nele estava a mente e o coração de Deus para os homens.

(3) Os versículos 23 e 24 nos dizem que Jesus é a consumação de toda a história. Nestes versículos Jesus disse: "Eu sou Aquele que todos os profetas, santos e reis esperaram e desejaram." Isto é o que Mateus quer dizer quando com freqüência diz em seu evangelho: "para que se cumprisse o que disse o Senhor por meio do profeta..." (Mat. 2:15, 17, 23).

Jesus era o topo para a qual tinha estado ascendendo a história, a meta para a qual tinha partido, o sonho que tinha acossado os homens de Deus. Se queremos expressar isto em termos do pensamento moderno poderíamos nos arriscar a fazê-lo da seguinte maneira: Acreditam na evolução, a lenta ascensão do homem do nível das bestas. Jesus é o fim e a culminação do processo de evolução, porque nele o homem encontrou a Deus, e ele é ao mesmo tempo a perfeição da humanidade e a plenitude da divindade.

QUEM É O MEU PRÓXIMO?

Lucas 10:25-37

Em primeiro lugar, consideremos a cena deste relato. O caminho de Jerusalém a Jericó era um caminho reconhecidamente perigoso. Jerusalém está a 750 metros sobre o nível do mar; o Mar Morto perto de onde estava Jericó, a 400 metros abaixo do nível do mar. Portanto em um pouco mais de trinta quilômetros, este caminho baixava mil e duzentos metros. Era um caminho que corria entre desfiladeiros rochosos com curvas imprevistas que o faziam um lugar ideal para os bandoleiros.

No século V, Jerônimo nos conta que ainda se chamava "o caminho Vermelho ou Sangrento". No século XIX ainda era necessário pagar por um salvo-conduto aos sheiks do lugar antes de viajar por ele. Ainda em 1930, H. V. Morton nos conta que foi advertido que se queria ir por esse caminho, chegasse ao destino antes do escurecer, porque um tal Abu Jildah estava acostumado a assaltar os carros e roubar os viajantes e turistas, escapando para as colinas antes de que chegasse a polícia.

Quando Jesus contou esta história, referiu-se a um fato que ocorria constantemente nesse caminho de Jerusalém ao Jericó.

Em segundo lugar, consideremos os personagens.

(a) O *viajante*. Tratava-se obviamente de uma pessoa descuidada e temerária. As pessoas raramente tentavam cruzar sozinhas o caminho de Jerusalém a Jericó, levando mercadorias ou objetos valiosos. Quase sempre se viajava de caravanas, procurando segurança. Este homem não podia culpar a ninguém mais que a si mesmo da situação que teve que enfrentar.

(b) O *sacerdote*. Este se apressou a passar ao lado do homem. Sem dúvida estava lembrando que tocar um morto era impuro por sete dias (Números 19:11). Não tinha certeza, mas temia que o homem estivesse morto; e se o tocava perderia seu turno de serviço no Templo; e se negou a arriscar-se. Era um homem que sustentava os valores cerimoniais acima da caridade. Para ele o templo e sua liturgia significavam mais que a dor do homem.

(c) O *levita*. Este parece ter-se aproximado do homem antes de seguir seu caminho. Os bandidos estavam acostumados a usar armadilhas. Um deles se fingia de ferido, e quando algum viajante de boa fé se detinha seu lado, os outros o atacavam, dominando-o. O levita era um homem cuja máxima era "Primeiro a segurança." Não se arriscava a ajudar a ninguém.

(d) O *samaritano*. Os ouvintes certamente esperariam que com ele aparecesse o vilão. Pode ser que não tenha sido um samaritano *de raça*.

Os judeus não se comunicavam com eles, mas este homem parece ter sido uma espécie de viajante comercial que concorria regularmente à estalagem. Em João 8:48 os judeus dizem que Jesus é samaritano. Este nome se utilizava às vezes para dizer que um homem era um herege que quebrantava a lei cerimonial. Possivelmente este homem fosse um samaritano no sentido de que os ortodoxos o desprezavam.

Notamos duas coisas a respeito dele.

(1) Seu crédito era bom! Claramente o hospedeiro estava disposto a confiar nele. Pode ser que não fosse teologicamente perfeito, mas era honrado.

(2) Ele, sozinho, esteve disposto a ajudar. Pode ser que fosse um herege, mas o amor de Deus estava em seu coração. Não é algo novo encontrar os ortodoxos interessados mais nos dogmas do que na ajuda, e descobrir que o homem a quem os ortodoxos desprezam é o que ama a seu próximo. No final seremos julgados não pelo credo que sustentamos, mas sim por nossas vidas.

Em terceiro lugar, consideremos o ensino desta parábola. O escriba que fez a pergunta estava muito atento. Jesus lhe perguntou o que era que estava escrito na lei, e depois lhe disse: "Como lês?" Os judeus ortodoxos estritos levavam ao redor dos pulsos uma pequena caixa de couro chamada filactério, que continha certas passagens das Escrituras: Êxodo 13:1-10; 11-16; Deuteronômio 6:4-9; 11:13-20: "Amarás o Senhor teu Deus..." é de Deuteronômio 6:3 e 11:13. De modo que Jesus disse ao escriba: "Olhe o filactério de seu pulso e encontrará a resposta." A isso os escribas acrescentavam Levítico 18:19, que ordena o homem amar o seu próximo como a si mesmo; mas com sua paixão pelas definições os rabinos queriam estipular quem era o próximo; e com o pior e mais fechado de todos seus conceitos consideravam *próximo* a seus *concidadãos judeus*. Por exemplo, alguns diziam que era ilegal ajudar a uma mulher gentia no parto, porque isso só significava trazer

outro gentio ao mundo. Portanto a pergunta do escriba "E quem é meu próximo?" era genuína.

A resposta de Jesus envolve três coisas:

(1) Devemos ajudar a outros embora eles tenham a culpa do que lhes aconteceu, como aconteceu ao viajante imprudente.

(2) Qualquer pessoa de qualquer nação que está em necessidade é nosso próximo. Nossa ajuda deve ser tão ampla como o amor de Deus.

(3) A ajuda deve ser prática, e não deve consistir simplesmente em sentir pena da pessoa. Sem dúvida o sacerdote e o levita sentiram pena pelo ferido, mas não fizeram nada. A compaixão, para ser verdadeira, deve gerar atos.

O que Jesus disse ao escriba diz isso também a nós: “Vai e procede *tu* de igual modo”.

CHOQUE DE TEMPERAMENTOS

Lucas 10:38-42

Será difícil achar uma descrição mais vívida de caracteres feita em tão poucas palavras como a que encontramos nestes versículos.

(1) Mostram-nos *o choque de temperamentos*. Nunca deixamos muito lugar para o temperamento na religião.

Algumas pessoas são por natureza muito dinâmicas e ativas; outras são naturalmente caladas. A pessoa ativa tem dificuldade para compreender a outra que se senta, pensa e contempla. E a pessoa devota dos momentos de silêncio e meditação muitas vezes despreza a que só se entrega à atividade. Não há nada mau em nenhuma das duas atitudes. Deus não fez todos iguais. Ele necessita seus Marias e também seus Martas.

(2) Mas estes versículos nos mostram algo mais – *o tipo equivocado de amabilidade*. Pensemos para onde ia Jesus quando isto aconteceu. Ia a caminho de Jerusalém, para morrer. Todo seu ser estava envolto em uma

batalha intensa por fazer com que sua vontade fosse a vontade de Deus. Quando Jesus chegou ao lar de Betânia era um grande dia, e Maria se dispôs a celebrá-lo, como diz o refrão: “deixando a casa de pernas pro ar”. Mas Marta apurava-se, fazia coisas e cozinhava; *e isso era precisamente o que Jesus não queria*. Desejava silêncio. Com a cruz pela frente, e com sua tensão interior, tinha ido a Betânia em busca de um oásis de tranqüilidade longe das multidões insistentes, a menos de uma hora ou duas; e isso foi o que Maria lhe deu, e isso é o que Marta, com sua amabilidade, fez o melhor para destruir. "Só uma coisa é necessária" – possivelmente isto signifique: "Não quero um banquete, tudo o que quero é um prato, a comida mais simples." Em resumo, Maria o compreendeu e Marta não.

Esta é uma das grandes dificuldades da vida. Muitas vezes queremos ser amáveis com as pessoas – mas *à nossa maneira*; e se ela não é a adequada, ofendemo-nos e pensamos que não nos aprecia. Se queremos ser amáveis a primeira coisa é tentar ver no coração da pessoa a quem desejamos ajudar – e nos esquecer de todos os nossos planos e pensar só no que ela necessita. Jesus amava a Marta, e ela também o amava. Mas quando ela quis mostrar sua amabilidade, do seu jeito, em realidade não foi de ajuda porque o coração de Jesus clamava por silêncio. Jesus amava a Maria, e ela a ele, e ela compreendeu.

Lucas 11

Ensina-nos a orar - Luc. 11:1-4
Pedi, e dar-se-vos-á - Luc. 11:5-13
A calúnia maliciosa - Luc. 11:14-23
O perigo de uma alma vazia - Luc. 11:24-28
A responsabilidade do privilégio - Luc. 11:29-32
O coração em trevas - Luc. 11:33-36
A adoração dos detalhes e a negligência das coisas importantes - Luc. 11:37-44
Os pecados dos legalistas - Luc. 11:45-54

ENSINA-NOS A ORAR

Lucas 11:1-4

Era um costume comum que um rabino ensinasse a seus discípulos uma oração simples que pudessem usar habitualmente. João o tinha feito, e agora os discípulos de Jesus pediam que ele fizesse o mesmo. Esta é a versão de Lucas do Pai Nosso. É mais curta que a de Mateus, mas nos ensina tudo o que devemos saber a respeito de como e por que orar.

(1) Começa chamando a Deus *Pai*. Esta era a forma característica em que os cristãos falavam de Deus (Gálatas 4:6; Romanos 8:15; 1 Pedro 1:17). A primeira palavra já nos diz que ao orar não estamos nos dirigindo a alguém de quem se devem extrair os dons, e sim a um Pai que se deleita em satisfazer as necessidades de seus filhos.

(2) Em hebreu *o nome* significava muito mais que a palavra pela qual se chamava uma pessoa. Significa todo o caráter de uma pessoa tal como nós a conhecemos. O salmo 9 diz: "Em ti confiarão os que conhecem o *teu nome*." Isso significa muito mais que saber que o nome de Deus é Jeová. Significa que aqueles que conhecem todo o caráter, mente e coração de Deus confiarão alegremente nEle.

(3) Devemos notar em especial a ordem do Pai Nosso. Antes de pedir alguma coisa, reverenciemos a Deus e sua glória. Só quando damos a Deus o seu lugar, todas as outras coisas ocupam seu próprio lugar.

(4) A oração cobre toda a vida.

(a) Abrange a *necessidade presente*. Diz-nos que oremos por nosso pão cotidiano; mas notemos que pedimos pão para o dia. Isto nos recorda a história do maná no deserto (Êxodo 16:11-21). Só se devia colher o suficiente para as necessidades diárias. Não devemos trabalhar em excesso pelo futuro desconhecido, e sim viver um dia por vez.

(b) Abrange o *pecado passado*. Quando oramos não podemos mais que pedir perdão, porque o melhor de nós é pecador diante da pureza de Deus.

(c) Abrange as *provas futuras*. *Tentação* significa no Novo Testamento qualquer situação de prova. Inclui mais que a mera sugestão. de pecar; abrange todas as situações que são um desafio e uma prova da humanidade de um homem, de sua integridade e fidelidade. Não podemos as evitar, mas com Deus podemos as enfrentar.

Alguém disse que o Pai Nosso tem dois grandes usos em nossa oração particular. Se o utilizarmos no começo de nossas devoções acorda todo tipo de desejos santos que nos guiarão nos atalhos corretos da oração. Se o utilizarmos no final de nossas devoções, resume tudo o que teríamos que dizer na presença de Deus.

PEDI, E DAR-SE-VOS-Á

Lucas 11:5-13

Na Palestina se viajava quase sempre de noite para evitar o calor do meio-dia. Na história de Jesus um viajante tinha chegado à casa de seu amigo à meia-noite. No oriente a hospitalidade era um dever sagrado; não era suficiente dar a um homem algo que lhe satisfizesse, um hóspede devia ser recebido com grande abundância. Nas aldeias o pão era feito nas casas. Assava-se só o suficiente para as necessidades do dia, porque, se fosse guardado e ficava rançoso, ninguém o comeria. De maneira que a chegada tarde de um viajante punha o dono de casa em uma situação embaraçosa, porque sua despensa estava vazia e não podia cumprir com a obrigação sagrada da hospitalidade. Tarde como era, foi pedir um pouco emprestado. A porta de seu amigo estava fechada.

No oriente ninguém batia numa porta a não ser que se tratasse de uma necessidade urgente. Pela manhã se abria a porta e não se fechava durante todo o dia, porque havia pouca vida privada; mas se estava fechada, era um sinal bem definido de que o dono de casa não queria ser incomodado. Mas o anfitrião que procurava ajuda não se deu por vencido. Bateu várias vezes. A casa mais pobre na Palestina consistia em uma habitação com uma pequena janela. O solo era simplesmente de

terra calcada coberta com juncos secos. O ambiente estava dividido em duas partes, não por uma separação, mas sim por um desnível no piso. Dois terços da habitação estavam a nível, o outro terço sobre o mesmo. Sobre este último ardia o braseiro a noite inteira e a seu redor dormia toda a família, não em camas, e sim em esteiras. As famílias eram grandes e dormiam juntas para distribuir o calor. Era inevitável que ao levantar-se um, incomodasse a toda a família. Mais ainda, nas aldeias era costume entrar de noite o gado, as galinhas e as cabras. É surpreendente, então, que um homem deitado não queria levantar-se? Mas o anfitrião chamou sem vergonha – é o que significa a palavra grega – até que no final o dono de casa, sabendo que de todos os modos a família já estaria acordada, levantou-se e lhe deu o que necessitava.

"Esta história", disse Jesus, "fala a respeito da oração". A lição desta parábola não é que devemos persistir em oração; não devemos bater à porta de Deus até obrigá-lo pelo cansaço a nos dar o que queremos; até que forcemos um Deus sem disposição a nos responder. Uma parábola significa literalmente *algo que está ao lado*. Se pusermos algo ao lado de outra coisa para ensinar uma lição, esta deve ser obtida por semelhança ou contraste. Neste caso *ocorre o segundo*. O que Jesus disse é o seguinte: "Se um dono de casa rude e indisposto no final pode ser pressionado pela persistência sem vergonha de um amigo a lhe dar o que deseja, *quanto mais* Deus, que é um Pai amante, suprirá as necessidades de seus filhos? "Se vocês que são maus", disse Jesus, "sabem que estão obrigados a suprir as necessidades de seus filhos, *quanto mais* Deus?"

Isto não nos absolve da intensidade na oração. Depois de tudo, só podemos garantir a realidade e a sinceridade de nosso desejo pela paixão com que oramos; mas quer dizer isto, que não estamos obtendo dons de um Deus indisposto, mas sim dirigimos a Alguém que conhece nossas necessidades melhor do que nós conhecemos, e cujo coração transborda de amor generoso por nós. Se não recebermos aquilo que pedimos em oração, não é porque um Deus mal-humorado se negue a nos dar isso

mas sim porque tem algo melhor para nós. Não há tal coisa como a oração sem resposta. A resposta que nos dá pode ser que não seja a resposta desejada ou esperada. Mesmo que nossos desejos sejam negados, é a resposta do amor e da sabedoria de Deus.

A CALÚNIA MALICIOSA

Lucas 11:14-23

Quando os inimigos de Jesus não podiam se opor a Ele por meios aceitáveis recorriam à calúnia. Declaravam que seu poder sobre os demônios se devia em realidade a que Ele estava em união com o príncipe deles. Atribuíam seu poder não a Deus, e sim ao diabo. Jesus lhes deu uma resposta duplamente esmagadora.

Em primeiro lugar, deu-lhes um golpe sagaz. Nessa época havia na Palestina muitos exorcistas. Josefo, o historiador judeu, busca as raízes desse poder na época do Salomão. Parte da sabedoria de Salomão era que conhecia muito sobre ervas, e que teria inventado encantamentos que expulsavam demônios de maneira que nunca mais voltavam. Josefo afirma ter visto utilizar com êxito os métodos de Salomão em seus dias. (*Antiguidades*, 8:5:2). Portanto Jesus dá no alvo. "Se eu posso expulsar demônios", disse, "porque estou de acordo com o príncipe deles, com que poder os expulsam aqueles dentre vocês que fazem o mesmo?" "Se me condenarem, vocês se estão condenando a si mesmos."

Em segundo lugar, empregou um argumento realmente incontestável. Nenhum reino pode sobreviver com uma guerra civil. Se o príncipe dos demônios está emprestando seu poder para vencer a seus próprios emissários, está terminado. Só há uma forma na qual um homem forte pode ser vencido e é que outro mais forte o domine. "Portanto, se expulsar demônios, longe de provar que estou aliado com o príncipe deles, isso demonstra que o reino do diabo está quebrado, o homem forte do mal foi dominado, o Reino de Deus está aqui."

Desta passagem surgem certas verdades permanentes.

(1) É bastante comum que as pessoas recorram à calúnia quando a oposição honesta é impotente. Gladstone, o grande primeiro-ministro da Inglaterra, estava interessado em reformar às mulheres perdidas das ruas de Londres. Seus inimigos sugeriram que se interessava nelas por razões muito distintas e vis. Não há nada mais cruel que uma calúnia, pois faz efeito porque a mente humana é tal que sempre tende a pensar o pior, e muitas vezes o ouvido humano prefere ouvir a história pejorativa e não a elogiosa.

Não devemos pensar que estamos livres de tal pecado. Quantas vezes tendemos a pensar o pior das pessoas? Quantas vezes atribuímos motivos baixos a alguém de quem nós não gostamos? Quantas vezes repetimos a história caluniosa e maliciosa e assassinamos reputações conversando sobre uma taça de chá? Pensar nisto não é agradável, mas chama ao auto-exame.

(2) Uma vez mais devemos notar que a prova que Jesus apresentava de que o Reino tinha chegado, era, o fato de que os que sofriam eram curados e que a saúde havia substituído a enfermidade. Em palavras modernas, o propósito de Jesus não era só a salvação da *alma*; era a salvação *total*.

(3) Lucas termina esta seção com a declaração de Jesus de que aquele que não estiver com Ele estava contra Ele, e que aquele que não ajudava a reunir o rebanho, o estava dispersando. Na vida cristã não há lugar para a neutralidade. O homem que se afasta da boa causa, automaticamente ajuda a causa do mal.

O PERIGRO DE UMA ALMA VAZIA

Lucas 11:24-28

Esta é uma história triste e terrível. Havia um homem do qual tinha sido expulso um demônio. O demônio andou procurando onde descansar e não encontrou lugar. Decidiu voltar para homem. Achou a alma do homem varrida e adornada – mas vazia. De maneira que o espírito foi e

reuniu a outros sete piores e voltou e entrou; e finalmente o estado do homem ficou pior que no princípio.

(1) É uma verdade fundamental que a alma de um homem não pode ficar vazia. Não é suficiente combater os maus pensamentos, maus hábitos e velhos costumes e deixar a alma limpa, mas vazia. A alma vazia está em perigo. Adam C. Welch gostava de pregar sobre o texto: “E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito” (Efésios 5:18). Começava dizendo: "É preciso encher o homem com algo." Não é suficiente expulsar o mal; deve entrar o bem.

(2) Isto significa que não podemos erigir uma verdadeira religião sobre preceitos negativos. "Não faça."

Temos um exemplo bem claro – um dos grandes problemas do mundo moderno é o de guardar o domingo. Muitas vezes se enfoca o problema com uma intolerância do que as pessoas fazem nos domingos, e com um catálogo de coisas proibidas. Mas o homem a quem nos dirigimos tem todo o direito de perguntar: "Então, o que *posso* fazer?" E se não lhe dizemos, seu estado último é pior que no princípio, porque simplesmente o condenamos ao ócio e Satanás tem o costume de encontrar ocupação para as mãos ociosas. O perigo da religião é que seja apresentada sempre negativamente. Na verdade, é necessário limpar, mas depois de extirpar o mal deve-se substituí-lo com o bem.

(3) Encontramo-nos com a grande verdade prática de que a melhor forma de evitar o mal é fazendo o bem. O jardim mais bonito que vi estava tão cheio de flores que havia pouco lugar para que crescessem as ervas daninhas. Não é suficiente tirar as ervas daninhas de um jardim; terá que semear e plantar flores até ocupar o espaço que tivessem usurpado aquelas. Em nenhum outro lugar é isto tão certo como no mundo do pensamento. Muitas vezes nos incomodam maus pensamentos. Se não vamos além de dizermos a nós mesmos: "Não devo pensar nisto; não o farei mais", tudo o que fazemos é fixar mais e mais nossa mente nisso. A solução é pensar em outra coisa, vencer o mau

pensamento pensando em algo bom. Não nos tornamos bons pelo não fazer coisas, e sim enchendo nossa vida de coisas belas.

Os versículos 27 e 28 mostram Jesus falando severamente, mas com verdade. A mulher que falou se deixou arrastar pela emoção. Jesus a fez voltar à realidade. O momento de emoção é bom; mas a maior coisa é uma vida de obediência na rotina de todos os dias. Os bons sentimentos não podem ocupar o lugar da fidelidade na ação.

A RESPONSABILIDADE DO PRIVILÉGIO

Lucas 11:29-32

Os judeus queriam que Jesus fizesse algo sensacional para provar que era realmente o Ungido de Deus. Mais tarde, cerca do ano 45 d. C., um homem chamado Teudas se levantou proclamando-se o Messias. Persuadiu as pessoas a segui-lo ao Jordão com a promessa de que abriria o rio em dois, e poderiam passar para o outro lado. É desnecessário dizer que falhou, e que os romanos atuaram sumariamente contra a revolta; mas esse é o tipo de coisas que o povo queria que Jesus realizasse para provar sua identidade. Não podiam entender que o maior sinal era que Deus tivesse enviado ao próprio Jesus. Assim como fazia muito tempo Jonas tinha sido o sinal de Deus em Nínive, Jesus o era para eles – e não puderam reconhecê-lo.

Quando Salomão era rei, a rainha de Sabá reconheceu sua sabedoria e veio de muito longe a beneficiar-se com ela; quando Jonas pregou aos homens do Nínive reconheceram nele a voz autêntica de Deus e responderam: No dia do julgamento essa gente se levantará e condenará os judeus do tempo de Jesus, porque tiveram muito maiores oportunidades e privilégios dos que eles tinham tido jamais e se negaram a aceitá-los. A condenação dos judeus será mais completa porque seus privilégios foram tão grandes. O privilégio e a responsabilidade correm em forma paralela. Pensemos em dois de nossos grandes privilégios e em como os utilizamos.

(1) Todos podemos obter uma Bíblia, a palavra de Deus. Isto custou muito sacrifício. Houve uma época em que se pagava com a morte o ensinar a Bíblia em nosso idioma. Quando Wycliffe escreveu a um erudito inglês, cerca do ano 1350, pedindo que ensinasse às pessoas comuns os relatos do evangelho no idioma vernáculo, este lhe respondeu: "Sei bem que a lei de Cristo me obriga a fazer o que me pede, porém, estamos tão longe da lei de Cristo, que se aceder ao que me pede *posso chegar a sofrer a morte*; e você sabe bem que alguém deve cuidar sua vida o quanto lhe seja possível." Mais tarde, Fox teria que nos dizer que nesses dias os homens passavam as noites lendo e ouvindo a Palavra de Deus em seu idioma. "Alguns davam cinco marcos, outros mais, outros menos por um livro; alguns davam uma carga de feno por uns poucos capítulos de Tiago a Paulo em inglês."

Tyndale deu à Inglaterra sua primeira Bíblia impressa. Para fazê-lo, como ele mesmo disse, teve que sofrer: "pobreza, exílio, a amarga ausência dos amigos, fome, sede e frio, grandes perigos e outras inumeráveis e sérias lutas". Foi martirizado em 1536. Quando, uns anos antes, as autoridades tinham queimado o livro, disse: "Não fizeram nada que eu não esperasse; nada mais farão se me queimam também." Nenhum outro livro custou tanto como a Bíblia. Hoje em dia está em perigo de merecer a cínica definição do que é um "clássico" – um livro do qual todo mundo ouviu, mas que ninguém lê. Temos o privilégio de possuir a Bíblia, e é uma responsabilidade pela qual devemos responder.

(2) Temos a liberdade de adorar como cremos que é correto; e este, também, é um privilégio que custou a vida de muitos homens; e o trágico é que muitos utilizaram essa liberdade para não adorar absolutamente. Esse privilégio é também uma responsabilidade pela qual devemos responder. Se um homem possuir a Cristo, seu livro e sua Igreja, é herdeiro de todos os privilégios de Deus; e os desprezamos ou as rechaçamos, como os judeus na época do Jesus, estamos condenado.

O CORAÇÃO EM TREVAS

Lucas 11:33-36

Esta é uma passagem muito difícil de compreender. Provavelmente seu significado seja o seguinte: a luz do corpo depende do olho. Se o olho for são o corpo recebe toda a luz que necessita; se o olho estiver doente então a luz se obscurece. Do mesmo modo *a luz da vida depende do coração*. Se este estiver bem toda a vida se enche de luz; se funcionar mal, fica escurecido. Jesus insiste para cuidarmos que nossa lâmpada interior ilumine sempre.

O que é, pois, o que obscurece a luz interior? O que é o que pode estar mal em nossos corações?

(1) Nosso coração pode *endurecer-se*. Algumas vezes, se tivermos que fazer algo que não estamos acostumados a fazer com nossas mãos, nossa pele se irrita, e sentimos dor; mas se repetimos a ação, a pele se endurece e podemos fazer sem problemas nem dor o que uma vez nos machucou. O mesmo ocorre com nossos corações. A primeira vez que fazemos algo mau, fazemo-lo com um coração tremente e às vezes dolorido. Cada vez que o repetimos a sensação é menor, até que no final podemos fazê-lo sem escrúpulos. O pecado tem um poder terrivelmente endurecedor.

Nenhum homem deu os primeiros passos para o pecado sem sentir as advertências de seu coração; mas se peca em forma constante chega o momento em que deixa de preocupá-lo. Aquilo que uma vez fizemos com medo, vacilando e com repugnância, converte-se em hábito. Não podemos culpar a ninguém exceto a nós mesmos se chegarmos a essa situação.

(2) Nosso coração pode chegar a *embotar-se*. A experiência da vida nos demonstra que é tragicamente fácil aceitar as coisas. No começo nossos corações poderão entristecer-se com o sofrimento e a dor do mundo; mas no final a maioria das pessoas se acostumam tanto que o aceitam e não sentem nada. É muito certo que na maioria dos casos os

sentimentos são muito mais intensos na juventude que na idade adulta. Isto é certo em especial ao nos referir à cruz do Jesus Cristo.

Florence Barclay conta que quando era menina foi levada à igreja pela primeira vez. Era Sexta-feira Santa, e ouviu a longa história da crucificação belamente lida. Ouviu a Pedro mentir e a Judas trair: ouviu as perguntas provocadoras de Pilatos; ouviu a coroa de espinhos, os soldados zombando; ouviu como entregavam a Jesus para ser crucificado, e depois as palavras com seu terrível final: "e ali o crucificaram". Parecia que ninguém na Igreja se importava; mas de repente a garotinha escondeu o rosto no seio de sua mãe, e chorando terrivelmente, seu pequena voz se ouviu através de toda a igreja: "Por que lhe fizeram isso? Por que lhe fizeram isso?"

Isso é o que todos teríamos que sentir a respeito da cruz, mas ouvimos a história tantas vezes que podemos ouvi-la sem reagir. Deus nos guarde do coração que perdeu o poder de sentir a agonia da cruz sofrida por causa de nós.

(3) Nosso coração pode ser ativamente *rebelde*. É muito possível que um homem conheça o caminho correto e tome deliberadamente o caminho errado. Podemos sentir realmente sobre nosso ombro a mão de Deus e sacudir o ombro. Com os olhos bem abertos podemos tomar o caminho para longe, quando Deus nos está chamando para Ele.

Deus nos guarde do coração em trevas.

A ADORAÇÃO DOS DETALHES E A NEGLIGÊNCIA DAS COISAS IMPORTANTES

Lucas 11:37-44

Os fariseus estavam surpreendidos porque Jesus não lavava as mãos antes de comer. Não era uma questão de higiene, mas sim da lei cerimonial.

A lei dizia que antes de comer era preciso lavar as mãos de uma maneira determinada, e que também deviam ser lavadas entre um prato e

outro. Como sempre, descrevia-se cada detalhe. Havia grandes vasilhas de pedra especiais para esse fim, porque se temia que a água comum fosse impura; a quantidade de água que devia utilizar-se devia ser pelo menos um *log* (ao redor do meio litro). Primeiro, a água devia entornar-se sobre as mãos começando pela ponta dos dedos e correndo até o punho. Depois, era preciso limpar a palma de cada mão esfregando cada uma com o outro punho. Finalmente, voltava-se a jogar água sobre a mão, esta vez do punho para a ponta dos dedos. Para um fariseu era pecado omitir o menor destes detalhes.

O comentário de Jesus foi que se tivessem tanta preocupação em limpar seus corações como o faziam ao lavar as mãos, seriam melhores homens.

Havia certas obrigações que um ortodoxo meticuloso não devia omitir nunca.

(a) *Os primeiros frutos da terra*. Os primeiros frutos das seguintes sete classes: trigo, cevada, videira, figueira, granada, oliva e mel, eram oferecidos no templo.

(b) *O Terumah*. Os primeiros frutos eram para Deus, mas o *Terumah* era uma contribuição para o sustento dos sacerdotes. Era a apresentação dos primeiros frutos de tudo o que crescia. A quantidade que se devia dar-se era uma qüinquagésima parte da colheita total.

(c) *O dízimo*. Este se pagava diretamente aos levitas, os quais, por sua vez, entregavam-no aos sacerdotes pelo que recebiam deles. Era a décima parte de "tudo o que pode ser utilizado como alimento e é cultivado e cresce sobre a terra". A meticulosidade dos fariseus está demonstrada pelo fato de que a própria lei dizia que não era necessário dizimar a arruda. Não importava o interior de seu coração nem seus sentimentos, nem se negavam a justiça e se esqueciam do amor, o fato era que jamais deviam omitir o dízimo.

Os principais assentos na sinagoga estavam à frente olhando para o auditório. Na própria congregação, os melhores assentos eram os da frente, e decresciam em honra à medida que chegavam atrás. O

vantagem destes assentos era que podiam ser vistos por todos. Quanto mais exageradas eram as saudações que recebiam os fariseus na rua, mais satisfeitos se sentiam.

O versículo 44 quer dizer o seguinte: Números 19:16 estabelece que, quem tocar um sepulcro no campo será impuro por sete dias. Ser impuro significava não poder participar do culto religioso. Agora, podia ser que alguém tocasse um sepulcro sem saber que o fazia. Isso não importava, assim mesmo era impuro. Jesus disse que os fariseus eram exatamente assim. Embora os homens não soubessem, sua influência era maléfica. Sem dar-se conta, o homem que entrava em contato com eles, entrava em contato com o mal.

Embora não suspeitassem, a corrupção estava ali; todo o tempo estavam sendo infectados com idéias erradas a respeito de Deus e suas exigências. Duas coisas se destacam dos fariseus, e por estas duas coisas Jesus os condenou.

(1) Concentravam-se nas *coisas exteriores*. Tudo o que lhes interessava era que se cumprisse a parte exterior da religião. Seus corações podiam ser tão negros como o inferno; podiam não ter caridade nem justiça; consideravam-se bons perante os olhos de Deus sempre e quando realizassem os movimentos corretos no momento correto. Podemos ir regularmente à igreja; podemos estudar diligentemente a Bíblia; podemos dar generosamente à Igreja; mas se em nossos corações há pensamentos de orgulho e desprezo, se não temos caridade ao tratar com os outros homens na vida cotidiana, se formos injustos com nossos subordinados ou desonestos com nossos patrões, não somos cristãos. Ninguém é cristão por observar escrupulosamente os convencionalismos da religião, se esquece as realidades.

(2) Concentravam-se nos *detalhes*. Comparada com o amor e a amabilidade, a justiça e a generosidade, o lavar as mãos e dar seus bens com uma exatidão matemática eram meros detalhes sem importância.

Uma vez um homem foi ver o Dr. Johnson com uma história de dor. Trabalhava em uma fábrica de papel e tinha tomada um pedacinho de

papel e um pedacinho de fio, e estava convencido de que tinha cometido um pecado mortal e não podia deixar de falar a respeito dele. No fim Johnson lhe disse: "Senhor, deixe de preocupar-se com esse papel e esse fio quando estamos vivendo todos em um mundo que está estalando de pecado e dor."

Quantas vezes a igreja e suas pessoas se perdem em detalhes totalmente sem importância sobre o governo e a administração da igreja, e até discutem e brigam por eles, e se esquecem das grandes realidades da vida cristã.

OS PECADOS DOS LEGALISTAS

Lucas 11:45-54

Aqui se apresentam três acusações contra os escribas.

(1) Eram peritos na lei; faziam os homens carregarem as mil e uma cargas da lei cerimonial; mas eles não a guardavam porque eram peritos em evitá-la. Vejamos algumas dessas evasões. O limite do caminho que se podia fazer um sábado era de uns mil metros da casa. Mas se se atava uma soga no final da rua, este local se convertia em sua residência e podia caminhar mil metros a partir dali; se na sexta-feira de noite deixava em qualquer lugar o suficiente como para duas refeições, esse lugar era tecnicamente sua residência, e podia caminhar mil metros a partir dali. Uma das tarefas que se proibiam no sábado era atar nós, de marinheiros ou cameleiros, e em sogas. Mas uma mulher podia atar um nó em seu cinto. Portanto, se era preciso tirar água do poço não se podia atar uma corda ao cubo, mas sim ao cinto de uma mulher. Estava proibido levar uma carga, mas a lei escrita codificada estabelecia:

"É culpado aquele que leva algo, já seja na mão direita ou na esquerda, no regaço, ou ao ombro; mas o que leva algo sobre o dorso da mão, com o pé, ou com a boca, ou com o cotovelo, ou com a orelha, ou com o cabelo, ou com a bolsa do dinheiro ao avesso, ou entre este e a

camisa, ou em uma dobra desta, ou no sapato ou as sandálias é inocente, porque não o leva da maneira que é comum."

É incrível que os homens tenham pensado alguma vez que Deus estabelecesse leis como estas, e que desenvolver esses detalhes fosse um serviço religioso e observá-los fosse questão de vida ou morte. Mas esta era a religião dos escribas. Com razão Jesus os criticava e eles o olhavam como se fosse um herege irreligioso.

(2) A atitude dos escribas para com os profetas era paradoxal. Professavam uma grande admiração e os elogiavam de lábios para fora. Mas o únicos que admiravam eram os profetas mortos; quando se encontravam com um vivo tentavam matá-lo. Honravam os profetas mortos com tumbas e memoriais, mas desonravam os que viviam com perseguição e morte. Isaías diz: "Suas luas novas e suas festas solenes minha alma as aborrece." “Ele te declarou, ó homem, o que é bom” disse Miquéias, “e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus”. Essa era a essência da mensagem profética; e, era a antítese do que ensinavam os escribas. Com razão os escribas, com seus detalhes externos, odiavam os profetas, e Jesus andava na linha profética. O assassinato de Zacarias se descreve em 2 Crônicas 24:20-21.

(3) Os escribas afastavam as pessoas das Escrituras. Sua interpretação das mesmas era tão fantástica que era impossível que os homens comuns as entendessem. Em suas mãos as Escrituras se convertiam em um livro de adivinhações. Em seu equivocado engenho se negavam a ver seu significado simples, e não deixavam que tampouco ninguém o visse. As Escrituras se converteram em regalias dos peritos e em escuro mistério para com o homem comum.

Nada disto está muito fora de lugar hoje em dia. Ainda existem os que exigem de outros metas que eles mesmos se negam a satisfazer. Ainda existem aqueles cuja religião não é mais que legalismo. E aqueles que fazem tão difícil a palavra de Deus, que a mente inquisitiva do

homem comum se vê surpreendida e não sabe o que acreditar nem a quem escutar.

Lucas 12

O credo da intrepidez e da confiança - Luc. 12:1-12
O lugar das posses materiais na vida - Luc. 12:13-30
Ficai também vós apercebidos - Luc. 12:31-48
A chegada da espada - Luc. 12:49-53
Enquanto ainda há tempo - Luc. 12:54-59

O CREDO DA INTREPIDEZ E DA CONFIANÇA

Lucas 12:1-12

Quando lemos esta passagem nos lembramos mais uma vez a definição judaica da pregação. Como já vimos, os judeus a chamam *Charaz*, que significa *alinhar pérolas*. Esta passagem, parece uma fileira de pérolas, sem a estreita relação que exige a pregação moderna. Mas nela há certas idéias dominantes.

(1) Fala-nos do *pecado proibido* que é a hipocrisia. A palavra *hipócrita* teve como primeiro significado alguém que responde; e *hipocrisia* significou responder. Utilizava-se para a corrente ordinária de perguntas e respostas em um bate-papo ou um diálogo; depois se aplicou às perguntas e respostas em uma peça de teatro. Dali ela foi ligada a atuar. *Hipocrisia é atuar*, representar um papel. O hipócrita nunca é genuíno; está sempre em cena. A base da hipocrisia é a falta de sinceridade. Deus prefere um pecador rude e honesto a alguém que representa um ato de bondade.

(2) Fala-nos da *atitude correta para com a vida*, que é uma atitude de *intrepidez*. Há duas razões para ela.

(a) O poder do homem sobre o homem está estritamente limitado por sua vida. Um homem pode destruir a vida de outro *mas não sua alma*. Na guerra de 1914-18 *Punch* fez uma piada famosa no que

mostrava ao imperador alemão dizendo ao rei Alberto da Bélgica: "De modo que perdeste tudo." A resposta era: "Mas não minha alma." Por outro lado, o poder de Deus é tal que pode anular o eu e a alma do homem. Portanto, só é razoável temer a Deus e não aos homens. Foi dito de John Knox, quando estava sendo sepultando: "Aqui jaz alguém que temeu tanto a Deus que nunca temeu enfrentar o homem."

(b) Deus cuida de todos os detalhes. Para ele nunca estamos perdidos na multidão. Mateus diz: “Não se vendem dois pardais por um asse?” (Mateus 10:29). Aqui Lucas diz: “Não se vendem cinco pardais por dois asses?” Estando dispostos a gastar dois asses, obtinham-se não quatro e sim cinco pardais. Dava-se um a mais como se não tivesse nenhum valor. Nem sequer o pardal ao que os homens não dão nenhum valor é esquecido por Deus. Os mesmos cabelos de nossa cabeça estão numerados. Calculou-se que uma pessoa loira tem uns cento e quarenta e cinco mil cabelos; uma de cabelo escuro cento e vinte mil; e uma pessoa ruiva noventa mil. Os judeus estavam tão impressionados pelo cuidado individual de Deus que diziam que cada folha de erva tinha seu anjo guardião. Não devemos ter medo, pois cada um de nós pode dizer: "Deus cuida de *mim*."

(3) Fala-nos do *pecado imperdoável* que é o pecado contra o Espírito Santo. Tanto Mateus como Marcos dizem que Jesus falou a respeito deste pecado imediatamente depois de os escribas e fariseus terem atribuído seus curas ao príncipe dos demônios em vez de a Deus (Mateus 12:31, 32; Marcos 3:28, 29). Aqueles homens podiam ver a mesma graça e poder de Deus e chamá-la obra do diabo.

Para compreender isto devemos recordar que Jesus estava falando sobre o Espírito Santo tal como os *judeus* estudam esse conceito, e não no sentido cristão, do qual seu auditório nesse momento obviamente não sabia nada. Para um judeu o Espírito de Deus tinha duas funções. Através dele Deus comunicava sua verdade aos homens, e era pela ação do Espírito na mente e o coração do homem que este podia compreender e reconhecer a verdade de Deus.

Agora, se um homem por muito tempo deixa de utilizar qualquer faculdade, perde-a. Se nos negarmos a utilizar qualquer parte de nosso corpo por muito tempo, esta se atrofia. Darwin conta que quando era jovem amava a poesia e a música; mas se dedicou tanto à biologia que as negligenciou completamente. A conseqüência foi que mais tarde em sua vida a poesia não significava nada para ele, e a música só era um ruído, e disse que se tivesse que viver sua vida novamente buscaria ler poesias e escutar música de modo a não perder a faculdade de gozá-la.

Assim também podemos perder a faculdade de reconhecer a Deus. Negando repetidamente a palavra de Deus, tomando repetidamente nosso próprio caminho, fechando repetidamente nossos olhos e ouvidos a Ele, podemos chegar a uma situação em que não reconheçamos a Deus quando o virmos, quando para nós o mal se converta em bem e vice-versa. Isso foi o que aconteceu aos escribas e fariseus. Cegaram-se e se ensurdeceram tanto que quando Deus veio eles o chamaram demônio.

Por que é este um pecado imperdoável? Porque em tal estado o *arrependimento é impossível*. Se um homem não se der conta de que está pecando, se a bondade já não lhe chamar a atenção, já não pode arrepender-se. Deus não se encerrou. É o homem o que se encerrou a si mesmo por seus repetidos rechaços. Isto quer dizer que o homem que nunca cometeu o pecado imperdoável é precisamente o que teme havê-lo feito, porque uma vez que alguém o cometeu está tão morto para Deus que perde toda consciência de pecado.

(4) Fala-nos da *fidelidade premiada*. O prêmio não é algo material. O prêmio é que Jesus no céu dirá de nós: "Este era meu. Muito bem feito!"

(5) Fala-nos a respeito *da ajuda do Espírito Santo*. No quarto evangelho o título favorito do Espírito Santo é o de *Parácleto*. *Parakletos* significa *alguém que está ao lado para ajudar*. Pode ser aplicado a uma testemunha ou a um advogado que defende nossa causa. Não devemos temer no dia difícil, porque em tal dia nada menos que o Espírito Santo de Deus está a nosso lado para nos ajudar.

O LUGAR DAS POSSES MATERIAIS NA VIDA

Lucas 12:13-30

Era muito comum que o povo da Palestina levasse suas disputas perante rabinos respeitáveis; mas Jesus se negava a ver-se envolto em assuntos de dinheiro. Mas um destes pedidos lhe deu oportunidade para estabelecer qual devia ser a atitude de seus seguidores para com os bens materiais. Jesus tinha algo a dizer, tanto àqueles que tinham abundância de posses materiais como àqueles que não as tinham.

(1) Aos que tinham bens em abundância, Jesus contou a parábola do rico insensato.

Há duas coisas que se destacam neste homem:

(a) *Nunca olhava além de si mesmo*. Não há outra parábola que esteja tão cheia das palavras *eu, meu, mi*. Um estudante a quem se perguntou que parte da linguagem eram *meu* e *minha*, respondeu: "Pronomes agressivos." O rico insensato estava agressivamente concentrado em si mesmo. De uma jovem centrada em si mesmo se disse: "Edite vivia em um mundo muito pequeno, limitado ao norte, ao sul, ao este e ao oeste por Edite." Também encontramos esta famosa crítica de uma pessoa egotista: "Há muito ego em seu cosmos."

Quando este homem teve uma superabundância de bens, quão único não lhe passou pelas memore foi a idéia de que podia dar. Toda sua atitude é o próprio reverso do cristianismo. Em vez de negar-se a si mesmo, afirmava-se agressivamente; em lugar de achar a felicidade em dar, tentava conservá-la guardando.

A regra da vida de João Wesley era *economizar* tudo o que podia e *dar* tudo o que podia. Quando estava em Oxford tinha uma entrada de 30 libras esterlinas anuais. Vivia com vinte e oito e dava dois. Quando suas entradas aumentaram a 60, 90 e 120 libras por ano, continuava vivendo com 28 libras e dava o resto. Quando o Contador General para os utensílios de prata quis lhe cobrar um imposto, respondeu-lhe: "Tenho dois colherinhas de chá de prata em Londres e duas em Bristol. Essa é

toda a prata que tenho neste momento; e não comprarei mais, enquanto a meu redor houver tanta gente que necessita pão."

Os romanos tinham um provérbio que dizia que o dinheiro era como a água do mar, quanto mais se tomava mais sede se tinha. Enquanto a atitude do homem seja a do rico insensato, seu desejo será o de obter sempre mais, e isso é o contrário da atitude cristã.

(b) *Não olhava além deste mundo*. Todos os seus planos estavam feitos sobre a base da vida neste mundo.

Há uma história a respeito de uma conversação entre um jovem ambicioso e um homem mais velho que conhecia a vida. O jovem disse: "Aprenderei um ofício." "E depois?" "Porei um negócio." "E depois?" "Farei fortuna." "E depois?" "Suponho que ficarei velho e me aposentarei e viverei com meu dinheiro." "E depois?" "Bom, suponho que algum dia morrerei." "E *depois*?" foi a última pergunta penetrante. O homem que nunca lembra que há outro mundo está destinado a receber algum dia a mais triste de todas as surpresas.

(2) Mas Jesus tinha algo a dizer para aqueles que tinham poucas posses. Em toda esta passagem o que Jesus proíbe é estar *ansiosos* ou *atormentar-se*. Jesus jamais ordenou a ninguém que vivesse em de maneira negligente, pródiga, descuidada. O que disse ao homem é que fizesse todo o melhor que pudesse e deixasse o resto com Deus. Os lírios dos quais Jesus falou eram as anêmonas escarlates das colinas da Palestina. Depois de uma das chuvas pouco freqüentes do verão, o pé da montanha se avermelhava com elas; floresciam um dia e morriam. Como a lenha era muito escassa na Palestina, utilizavam-se as ervas daninhas e flores silvestres secas para o fogo da cozinha. Jesus disse: "Se Deus cuida das flores e das aves, quanto mais cuidará de vós?" "Procurem primeiro o Reino de Deus".

Vimos que *o Reino de Deus é um estado na Terra no qual a vontade de Deus se cumpre tão perfeitamente como no céu*. De modo que o que Jesus diz é: "Disponham toda sua vida a obedecer a vontade de Deus e se contentem com isso." "Muita gente envida todos os seus

esforços a amontoar coisas que no final não duram. Trabalhem pelas coisas que duram para sempre. Coisas que não terão que deixar quando abandonarem esta Terra, mas que poderão levar com vocês."

Na Palestina a riqueza com freqüência consistia em roupas custosas; as traças podiam tomar as roupas finas e arruiná-las. Se um homem procura os tesouros do céu seu coração estará fixo no céu; mas se busca os tesouros da Terra, seu coração estará preso a ela e algum dia, indevidamente, terá que dizer adeus a isso, porque como diz o triste provérbio espanhol: "A mortalha não tem bolsos."

FICAI TAMBÉM VÓS APERCEBIDOS

Lucas 12:31-48

Esta passagem tem dois sentidos. Refere-se por um lado à Segunda Vinda de Jesus Cristo; e em um sentido mais amplo ao momento em que o chamado de Deus entra na vida do homem, o chamado ao preparo para nos encontrar com nosso Deus. Todo o louvor é para o servo que está preparado. As túnicas longas e vaporosas do Oriente impediam de trabalhar; quando um homem se dispunha a fazê-lo juntava suas roupas debaixo de seu cinto para estar livre para sua atividade. A lâmpada oriental era como uma mecha de algodão flutuando em um pano de azeite. A mecha tinha que estar sempre recortada e a lâmpada bem cheia para que a luz não se apagasse. Ninguém pode dizer que dia ou a que hora a eternidade invadirá o tempo, e quando chegará o chamado de Deus. Então, como nós gostaríamos que Ele nos encontrasse?

(1) Nós gostaríamos que Deus nos encontrasse *com nosso trabalho terminado*. Para muitos de nós a vida está cheia de cabos soltos. Há vêm as coisas que não fizemos e as que fizemos pela metade; as que adiamos e as que nem sequer tentamos.

Jesus mesmo disse que acabara a obra que Lhe foi dada para fazer (João 17:4). Ninguém deveria deixar sem fazer uma tarefa que teria que ter terminado, ou poderia ter terminado, antes de que caia a noite.

(2) Nós gostaríamos que Deus nos encontrasse *em paz com nosso próximo*. Séria algo terrível sair deste mundo zangados com algum amigo. "Não se ponha o Sol sobre a vossa ira" (Efésios 4:26), e menos até o último Sol, e nunca sabemos qual será o último.

(3) Nós gostaríamos que Deus nos encontrasse *em paz com Ele*. Será muito diferente sentir no final que vamos perante um estranho ou um inimigo ou que dormiremos nos braços do Senhor.

Na segunda seção desta passagem Jesus descreveu a um servo sábio e a outro insensato. No oriente o mordomo tinha poderes quase ilimitados. Era um servo, mas tinha controle sobre todos os outros. Um mordomo fiel administrava a casa de seu amo, e também suas propriedades.

O mordomo insensato cometeu dois equívocos.

(1) Disse: *"Farei o que eu quiser enquanto meu senhor não voltar."* Esqueceu que quando menos o esperasse chegaria o dia de fazer contas. Temos o hábito de dividir a vida em compartimentos. Existe a parte da vida em que lembramos que Deus está presente; e existe a outra parte em que nunca pensamos nEle. Tendemos a riscar uma linha entre as atividades que são sagradas e as seculares. Mas se realmente sabemos o que significa o cristianismo saberemos que para nós em nenhum momento da vida o senhor está ausente. Trabalhamos e vivemos sempre diante dos olhos de nosso grande Senhor.

(2) Disse: *"Tenho suficiente tempo para arrumar as coisas antes de que venha o senhor."* Não há nada tão fatal como pensar que temos muito tempo. Jesus mesmo disse: "É-me necessário fazer as obras daquele que me enviou enquanto é dia" (João 9:4).

Dennis Mackail conta como, quando Sir James Barrie era velho, nunca queria ter entrevistas nem enviar convites para dias distantes. Um dos dias mais perigosos na vida do homem é quando descobre a palavra amanhã.

A passagem termina com uma advertência a respeito de que o conhecimento e o privilégio sempre trazem junto a responsabilidade. O

pecado é duplamente pecaminoso para o homem que conhece o bem; o fracasso é duplamente criticável no homem que teve a oportunidade de fazer as coisas bem.

A CHEGADA DA ESPADA

Lucas 12:49-53

Para aqueles que estavam aprendendo a olhar a Jesus como o Messias, o Ungido de Deus, estas palavras foram como um golpe agudo. Olhavam ao Messias como um conquistador e um rei; e acreditavam que a era messiânica seria uma época de ouro.

(1) No pensamento judaico o fogo é quase um símbolo de *juízo*. De modo que, então, Jesus via a chegada de seu Reino como o momento do juízo. Os judeus acreditavam firmemente que Deus julgaria as nações com uma medida e a eles com outra; em realidade, o simples fato de ser judeu seria suficiente para absolvê-los do juízo de Deus. Apesar de nosso afã de eliminar o elemento de juízo da mensagem de Jesus Cristo, este se mantém ali obstinado e inalterável.

(2) Nossas versões traduzem o versículo 50: “Tenho de ser batizado com um batismo” (Trad. Brasileira). O verbo grego *baptizein* significa *imergir*. Na voz passiva significa ser submerso. Utiliza-se muitas vezes metaforicamente. Por exemplo, quando se fala a respeito de um navio fundo sob as ondas e submerso. Pode-se utilizar para um homem imerso na bebida, portanto, bêbado perdido. Pode-se dizer que um estudante está submerso pelas, perguntas de seu examinador, como dizemos em nosso idioma moderno, *afundado*. Mas acima de tudo se utiliza para referir-se a uma pessoa inundada em uma experiência triste e terrível – alguém que pode dizer: "Todas as ondas passaram sobre mim." Esta é a maneira em que Jesus o utiliza aqui. Disse: "Tenho que passar por uma experiência terrível; e minha vida estará cheia de tensões até que isto aconteça e surja triunfante disso." A cruz estava sempre diante de seus olhos. Quão diferente da idéia judaica do Messias! Jesus veio, não com exércitos

vingadores e bandeiras desdobradas, e sim para dar sua vida em resgate de muitos.

(3) Sua vinda inevitavelmente teria que provocar divisões. E em realidade foi assim. Esta era uma das grandes razões pelas quais os romanos odiavam os cristãos porque dividiam as famílias em duas. Com freqüência o homem devia decidir se amava mais aos seus ou a Jesus. A essência do cristianismo é que a fidelidade a Cristo tem que preceder às fidelidades mais queridas da Terra. O homem deve estar disposto a contar tudo como perda pela excelência de Jesus Cristo.

ENQUANTO AINDA HÁ TEMPO

Lucas 12:54-59

Os judeus na Palestina conheciam os sinais do tempo. Quando viam que já se estavam formando nuvens no oeste, sobre o Mediterrâneo, sabiam que ia chover. Quando soprava o vento sul do deserto, sabiam que se aproximava um vento como o siroco. Mas aqueles que eram tão sábios para ler os sinais do céu não podiam, ou não queriam, ler os sinais dos tempos. Se tivessem podido fazê-lo teriam visto que o Reino de Deus se aproximava.

Jesus utilizou uma ilustração muito vívida. Disse: "Quando forem ameaçados por um julgamento, cheguem a um acordo com seu adversário antes de que o assunto chegue ao tribunal, porque se não o fizerem terão que sofrer prisão e pagar uma multa". Notemos que toda a hipótese é que o defensor tem uma causa inevitavelmente perdida. O que Jesus quis dizer é que: "Todo homem tem uma causa perdida na presença de Deus; e se for sábio fará as pazes com Deus enquanto houver tempo."

Jesus, e todos seus grandes servos, estiveram sempre obcecados pela urgência do tempo. Andrew Marvel dizia que sempre ouvia "a carruagem alada do tempo aproximando-se depressa". Há algumas coisas que um homem não pode permitir-se deixar de fazer; sobre tudo, não pode adiar o momento de fazer as pazes com Deus.

Lemos no último versículo que devemos pagar até o *último centavo*. Já nos encontramos com várias referências ao dinheiro; e seria útil ter informação a respeito das moedas judaicas da época de Jesus.

Segundo seu valor as moedas principais eram as seguintes:

O *lepton* ou asse; *lepton* significa *a mais magra*; era a menor moeda, valia 1/8 do *assarion*. Foi a oferta da viúva (Marcos 12:42). Também se menciona nesta passagem.

O *quadrante* valia dois asses, portanto 1/4 do assarion. É menciona em Mateus 5:26.

O *assarion* valia 1/16 do denário. É mencionado em Mateus 10:29 e Lucas 12:6.

O *denário* valia ao redor de 4 gramas de prata. Era o jornal de um operário (Mateus 20:2); e foi a moeda que o bom samaritano deu ao hospedeiro (Lucas 10:25).

A *dracma* era uma moeda que valia ao redor de 3,6 gramas de prata. Era a moeda que a mulher tinha perdido e procurava (Lucas 15:8).

A *didracma* ou *meio siclo* valia, como seu nome o indica o dobro da dracma. Era a soma do imposto que todos deviam pagar ao templo. Judas traiu a Jesus por trinta didracmas.

O *siclo* valia quatro dracmas e foi a moeda que se encontrou na boca do peixe (Mateus 17:27). Traduz-se também estáter.

A *mina* se menciona na parábola das dez minas (Lucas 19:11-27). Seu valor era igual ao de cem dracmas.

O *talento* não era realmente uma moeda e sim um peso determinado de prata cujo valor era de 6.000 dracmas (21,600 gramas de prata). É mencionado em Mateus 18:24 e na parábola dos talentos (Mat. 25:14-30).

Lucas 13

O sofrimento e o pecado - Luc. 13:1-3
O evangelho da segunda oportunidade e o
desafio da última oportunidade - Luc. 13:4-12
Mais misericórdia que lei - Luc. 13:13-17

O império de Cristo - Luc. 13:18-19
A levedura do reino - Luc. 13:20-21
O risco de ser deixados do lado de fora - Luc. 13:22-30
Coragem e ternura - Luc. 13:31-35

O SOFRIMENTO E O PECADO

Lucas 13:1-3

Esta passagem se refere a dois desastres dos quais não temos uma informação definida, só podemos especular. Em primeiro lugar, refere-se aos galileus que Pilatos assassinou em meio de seus sacrifícios. Como vimos, os galileus tendiam sempre a ver-se envoltos em qualquer problema político que surgisse, devido a que eram gente muito fogosa. Nesse momento Pilatos devia enfrentar uma situação séria. Decidiu corretamente que Jerusalém necessitava um sistema novo e melhor de aprovisionamento de água. Propôs-se a construí-lo e, para financiá-lo, propôs utilizar certos recursos do templo. O objetivo era louvável, e o gasto mais que justificado. Mas diante da mera idéia de utilizar dinheiro do templo para tal fim os judeus levantaram armas.

Quando as multidões se juntaram, Pilatos instruiu a seus soldados para que se misturassem entre eles. Para passar inadvertidos, vestiram capas sobre seus uniformes e levaram paus em lugar de espadas. A um sinal determinado deviam cair sobre a multidão e dispersá-la. Isto se cumpriu, mas os soldados trataram a multidão com uma violência muito maior que a esperada e considerável número de pessoas perdeu a vida. Quase certamente havia galileus entre eles. Sabemos que Pilatos e Herodes eram inimigos e que só se reconciliaram quando Pilatos mandou Jesus a Herodes para que o julgasse (Lucas 23:6-12). E bem pode ter sido que este incidente, que envolvia a morte de galileus em mãos do Pilatos, que provocou essa inimizade. Quanto aos dezoito sobre os quais caiu a torre do Siloé, sua situação ainda é obscura.

A palavra traduzida *culpados* ou *pecadores* poderia traduzir-se *devedores*. Possivelmente aqui tenhamos uma chave. Sugeriu-se que tinham trabalhado nos odiados aquedutos do Pilatos, em cujo caso, o dinheiro que tinham ganho pertencia a Deus e o deviam ter entregue voluntariamente, porque lhe tinha sido roubado; e bem poderia ser que a conversação popular dissesse que a torre tinha caído sobre eles por ter consentido em fazer esse trabalho.

Mas há mais que um problema histórico nesta passagem. Os judeus relacionavam rigidamente o pecado e o sofrimento. Fazia muito tempo Elifaz disse a Jó: "Acaso, já pereceu algum inocente?" (Jó 4:7). Esta era uma doutrina cruel e que desanimava, como Jó sabia bem. E Jesus o negava categoricamente no caso do indivíduo. Como todos sabemos bem, muitas vezes são os maiores santos os que têm que sofrer mais. Mas Jesus continuou dizendo que se seus ouvintes não se arrependessem, também eles morreriam.

O que queria dizer com isto? Uma coisa está clara: Jesus previu e profetizou a destruição de Jerusalém que ocorreu em 70 d. C. (Lucas 18:21-24). Sabia bem que se os judeus continuavam com suas intrigas, rebeliões, conspirações e ambições políticas, simplesmente iriam a caminho de um suicídio nacional; sabia que no fim Roma entraria e arrasaria o país; e isso foi precisamente o que aconteceu. De modo que o que Jesus queria dizer era que se o povo judeu continuasse procurando um reino terrestre e rechaçando o reino de Deus, só poderiam ter um fim. Expor o assunto assim pinta, à primeira vista, uma situação paradoxal. Significa que não podemos dizer que o sofrimento e o pecado individuais estão inevitavelmente relacionados, mas sim podemos dizer que o estão o pecado e o sofrimento nacional. A nação que escolhe o caminho equivocado sofrerá finalmente por isso.

Mas o indivíduo é algo muito distinto. O indivíduo não é uma unidade isolada. Está preso aos problemas da vida. Algumas vezes poderá objetar, e violentamente, contra o caminho que sua nação está escolhendo; mas quando chega, a conseqüência desses enganos, não

pode escapar. O indivíduo não é uma unidade isolada e muitas vezes se vê envolto em uma situação que ele não criou; nem sempre seu sofrimento é culpa dele; mas a nação é uma unidade e escolhe sua própria política e colherá o fruto dela. Sempre é perigoso atribuir o sofrimento humano ao pecado do homem; mas sempre é seguro dizer que a nação que se rebela contra Deus está a caminho do desastre.

O EVANGELHO DA SEGUNDA OPORTUNIDAD E O DESAFIO DA ÚLTIMA OPORTUNIDADE

Lucas 13:4-12

Esta é uma parábola que está ao mesmo tempo iluminada pela graça e cheia de advertências.

(1) A figueira ocupava uma *posição especialmente favorecida*. Não era estranho ver na Palestina figueiras, macieiras e espinheiros nas vinhas. A terra era tão pouca e pobre que se plantavam árvores em qualquer lugar que pudessem crescer; mas o certo é que a figueira teve mais que uma oportunidade, e não tinha sido digna dela. Em forma repetida, direta e por inferência, Jesus recordava aos homens que seriam julgados de acordo com as oportunidades que tivessem.

C. E. M. Joad disse uma vez, a respeito de nossa própria geração: "Temos o poder dos deuses e o utilizamos como escolares irresponsáveis." Nunca se confiou tanto numa geração, e portanto, nenhuma outra terá que responder por tanto.

(2) A parábola nos ensina claramente que *a inutilidade convida ao desastre*. Tem-se dito que todo o processo de evolução neste mundo é para produzir coisas úteis, e que aquilo que é útil crescerá em força na economia da evolução, enquanto o que é inútil será certamente eliminado. A pergunta mais penetrante que nos pode fazer é a seguinte: "Que utilidade você teve neste mundo?"

(3) Mais ainda, a parábola nos ensina que *nada que só extrai pode sobreviver*. A figueira estava tirando força e substâncias do chão; e em

pagamento não produzia nada. Este era precisamente seu pecado. Em última análise, há dois tipos de pessoas no mundo – aqueles que tomam mais do que dão, e aqueles que dão mais do que tomam. Em certo sentido todos estamos em dívida com a vida. Chegamos pondo em perigo a vida de outra pessoa; e, nunca teríamos sobrevivido se não tivesse sido pelo cuidado daqueles que nos amavam. Herdamos uma civilização cristã e uma liberdade que não criamos. Pesa sobre nós o dever de entregar as coisas em condições melhores das que as encontramos.

Abraão Lincoln disse: "Não importa quando eu morra, quero que se diga de mim que arranquei uma erva daninha e plantei uma flor em todos os lugares em que pensei que cresceria."

Uma vez um estudante estava observando bactérias no microscópio. Em realidade podia ver como uma geração destes seres viventes nascia, morria e outra geração ocupava seu lugar. Viu, como nunca antes, a sucessão das gerações. Disse então: "Depois do que vi, prometo-me não ser nunca um elo débil." Se cumprirmos com esta promessa, realizaremos a obrigação de pôr na vida ao menos tanto como o que obtivemos.

(4) Esta parábola nos fala do *evangelho da segunda oportunidade*. Uma figueira demora normalmente três anos para alcançar a maturidade. Se não dar fruto para essa época é muito provável que não o faça nunca. Mas a esta figueira recebeu uma segunda oportunidade. Jesus sempre dá ao homem uma oportunidade após a outra. Pedro, Marcos e Paulo poderiam alegremente dar testemunho disso. Deus é imensamente bondoso com o homem que cai e torna a levantar.

(5) Mas esta parábola deixa bem claro que *existe uma oportunidade final*. Se deixamos passar as oportunidades, se o chamado e o desafio de Deus nos chegam vez após vez em vão, chegará o dia, não em que Deus nos feche a porta, e sim que nós, por nossa própria decisão o façamos. Deus nos livre de tal coisa!

MAIS MISERICÓRDIA QUE LEI

Lucas 13:13-17

Esta é a última vez que nos fala de Jesus em uma sinagoga, e está bem claro que nesse então as autoridades estavam observando cada uma de suas ações, esperando saltar sobre Ele assim que tivessem sua oportunidade. Jesus curou a mulher que por dezoito anos não tinha podido endireitar seu corpo curvado; e então interveio o presidente da sinagoga. Não teve nem sequer a coragem de falar diretamente a Jesus. Dirigiu seu protesto às pessoas que esperavam, embora estava dirigida a Jesus. Havia curado em um sábado; tecnicamente curar era trabalhar; e, portanto, tinha quebrantado a Lei do sábado. Mas Jesus respondeu a seus oponentes com palavras de sua própria Lei. Os rabinos aborreciam a crueldade para com os animais, e até no sábado era perfeitamente legal soltar aos animais de seus estábulos e dar-lhes de beber. Jesus declarou: "Se um animal pode ser solto de seu estábulo e lhe dar de beber em um sábado, certamente ante os olhos de Deus estará bem livrar a esta pobre mulher de sua enfermidade."

(1) O presidente da sinagoga, e os que como ele, *amavam mais o sistema do que amavam a outros*. Importava-lhes mais que se cumprissem suas pequenas e insignificantes leis e não que uma mulher fosse curada e ajudada. Um dos grandes problemas de uma civilização desenvolvida é a relação do indivíduo com o sistema. Em épocas de guerra o indivíduo desaparece. O homem deixa de ser um homem e se converte em membro de tal ou qual grupo. Um grupo de homens são reunidos, não como indivíduos, mas sim como munições viventes que são segundo a frase terrível, "carne de canhão". O homem se converte em um número em uma estatística.

Sidney e Beatrice Webb, que foram mais tarde, Lord e Lady Passmore, foram dois grandes economistas e peritos em estatísticas; mas H. G. Wells disse a respeito do Beatrice Webb que o problema que ela tinha era que "via os homens como espécimes que caminhavam".

No cristianismo o indivíduo sempre é mais importante que o sistema. Pode-se afirmar com verdade que sem o cristianismo não existiria a democracia, porque só o cristianismo garante e defende os valores do homem comum, do indivíduo. Se desaparecessem os princípios cristãos da vida política e econômica não ficaria nada que mantivesse o freio ao sistema totalitário em que o indivíduo está perdido no sistema e só existe, não por si mesmo, e sim para o sistema.

Entretanto, esta adoração dos sistemas invade com freqüência a igreja. Há muitos membros – seria um engano chamá-los cristãos – que se interessam mais pelos métodos de governo da Igreja que pelo culto de Deus e o serviço aos homens. É tragicamente certo que nas Iglesias surgem mais problemas e disputas por detalhes legalistas de procedimentos que por qualquer outra razão. No mundo, e na igreja, estamos em constante perigo de amar mais os sistemas do que amamos a Deus, e mais do que amamos aos homens.

(2) Toda a ação de Jesus quanto a este assunto mostra claramente que *não é a vontade de Deus que o ser humano sofra mais do que seja absolutamente necessário*. A lei judaica estabelecia que era perfeitamente legal no sábado ajudar alguém que estivesse em perigo de morte. Se Jesus tivesse adiado a cura desta mulher até a manhã seguinte ninguém o teria criticado; mas Jesus insistia em que não se devia permitir que o sofrimento continuasse até a manhã seguinte se podia terminar hoje. Na vida se adiam com freqüência bons projetos até que se satisfaça tal ou qual norma, ou se desenvolva tal ou qual detalhe técnico. Como diz o provérbio latino, dá duas vezes o que dá imediatamente. Não devemos adiar até amanhã a ajuda que podemos dar hoje.

O IMPÉRIO DE CRISTO

Lucas 13:18-19

Esta é uma ilustração que Jesus utilizou mais de uma vez, com diferentes propósitos. No oriente a mostarda não é uma erva de jardim e

sim uma planta do campo. Literalmente cresce até chegar a ser uma árvore. Era comum que crescesse mais de dois metros e um viajante conta ter encontrado uma planta de mais de três metros e meio que ultrapassava a um homem a cavalo. É comum ver uma nuvem de pássaros ao redor destas árvores, devido a que gostam das pequenas sementes negras de mostarda.

Mateus (13:31, 32) também relata esta parábola com uma ênfase diferente. O objetivo da parábola de Mateus e da parábola de Lucas é bem diferente. Mateus dá ênfase à *pequenez da semente*, que Lucas não menciona; e o objetivo de Mateus é demonstrar que as coisas mais grandiosas podem começar das mais pequenas e assim ocorre com o reino dos céus. A versão de Lucas aponta aos pássaros que encontram um lugar onde abrigar-se entre os ramos. No Oriente o símbolo comum de um grande império era uma grande árvore; e as nações que encontram abrigo e amparo dentro dele são tipificadas por pássaros nos ramos (Ezequiel 31:6; 17:23).

Como o vimos mais de uma vez, Lucas é o universalista já que sonhava com um mundo de Cristo; e portanto a meta de Lucas quer dizer que o reino de Deus crescerá em um vasto império no qual se reunirão todo tipo de homens e nações, e no qual encontrarão o abrigo e a proteção de Deus. Há na concepção de Lucas muito que faríamos bem em aprender.

(1) No Império do Reino há lugar para *uma grande variedade de crenças*. Nenhum homem nem nenhuma igreja tem o monopólio da verdade. Pensar que nós temos razão e todos os outros não, só pode nos levar a problemas, amargura e luta. Assim que todas estas crenças tenham suas raízes em Cristo, são facetas da verdade de Deus,

(2) No Império do Reino há lugar para *uma grande variedade de experiências*. Fazemos um mal infinito quando tratamos de normalizar a experiência cristã, e insistimos em que todos os homens devem aproximar-se de Deus da mesma maneira. Alguém poderá ter uma experiência tremenda e poderá apontar o dia e a hora, e até o minuto em

que Deus invadiu sua vida. O coração de outro poderá abrir-se a Cristo normal e naturalmente, e sem crise, como a pétala da campainha se abre com o Sol. Ambas as experiências provêm de Deus e ambos os homens lhe pertencem.

(3) No império do Reino há lugar para *uma grande variedade de formas de culto*. Alguns se sentem perto de Deus por meio de um ritual elaborado e com uma liturgia esplêndida; outros o encontram nas coisas mais simples. Não há nada bom nem mau nisto. Parte da glória da Igreja é que dentro de sua comunidade o homem encontrará o modo de adorar que o aproxime de Deus. A propósito, não pense que sua forma é a única e não critique as formas de outros.

(4) No Império do Reino há lugar para *todo tipo de pessoas*. O mundo tem suas etiquetas, suas distinções e barreiras. Mas no Reino não há diferença entre ricos e pobres, grandes e pequenos, famosos e desconhecidos. A igreja deveria ser o único lugar no mundo onde não deveriam existir distinções.

(5) No Império de Deus há lugar para *todas as nações*. Ainda existem barreiras como a da cor da pele.

Um famoso jogador de cricket, cujo autógrafo multidões querem obter, entretanto pode não ser admitido em um hotel de Londres.

Uma escritora nos conta como nos Estados Unidos comeu com Paul Robeson e sua esposa, encantada de poder comer com o grande ator e cantor. Mais tarde passou a alojar-se com uns amigos em Chicago, e relatou, muito contente, essa experiência; mas seu relato foi recebido friamente. Perguntou por que. A resposta foi: "Eu em seu lugar não falaria tanto a respeito da refeição com Paul Robeson." "Por que?", perguntou, "sem dúvida alguma é um dos maiores artistas do mundo." "Pode que o seja; mas Paul Robeson é negro", foi a resposta.

Em Apocalipse 21:16 temos as dimensões da Santa Cidade. É um quadrado de doze mil estádios de lado. Isto equivale a dois mil cento e sessenta quilômetros, e um quadrado cujos lados têm tal dimensão tem uma superfície de quatro milhões seiscentos e sessenta e cinco mil e

seiscentos quilômetros quadrados. Há lugar para todo mundo e muito mais na Cidade de Deus!

A LEVEDURA DO REINO

Lucas 13:20-21

Esta é uma ilustração que Jesus tirou de seu próprio lar. Nesses dias o pão era assado no lar. A levedura era um pequeno pedaço de massa fermentada que se guardou da última assada e no ínterim tinha fermentado. No pensamento judaico a levedura quase sempre significa influência. Em geral, má influência, porque os judeus identificavam a fermentação com a putrefação. Jesus tinha visto como Maria tomava uma pequena parte de levedura e a punha na massa. Tinha observado como essa pequena quantidade modificava toda a massa, e disse: "Assim é como vem meu reino."

Há duas interpretações desta parábola. Da primeira surgem os seguintes pontos:

(1) O reino dos céus começa *de algo pequeno*. A levedura era muito pequena mas modificava todas as características da massa. Todos sabemos muito bem como em um tribunal, um comitê ou uma junta uma pessoa pode ser um foco de perturbação ou um centro de paz. O reino dos céus começa nas vidas consagradas de homens e mulheres, como indivíduos. Pode ser que no lugar onde trabalhamos ou vivemos sejamos os únicos cristãos que professamos nossa fé. Deus nos dá a tarefa de ser a levedura do Reino ali.

(2) O reino dos céus *trabalha sem ser visto*. Não podemos ver como trabalha a levedura, mas realiza sua ação transformadora todo o tempo. O Reino está a caminho. Qualquer que saiba um pouco de história deverá notá-lo. Sêneca, o maior pensador dos romanos, pôde escrever: "Estrangulamos um cão louco; matamos a um boi feroz; afundamos a faca no gado doente, para evitar que infecte o resto; afogamos as crianças que nascem débeis ou deformadas." No ano 60 d. C. isso era

normal. Coisas como estas não podem acontecer hoje porque lenta, mas inevitavelmente, o reino de Deus está em marcha.

(3) O reino dos céus *trabalha de dentro para fora*. Antes da levedura entrar na massa não podia obrar; tinha que entrar bem dentro. Nunca mudaremos os homens do lado de fora. Casas novas, novas condições, melhores coisas materiais só podem mudar a superfície. A tarefa do cristianismo não é fazer coisas novas, e sim ser homens novos. E uma vez que se criarem os novos homens certamente virá o novo mundo. Esta é a razão pela qual a igreja é a instituição mais importante no mundo, já que é a fábrica em que se produzem homens.

(4) O poder do *Reino provém de fora*. A massa não tem poder de mudar-se a si mesma. Tampouco o temos nós. Tentamo-lo e fracassamos. Para mudar a vida precisamos de um poder que esteja fora e além de nós. Necessitamos o Mestre da vida, e ele está nos aguardando sempre para nos dar também o segredo de uma vida vitoriosa.

A segunda interpretação desta parábola insiste em que longe de permanecer escondida a tarefa da levedura se manifesta a todos porque converte a massa em algo borbulhante e palpável. De modo que a levedura representa o poder perturbador do cristianismo. Em Tessalônica era dito dos cristãos: “Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui” (Atos 17:6). A religião nunca é uma droga; nunca faz as pessoas dormirem confortavelmente; nunca as faz aceitar placidamente os males que devem ser combatidos. O verdadeiro cristianismo é a coisa mais revolucionária do mundo, porque faz uma revolução na vida individual e em toda a sociedade.

Disse Unamuno, o grande místico espanhol: "Que Deus te negue a paz e lhe conceda da glória." O reino dos céus é a levedura que enche o homem simultaneamente com a paz de Deus e o descontentamento divino que não descansará até que os males da Terra sejam varridos pelo poder de Deus, revolucionário e transformador.

O RISCO DE SER DEIXADOS DO LADO DE FORA

Lucas 13:22-30

Quando este interlocutor fez sua pergunta, certamente o fez com a hipótese de que o reino de Deus era só para os judeus, e que os gentios seriam deixados do lado de fora. A resposta do Jesus deve ter sido um grande golpe para ele.

(1) Jesus declarou que a entrada no Reino não pode ser nunca automática, e que é o resultado e o prêmio de uma luta. "Continuem lutando para entrar", disse Jesus. A palavra traduzida *esforçai-vos* é a mesma da qual se deriva a palavra *agonia*. O esforço para entrar deve ser tão intenso que possa ser descrito como uma agonia da alma e o espírito. Corremos um perigo certo. É fácil pensar que uma vez que somos membros da Igreja chegamos ao final do caminho, que depois podemos, por assim dizer, nos sentar como aqueles que chegaram e alcançou sua meta. A vida cristã não tem tal finalidade. Alguém deve ir sempre para frente ou do contrário irá para trás. O caminho cristão é como um atalho de montanha que sobe para o pico que "nunca poderá ser alcançado neste mundo. É dito de dois galhardos alpinistas que morreram no Monte Everest: "A última vez que foram vistos estavam partindo decididamente para o topo." Na tumba de um guia alpinista que morreu na montanha ficou este epitáfio: "Morreu subindo." Para um cristão a vida é sempre um caminho para cima e para frente.

(2) A defesa daquele povo era: “Comíamos e bebíamos na tua presença, e ensinavas em nossas ruas.” Há alguns que pensam que porque são membros de uma civilização cristã está tudo bem. Eles se diferenciam dos pobres pagãos em sua ignorância e cegueira. Mas o homem que vive em uma civilização cristã não é necessariamente cristão. Pode ser que desfrute de todos seus benefícios; por certo está vivendo sobre o capital cristão que antes dele outros acumularam; mas isso não é razão para que se sinta contente e pense que tudo está bem. É um desafio que nos interpela: "O que fez você para iniciar tudo isto?" "O

que tem feito para preservá-lo e desenvolvê-lo?" Não podemos viver de bens emprestados.

(3) Haverá surpresas no reino de Deus. Aqueles que foram muito importantes neste mundo possivelmente tenham que ser muito humildes no vindouro; aqueles a quem ninguém distinguiu aqui, pode ser que sejam príncipes no mundo vindouro.

Conta-se de uma mulher que tinha estado acostumada neste mundo a todo o luxo e o respeito. Morreu, e quando chegou ao céu se enviou a um anjo para que a conduzisse a sua casa. Passaram por muitas belas mansões, e a mulher pensava à medida que as olhava que a suas seria uma delas. Quando terminaram de passar pelas principais ruas do céu, chegaram aos subúrbios e os arredores onde as casas eram bem menores; e no mesmo limite chegaram a uma casa que era apenas pouco mais que uma choça. "Essa é sua casa", disse o anjo que a conduzia. "Isso! Eu não posso viver nisso." "Sinto muito", respondeu o anjo, "mas é tudo o que pudemos construir com os materiais que você mandou."

As pautas do céu não são as mesmas da Terra. A primeira coisa na Terra será muitas vezes a última, e a último muitas vezes a primeira.

CORAGEM E TERNURA

Lucas 13:31-35

Estas é uma das passagens mais interessantes do Evangelho do Lucas devido a que apresenta a vida do Jesus como se fora entre bastidores.

1. Dá-nos, à primeira vista, a surpreendente informação de que nem todos os fariseus eram hostis a Jesus. Aqui encontramos a alguns deles advertindo-o sobre o perigo e o aconselhando que ficasse a salvo. É certo que os Evangelhos nos dão uma imagem unilateral dos fariseus. Os próprios judeus sabiam muito bem que havia fariseus bons e maus.

Dividiam-nos em sete tipos diferentes:

(1) *Os fariseus do ombro*. Estes levavam suas boas obras sobre seus ombros e as faziam para que os homens as vissem.

(2) *Quão fariseus faziam esperar um pouco*. Estes achavam sempre uma boa desculpa para adiar uma obra boa até manhã.

(3) *Os fariseus feridos ou sangrantes*. Nenhum rabino judeu podia ser visto falando com uma mulher na rua, nem sequer sua mulher nem sua mãe nem sua irmã. Mas alguns fariseus foram mais longe. Nem sequer olhavam a nenhuma mulher na rua; até fechavam os olhos para evitá-lo; portanto, golpeavam-se contra as paredes e as casas e se machucavam; e exibiam suas feridas como distintivos especiais de sua extraordinária piedade.

(4) *Os fariseus encurvados*. Estes caminhavam com as costas dobradas em uma falsa e tremente humildade.

(5) *Os fariseus numeradores*. Estes sempre enumeravam suas boas ações e levavam, por assim dizer, uma conta de lucros e perdas com Deus.

(6) *Os fariseus tímidos ou temerosos*. Estes sempre tinham medo da irritação de Deus. Sua religião, como se disse de Burns, acossava-os, não os ajudava.

(7) *Os fariseus que amavam a Deus*. Estes eram êmulos de Abraão e viviam em fé e caridade. Pode que tenha havido seis maus fariseus por um bom; mas esta passagem nos mostra que até entre os fariseus havia quem admirava e respeitavam a Jesus.

2. Esta passagem mostra a Jesus falando com um rei. Herodes Antipas, rei da Galiléia, estava disposto a prender Jesus. Para os judeus a raposa simbolizava três coisas. Primeiro, era considerada o mais perspicaz de todos os animais. Segundo, era considerada o mais destrutivo. Terceiro, era o símbolo de um homem insignificante e sem valor. Era preciso um homem valente para chamar o rei de raposa.

Conta-se que Latimer estava uma vez pregando na Abadia do Westminster quando o rei Henrique estava entre a congregação. No púlpito monologava: "Latimer! Latimer! Latimer! Tome cuidado do que

diz porque o rei da Inglaterra está aqui." E continuou dizendo: "Latimer! Latimer! Latimer! Tome cuidado do que diz, o Rei de Reis está aqui." Jesus recebia suas ordens de Deus, e não estava disposto a cortar sua tarefa nem um dia para agradar ou escapar de um rei terrestre.

3. O lamento sobre Jerusalém é uma passagem muito importante porque é outra das passagens que mostra o pouco que sabemos da vida de Jesus. É bem claro que Jesus jamais haveria dito isto a não ser que antes tivesse ido mais de uma vez a Jerusalém com seu oferecimento de amor, e nos primeiros três evangelhos não há nenhuma referência a tais visitas.

Uma vez mais se faz claro que nos evangelhos não temos mais que um pequeno esboço da vida de Jesus. Não há nada que doa mais que ir a alguém oferecendo amor, e ver essa oferta rechaçada e desprezada. A tragédia mais amarga da vida é dar o coração a alguém só para que o destroce. Isso é o que aconteceu a Jesus em Jerusalém; e até vem aos homens e eles o rechaçam. Mas o fato é que rechaçar o amor de Deus será no final expor-se à sua ira.

Lucas 14

Sob o escrutínio de homens hostis - Luc. 14:1-6
A necessidade de humildade - Luc. 14:7-11
A caridade desinteressada - Luc. 14:12-14
O banquete do rei e seus convidados - Luc. 14:15-24
Sobre calcular o custo - Luc. 14:25-33
O sal insípido - Luc. 14:34, 35

SOB O ESCRUTÍNIO DE HOMENS HOSTIS

Lucas 14:1-6

No evangelho se relatam sete incidentes nos quais Jesus curou no sábado. No evangelho de Lucas já vimos a cura da sogra de Pedro (4:38); do homem com a mão seca (6:6); e da mulher que fazia dezoito

anos andava encurvada (13:14). João acrescenta a história da cura do paralítico na fonte da Betesda (João 5:9); e a do homem que tinha nascido cego (João 9:14). Marcos acrescenta mais uma: a cura do homem possuído pelo demônio na sinagoga de Cafarnaum (Marcos 1:21). Qualquer um pensaria que tais atos teriam levado todos a amá-lo; mas a trágica realidade é que cada milagre de cura que Jesus obtinha em um sábado só fazia com que os escribas e fariseus estivessem mais seguros de que era um homem perigoso e irreligioso que quebrantava a Lei e que devia ser detido a qualquer custo. Se queremos compreender o que aconteceu a Jesus é essencial que lembremos que os judeus ortodoxos de sua época o viam como alguém que quebrantava a lei. Curava nos sábado, portanto trabalhava, e quebrantava a Lei.

Nesta ocasião um fariseu o convidou a comer num sábado. A lei tinha suas regras meticulosas e detalhadas a respeito das refeições no sábado. É obvio, não se podia cozinhar em tal dia, já que isso teria sido trabalhar. Devia-se cozinhar na sexta-feira; e se era necessário manter a comida quente, devia fazer-lhe em tal forma que não se cozinhasse mais. Portanto se estabelecia que para manter a comida quente para um sábado, não devia ser posta em "sedimento de azeite, sal, greda ou areia, já seja molhada ou seca, nem entre palha, pele de uva, felpa de lã nem hortaliças, se estavam molhadas, embora se podia se estavam secas. Entretanto podia ser posta entre roupas, frutos, plumas de pomba e estopa de linho." Escribas e fariseus consideravam como religião a observância destas regras. Com razão não podiam compreender a Jesus!

Não é impossível que nesta ocasião os fariseus pusessem o homem hidrópico na casa, para ver o que Jesus faria. Estavam-no espreitando, e a palavra traduzida *observavam*, significa "espionagem interessada e sinistra". Jesus estava sob vigilância.

Sem vacilar Jesus curou o homem. Sabia perfeitamente bem o que estavam pensando; e citou suas próprias leis e práticas. Os poços abertos eram muito comuns na Palestina e muitas vezes causavam acidentes (Êxodo 21:33). Era perfeitamente lícito resgatar um animal que caísse

em um deles. Jesus, com consumada ousadia lhes pergunta assim como é correto ajudar a um animal num sábado pode ser incorreto ajudar a um homem.

Esta passagem nos diz algumas coisas a respeito de Jesus e seus inimigos.

(1) Mostra-nos a serenidade com que Jesus enfrentava a vida. Não há nada mais que angustiam que estar sob uma vigilância constante e crítica. Quando isto acontece a maioria das pessoas perdem a paciência e, mais de uma vez, exasperam-se. Tornam-se irritáveis e poderá ter pecados piores que a irritabilidade, mas nenhum causa tanto dor e angústia. Mas até diante das coisas que teriam irritado os homens, Jesus permanecia sereno. Se vivermos com Ele, Ele pode fazer com que nos pareçamos com Ele.

(2) Notemos que Jesus nunca rechaçou a hospitalidade de ninguém. Até o fim manteve sua esperança nos homens. Esperar mudá-los e até atraí-los, pode ser que fosse a empresa mais desesperada para todas, mas nunca deixava passar uma oportunidade. Nem sequer rechaçava o convite de um inimigo. Está claro como a luz do dia que nunca conseguiremos fazer amigos a nossos inimigos se nos negarmos a nos encontrar e falar com eles.

(3) O que mais nos surpreende dos escribas e fariseus é sua assombrosa falta de sentido da proporção. Eram capazes de qualquer esforço para formular e obedecer suas insignificantes regras e normas; e no entanto consideravam um pecado aliviar a dor de uma pessoa doente, num dia de sábado. Se só pudéssemos fazer uma oração, faríamos bem em pedir que nos desse um sentido da proporção. As coisas que perturbam a paz das congregações poucas vezes são grandes e freqüentemente são trivialidades. As coisas que dividem os homens e destroem amizades, são a maioria das vezes pequenezes às quais nenhuma pessoa sensata daria importância em seus melhores momentos. As pequenas coisas podem aumentar tanto de tamanho que cheguem e

cobrir o horizonte. Só se pusermos as primeiras coisas em seu lugar, tudo ocupará o lugar que lhe corresponde – e o primeiro é o amor.

A NECESSIDADE DE HUMILDADE

Lucas 14:7-11

Jesus escolheu uma ilustração conhecida para enfatizar uma verdade eterna. Se um convidado pouco distinto chegava cedo a uma festa e escolhia o melhor lugar, e logo o fazia um convidado mais importante e o homem que tinha usurpado o lugar tinha que deixá-lo, criaria-se uma situação mais embaraçosa. Se, por outro lado, alguém ocupava deliberadamente o lugar mais escondido, e depois lhe pedia que ocupasse o posto mais distinto, sua humildade faria com que a honra fosse maior.

A humildade foi sempre uma das características inevitáveis dos grandes homens. Quando Thomas Hardy era tão famoso que qualquer jornal teria pago com prazer enormes somas por seu trabalho, estava acostumado a lhes enviar algum poema; e sempre incluía um envelope selado para o caso de que seu manuscrito fosse rechaçado. Até em sua grandeza era o suficientemente humilde para pensar que seu trabalho podia lhe ser devolvido.

Há muitas histórias e lendas a respeito da humildade do professor Cairns. Nunca entrava primeiro a uma habitação ou a uma plataforma. Dizia sempre: "Você primeiro, eu o sigo." Uma vez, ao subir a uma plataforma houve um grande aplauso de boas-vindas. Ficou de pé na lateral e deixou que o que vinha atrás dele subisse primeiro, e ele começou a aplaudir também. Nunca sonhou que o aplauso fosse para ele; pensou que devia ser para outro homem. Só o homem pequeno se crê importante.

Como podemos reter nossa humildade?

(1) Podemos fazê-lo analisando os fatos. Por muito que saibamos, sabemos pouco comparado com a soma total de conhecimentos. Por

muito que obtenhamos, teremos obtido muito pouco no final. Por muito importantes que nos creiamos, quando a morte nos levar, ou quando nos retirarmos de nosso posto, a vida e o trabalho continuarão o mesmo.

(2) Podemos fazê-lo nos comparando com o perfeito. Quando vamos e vemos ou ouvimos a erudito, é quando nos damos conta do pobre que é nossa atuação. Muitos homens decidiram queimar seus tacos de golfe depois de um dia de campeonato aberto. Muitos decidiram não aparecer mais em público depois de ter ouvido a um mestre executando sua música.

Muitos pregadores se humilharam até o desespero quando ouviram falar com um verdadeiro santo de Deus. E se pusermos nossas vidas ao lado da do Senhor de todo o bom, se virmos nosso pouco valor comparado com o esplendor de sua pureza sem mancha, então desaparecerá nosso orgulho e se encolherá nossa auto-imagem.

A CARIDADE DESINTERESSADA

Lucas 14:12-14

Eis aqui uma passagem penetrante, pois nos conclama a examinar os motivos que estão por trás de nossa generosidade, de nossa caridade e de tudo o que damos.

(1) Podemos dar por um sentido de obrigação. Como o que "jogou um centavo no prato da oferenda, e elevou humildemente os olhos ao céu, contente de ter pago o aluguel semanal de uma mansão celestial." Nossa oferta pode ser dada a Deus e ao homem da mesma maneira em que pagamos nossos impostos – como a satisfação de uma obrigação desagradável e iniludível.

(2) Podemos dar puramente por motivos de interesse pessoal. Consciente ou inconscientemente podemos ver nossa oferta como um investimento. Pode ser que vejamos cada doação como um crédito a nosso favor em nossa conta corrente com Deus. Tal oferta, longe de ser generosidade, é simplesmente um egoísmo racionalizado.

(3) Podemos dar para nos sentir superiores. Isto pode ser algo muito cruel. Pode ferir o que recebe, muito mais que um brusco rechaço. Quando damos assim nos postamos em nossa pequena eminência e olhamos para baixo. Até pode ser que acompanhemos nosso donativo com um breve e presumido sermão. Seria melhor não dar nada a dar meramente para gratificar nossa própria vaidade e nosso próprio desejo de poder. Os rabinos tinham um dito que dizia que a melhor forma de dar era quando o doador não sabia a quem dava, e o que recebia não sabia de quem o recebia.

(4) Podemos dar porque não podemos evitá-lo. Essa é a única forma em que devemos fazê-lo. A lei do Reino é a seguinte: quem dá para obter um prêmio, não receberá nada; mas se der sem pensar nisso, seu prêmio é seguro. A única forma de dar verdadeiramente, é quando nossa dádiva provém do influxo incontrolável do amor.

Uma vez o Dr. Johnson descreveu cinicamente a gratidão como: "a viva sensação de favores vindouros". Esta mesma definição poderia aplicar-se a certas formas de dar. Deus deu porque amou tanto ao mundo – e o mesmo nós devemos fazer.

O BANQUETE DO REI E SEUS CONVIDADOS

Lucas 14:15-24

Os judeus tinham uma série de repetidas imagens convencionais do que aconteceria quando Deus irrompesse na história, quando chegassem os dias dourados da nova era. Uma delas era a imagem do banquete messiânico. Nesse dia Deus daria uma grande festa para seus escolhidos na qual, entre outras coisas, comeriam o Leviatã, o monstro do mar. O homem que falou com Jesus estava pensando nesse banquete. Quando falou da felicidade daqueles que seriam convidados a esse banquete, estava pensando nos judeus, e só neles, porque os judeus ortodoxos comuns não poderiam ter sonhado nunca que os gentios e pecadores

tivessem um lugar na festa de Deus. Jesus sabia disso, e é por essa razão que ensinou esta parábola.

Na Palestina quando um homem fazia uma festa, anunciava-se o dia da mesma com muita antecipação; enviavam-se os convites e eram aceitos; mas não se anunciava a hora; e quando chegava o dia e tudo estava preparado, enviavam-se os servos a chamarem os convidados. Aceitar o convite antecipadamente e logo rechaçá-lo era um insulto muito sério e grave. Na parábola, o anfitrião é Deus. Os convidados com antecedência são os judeus.

Durante toda sua história estes tinham esperado o dia em que Deus irromperia, e quando o fez, rechaçaram tragicamente seu convite. Os pobres das ruas e atalhos representam os coletores de impostos e pecadores que receberam a Jesus em uma forma muito distinta a dos ortodoxos. Aqueles que foram recolhidos dos caminhos e valados representam os gentios para os quais havia ainda muito espaço na festa de Deus. Como disse Bengel, o grande comentarista: "Tanto a natureza como a graça aborrecem o vazio" e quando os judeus rechaçaram o convite de Deus e deixaram sua mesa vazia, o convite passou aos gentios.

Há uma expressão nesta parábola que foi, desgraçadamente, mal utilizada: “Sai ... e obriga a todos a entrar.”

Faz muito tempo Santo Agostinho utilizou esse texto como uma justificação da perseguição religiosa. Usou-o como uma defesa, ou até uma ordem, para obrigar as pessoas a aceitar a fé cristã. Foi utilizado como uma defesa da Inquisição, do torniquete do potro de tortura, a ameaça de morte e prisão, as campanhas contra os hereges, e todas essas coisas que envergonham o cristianismo. A seu lado deveríamos pôr sempre outro texto: "Porque o amor de Cristo nos constrange" (2 Coríntios 5:14). No Reino de Deus há uma só compulsão – a compulsão do amor.

Mas embora nesta parábola haja uma ameaça para os judeus que tinham rechaçado o convite de Deus, e uma gloriosa perspectiva para os

pecadores e os menosprezados e os gentios nunca que tinham sonhado receber nadar, existe nela verdades que permanecem sempre, e que são tão novas como hoje. Na parábola os convidados se desculparam, e nossas desculpas hoje não se diferenciam muito.

(1) O primeiro disse que tinha comprado um campo e tinha que ir vê-lo. Permitiu que as exigências dos negócios usurpassem os direitos de Deus. Ainda é possível que alguém esteja tão submerso neste mundo que não tenha tempo para adorar, e nem sequer para orar.

(2) O segundo disse que tinha comprado cinco juntas de bois, e tinha que prová-las. Permitiu que a novidade sobrepujasse os direitos de Cristo. Muitas vezes acontece que as novas posses atam tanto as pessoas que não podem atender o chamado da adoração e de Deus. Há pessoas que compram um carro e logo dizem: "Estávamos acostumados a ir à Igreja nos domingos, mas agora que temos o carro vamos para fora todo dia inteiro." É perigosamente fácil que um jogo novo, um novo entretenimento, ou até uma nova amizade nos tirem o tempo que deveria ser consagrado a Deus.

(3) O terceiro disse, possivelmente com mais razão que os outros: "Casei-me e não posso ir." Uma das maravilhosas leis misericordiosas do Antigo Testamento estabelecia que “Homem recém-casado não sairá à guerra, nem se lhe imporá qualquer encargo; por um ano ficará livre em casa e promoverá felicidade à mulher que tomou.” (Deuteronômio 24:5). Sem dúvida este homem tinha presente esta lei. Uma das tragédias da vida é que as coisas boas, as melhores coisas, podem expulsar de nossa vida o chamado de Deus. Não há coisa mais bela que o lar, e entretanto, este não foi criado para ser utilizado egoisticamente. Vivem melhor juntos os que vivem com Deus; servem melhor entre si aqueles que também servem a seus concidadãos; a atmosfera de um lar é mais encantada quando os que vivem nele nunca esquecem que também são membros da grande família e casa de Deus.

O banquete do Reino

Antes de deixar esta passagem devemos notar que todo ela, do versículo 1 ao 25 tem que ver com festas e banquetes. É muito significativo que Jesus tenha pensado em seu Reino e em seu serviço como uma festa. O símbolo do Reino era o mais alegre que a vida humana pode dar. Certamente esta é a condenação terminante do cristão que tem medo de divertir-se. Sempre houve certo tipo de cristianismo que tirou toda a cor da vida. Juliano falava desses cristãos de cara pálida e peito erguido para quem brilhava o sol e nunca o viam. Swinburne caluniou a Jesus dizendo:

"Venceste, pálido galileo.
O mundo se tornou cinza com seu fôlego."

Ruskin, que foi criado em um lar rígido e estreito, conta que recebeu como presente um robô, e que uma tia piedosa tirou dele, dizendo que os brinquedos não eram para os meninos cristãos. Um erudito tão grandioso, sadio, e chamado A. B. Bruce dizia que era impossível conceber a Jesus quando menino brincando, nem sorrindo quando adulto. W. M. Macgregor, em suas Conferências Warrack, fala com o sarcasmo que dominava tão bem, a respeito de um dos poucos enganos de João Wesley, quem tendo fundado uma escola em Kingswood, perto de Bristol, estabeleceu que não se permitiriam jogos na escola nem em seus pátios, porque: "quem joga quando menino, jogará quando adulto". Não tinha feriados. Os meninos se levantavam às quatro da manhã e utilizavam a primeira hora do dia em oração e meditação, e as sextas-feiras jejuavam até as três da tarde. W. M. Macgregor caracteriza a todo o assunto como "um insensato desafio da natureza". Devemos sempre lembrar que Jesus pensou no Reino como se fosse uma festa. Um cristão triste é uma contradição. Locke, o grande filósofo, definiu a risada como "uma glória repentina". Nenhum prazer sadio está proibido ao cristão, porque é como alguém que está sempre em uma festa de bodas.

SOBRE CALCULAR O CUSTO

Lucas 14:25-33

Quando Jesus disse isto estava em caminho a Jerusalém. Sabia que ia em direção da cruz; mas as multidões que estavam com ele pensavam que ia a caminho de um império. Por esta razão falou assim. Na forma mais vívida possível disse que o homem que o seguisse não obteria poderes nem glória terrestres, mas sim devia estar disposto a ser fiel até o sacrifício das coisas mais apreciadas da vida, e a sofrer a agonia de um homem sobre a cruz. Não devemos tomar as palavras de Jesus literalmente, em forma fria e sem imaginação. A linguagem oriental é sempre tão vívida como pode ser a mente humana. Quando Jesus nos diz que devemos odiar a nossos seres mais queridos, não o diz em sentido literal. Quer dizer que nenhum amor da vida pode ser comparado com o que devemos a Ele.

Há nesta passagem duas verdades muito sugestivas.

(1) É possível ser um seguidor de Jesus sem ser seu discípulo; seguir o acampamento sem ser um soldado do rei; ser um curioso em um grande trabalho sem fazer nada. Uma vez uma pessoa estava falando com um grande erudito a respeito de um homem mais jovem. "Fulano me disse que foi aluno dele", disse. A resposta do professor foi esmagadora: "Pode ser que tenha assistido a minhas aulas, mas não foi um de meus alunos." Há um mundo de diferença entre um estudante e outro que só vai às aulas. Uma das grandes desvantagens da igreja é que nela há muitos seguidores de Jesus à distância e poucos verdadeiros discípulos.

(2) O primeiro dever de um cristão é calcular o custo de seguir a Cristo. A torre que o homem ia construir era provavelmente a torre de uma vinha. Estas estavam equipadas com torres nas quais ficavam guardas contra os ladrões que podiam roubar a colheita. Um edifício sem terminar sempre é humilhante. Em todas as esferas da vida o homem é chamado a calcular o custo. Na introdução da cerimônia de casamento, o

pastor estabelece o que é o casamento e logo diz: "Portanto, o matrimônio não deve ser contraído por ninguém inconsideradamente, e sim com reverência e discrição, e no amor de Deus."

Em primeiro lugar o homem e a mulher devem considerar o custo. Nenhum homem pode converter-se em estudante a não ser que tenha em conta o custo de sua aprendizagem. O mesmo acontece com o cristianismo. Mas se alguém se sente desanimado pelas altas demandas de Cristo lembre-se de que não terá que cumpri-las sozinho. Aquele que chamou o caminho difícil percorrerá com ele cada passa do mesmo e estará ali no final para recebê-lo.

O SAL INSÍPIDO

Lucas 14:34, 35

Algumas vezes Jesus fala em tom ameaçador. Quando uma pessoa está sempre refletindo, criticando e se queixando, sua irritação deixa de ter significado ou efeito. Mas quando alguém cujo acento é de amor de repente lança uma ameaça, estamos obrigados a ouvi-la. O que Jesus diz aqui é o seguinte: quando uma coisa perde sua qualidade essencial, e deixa de cumprir a tarefa essencial para a qual foi criada, torna-se inútil e não serve mais que para ser desprezada. Nesta passagem Jesus utiliza o sal como um símbolo da vida cristã.

Quais são, pois, suas qualidades essenciais? Na Palestina o sal tinha três usos característicos.

(1) Utilizava-se para *preservar*. O sal é um dos primeiros elementos utilizados para conservar. Os gregos estavam acostumados a dizer que o sal podia pôr uma alma nova nas coisas mortas. Sem sal o objeto se apodrecia e estragava; com sal conservava sua frescura. Isto deve significar que o verdadeiro cristianismo deve atuar como um preservativo contra a corrupção deste mundo.

O indivíduo cristão deve ser a consciência de seus semelhantes; e a igreja a consciência da nação. O cristão deve ser tal que em sua presença

não se utilize uma linguagem duvidosa, nem se contem histórias questionáveis, nem se sugiram ações desonrosas. Deve ser como um limpador anti-séptico no círculo em que se move. A igreja deve ser tal que fale sem medo contra todos os males, e apóie corajosamente toda boa causa. Deve ser tal que nunca fique tranqüila por medo ou por favorecer os homens.

(2) O sal se utilizava para *amadurecer*. A comida sem sal pode ser repugnantemente insípida. O cristão, pois, deve ser o homem que dê sabor à vida. O cristianismo que atua como uma sombra de tristeza e um pano úmido não é verdadeiro cristianismo. O cristão é o homem que, por sua coragem, sua esperança, sua alegria e sua bondade dá um novo sabor à vida.

(3) O sal era utilizado *como abono*. Era usado para fazer mais fácil o crescimento das plantas boas. O cristão deve ser tal que permita que seja mais fácil às pessoas serem boa e mais difícil serem más.

Todos conhecemos gente em cuja companhia há coisas que nós não faríamos nem poderíamos fazer; e igualmente conhecemos gente em cuja companhia podemos nos rebaixar a fazer coisas que nós sozinhos não faríamos. Há almas encantadoras em cuja companhia é fácil ser valentes e bons e estar alegres. O cristão deve levar com ele certo hálito do céu no qual floresçam as coisas encantadoras e se murchem as más.

Esta é a função de um cristão; se falha nela não há razão para que continue existindo; e já vimos que na economia de Deus a inutilidade convida ao desastre. Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça.

Lucas 15

A alegria do pastor - Luc. 15:1-7
A moeda que uma mulher perdeu e encontrou - Luc. 15:8-10
A história do pai amante - Luc. 15:11-32

A ALEGRIA DO PASTOR

Lucas 15:1-7

Nenhum outro capítulo do Novo Testamento é tão conhecido e tão querido como o décimo quinto de Lucas. Foi chamado "o evangelho no evangelho". Como se contivesse a própria essência destilada das boas novas que Jesus precisou anunciar.

Estas parábolas de Jesus surgiram de uma situação perfeitamente definida. Para os escribas e fariseus era uma ofensa que Jesus se associasse com homens e mulheres que, para os ortodoxos, estavam catalogados como pecadores. Os fariseus tinham uma classificação geral para as pessoas que não guardavam a Lei. Chamavam-nos gente da terra. E entre uns e outros havia uma grande barreira. Casar uma filha com um dos "da terra" era como entregá-la, atada e impotente, a um leão. As normas estabeleciam que: "Quando um homem pertence às pessoas da terra, não se lhe deve emprestar dinheiro, não se deve ouvir seu testemunho, não se deve confiar a ele um segredo, não se pode nomeá-lo guardião de um órfão, não se pode fazer custódio de recursos para a caridade, não se pode acompanhá-lo em uma viagem." Um fariseu estava proibido de ser hóspede de uma pessoa tal ou recebê-la em sua casa.

Era proibido até, na medida do possível, ter negócios com ele, ou comprar dele ou vender a ele. Era o propósito deliberado dos fariseus evitar todo contato com as *pessoas da terra*, a gente que não observava os mínimos detalhes da Lei. Obviamente, estariam escandalizados até a medula pela maneira como Jesus andava com essas pessoas que não só se encontravam fora de suas relações, mas também eram pecadores cujo contato necessariamente corrompia. Entenderemos melhor estas parábolas se recordarmos que os judeus estritos diziam, não: "Há gozo no céu quando um pecador se arrepende", e sim "Há gozo no céu quando um pecador é destruído diante de Deus." Esperavam sadicamente não a salvação, e sim a destruição dos pecadores.

Assim, pois, Jesus ensinou a parábola da ovelha perdida e da alegria do pastor. Ser pastor na Judéia era uma tarefa dura e perigosa. Os pastos eram escassos. A estreita meseta central tinha só uns poucos quilômetros de largura, e logo se precipitava nos penhascos selvagens e a terrível aridez do deserto. Não havia paredes de demarcação e as ovelhas vagabundeavam.

George Adam Smith escreveu sobre o pastor: "Quando é encontrado em alguma alta planície através do qual as hienas gritam de noite, sem dormir, olhando ao longe, castigado pelo clima, armado, recostado em seu cajado e vigiando a seu rebanho esparso, cada uma de suas ovelhas em seu coração, compreende-se por que o pastor da Judéia saltou à frente na história de seu povo; por que deram seu nome ao rei e o fizeram símbolo da providência; por que Cristo o tomou como o modelo do auto-sacrifício."

O pastor era responsável pessoalmente pelas ovelhas. Se se perdia uma, devia trazer de volta ao menos sua lã para demonstrar como tinha morrido. Estes pastores eram peritos em rastreamento, e podiam seguir os rastros da ovelha perdida por quilômetros nas colinas. Não havia nenhum pastor que não sentisse que seu trabalho de cada dia era dar sua vida por suas ovelhas. Muitos dos rebanhos pertenciam à comunidade, não a indivíduos e sim a aldeias. Dois ou três pastores estavam a cargo deles. Aqueles cujos rebanhos estavam a salvo chegavam a tempo a seu lar e se levavam a notícia de que algum deles estava ainda na montanha procurando uma ovelha que se perdeu, toda a aldeia estaria vigiando, e quando, à distância, vissem o pastor retornando ao lar com a ovelha perdida sobre seus ombros toda a comunidade elevaria um grito de alegria e de gratidão. Este é o quadro que Jesus deu de Deus; assim, disse, é Deus. Ele está tão contente quando se encontra um pecador perdido como está o pastor que volta, ao lar com sua ovelha extraviada.

Como disse um grande santo: "Deus também conhece a alegria de encontrar coisas que se perderam." Há um pensamento maravilhoso

nisto. É a verdade tremenda de que Deus é mais misericordioso que os homens.

Os ortodoxos separavam os coletores de impostos e os pecadores como se estivessem atrás da paliçada e não merecessem mais que destruição. Deus não procede assim. Os homens podem deixar de ter confiança em um pecador. Deus não. Ele ama os que nunca se desencaminham; mas sente em seu coração a alegria das alegrias quando é achado alguém que estava perdido e é levado ao lar; e será mil vezes mais fácil voltar para Deus que enfrentar as críticas desalmadas dos homens.

A MOEDA QUE UNA MUJER PERDEU E ENCONTROU

Lucas 15:8-10

A moeda em questão era uma dracma de prata, cem das quais formavam uma libra de 360 gramas. Não seria difícil que uma moeda se perdesse em uma casa de camponeses na Palestina, e era preciso procurar muito para achá-la. As casas palestinas eram muito escuras, porque estavam iluminadas por uma janela circular de não mais de cinqüenta centímetros de diâmetro. O piso era de terra calcada coberta com canos e juncos secos; e procurar uma moeda em um piso como esse era como “procurar uma agulha num palheiro”. A mulher varreu o piso com a esperança de que veria brilhar a moeda, ou que escutaria a moeda soar entre os juncos.

Podem ser duas as razões pelas quais a mulher estava tão ansiosa por encontrar a moeda.

(1) Pode que tenha sido por necessidade. Por insignificante que pareça, essa moeda era um pouco mais que o jornal diário de um operário na Palestina. Essa gente vivia sempre com o justo, e pouco faltava para que sofressem fome. Bem pode ser que a mulher a buscasse com intensidade porque se não a encontrasse a família não poderia comer.

(2) Mas pode que houvesse uma razão muito mais romântica. Na Palestina o símbolo de uma mulher casada era um toucado feito de dez moedas de prata unidas por uma cadeia de prata. Uma jovem estava acostumada a poupar durante anos para juntar suas dez moedas, porque esse toucado equivalia virtualmente ao anel de bodas. Quando o obtinha era efetivamente dela e não podiam tirar para pagar dívidas. Bem pode ser que a mulher da parábola tivesse perdido uma dessas moedas, e a buscava como qualquer mulher o faria se tivesse perdido seu anel de bodas.

Em qualquer caso é fácil pensar na alegria da mulher quando viu o brilho da elusiva moeda e a teve em sua mão novamente. Assim é Deus, disse Jesus. A alegria de Deus, e de todos os anjos, quando um pecador chega ao lar é como a alegria de um lar quando se encontra uma moeda perdida que pode salvá-los da fome; é como a alegria de uma mulher que tinha perdido sua posse mais apreciada, que vale mais que o que vale em dinheiro, e a encontra outra vez.

Nenhum fariseu jamais tinha sonhado com um Deus assim. Um grande estudioso judeu admitiu que isto é o absolutamente novo que Jesus ensinou aos homens a respeito de Deus, que realmente Ele procura os homens e quer achá-los. Os judeus teriam admitido que se um homem acudia arrastando-se perante Deus, implorando misericórdia, podia achá-la; mas nunca teriam concebido a um Deus que saísse em busca dos pecadores. É nossa glória crer no amor de Deus que busca, porque vemos esse amor encarnado em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que precisou buscar e salvar o que se havia perdido.

A HISTÓRIA DO PAI AMANTE

Lucas 15:11-32

Não é sem razão que este foi chamado o melhor relato breve do mundo. Sob a lei judaica um pai não podia dispor de sua propriedade como queria. Correspondia ao filho mais velho dois terços e ao mais

jovem um terço (Deuteronômio 21:17). Não era estranho que um pai distribuísse sua propriedade antes de morrer se desejava retirar-se da administração dos negócios.

Mas há uma certa cruel insensibilidade no pedido do filho menor. Disse em efeito: "Dê-me agora a parte da propriedade que de todos os modos obterei quando morrer, e deixe-me ir." O pai não discutiu. Sabia que se o filho tinha que aprender, devia fazê-lo da maneira difícil, de modo que respondeu a seu pedido. Sem perder tempo o filho converteu em dinheiro sua parte da propriedade e abandonou o lar. Logo ficou sem dinheiro; e terminou dando de comer aos porcos, uma tarefa proibida para os judeus, porque a lei dizia: "Maldito seja aquele que alimenta porcos." Jesus deu à humanidade pecadora o maior de todos as elogios que lhe tenham dado. Disse: "*Então, caindo em si*."

Jesus cria que quando um homem estava longe de Deus e contra Ele, não estava consciente do que fazia; só era realmente ele mesmo quando tomava o caminho de volta. Sem dúvida alguma Jesus não cria na depravação total; não acreditava que se podia glorificar a Deus condenando o homem. Cria que o homem nunca era essencialmente ele mesmo até voltar para Deus. De modo que o filho decidiu voltar ao lar, e rogar que fosse aceito não como filho, mas sim como o último dos escravos, os servos contratados, os homens que eram só jornaleiros. O escravo comum era em certo sentido um membro da família, mas o jornaleiro podia ser despedido no dia. Não era absolutamente um da família.

Voltou, pois, ao lar; e segundo o melhor texto grego, seu pai não lhe deu oportunidade de formular seu pedido. Interrompeu-o antes disso. A túnica simboliza a honra; o anel a autoridade, porque se um homem dava a outro o anel com seu selo era como se o designasse seu procurador; os sapatos diferenciam o filho do escravo, devido a que os filhos da família andavam calçados e os escravos não. O sonho do escravo em um *negro spiritual* é que "todos os filhos de Deus tenham sapatos", devido a que

estes eram o símbolo da liberdade. E se realizou uma festa para que todos se alegrassem com a chegada do que se perdeu.

Detenhamo-nos aqui e consideremos a verdade que nos é apresentada até este momento nesta parábola.

(1) Nunca se deveria ter chamado a esta parábola "A Parábola do Filho Pródigo", porque o filho não é o herói. Deveria ser chamada de "A Parábola do Pai Amante", porque nos fala mais do amor de um pai que do pecado de um filho.

(2) Fala-nos muito sobre o perdão de Deus. O pai deve ter estado esperando que seu filho voltasse, porque o viu a uma grande distância. Quando chegou o perdoou sem recriminações. Há formas de perdoar em que o perdão se confere como um favor; e pior ainda são os casos em que alguém é perdoado, mas sempre é lembrado o seu pecado por meio de palavras, indiretas e ameaças.

Uma vez Lincoln foi perguntado como ia tratar os rebeldes do sul quando os derrotasse e voltassem a unir-se aos Estados Unidos. Esperava-se que Lincoln tomasse uma vingança, mas respondeu: "Eu os tratarei como se nunca tivessem sido rebeldes." A maravilha do amor de Deus é que Ele nos trata assim.

Mas este não é o final da história. Temos a figura do irmão maior que se incomodou porque seu irmão voltou. Este representa os fariseus que se criam perfeitos e preferiam que a destruição de um pecador do sua salvação. Devem destacar-se algumas coisas sobre o irmão mais velho.

(1) Toda sua atitude demonstra que seus anos de obediência ao pai foram que irritante dever e não de amoroso serviço.

(2) Sua atitude é a de alguém que demonstra uma falta total de simpatia. Refere-se a seu irmão, não como *meu irmão* mas sim como *seu filho*. Era o tipo de santarrão capaz de chutar alegremente a um homem cansado no arroio.

(3) Tinha uma mente especialmente odiosa. Ninguém tinha mencionado as rameiras até que ele o fez. Sem dúvida suspeitava e

acusava a seu irmão de pecados que a ele próprio teria gostado de cometer.

Uma vez mais temos a mesma surpreendente verdade, de que é mais fácil confessar a Deus que a certos homens; Deus é mais misericordioso que muitos homens ortodoxos, visto que o amor de Deus é mais amplo que o do homem; e que Deus pode perdoar quando os homens se negam a fazê-lo. Diante a um amor como este não podemos menos que ficar absortos e maravilhados em amor e louvor.

Três coisas perdidas

Finalmente devemos notar que estas três parábolas não são simplesmente três formas de dizer o mesmo. Há uma diferença. A ovelha se perdeu simplesmente por *insensatez*. Não pensou, e muitos homens escapariam ao pecado se pensassem a tempo. A moeda não se perdeu; extraviou-se, *mas não por culpa dela*. Muitos homens são arrastados, e Deus não considerará livre de culpa àquele que ensinou a outro a pecar. O filho *se perdeu deliberadamente*, dando brutalmente as costas a seu pai. Mas o amor de Deus pode vencer a insensatez do homem, as seduções das vozes tentadoras, e até a rebelião deliberada do coração.

Lucas 16

O bom exemplo de um homem mau - Luc. 16:1-13
A lei que não muda - Luc. 16:14-18
O castigo do homem que não percebeu nada - Luc. 16:19-31

O BOM EXEMPLO DE UM HOMEM MAU

Lucas 16:1-13

Esta é uma parábola evidentemente muito difícil de interpretar. É uma história a respeito de um grupo de patifes que poderíamos encontrar em qualquer lugar. O mordomo era um patife. Embora fosse um escravo, estava a cargo da administração de toda a propriedade de seu amo. Na

Palestina era freqüente a ausência periódica dos proprietários. Este amo bem pode ter sido um deles, que teria confiado todos os seus bens ao mordomo. Este se havia entregue a uma carreira de desfalques. Os devedores também eram canalhas. Sem dúvida deviam o arrendamento. Na Palestina muitas vezes este era pago não em dinheiro, e sim em espécie. Em geral era uma proporção combinada do produto da parte da propriedade que se alugava.

O mordomo sabia que tinha perdido seu posto. Portanto, teve uma idéia brilhante. Falsificou os registros nos livros, de modo que os devedores devessem muito menos do que em realidade deviam. Isto teria dois efeitos. Primeiro, os devedores lhe estariam agradecidos, e segundo, e muito mais efetivo, ele os envolveu em suas próprias maldades, e, se acontecia o pior, estava em boa posição para exercer uma chantagem. O próprio amo era um tanto canalha, porque, em vez de assombrar-se com o procedimento, apreciou o engenhoso proceder e elogiou o mordomo pelo que tinha feito.

A dificuldade em interpretar a parábola procede do fato de que Lucas atribui a ele não menos de quatro lições morais.

(1) No versículo 8 a moral é que os filhos deste mundo são mais sábios em sua geração que os filhos da luz. Isto quer dizer que, se os cristãos fossem tão ansiosos e engenhosos em seus intentos de obter o bem como o é o homem deste mundo em seu desejo de obter dinheiro e comodidade, seriam muito melhores. Se os homens dessem tanta importância às coisas que têm que ver com suas almas como dão ao que concerne a seus negócios, seriam melhores. É muito certo que há os que vez por outra dedicam vinte vezes mais tempo e dinheiro a obter seu prazer, praticar esportes, ou cuidar seu jardim que o que dedicam à igreja. Nosso cristianismo só começará a ser real e efetivo quando lhe dedicarmos tanto tempo e esforço como a nossas atividades mundanas.

(2) No versículo 9 é ensinado que as posses materiais deveriam ser utilizadas para estreitar as amizades nas quais descansa o valor permanente e real da vida. Isto se poderia fazer de duas maneiras.

(a) *No que se relaciona com a eternidade*. Os rabinos tinham um dito: "O rico ajuda ao pobre neste mundo, mas o pobre ajuda o rico no mundo vindouro." Ambrósio, comentando sobre o rico insensato que edificou celeiros maiores para guardar os seus bens, disse: "O peito dos pobres, as casas das viúvas, as bocas dos meninos são os celeiros que duram para sempre." Em todo caso, era uma crença judaica que a caridade para com os pobres seria o crédito de um homem no mundo por vir. A verdadeira riqueza de um homem não estava no que guardava e sim no que dava.

(b) *No que se relaciona com este mundo*. As pessoas podem usar suas riquezas egoisticamente, ou podem usá-las para tornar mais fácil a vida, não só para si mesmo, mas também para seus amigos e concidadãos.

Quantos pobres estudiosos estão para sempre agradecidos ao homem rico que deixou dinheiro para outorgar becas que lhe fizeram possível a carreira universitária! Quantos homens estão agradecidos a um amigo em boa posição que os ajudou a sair de um problema em um momento de necessidade na forma mais prática! As posses *não são* em si mesmos um pecado, mas *são* uma grande responsabilidade, e o homem que as utiliza para ajudar a seus amigos tem feito muito em cumprir essa responsabilidade.

(3) Nos versículos 10 e 11 o ensino é que a forma em que alguém realize uma tarefa pequena é a melhor prova de se servirá ou não para uma tarefa maior. Isto está bem claro se considerarmos as coisas terrestres. Nenhum homem ascenderá a uma posição mais alta até que tenha provado sua honestidade e habilidade em uma mais baixa. Mas Jesus estende o princípio à eternidade. Diz: "Na Terra estão a cargo de coisas que não são realmente suas. Não podem levá-las com vocês ao morrer. Vocês só as têm emprestadas. Não são mais que mordomos delas. Não podem, pela natureza das coisas, ser sempre suas. Por outro lado, no céu obterão o que real e eternamente é essencialmente seu. E o que obtenham no céu dependerá de como tenham utilizado as coisas da

Terra. O que lhes for dado como próprio dependerá da maneira como tenham usado as coisas das quais vocês só foram mordomos."

(4) O versículo 13 estabelece a regra de que nenhum escravo pode servir a dois senhores. O amo possuía o escravo, e o possuía *exclusivamente*. Em nossos dias, um servo ou um operário pode realizar facilmente dois trabalhos, e trabalhar para duas pessoas. Pode fazer uma tarefa em seu horário de trabalho, e outra em seu tempo livre. Pode ser, por exemplo, empregado de escritório durante o dia e músico de noite. Muitos homens aumentam suas entradas ou encontram verdadeiro interesse em suas ocupações durante o tempo livre. Mas um escravo não tinha tempo livre: cada momento de seu dia e cada grama de sua energia pertencia a seu amo. Não tinha um momento que fosse dele. De modo que servir a Deus não pode ser nunca uma tarefa para nosso tempo livre. Uma vez que o homem escolheu servir a Deus, cada momento de sua vida e cada átomo de sua energia pertencem a Deus. Deus é o amo mais exclusivo. Nós Lhe pertencemos em forma total ou não Lhe pertencemos absolutamente.

A LEI QUE NÃO MUDA

Lucas 16:14-18

Esta passagem se divide em três seções.

(1) Começa com uma resposta aos fariseus. Diz que *ridiculizavam* a Jesus. A palavra significa literalmente que olhavam a Jesus com desdém. Os judeus tendiam a relacionar a prosperidade terrestre com a bondade. A riqueza era um sinal de que uma pessoa era boa. Os fariseus faziam desdobramento de bondade e viam a prosperidade material como um prêmio à bondade; mas quanto mais se exaltavam diante dos homens, mais abomináveis eram para Deus. É bastante mau que um homem se creia bom; mas é pior que considere a prosperidade material como uma prova indisputável de sua bondade.

(2) Antes de vir Jesus a Lei e os Profetas tinham sido a última palavra de Deus; mas Jesus veio pregando o Reino. Então as pessoas mais inesperadas – os coletores de impostos e os pecadores – foram em multidão a tomar o caminho ao Reino, embora os escribas e fariseus teriam querido levantar barreiras para mantê-los fora.

Mas Jesus deu ênfase a uma coisa: o Reino não era o fim da lei. É verdade que se apagavam os pequenos detalhes e regras da lei cerimonial. Mas que ninguém pensasse que o cristianismo oferecia um caminho fácil em que não existia nenhuma lei. As grandes leis se mantinham inalteradas e inalteráveis. Algumas letras hebraicas são muito semelhantes entre si; distinguem-se só por um til, que é uma pequena linha acima ou abaixo da letra. Nem sequer um til da lei seria abolido.

(3) Como ilustração da lei que nunca desapareceria, Jesus tomou a da castidade. A afirmação bem definida do Jesus deve ser lida com o pano de fundo da vida judaica da época. Os judeus glorificavam a fidelidade e a castidade. Os rabinos diziam: "Deus pode passar por cima de qualquer coisa, menos a falta de castidade." "A falta de castidade faz com que a glória de Deus se afaste."

Um judeu devia perder a vida antes de cometer idolatria, assassinato ou adultério. Mas o tragédia era que nessa época o vínculo matrimonial estava prestes a ser destruído. Devemos lembrar sempre que diante dos olhos da lei judaica a mulher era um objeto. Uma mulher só se podia divorciar de seu marido se este ficava leproso, ou se era apóstata ou se violava uma virgem. Fora disso, a mulher não tinha nenhum outro direito nem reparação, salvo que se devolvia seu dote se se divorciava. A lei dizia: "Um homem pode divorciar-se de sua mulher com ou sem o consentimento desta, mas se ela quer divorciar-se, ele tem que dar seu consentimento." A lei mosaica dizia: “Se um homem tomar uma mulher e se casar com ela, e se ela não for agradável aos seus olhos, por ter ele achado coisa indecente nela, e se ele lhe lavrar um termo de divórcio, e lho der na mão, e a despedir de casa” (Deuteronômio 24:1).

O contrato de divórcio devia ser assinado por duas testemunhas e dizia: "Que este seja meu escrito de divórcio e carta de demissão e ato de liberação, para que possa te casar com qualquer homem que desejes." Tão simples e fácil era o divórcio. A questão girava em torno da interpretação da frase *coisa indecente* da lei mosaica.

Havia duas escolas de pensamento. A escola do Shammai dizia que só significava adultério. A escola do Hillel dizia que podia significar "se arruinava uma comida; se fazia tricô na rua; se falava com um homem estranho; se era culpado de falar sem respeito dos parentes de seu marido estando ele presente; se era uma mulher gritona, que se definia como uma mulher cuja voz pudesse ser ouvida da casa vizinha.

O rabino Akiba chegou a dizer que um homem podia divorciar-se caso encontrasse uma mulher mais bonita que sua esposa. Sendo como é a natureza humana, prevalecia a escola do Hillel, de modo que, na época de Jesus, as coisas estavam tão mal que as mulheres se negavam a casar-se, e a vida familiar estava em perigo.

Jesus estabelece aqui a santidade do laço matrimonial. A declaração é repetida em Mateus 5:31, 32 onde o adultério é a única exceção da regra universal. Algumas vezes pensamos que nossa geração é má, mas Jesus viveu em uma geração em que tudo era tão mau como agora. Se destruirmos a vida familiar, destruímos a própria base da vida cristã; e Jesus estabelece aqui uma lei que só pode ser desobedecida com grande perigo.

O CASTIGO DO HOMEM QUE NÃO PERCEBEU NADA

Lucas 16:19-31

Esta parábola está construída com tal mestria que não tem uma só frase a mais. Consideremos os dois personagens da mesma.

(1) Primeiro, *o homem rico*, a quem se chama usualmente Dives, ou seja "rico", em latim. Cada frase adiciona algo para descrever o luxo em que vivia. Vestia-se de púrpura e linho fino. Esta é a descrição das

túnicas dos sumos sacerdotes, que podiam custar uma soma equivalente a vários anos de trabalho de um operário, cujo jornal corrente era, como vimos, em torno de uma dracma. Todos os dias dava festas. A palavra que se utiliza para banquete é a usada para um glutão ou gastrônomo que se alimenta com pratos exóticos e custosos.

Fazia isto *todos os dias*. Fazendo-o quebrantava definida e positivamente o quarto mandamento, que não só proíbe trabalhar nos sábados, mas também diz *seis dias trabalharás* (Êxodo 20:9). Em um país onde a pessoa pobre se contava feliz se podia comer carne uma vez por semana e onde trabalhava duramente seis dias por semana, o rico é a figura da indolência e da insensibilidade. Lázaro aguardava que caíssem as migalhas da mesa do rico. Na época de Jesus não havia nem faca nem garfos nem guardanapos. Comia-se com as mãos, e em toda casa rica, as mãos se limpavam em pedaços grossos de pão, que logo se jogavam. Lázaro estava esperando esse pão. O rico é a imagem do esbanjamento.

(2) Em segundo lugar, *Lázaro*. Estranhamente, de todas as parábolas Lázaro é o único personagem que tem nome. O nome é a forma latina do Eleazar, que significa Deus é *minha ajuda*. Era um mendigo. Estava coberto de chagas ulceradas. Era tão fraco que nem sequer podia afastar os cães da ruas, animais sujos, que o importunavam. Lázaro é a imagem da mais abjeta pobreza.

Esta é a cena neste mundo, e logo o cenário é abruptamente mudado a outro mundo, e vemos a Lázaro na glória e o rico na tortura. Qual tinha sido o pecado do rico? Não tinha ordenado que Lázaro fosse posto para fora. Não tinha objetado a que Lázaro tomasse o pão que se atirava de sua mesa. Não lhe tinha dado de chutes ao passar. Não tinha sido deliberadamente cruel com ele. O pecado do rico tinha sido não prestar atenção a Lázaro, tê-lo aceito parte do panorama, ter pensado que era perfeitamente natural e inevitável que Lázaro estivesse tendido na dor e a fome enquanto ele nadava na opulência. Como alguém disse: "Não foi o que o rico fez o que o condenou, mas sim o que não fez o levou ao inferno." O pecado do rico era que podia olhar o sofrimento e a

necessidade do mundo, sem sentir que a espada da dor e a compaixão atravessava seu coração; via outro homem, faminto e dolorido, e não fazia nada por ele. Seu castigo foi o de alguém que nunca se deu conta de nada.

Parece-nos muito duro que seu pedido de que se advertisse a seus irmãos fosse denegado. Mas a simples realidade é que se os homens possuírem a verdade da Palavra de Deus, e sim, a qualquer lugar que olhem, há tristeza que consolar, necessidade que suprir, dor que remediar, e isso não os move à compaixão e a ação, nada os mudará.

É uma terrível advertência o recordar que o pecado do rico foi, não que fizesse coisas más, mas sim não ter feito nada.

Lucas 17

Leis da vida cristã - Luc. 17:1-10
A raridade da gratidão - Luc. 17:11-19
Os sinais de sua vinda - Luc. 17:20-37

LEIS DA VIDA CRISTÃ

Lucas 17:1-10

Esta passagem se divide em quatro seções bem definidas e sem conexão entre si.

(1) Os versículos 1 e 2 condenam o homem que ensina a outros a pecar. A palavra traduzida como *escândalos*, vem da palavra grega *skandalon*, literalmente "escândalo".

Esta palavra tem dois significados.

(a) Significava originalmente o pau que levava a vara em uma armadilha, que ao ser tocado um animal, atraído pela isca de peixe, o fazia cair na armadilha.

(b) Depois passou a significar qualquer obstáculo no caminho do homem que o fizesse tropeçar. Jesus disse que era impossível construir um mundo sem tentações; mas ai do homem que ensine outro a pecar ou

que lhe tire sua inocência! Todos recebemos um primeiro convite a pecar, nosso primeiro empurrão pelo caminho errado.

Kennedy Williams nos conta a respeito de um ancião que estava moribundo e estava evidentemente preocupado por alguma coisa. Por fim contou o que lhe acontecia: "Quando era jovem, jogava muitas vezes em um terreno muito amplo. Perto de seu centro se cruzavam dois caminhos e no cruzamento havia um sinal velho e desvencilhado. Lembro-me que uma vez dei volta de modo que alterei a direção de seus braços, fazendo que apontassem na direção equivocada, e depois estive perguntando quantos viajantes terão tomado um caminho equivocado por minha culpa."

Deus não terá por inocente o homem que, no caminho da vida, envia a um irmão mais jovem ou mais fraco pelo caminho equivocado.

(2) Os versículos 3 e 4 nos falam da necessidade de perdoar na vida cristã. Diz-nos que perdoemos sete vezes. Os rabinos diziam que se um homem perdoava seu irmão três vezes era perfeito. O modelo cristão toma a norma rabínica, duplica-a e lhe adiciona um. Não se trata de um cálculo aritmético. Simplesmente significa que o modelo cristão do perdão deve exceder imensuravelmente o melhor que o mundo possa obter.

(3) Os versículos 5 e 6 nos dizem que a fé é a maior força do mundo. Devemos lembrar mais uma vez que era um costume oriental utilizar a linguagem na forma mais vívida possível. Este dito significa que até aquilo que parece totalmente impossível é possível, se for enfocada com fé.

Só temos que pensar no grande número de maravilhas científicas, no grande número de operações cirúrgicas, de façanhas de paciência que se obtiveram hoje, e que há menos de cinqüenta anos teriam sido consideradas impossíveis. Se encararmos algo dizendo: "Não se pode fazer", não se fará; se o encaramos dizendo: "Deve fazer-se", há mais probabilidades de que assim seja. Devemos lembrar sempre que nunca

enfrentamos uma tarefa sozinhos, mas sim Deus, está conosco e também todo seu poder.

(4) Os versículos 7 a 10 nos dizem que não podemos pretender que Deus nos deva algo. Quando tivermos feito o melhor que possamos só teremos completo o nosso dever; e o que cumpriu seu dever, só realizou o que, em todo caso, estava obrigado a fazer. Pode ser que seja possível satisfazer os requisitos da lei; mas todo amante sabe que nada que possa fazer pode satisfazer os requerimentos do amor.

A RARIDADE DA GRATIDÃO

Lucas 17:11-19

Neste momento Jesus estava no limite entre Samaria e Galiléia. Ali dez leprosos saíram a seu encontro. Sabemos que os judeus não se comunicavam com os samaritanos, e neste grupo havia pelo menos um deles. Este é um exemplo de uma grande lei da vida. Uma desgraça comum tinha quebrado as barreiras raciais e nacionais. Na tragédia comum de sua lepra se esqueceram de que eram judeus e samaritanos e só recordavam que eram homens em necessidade. Diz-se que se uma inundação devastar parte de um país, e os animais selvagens se congregam em um pequeno pedaço de terra alta, é comum ver-se juntos animais que por natureza são inimigos, e que, em qualquer outro momento, fariam todo o possível por matar-se. Certamente uma das coisas necessárias para unir a todos os homens é sua necessidade comum de Deus.

Os leprosos ficaram de pé ao longe (ver Lev. 13:45, 46; Núm. 5:2). Não havia uma distância estabelecida, mas sabemos que ao menos uma autoridade estabeleceu que quando o vento soprava do leproso para a pessoa sadia, aquele devia ficar de pé, pelo menos a cinqüenta metros de distância. Nada pode mostrar melhor a solidão total em que viviam os leprosos.

Nenhuma outra história do evangelho assinala tão diretamente a ingratidão do homem. Os leprosos tinham acudido a Jesus com um desejo desesperado; ele os tinha curado, e nove deles não voltaram para dar graças. Acontece com freqüência, que uma vez que o homem obteve o que queria, não volta.

(1) Muitas vezes os filhos são ingratos com seus pais. Há um momento na vida em que se nos tivessem descuidado uma semana teríamos morrido. De todas as criaturas viventes o homem é o que mais tempo requer para poder fazer frente às necessidades que são essenciais para a vida. Durante longos anos dependemos de nossos pais literalmente para tudo. E entretanto, chega o dia em que um pai ancião é uma moléstia; e muito pouca gente jovem pensa alguma vez em pagar a dívida que têm com ele. Como o disse o Rei Lear no dia de sua própria tragédia:

"Bem mais agudo que o dente de uma serpente
é ter um filho ingrato!"

(2) Muitas vezes somos ingratos para com nossos semelhantes. Há poucos de nós que em algum momento não tenhamos devido algo a algum semelhante. Poucos acreditaram nesse momento que chegariam jamais a esquecer; e são menos ainda os que no final satisfizeram a dívida de gratidão que tinham. Acontece muitas vezes que um amigo, um professor, um médico, um cirurgião fazem por nós coisas que é impossível pagar. A tragédia da vida é que nem sequer tentamos fazê-lo.

(3) Muitas vezes somos ingratos para com Deus. Nos momentos de amarga necessidade oramos com um desespero intenso; mas passa o tempo e nos esquecemos dEle. Muitos de nós nem sequer damos graças a Deus antes de comer. Deu-nos seu Filho único, e muitas vezes nem sequer lhe damos uma palavra de agradecimento. A melhor forma de agradecer a Deus é buscando merecer sua bondade e sua misericórdia. “Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, *e não te esqueças de nem um só de seus benefícios*.” (Salmo 103:2).

OS SINAIS DE SUA VINDA

Lucas 17:20-37

Aqui temos duas passagens muito difíceis.

Nos versículos 20 e 21 Jesus respondeu a pergunta dos fariseus a respeito de quando viria o reino de Deus. Disse que não viria com sinais visíveis. A palavra que utiliza também se usa para um médico que observa a seu paciente para descobrir o sintoma de uma enfermidade que suspeita. Não estamos muito seguros do que Jesus continua dizendo.

O grego pode significar duas coisas.

(a) Pode significar: o reino de Deus está *dentro de* vós. Isto é, que o reino de Deus trabalha nos corações humanos. O reino de Deus não vai produzir coisas novas, e sim gente nova. Não devemos procurar uma revolução das coisas materiais, e sim uma revolução nos corações dos homens.

(b) Pode significar: o reino de Deus está *entre* nós. Isto se referiria ao próprio Jesus. Ele era a própria encarnação do Reino, e não o reconheceram. É como se tivesse dito: "Toda a oferta e todo o segredo de Deus estão aqui – e vocês não o aceitam."

Os versículos 22-37 nos falam da Segunda Vinda de Jesus. Desta passagem difícil só podemos assinalar as coisas que são seguras – e em realidade são suficientes.

(1) Haverá momentos em que os cristãos ansiarão pela Vinda de Cristo. Como os santos martirizados, clamarão: "Até quando?" (Apocalipse 6:10). Mas terão que aprender a acender a luz da paciência e esperar. Deus tem seu tempo próprio.

(2) A Vinda de Cristo é certa, mas se desconhece o momento de sua chegada. As especulações são vãs e inúteis. Aparecerão pessoas com falsas profecias e predições. Não devemos deixar nossas tarefas diárias para segui-los. A melhor forma em que Cristo pode chegar a um homem

é quando se encontra humilde, fiel e atentamente cumprindo o seu dever. Como disse um grande comentarista: "Ninguém a profetizará; mas todos a verão."

(3) Quando chegar esse dia o juízo de Deus operará, e, de duas pessoas que tenham vivido toda sua vida lado a lado, uma será tirada e a outra deixada. Aqui há uma advertência. A intimidade com uma pessoa boa não garante necessariamente nossa salvação. "Ninguém poderá salvar a seu irmão." Não é certo que às vezes uma família deixa os deveres da igreja em mãos de um de seus membros? Não é certo que mais de um marido deixa seus deveres para com a Igreja em mãos de sua mulher? O juízo de Deus é individual. Não podemos nos eximir de nosso dever para com Deus por poder nem por associação. Mais de uma vez, uma pessoa será tomada e outra será deixada.

(4) Quando perguntaram a Jesus quando aconteceria tudo isto, ele respondeu citando um provérbio bem conhecido: “Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão também os abutres.” Isto significava simplesmente que algo aconteceria quando se cumprissem as condições necessárias. Isto significa que Deus voltará a enviar a Jesus Cristo quando quiser. Não sabemos quando será; não nos animamos a especular a respeito disso.

Devemos viver de tal maneira que em qualquer momento que chegue, à manhã, ao meio dia ou à noite, encontre-nos preparados.

Lucas 18

Infatigável na oração - Luc. 18:1-8
O pecado do orgulho - Luc. 18:9-14
O Mestre e as crianças - Luc. 18:15-17
O homem que não queria pagar o preço - Luc. 18:18-30
A iminência da cruz - Luc. 18:31-34
O homem que não podia ser calado - Luc. 18:35-43

INFATIGÁVEL NA ORAÇÃO

Lucas 18:1-8

Esta parábola nos fala a respeito de coisas que podiam acontecer e freqüentemente aconteciam na Palestina. Há nela dois personagens.

(1) O *juiz*. Obviamente não era um juiz judeu. Todas as disputas comuns entre os judeus eram levadas diante dos anciãos e não diante dos tribunais públicos. Se, sob a lei judaica, apresentava-se um assunto para ser arbitrado, o tribunal não podia ser constituído por um só homem. Havia sempre três juizes, um eleito pelo demandante, outro pelo defensor e outro eleito independentemente. O juiz da parábola era um desses magistrados pagos escolhidos por Herodes ou pelos romanos. Esses juízes eram famosos. A não ser que o demandante tivesse influências e dinheiro para comprar o veredicto não podia ter esperança de que sua causa se solucionasse. Dizia-se que pervertiam a justiça por um prato de carne. O povoe fazia jogos de palavras com seu título. Oficialmente eram chamados *Dayyaneh Gezeroth*, que significa juízes, de proibições ou castigos, mas popularmente eram conhecidos como *Dayyaneh Gezeloth*, que significa juízes ladrões.

(2) A *viúva*. Simboliza todos os pobres e indefesos. Era óbvio que ela, sem recursos de nenhum tipo, não podia ter esperança em obter justiça de tal juiz. Mas tinha uma arma, a arma da insistência. É muito possível que o que o juiz temesse no final fosse a violência física. A expressão traduzida *me incomoda* significa literalmente não seja que *me deixe um olho negro*. É possível fechar o olho de uma pessoa de duas formas – por meio do sonho ou a golpes. De qualquer forma, no final, sua insistência obteve o que desejava.

Esta parábola é parecida com a parábola do amigo à meia-noite. Não assemelha a Deus a um juiz injusto, mas sim assinala um contraste. Com esta parábola Jesus quis dizer "Se, afinal, um juiz injusto e voraz pode cansar-se e fazer justiça a uma viúva, *quanto mais* Deus, que é Pai amante, dará a seus filhos o que necessitam?"

Isto é certo, mas devemos lembrar sempre que não há razão para esperar obter tudo o que pedimos em oração. Muitas vezes um pai tem que negar o pedido de seu filho, porque sabe que o que pede o machucará em vez de ajudá-lo. Deus é assim. Não sabemos o que vai acontecer na próxima hora, ou na semana seguinte ou em um mês, ou em um ano.

Só Deus vê o tempo em sua totalidade, e, portanto, só ele sabe o que é bom para nós *à prazo*. Esta é a razão pela qual Jesus disse que não devemos nos desalentar ao orar. Esta é a razão pela qual duvidava se a fé do homem suportaria a longa espera antes de que o Filho do Homem chegasse. Não nos cansemos de orar e nunca nos faltará a fé, se depois de haver devotado a Deus *nossas* orações e pedidos, agregamos a oração perfeita: que se faça *sua* vontade.

O PECADO DO ORGULHO

Lucas 18:9-14

Na Palestina os devotos oravam três vezes por dia: às nove da manhã, ao meio dia, e às três da tarde. Considerava-se que a oração era especialmente eficaz se fosse oferecida no templo, de modo que nessas horas muitos foram aos átrios do templo a orar.

A dois desses homens se referiu Jesus.

(1) Um deles era *um fariseu*. Este foi realmente para orar a Deus. Orava *de si para si mesmo*. A verdadeira oração é oferecida sempre a Deus e só a Ele. Um americano descrevia cinicamente a oração de um pastor como "a oração mais eloqüente que tenha sido oferecida ante um auditório de Boston". O fariseu em realidade estava dando testemunho de si mesmo perante Deus.

A lei judaica prescrevia um jejum obrigatório, o do dia da Expiação. Mas aqueles que queriam alcançar um mérito especial jejuavam também as segundas-feiras e as quintas-feiras. Devemos notar que estes eram os dias de feira em que Jerusalém estava cheia de gente

do campo. Aqueles que jejuavam branqueavam suas caras e vestiam roupas desordenadas, e procuravam que a maior quantidade possível de gente os visse. Os levitas recebiam o dízimo de todos os produtos (Números 18:21; Deut. 14:22). Mas este fariseu dizimava tudo, até aquilo que não era obrigação dizimar. Sua atitude era característica do pior farisaísmo.

Há uma oração escrita de certo rabino que diz assim: "Agradeço-te, ó Deus, meu Senhor, que me separaste com aqueles que se sentam na academia, e não com aqueles que o fazem nas esquinas. Porque eu me levanto cedo, e eles também; eu o faço para as palavras da lei, e eles para as coisas vãs. Eu trabalho, e eles também o fazem. Trabalho e recebo uma recompensa; eles trabalham e não recebem nada. Eu corro, e eles também; eu corro para a vida vindoura, e eles correm para o abismo da destruição."

Escreveu-se o que uma vez disse o rabino Simeão Ben Jochai: "Se só houvesse dois homens retos neste mundo, seríamos meu filho e eu; se só houvesse um, esse seria eu!" O fariseu realmente não foi orar, foi informar a Deus a respeito de quão bom era ele.

(2) O outro era *um coletor de impostos*. Este se mantinha afastado, e nem sequer elevava os olhos a Deus. As versões comuns não fazem justiça à sua humildade, pois em realidade sua oração foi: "Deus, sê propício a mim – *o* pecador", como se não fosse meramente pecador, e sim o pecador por excelência. Jesus disse: "E foi sua oração penitente, depreciativa, a que ganhou a aceitação de Deus."

Esta parábola nos diz sem dúvida certas coisas a respeito da oração.

(1) Nenhum orgulhoso pode orar. A porta do céu é tão baixa que ninguém pode entrar a não ser ajoelhado. Tudo o que um homem pode dizer é:

> Nenhum outro Cordeiro, nenhum outro Nome
> Nenhuma outra esperança no céu, na terra ou no mar
> Nenhum outro Esconderijo da culpa e a vergonha,
> Nenhum mais que Tu.

(2) Ninguém que menospreze a seus semelhantes pode orar. Na oração não nos elevamos acima de nossos semelhantes. Recordamos que somos um do grande exército da humanidade pecadora, que sofre e está contrita, ajoelhados todos perante o trono da misericórdia de Deus.

(3) A verdadeira oração brota da aproximação de nossas vidas a de Deus. Sem dúvida tudo o que o fariseu dizia era verdade. Jejuava; dava meticulosamente, o dízimo; não era como os outros homens; sem dúvida não era como o coletor de impostos. Mas a pergunta não é: "Sou tão bom como meus semelhantes?" A pergunta é: "Sou tão bom como Deus?"

Uma vez viajei de trem pela Inglaterra. Ao passar através das planícies do Yorkshire vi uma pequena cabana branca e me pareceu que brilhava com uma brancura radiante. Aos poucos dias retornei a Escócia. Tinha nevado e a neve cobria tudo. Chegamos à pequena cabana, mas desta vez sua brancura parecia ordinária, manchada e quase cinza, em comparação com a brancura virginal da neve.

Tudo depende de com o que nos comparemos. E quando pomos nossas vidas ao lado da maravilhosa vida de Jesus, e da santidade de Deus, tudo o que fica por dizer é: "Senhor, tem misericórdia por mim, *o pecador*."

O MESTRE E AS CRIANÇAS

Lucas 18:15-17

Era costume na Palestina que as mães levassem seus filhos, ao cumprir um ano, aos rabinos distinguidos para que os benzessem. Isso é o que queriam que Jesus fizesse com seus filhos. Não devemos pensar que os discípulos foram duros e cruéis. Foi sua amabilidade o que os fez agir assim. Lembremos para onde ia Jesus. Ia a Jerusalém para morrer na cruz.

Os discípulos podiam ver em seu rosto as tensões internas de seu coração; e não queriam que se incomodasse a Jesus. Muitas vezes dizemos a nossos pequenos filhos no lar: "Não incomode a papai; está

cansado e preocupado esta noite." Os discípulos sentiram exatamente isto com respeito a Jesus. É uma das coisas mais formosas de toda a história do evangelho que Jesus tivesse tempo para os meninos quando estava a caminho de Jerusalém para morrer.

O que queria dizer Jesus quando disse que o Reino estava composto pelos que eram semelhantes a meninos? Em que qualidades do menino estava pensando?

(1) O menino não perdeu o *sentido do assombro*. Tennyson conta que um dia foi muito cedo ao dormitório de seu netinho, e viu o menino "adorando o raio de sol que jogava no respaldo da cama". À medida que crescemos começamos a viver em um mundo que se tornou velho, cinza, e está cansado. O menino vive em um mundo resplandecente, um mundo em que Deus está sempre perto.

(2) Toda a vida do menino está baseada na *confiança*. Quando somos jovens nunca duvidamos de onde virá a próxima refeição ou onde encontraremos nossa roupa. Vamos à escola seguros de que ao voltar, nosso lar estará ali e tudo disposto para nossa comodidade. Quando saímos em viagem, nunca duvidamos de que a passagem estará paga, e que nossos pais conhecerão o caminho e nos levarão a destino sem problemas. A confiança de um menino em seus pais é absoluta – como teria que ser a nossa confiança em nosso grande Pai Deus.

(3) O menino é obediente por *natureza*. Na verdade, muitas vezes desobedece e protesta diante dos pedidos de seus pais. Mas seu instinto é obedecer. Sabe muito bem que deve fazê-lo. Não é feliz quando desobedece. Em seu coração a palavra de seus pais é lei. Assim deveríamos ser para com Deus.

(4) O menino tem a surpreendente faculdade de *perdoar*. Quase todos os pais são injustos com nossos filhos. Exigimos deles que sejam-modelos de obediência, de bons maneiras, de linguagem refinada, de diligência que estranha vez satisfazemos nós mesmos. Às vezes os repreendemos por fazer o mesmo que nós fazemos. Se outros nos tratassem como nós tratamos a nossos filhos em questões da justiça

comum não poderíamos perdoá-los. Mas o menino perdoa e esquece, e quando é muito pequeno nem sequer tem consciência disso. Este mundo seria muito mais bonito se pudéssemos perdoar como um menino.

Ter espírito semelhante ao de um menino é ter sempre vivo o sentido de assombro, viver em uma confiança absoluta, obedecer instintivamente, perdoar e esquecer – e esse é o passaporte ao reino de Deus.

O HOMEM QUE NÃO QUERIA PAGAR O PREÇO

Lucas 18:18-30

Este homem distinto se dirigiu a Jesus em uma forma que, para um judeu, não tinha igual. Em toda a literatura religiosa judaica não se menciona a nenhum rabino que tenha sido tratado de "Bom Mestre". Os rabinos diziam que "não há bom fora da lei". Essa forma de dirigir-se a Jesus tinha sabor de adulação insincera. De modo que Jesus começou dirigindo seus pensamentos a Deus. Jesus estava sempre seguro de que seu poder e sua mensagem vinham de Deus. Quando os nove leprosos não voltaram, Jesus ficou triste, não porque não tivessem voltado para lhe agradecer, mas sim porque não tinham voltado para glorificar a Deus (Lucas 17:18).

É indiscutível que este homem importante era um homem bom, mas no íntimo de seu coração e sua alma sentia que em sua vida faltava algo. O mandato de Jesus foi que se queria encontrar tudo o que procurava na vida, vendesse todas suas posses e as distribuísse aos pobres, e depois o seguisse. Por que Jesus deu esta ordem a este homem em especial? Quando o homem que Jesus tinha curado na região da Gadara quis segui-lo, ordenou-lhe que fosse para sua casa (Lucas 8:38, 39). Por que dá um conselho tão distinto a este homem principal?

Há um evangelho apócrifo chamado o *Evangelho dos Hebreus* que se perdeu quase em sua totalidade; mas em um dos fragmentos que restaram há um relato deste incidente que nos dá uma chave. "O outro

homem rico disse a Jesus: Mestre, que coisas boas devo fazer para viver realmente? Jesus lhe disse: Homem, obedece a Lei e os profetas. Ele respondeu: Tenho feito isso. Jesus lhe disse: Vai e vende tudo o que possuis, distribui-o entre os pobres, e volte, e siga-me. O homem rico começou a coçar a cabeça porque não gostou do que lhe foi ordenado. O Senhor lhe disse: Por que diz que obedeceste a Lei e os profetas? Porque escrito está na lei: amarás a teu próximo como a ti mesmo, e olha, há muitos de teus irmãos, filhos do Abraão, que estão morrendo de fome, e tua casa está cheia de coisas boas, mas não sai nada para eles. E voltando-se para Simão, seu discípulo, que estava sentado a seu lado, disse-lhe: Simão, filho do Jonas, é mais fácil que um camelo passe através do olho de uma agulha que um homem rico entre no reino dos céus."

Aqui encontramos o segredo e a tragédia deste importante homem rico. Vivia egoisticamente. Era rico, mas não dava nada a ninguém. Seu verdadeiro Deus era a comodidade, e o que realmente adorava eram suas posses e sua riqueza. Por essa razão Jesus pediu que ele desse tudo. Há muitos homens que utilizam suas riquezas para dar comodidades, alegria e o bem de seus semelhantes; mas este homem as usava só para si mesmo. Se o "deus de um homem é aquilo ao qual ele entrega todo o seu tempo, pensamento, energia e devoção, então a riqueza era seu deus. Se queria encontrar a felicidade devia terminar com tudo isso e viver para outros com a mesma intensidade com que tinha vivido para si mesmo.

Jesus continuou dizendo que era mais fácil que um camelo passasse pelo olho de uma agulha que um rico entrasse no reino de Deus. Muitas vezes os rabinos falavam de um elefante tentando passar pelo olho de uma agulha como algo fantasticamente impossível. Mas o quadro do Jesus pode ter duas origens.

(1) Diz-se que ao lado da grande porta de Jerusalém através da qual atravessava o trânsito, havia uma porta muito pequena, com a largura e a altura suficiente como para que passasse um homem. Diz-se que essa

portinhola era chamada o olho da agulha, e o quadro representaria um camelo tentando entrar por ela.

(2) A palavra grega para camelo é *kamelos*. Nessa época no idioma grego os sons vocálicos tendiam a parecer-se uns aos outros, e há outra palavra que poderia pronunciar-se em forma muito semelhante – a palavra *kamilos*, que significa o *cabo de um barco*. Bem pode ser que Jesus tenha dito que era mais fácil enfiar uma agulha com o cabo de um barco que para um homem rico entrar no reino de Deus. Por que devia ser assim? As posses tendem a encadear os pensamentos de um homem a este mundo. Tem interesses tão grandes na Terra que não quer deixá-los e não pensa em nada mais que neles. Não é pecado ter muitas riquezas – mas é um grande perigo para a alma e uma grande responsabilidade.

Pedro assinalou que ele e seus companheiros tinham deixado tudo para seguir a Jesus; e ele lhes prometeu que o homem que deixasse tudo pelo reino de Deus receberia um pagamento muito maior. A experiência de todos os cristãos é que isto é verdade.

Uma vez uma pessoa, pensando em todas as provas que tinha suportado David Livingstone, as penúrias que o tinham abatido, e como tinha perdido sua esposa e arruinado sua saúde na África, disse-lhe: "Quantos sacrifícios você tem feito!" Livingstone lhe respondeu: "Sacrifícios? Não fiz nenhum em toda minha vida."

Para o homem que caminha pelo atalho cristão haverá coisas que o mundo chamará penosas, mas, além delas e através de todas, há uma paz que o mundo não pode dar nem tirar, e uma alegria que ninguém pode arrebatar.

A IMINÊNCIA DA CRUZ

Lucas 18:31-34

Há dois tipos de coragem. Existe o valor do homem que, de repente e sem aviso, vê-se confrontado por alguma emergência ou alguma crise, e que sem duvidá-lo e com temeridade se lança à ação sem tempo para

pensar. E existe o valor do homem que vê levantar-se à sua frente uma situação terrível e que sabe que só fugindo poderia evitá-la, mas continua em frente com firmeza e inflexibilidade. Não há dúvida de qual é o valor supremo. Qualquer um é capaz de uma ação heróica em um momento de excitação, mas se requer um homem de valor supremo para enfrentar algo que está a dias de distância e do qual poderia escapar dando as costas.

Em uma novela o escritor pinta o quadro de dois meninos caminhando pela rua entregues a seus jogos. Um diz ao outro: "Quando caminhas pelo caminho, alguma vez imaginas que há algo terrível atrás da próxima esquina e continua para enfrentá-lo? É tão emocionante..." Para Jesus não era nenhum jogo. A verdade terrível era que havia algo tremendo à sua espera. Sabia o que era a crucificação; tinha-a visto; e assim mesmo continuou. Embora não fosse outra coisa, Jesus seguiria sendo uma das figuras mais heróicas de todos os tempos.

Diante das freqüentes advertências do que ia acontecer a Jesus em Jerusalém, muitas vezes nos perguntamos por que quando chegou o momento da cruz, seus discípulos sofreram um golpe tão tremendo. A verdade é que simplesmente não podiam compreender o que lhes estava dizendo. Estavam obcecados com a idéia de um rei conquistador; aferravam-se ainda à esperança de que mostraria seu poder em Jerusalém e lançaria seus inimigos da face da Terra. Aqui há uma grande advertência para todos os que escutam. Não há ninguém tão cego como aquele que não quer ver. A mente humana tem uma maneira de ouvir só aquilo deseja. Há uma espécie de racionalização do pensamento que em seu coração crê que a verdade desagradável não é certa, e que aquilo que não se quer que aconteça não pode acontecer. A gente tem que lutar sempre contra a tendência humana de ouvir só o que deseja.

Devemos notar uma coisa mais. Jesus nunca profetizou a respeito da cruz sem anunciar a ressurreição. Sabia que o esperava a ignomínia, mas também a glória. Sabia o que a maldade dos homens podia fazer, mas também que podia obter o poder de Deus. Com a segurança da

vitória final enfrentou a aparente derrota da cruz. Sabia que sem uma cruz nunca pode haver uma coroa.

O HOMEM QUE NÃO PODIA SER CALADO

Lucas 18:35-43

O que ressalta desta história é a insistência clara e desesperada do cego. Jesus ia a Jerusalém para a Páscoa. Nessa época os peregrinos viajavam juntos em grupos. Uma das formas mais comuns de um rabino ensinar era falar enquanto andava. Isso é o que Jesus estava fazendo, e o resto do grupo de peregrinos estava reunido a seu redor, para não perder nada do que pudesse dizer. Quando esses grupos passavam por uma vila ou uma cidade aqueles que não podiam ir à festa se alinhavam à beira do caminho para ver os peregrinos e lhes desejar boa sorte na viagem. O cego estava sentado entre a multidão. Quando ouviu o murmúrio perguntou o que estava acontecendo, e lhe disseram que Jesus estava ali. Imediatamente clamou para que Jesus o ajudasse e o curasse.

Todos tentaram fazê-lo calar. O povo que estava ao redor de Jesus não podia ouvir o que Ele dizia pelos gritos do cego. Mas o homem não se calava. Gritou novamente. As palavras que se utilizam para descrever os gritos do cego são muito distintas no versículo 38 e no 39. No primeiro se trata de um grito forte comum para atrair a atenção. No segundo, do grito instintivo de uma emoção incontrolável, um alarido, um grito quase animal. A palavra mostra bem o desespero total do homem. Jesus, pois, deteve-se, e o cego encontrou a saúde que tão apaixonadamente desejava.

Esta história nos diz duas coisas.

(1) Diz-nos *algo sobre o homem cego*. Estava determinado a enfrentar a Jesus. Nada o deteria. negou-se a fazer silêncio e a conter-se. O sentimento de sua necessidade o levou inexoravelmente à presença do Jesus. Se alguém quiser um milagre, este é o espírito que deve mostrar. O que realmente move o poder de Deus não é o desejo sentimental e

gentil; o desejo apaixonado e intenso, procedente do próprio fundo do coração humano é o que jamais será defraudado.

(2) Diz-nos *algo a respeito de Jesus*. Nesse momento estava dirigindo-se à multidão como um rabino. Mas diante do grito de necessidade do cego se deteve, esquecendo-se de seu pregação.

Para Jesus era sempre mais importante agir que falar. As palavras tinham sempre o segundo lugar, depois dos fatos. Aqui havia uma alma humana em necessidade. A pregação devia cessar e começar a ação.

Alguém disse que muitos professores são como homens que dão recomendações a outro que se está afogando em um mar tempestuoso. Jesus nunca era assim; saltava a socorrer o homem. Há muitos homens que não podem formular uma oração, mas muitos os amam por sua bondade. Há homens que não podem expor duas frases juntas, mas outros os amam por sua bondade. Os homens respeitam o orador, mas amam ao que tem mãos para ajudar. Admiram ao que tem uma grande inteligência, mas amam o homem que tem um grande coração.

Lucas 19

Hóspede de um homem desprezado por todos - Luc. 19:1-10
A confiança de um rei em seus servos - Luc. 19:11-27
A entrada do rei - Luc. 19:28-40
A piedade e a ira de Jesus - Luc. 19:41-48

HÓSPEDE DE UM HOMEM DESPREZADO POR TODOS

Lucas 19:1-10

Jericó era uma cidade muito rica e importante. Estava localizada no vale do Jordão e dominava o caminho de Jerusalém e o cruzamento do rio que dava acesso às terras do leste do Jordão. Contava com um grande bosque de palmeiras e abetos balsâmicos famosos no mundo que perfumavam o ar por várias quilômetros quadrados. Seus jardins de rosas eram bem conhecidos. Era chamada "A cidade das Palmas". Josefo a

chamou "uma região divina", "a mais rica da Palestina". Os romanos deram fama mundial a suas tâmaras e seu bálsamo. Tudo isto fazia com que fosse um dos maiores centros impositivos de toda a Palestina. Já vimos os impostos que os publicanos arrecadavam e a riqueza que com rapacidade adquiriam (Lucas 5:27-32). Zaqueu era um homem que tinha alcançado o mais alto de sua profissão, e era também o homem mais odiado do distrito.

A história de Zaqueu tem três partes.

(1) Zaqueu era rico, mas não era feliz. Inevitavelmente estava sozinho, porque tinha escolhido o caminho que o convertia em um pária. Tinha ouvido a respeito deste Jesus que acolhia os coletores de impostos e aos pecadores, e se perguntava se não teria algo para lhe dizer. Desprezado e odiado pelos homens, Zaqueu procurava o amor de Deus.

(2) Zaqueu estava resolvido ver a Jesus, e nada o deteve. Para ele, misturar-se com a multidão era algo que requeria coragem, porque mais de um procuraria a oportunidade de dar-lhe um golpe ou chutar ou empurrar a este pequeno publicano. Era uma oportunidade que não se podia deixar passar. Nesse dia Zaqueu podia resultar cheio de inchaços e machucados. Não podia ver – a multidão se deleitava em estorvá-lo. De modo que correu e subiu ao sicômoro.

Um viajante descreve esta árvore como parecido ao "carvalho inglês de sombra muito agradável. É portanto a árvore preferida para plantar-se à beira do caminho... É muito fácil de subir, com seu tronco curto e seus amplos ramos laterais que se abrem em todas as direções".

As coisas não eram fáceis para o Zaqueu; entretanto o homenzinho tinha a coragem do desespero.

(3) Zaqueu tomou diversas resoluções para demonstrar a toda a comunidade que tinha mudado. Quando Jesus anunciou que ficaria esse dia em sua casa, e quando descobriu que tinha encontrado um amigo novo e maravilhoso, tomou uma decisão imediata. Decidiu dar a metade de seus bens aos pobres; e não tentando ficar com a outra parte, e sim utilizá-la para restituir aos ques confessou ter defraudado. Em sua

restituição foi além do que era legalmente necessário. Somente se fosse um roubo deliberado e violento com fins de destruição era necessário restituir o quádruplo (Êxodo 22:1). Se fosse um roubo comum, e os bens originais não podiam ser devolvidos, devia-se pagar o dobro de seu valor (Êxodo 22:4, 7). Se mediava confissão voluntária, e se oferecia uma restituição voluntária, devia-se pagar o valar original mais um quinto do mesmo (Levítico 6:5; Números 5:7).

Zaqueu estava decidido a fazer mais do que a lei pedia. Mostrou por suas obras que tinha mudado. O Dr. Boreham tem uma história terrível. Havia uma reunião na qual várias mulheres estavam dando seu testemunho. Uma delas mantinha um turvo silêncio. Pediu-lhe que atestasse e se negou. Foi-lhe perguntado por que e respondeu: "Quatro destas mulheres que acabam de dar testemunho me devem dinheiro, e minha família e eu estamos morrendo de fome porque não podemos comprar comida." Um testemunho não tem nenhum valor a não ser que esteja respaldado por obras que garantam sua sinceridade. Jesus Cristo não pede uma mudança nas palavras, e sim na vida.

(4) E a história termina com as grandes palavras: o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido. Devemos tomar cuidado sempre de como interpretamos esta palavra *perdido*. No Novo Testamento não significa maldito ou condenado. Simplesmente significa *no lugar equivocado*. Algo está perdido quando saiu de seu lugar e está em um lugar equivocado, e quando o encontramos voltamos a pô-lo no lugar que lhe correspondia. Um homem está perdido quando se afastou de Deus; e é achado quando mais uma vez ocupa seu lugar correto como um filho obediente "no lar e na família de seu Pai.

A CONFIANÇA DE UM REI EM SEUS SERVOS

Lucas 19:11-27

Esta parábola é única entre as que Jesus relatou, porque é a única apoiada em parte num evento histórico. Conta-nos a respeito de um rei

que saiu de viagem para receber um reino, e seus súditos fizeram tudo o que puderam para que não o fizesse. Quando Herodes o Grande morreu no ano 4 a.C. deixou seu reino dividido entre Herodes Antipas, Herodes Felipe e Arquelau. Antes de entrar em vigência a divisão tinha que ser ratificada pelos romanos que dominavam a Palestina.

Arquelau, a quem foi deixada a Judéia, foi a Roma para persuadir a Augusto para que o deixasse entrar na posse de sua herança, e atrás dele os judeus enviaram uma comitiva de cinqüenta homens a Roma para informar a Augusto de que não queriam tê-lo como rei. Em realidade, Augusto lhe confirmou sua herança, mas sem o título de rei. Qualquer pessoa na Judéia, ao ouvir a parábola, recordaria imediatamente as circunstâncias históricas sobre as quais se apoiava. A parábola do rei e seus servos nos fala a respeito de certas grandes realidades da vida cristã.

(1) Fala-nos a respeito da *confiança* do rei. Deu dinheiro a seus servos, foi de viagem e deixou que o utilizassem como pudessem e quisessem. Não tratou de influir neles de maneira nenhuma, nem lhes impôs sua vontade. Deixou que utilizassem sua própria criatividade. Essa é a forma como Deus confia em nós. Alguém disse: "O mais lindo a respeito de Deus é que confia em que façamos muito por nossa conta."

(2) Fala-nos a respeito da *prova* do rei. Como sempre, esta confiança era uma prova. Provava-se se podia confiar-se e depender de um homem nas coisas pequenas. Algumas vezes o homem justifica certas ineficácias nos assuntos rotineiros da vida dizendo que "sua mente está acima das tolices." Deus não é assim. Precisamente nessas tarefas de rotina Deus está provando os homens. Não há melhor exemplo que o próprio Jesus. Em seus trinta e três anos de vida, Jesus passou trinta em Nazaré. Se não tivesse desempenhado com fidelidade absoluta as tarefas de um carpinteiro em Nazaré e as obrigações do sustento de sua família, Deus jamais lhe teria dado a tarefa suprema de ser o Salvador do mundo.

(3) Fala-nos a respeito da *recompensa* do rei. O que os servos fiéis receberam não foi uma retribuição que podiam gozar sentados de braços cruzados e sem fazer nada. Um foi posto sobre dez cidades e o outro

sobre cinco. A recompensa do trabalho bem feito foi mais trabalho. O maior elogio para um homem é dar-lhe tarefas mais difíceis e grandiosas. A grande recompensa de Deus para o homem que satisfez a prova é mais confiança.

(4) A parábola conclui com uma das inexoráveis leis da vida. Ao que mais tem, mais lhe será dado; ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Se a gente praticar um esporte, quanto mais o fizer jogará com maior eficácia; se não o fizer, perderá o pouco impulso e habilidade que tinha. Se disciplinamos e treinamos nossos corpos, eles se tornarão mais fortes e melhores; se não o fizermos, eles se tornarão obesos e frouxos, e perderemos as forças que tínhamos. Se um estudante está aprendendo latim, e continua com sua aprendizagem, a literatura latina lhe entregará cada vez mais sua riqueza; se não continuar aprendendo, esquecerá o latim que sabia. Se realmente perseguirmos a bondade; se dominarmos tal ou qual tentação, abrirão-se ante nós novas perspectivas de bondade; se deixarmos de lutar e seguimos o caminho fácil, perderemos o poder de resistência que tínhamos e nos deslizaremos até da pequena altura que tínhamos alcançado.

Na vida cristã não há tal coisa como estar quietos. Ou obtemos mais ou perdemos o que tínhamos. Ou avançamos a maiores alturas ou retrocedemos cada dia.

A ENTRADA DO REI

Lucas 19:28-40

De Jerusalém a Jericó não havia mais de trinta quilômetros, e nesse momento Jesus quase tinha alcançado sua meta. O fim de seu caminho estava próximo. Os profetas tinham um costume comum que utilizavam seguidamente. Quando as palavras não tinham efeito, quando o povo não queria compreender e entender a mensagem falada, recorriam a alguma ação dramática que punha sua mensagem dentro de um quadro que ninguém podia deixar de ver. Temos exemplos destas dramáticas ações

proféticas em 1 Reis 11:29-31; Jeremias 13:1-11; 27:1-11; Ezequiel 4:1-3; 5:1-4. Agora Jesus planejou uma ação dramática como essas. Propôs-se entrar em Jerusalém de tal maneira que a própria ação fosse um sinal indisputável de que Ele era o Messias, o Rei Ungido de Deus.

Temos que notar algumas coisas acerca desta entrada a Jerusalém.

(1) Foi planejada cuidadosamente. Não foi uma ação repentina e impulsiva. Jesus não deixou as coisas para o último momento. Fez acertos com os donos do jumentinho. *O Senhor precisa dele* era uma contra-senha escolhida muito antes.

(2) Foi um ato de glorioso desafio, e de uma grande coragem. Neste momento a cabeça de Jesus já tinha preço (João 11:57). Teria sido natural, que se entrava em Jerusalém o tivesse feito sem ser visto e se escondesse em algum lugar secreto nos subúrbios. Mas entrou em tal forma que atraiu a atenção do público sobre si mesmo, e ocupou o centro do cenário. É algo que nos corta a respiração pensar em um homem cuja cabeça tinha preço, um perseguido pela lei, entrando deliberadamente em uma cidade de modo que todos os olhos estivessem sobre Ele. É impossível exagerar a coragem de Jesus.

(3) Foi uma deliberada proclamação real. Era um cumprimento deliberado do estabelecido em Zacarias 9:9. Mas até nisso Jesus enfatizou o tipo de reinado que desejava. O jumento na Palestina não era um animal tão humilde. Era um animal nobre. Só na guerra se montava sobre cavalos; quando os reis vinham em paz o faziam sobre um jumento. De modo que Jesus por meio desta ação veio como um rei que chega a sua gente em amor e paz, não como o herói conquistador, em esplendor marcial, que a multidão esperava.

(4) Foi um último chamado. Nesta ação Jesus veio como que com as mãos estendidas, rogando e dizendo: "Mesmo agora, vocês não me aceitarão como rei?" Antes que o ódio dos homens o abatessem, confrontava-os uma vez mais com o último convite de amor.

A PIEDADE E A IRA DE JESUS

Lucas 19:41-48

Nesta passagem há três incidentes separados.

(1) O lamento de Jesus sobre Jerusalém. Ao descer do Monte das Oliveiras há uma vista magnífica de Jerusalém na qual toda a cidade jaz perante os olhos. Quando Jesus chegou a essa parte do caminho, deteve-se e chorou sobre Jerusalém. Sábia o que ia acontecer a essa cidade. Até essa época os judeus estavam embarcando em uma série de intrigas e manejos políticos que terminariam na destruição da cidade em 70 d. C., quando foi devastada de maneira tal que foi passado um arado pelo meio dela. O trágico é que se só tivessem abandonado seus sonhos de poder político e tivessem tomado o caminho de Cristo, isso jamais teria acontecido. As lágrimas de Jesus são as de Deus quando vê a dor e o sofrimento desnecessário em que se vêem envoltos os homens em sua insensata rebelião contra Sua vontade.

(2) A purificação do templo. O relato de Lucas é muito resumido; o do Mateus é um pouco mais completo (Mateus 21:12, 13). Por que Jesus, que era a própria encarnação do amor, agiu com tanta violência contra os cambistas e os que vendiam animais nos átrios do templo? Primeiro, consideremos os cambistas. Todo varão judeu tinha que pagar um imposto para o templo que consistia em meio siclo ao ano, soma que devemos recordar que equivalia a dois jornais de um operário. Um mês antes da Páscoa sei levantavam postos em todas as cidades e vilas e se pagava ali; mas em geral a maior parte se pagava em Jerusalém, já que os peregrinos iam lá para a festa.

Na Palestina circulavam todo tipo de moedas, e eram todas válidas, quer gregas, romanas, fenícias, sírias ou egípcias, para os negócios comuns. Mas este imposto tinha que ser pago ou nos exatos meios siclos do santuário ou em siclos galileus comuns. Aqui é onde intervêm os cambistas. Para trocar uma moeda de valor exato acrescentavam um *maah*. Se queria trocar uma moeda maior, acrescentava-se um *maah* pelo

meio siclo e outro pelo resto da mudança. Era uma franca usura que se impunha às pessoas pobres que apenas podiam pagar.

Vejamos, em segundo lugar, os vendedores de animais. Quase toda visita ao templo envolvia um sacrifício. As vítimas podiam ser compradas fora a preços razoáveis; mas as autoridades do templo tinham renomados inspetores porque a vitima não devia ter nenhuma mancha nem arranhão. Portanto, era mais seguro comprar os animais nos postos estabelecidos oficialmente no templo. Mas se dava o caso de que um casal de pombas custasse quinze vezes mais dentro do templo que fora. Uma vez mais se exauria deliberadamente os pobres peregrinos. Era simplesmente um roubo legal. O que é pior, esses postos no templo eram conhecidos como os postos de Anás, e eram propriedade da família do sumo sacerdote.

Por essa razão Jesus foi levado primeiro a Anás quando foi detido (João 18:13). Anás estava muito contente de poder regozijar-se com o sofrimento deste Jesus, que tinha dado um golpe muito forte a seu maldito monopólio. Jesus purificou o templo com tanta violência porque seu comércio era utilizado para explorar homens e mulheres que não podiam defender-se. Não era simplesmente que a compra e venda interferiam com a dignidade e solenidade do culto. O que acontecia era que a própria adoração na casa de Deus era utilizada para explorar os crentes. Seu coração inflamado pela justiça social foi o que o levou a adotar essa medida drástica.

(3) Há algo incrivelmente audaz na ação de Jesus de ensinar nos átrios do templo quando a sua cabeça estava a prêmio. Era um desafio. As autoridades não podiam prendê-lo nesse momento, porque o povo estava pendente de suas palavras. Mas cada vez que falava tinha sua vida em suas mãos, e sabia muito bem que em qualquer momento chegaria o fim. A coragem do cristão deveria semelhar-se ao de seu Senhor. Ele nos deixou o exemplo de que nunca devemos nos envergonhar de mostrar a Quem pertencemos e servimos.

Lucas 20

Com que autoridade? - Luc. 20:1-8
Uma parábola que é una condenação - Luc. 20:9-18
César e Deus - Luc. 20:19-26
A pergunta dos saduceus - Luc. 20:27-40
As advertências de Jesus - Luc. 20:41-44
O desejo de honra entre os homens - Luc. 20:45-47

COM QUE AUTORIDADE?

Lucas 20:1-8

Este capítulo nos descreve o que é chamado comumente o *Dia das Perguntas*. Era um dia no qual as autoridades judaicas, em todos os distintos setores, aproximaram-se de Jesus para perguntar uma coisa após outra com o intuito de apanhá-lo. Nesse dia, Jesus em sua sabedoria respondeu de tal maneira que tampou a boca deles e os deixou sem resposta.

Os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos expuseram a primeira pergunta. Os principais sacerdotes era um corpo de homens composto por ex-sumo sacerdotes e membros das famílias das quais tinham saído sumos sacerdotes. A frase descreve a aristocracia religiosa do templo. Os três grupos compunham o Sinédrio, o conselho supremo e corpo governante dos judeus; bem podemos considerar esta pergunta como confeccionada e levantada pelo Sinédrio com a idéia de formular uma acusação contra Jesus.

Com razão perguntaram com que autoridade realizava essas coisas! Ir a Jerusalém como ele tinha feito, e depois tomar a lei em suas mãos e purificar o templo como o fez requeria alguma explicação. Para os judeus ortodoxos desse momento, a sereno ascensão de autoridade de Jesus era algo surpreendente de qualquer maneira. Nenhum rabino julgava nem dava uma afirmação sem assinalar sua autoridade. Diria: "Há um ensino que...". Ou "Isto foi confirmado pelo rabino Fulano de tal

quando disse..." Mas ninguém havia sustentado essa autoridade totalmente independente com a qual Jesus se movia entre os homens. O que queriam era que Jesus dissesse brusca e diretamente que Ele era o Messias e o Filho de Deus. Assim já teriam pronta uma acusação de blasfêmia e poderiam prendê-lo imediatamente. Mas Ele não deu essa resposta porque sua hora não tinha chegado.

A resposta de Jesus às vezes se descreve como uma hábil maneira de ganhar tempo e evitar o debate. Mas é mais que isso. Pediu-lhes que respondessem o seguinte: "O batismo de João era do céu ou dos homens?" Segundo o que respondessem seria a resposta à sua própria pergunta. Todos sabiam como João tinha considerado a Jesus, e como ele próprio se considerou como o anunciador do Messias. Se estavam de acordo em que a autoridade de João era divina, então estavam dizendo que Jesus era o Messias já que João o havia dito. Se o negavam, o povo podia levantar-se contra eles. A resposta de Jesus em realidade perguntava: "Digam-me, de onde crêem que vem minha autoridade?", Não precisava responder a pergunta deles se eles respondiam a sua.

Enfrentar a verdade pode confrontar o homem com uma situação difícil e penosa; mas o negar-se a fazê-lo o confronta com um matagal do qual não pode escapar. Os emissários dos fariseus não quiseram ver a verdade, e tiveram que retirar-se, frustrados e desacreditados perante a multidão.

UMA PARÁBOLA QUE É UMA CONDENAÇÃO

Lucas 20:9-18

Esta é uma parábola cujo significado é claro como o cristal. A vinha representa a nação de Israel (comp. Isaías 5:1-7). Os lavradores são os governantes de Israel em cujas mãos se confiou a nação. Os mensageiros são os profetas que foram desprezados, perseguidos e mortos. O filho é o próprio Jesus. E o castigo será a transferência para outros do lugar que Israel ocupou.

O relato em si refere-se a fatos reais. Judéia na época de Jesus estava angustiada pelos problemas econômicos e trabalhistas. Havia muitos proprietários que se ausentavam e deixavam suas terras nessas condições. O arrendamento raramente se pagava em dinheiro. Fixava-se uma quantidade do produto, que não respeitava o êxito ou o fracasso da colheita, ou uma percentagem dos frutos, quaisquer que fossem.

Por seu ensino é uma das parábolas mais ricas. Diz-nos certas coisas sobre o homem.

(1) Fala-nos sobre o *privilégio humano*. Os lavradores não fizeram a vinha. Entraram em posse dela. Seu dono não os dominou com um chicote. Foi de viagem e deixou que trabalhassem como quisessem.

(2) Fala-nos sobre o *pecado humano*. O pecado dos lavradores foi que se negaram a dar ao dono o que lhe pertencia, e quiseram dirigir as coisas que só o dono tinha direito de dirigir. O pecado consiste em não dar a Deus o lugar que lhe corresponde na vida e em usurpar o poder que teria que ser dEle.

(3) Fala-nos a respeito da *responsabilidade humana*. Por muito tempo os lavradores puderam fazer o que quiseram; mas chegou o dia em que se deviam ajustar as contas. Mais cedo ou mais tarde o homem é chamado a prestar contas do que lhe foi encarregue.

A parábola diz certas coisas a respeito de Deus.

(1) Fala-nos a respeito da *paciência* de Deus. O dono não castigou o primeiro sinal de rebelião dos lavradores. Deu-lhes uma oportunidade atrás de outra para fazer o que correspondia. Não há nada tão maravilhoso como a paciência de Deus. Se qualquer homem tivesse criado o mundo, em sua exasperação há muito já o teria.

(2) Fala-nos sobre o *julgamento* de Deus. Os lavradores pensavam que podiam presumir da paciência de seu amo, que – usando um termo moderno – podiam fazer sua própria vontade. Mas Deus não abdicou. Por muito que um homem pareça ter feito sua própria vontade, chegará o dia em que se ajustarão as contas. Como diziam os romanos: "A justiça

sustenta a balança em um equilíbrio parecido e escrupuloso e afinal prevalecerá."

A parábola nos diz algo a respeito de Jesus.

(1) Diz-nos que *sabia o que se aproximava dele*. Não foi a Jerusalém sonhando que poderia escapar da cruz. Com os olhos abertos e sem medo, seguiu adiante. Quando Aquiles, o grande herói grego, recebeu a advertência da profetisa Cassandra de que, se saísse à batalha, com certeza morreria, respondeu: "Não obstante, vou seguir." Para Jesus não havia retrocesso.

(2) Diz-nos que *nunca duvidou do triunfo final de Deus*. Mais à frente do poder dos homens malvados estava a majestade invencível de Deus. Pode ser que nos pareça que a maldade prevalece por um momento, mas no final não pode evitar seu castigo.

(3) Apresenta inequivocamente a afirmação de Jesus *de que Ele é o Filho de Deus*. Nela se afasta deliberadamente da linha dos profetas. Eles eram servos. Ele é o Filho. Nesta parábola declarou de maneira que ninguém podia deixar de ver, que era o Rei escolhido de Deus.

A citação a respeito da pedra que os edificadores rechaçaram é do Salmo 118:22, 23. Era uma das citações favoritas da igreja primitiva como descrição da morte e da ressurreição de Jesus (comp. Atos 4:11; 1 Pedro 2:7).

CÉSAR E DEUS

Lucas 20:19-26

Aqui os emissários do Sinédrio voltaram a atacar. Subornaram a homens para que se aproximassem de Jesus e lhe perguntassem algo que realmente era um problema de consciência para eles. O tributo que se devia pagar a César era um imposto que consistia em um denário por ano. Toda pessoa entre os 14 e os 65 anos de idade tinha que pagá-lo pelo simples privilégio de existir. Havia muita resistência a este tributo na Palestina, e tinha sido causa de mais de uma rebelião. Não se

questionava simplesmente a questão financeira. O tributo não era visto como uma pesada imposição, e em realidade não era nenhuma carga.

O que se discutia era o seguinte: os judeus fanáticos alegavam que não tinham outro rei senão Deus, e sustentavam que estava mal pagar impostos a outro que não fosse Deus. A questão era de índole religiosa, pela qual muitos estavam dispostos a morrer. De modo que estes emissários do Sinédrio tentaram fazer Jesus cair nas hastes do dilema. Se dizia que não se devia pagar o tributo, imediatamente o denunciariam a Pilatos e seria detido. Se dizia que se devia pagar, afastaria a muitos dos que o apoiavam, especialmente os galileus, cujo respaldo era forte. Jesus respondeu em suas próprias palavras. Pediu que lhe mostrassem um denário.

No mundo antigo a efígie real figurava nas moedas. Por exemplo, os macabeus tinham emitido moedas com seus valores, nem bem Jerusalém se liberou dos sírios. Mais ainda, estava admitido universalmente que o direito de emitir moeda trazia consigo o direito de impor impostos. Se um homem tinha o direito de pôr sua imagem e inscrição em uma moeda, de fato tinha adquirido o direito de cobrar impostos.

De modo que Jesus disse: "Se aceitarem o sistema monetário do César e o utilizam, estão obrigados a aceitar seu direito de cobrar impostos"; "mas", continuou: "há um domínio no qual o que César estabelece não tem valor e que pertence inteiramente a Deus."

(1) Se um homem viver em uma nação, e goza dos privilégios da mesma, não pode separar-se dela. Quanto mais honesto seja, melhor cidadão será. Em uma nação não deveria haver cidadãos mais conscientes e melhores que os cristãos; e uma das tragédias da vida moderna é que os cristãos não tomem parte no governo de sua nação. Se abandonarem suas responsabilidades, e deixam que os políticos materialistas governem o país, não podem queixar-se do que acontece nem do que virá.

(2) Entretanto, é certo que na vida do cristão, a última palavra é de Deus e não do Estado. A voz da consciência é mais forte que a de qualquer lei feita pelos homens. O cristão é ao mesmo tempo o servo e a consciência de sua nação. Justamente por ser o melhor dos cidadãos se negará a fazer o que um cristão não pode fazer. Ao mesmo tempo temerá a Deus e honrará ao rei.

A PERGUNTA DOS SADUCEUS

Lucas 20:27-40

Uma vez silenciados os emissários do Sinédrio, apareceram em cena os saduceus.

Sua pergunta respondia a duas coisas.

(1) *À lei do matrimônio de levirato* (Deuteronômio 25:5). De acordo com esta lei se um homem morria sem filhos, seu irmão devia casar-se com a viúva, gerando-lhe filhos para continuar a sua linha sangüínea. Não é provável que essa lei tivesse vigência na época de Jesus, mas estava incluída dentro das normas mosaicas e portanto os saduceus a viam como obrigação.

(2) *Às crenças dos saduceus*. Muitas vezes são mencionados junto aos fariseus, mas em crenças eram dois pólos opostos.

(a) Os fariseus eram um grupo totalmente religioso. Não tinham ambições políticas, e estavam de acordo com qualquer governo que lhes permitisse conservar a Lei cerimonial. Os saduceus eram menos, mas mais ricos. Quase todos os sacerdotes e aristocratas eram saduceus. Eram a classe governante; em geral colaboravam com Roma. Quase sempre acontece que em um país ocupado os ricos som colaboracionistas simplesmente porque não querem perder suas riquezas, suas comodidades y seus postos, e estão preparados a colaborar para obtê-lo.

(b) Os fariseus aceitavam as Escrituras e além disso os mil e um detalhes minuciosos sobre a Lei oral e cerimonial, tais como a Lei do sábado e as que regulamentavam a lavagem de mãos. Os saduceus

aceitavam somente as leis escritas do Antigo Testamento. E nele davam ênfase especial à Lei de Moisés e não davam importância aos livros proféticos.

(c) Os fariseus acreditavam na ressurreição dos mortos e nos anjos e nos espíritos. Os saduceus sustentavam que não havia ressurreição, nem anjos nem espíritos.

(d) Os fariseus criam no destino. Criam que a vida do homem estava planejada e ordenada Por Deus. Os saduceus acreditavam no livre-arbítrio sem restrições.

(e) Os fariseus acreditavam no Messias e esperavam sua vinda; os saduceus não. Para eles a chegada do Messias teria sido um incômodo para suas vidas cuidadosamente ordenadas.

Os saduceus, pois, aproximaram-se com esta pergunta a respeito de quem seria o marido no céu de uma mulher que se casou sete vezes. Consideravam que uma pergunta assim era das que faziam parecer ridícula a ressurreição do corpo. A resposta de Jesus encerra uma verdade de valor permanente. Disse que não devemos pensar no céu em termos terrestres. A vida ali será muito diferente, porque nós estaremos mudaremos. Evitaríamos muito desperdício de engenho e não poucas angústias se deixássemos de especular a respeito de como será o céu e deixássemos as coisas ao amor de Deus.

Mas Jesus foi mais longe. Como dissemos, os saduceus não criam na ressurreição do corpo. Diziam que não podiam acreditar nela porque nos livros da lei que se dizia serem escritos por Moisés não há informação a respeito. Até então nenhum rabino tinha podido discutir com eles nesse terreno; mas Jesus o fez. Assinalou que Moisés mesmo tinha ouvido Deus dizer: “Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó” (Êxodo 3:6), e que era impossível que Deus fosse Deus dos mortos. Portanto Jacó, Abraão e Isaque ainda estão vivos. E por conseguinte existe a ressurreição do corpo. Com razão os escribas disseram que tinha sido uma boa resposta porque Jesus tinha enfrentado os saduceus em seu próprio terreno e os tinha derrotado.

Pode ser que achemos árida esta passagem. Tem que ver com questões que eram problemas candentes na época de Jesus, com argumentos que um rabino teria achado convincentes mas que não o são para a mente moderna. Mas desta aridez surge uma grande verdade para qualquer que ensine ou deseje recomendar o cristianismo a seus semelhantes: *Jesus utilizava argumentos que o povo de sua época podia entender*. Falava às pessoas em seu próprio idioma; enfrentava-os em seu próprio terreno; e precisamente por essa razão o povo o escutava com alegria.

Às vezes, quando lemos livros religiosos ou de teologia, temos a sensação de que tudo pode ser certo, mas que seria impossível apresentar isso ao homem sem capacitação teológica, que é a grande maioria no mundo e na igreja. Jesus utilizava uma linguagem e argumentos que o povo podia compreender; enfrentava as pessoas com seu próprio vocabulário, em seu próprio terreno, com suas próprias idéias. Seremos muito melhores professores de cristianismo e testemunhas de Cristo quando aprendermos a fazer o mesmo.

AS ADVERTÊNCIAS DE JESUS

Lucas 20:41-44

Vale a pena estudar sozinho esta breve passagem, porque é muito difícil de compreender. O título mais popular dado ao Messias era o de filho de Davi. Assim chamou Jesus o cego do Jericó (Lucas 18:38, 39), e assim o chamaram as multidões ao entrar em Jerusalém (Mateus 21:9).

Aqui Jesus parece pôr em dúvida a validez desse título. A citação é do salmo 110:1. Na época de Jesus todos os salmos eram atribuídos a Davi, e se pensava que este salmo se referia ao Messias. Nele Davi diz que ouviu Deus falando com o Ungido, dizendo que se sentasse à sua mão direita até que seus inimigos fossem sujeitos a seus pés; e nele Davi chama o Messias *meu* Senhor. Como pode o Messias ser ao mesmo tempo o filho e o Senhor de Davi?

Jesus estava fazendo aqui o que muitas vezes tentava fazer: corrigir as idéias populares sobre o Messias. A idéia popular sobre o Messias era que com ele chegaria a idade de ouro e Israel se converteria na nação maior do mundo. Era um sonho de poder político. Como ia acontecer isto? Havia muitas idéias, mas a idéia popular era que um grande descendente do rei Davi viria à Terra para ser o rei e capitão invencível. De modo que o título Filho de Davi estava inextricavelmente unido ao domínio do mundo, com façanhas militares e conquistas materiais. O que Jesus diz em realidade é: "Pensam na vinda do Messias como filho do Davi; assim é; *mas é muito mais*; ele é o Senhor." Está dizendo aos homens que devem rever suas idéias do que significa filho de Davi. Devem abandonar seus fantásticos sonhos de poderio mundial, e ver o Messias como o Senhor dos corações e das vidas dos homens. Implicitamente os culpava de ter uma idéia muito pequena de Deus. O homem sempre tende a esquecer toda a majestade de Deus e imaginá-lo à sua própria imagem.

O DESEJO DE HONRA ENTRE OS HOMENS

Lucas 20:45-47

As honras que os escribas e fariseus esperavam receber e conseguiam eram extraordinárias. Tinham normas de precedência cuidadosamente estabelecidas. No lugar de estudos, tinha o primeiro lugar o rabino mais sábio; em um banquete, o mais ancião.

Registra-se o caso de dois rabinos que voltaram depois de ter caminhado pela rua, tristes e surpreendidos porque mais de uma pessoa os tinha saudado: "Que sua paz seja grande", mas sem adicionar, "Meus mestres!" Pretendiam que sua posição fosse maior ainda que a dos pais."

Diziam: "Que a estima por um amigo se limite com a que sentes por teu professor, e que o respeito para com teu professor se limite com tua reverência por Deus." "O respeito por um professor deveria exceder o

que se sente por um pai, pois tanto o pai como o filho lhe devem respeito."

"Se o pai de alguém e um professor perderam algo, tem mais importância a perda do professor, devido a que o pai do homem só o trouxe ao mundo; seu professor, que lhe ensinou a sabedoria, introduziu-o na vida do mundo vindouro... Se o pai de um homem e um professor levam uma carga, deve ajudar primeiro o professor e logo a seu pai. Se seu pai e seu professor estão cativos, deve resgatar primeiro a seu professor e depois a seu pai."

Semelhantes exigências são quase incríveis; não era bom que um homem as fizesse; e era ainda pior que as concedessem. Os escribas e os rabinos tinham pretensões como estas.

Jesus também acusou os escribas de devorar as casas das viúvas. Um rabino estava obrigado pela lei a ensinar grátis. Supunha-se que todos tinham uma profissão e que se mantinham com o trabalho de suas mãos, enquanto ensinavam gratuitamente.

Isto parece muito nobre, mas era costume deliberadamente que manter um rabino era um ato de grande piedade. "Quem quer que ponha parte de suas entradas no bolso do sábio", diziam, "será considerado como digno de um assento na academia celestial." "Quem quer que hospede em seu lar um discípulo do sábio, será considerado como se fizesse um sacrifício diário." "Que sua casa seja um lugar freqüentado pelos homens sábios."

Portanto não é nada estranho que as mulheres facilmente impressionáveis fossem presa dos rabinos menos escrupulosos e mais amigos das comodidades. Os piores devoravam as casas das viúvas.

Todo este insalubre assunto escandalizava e repugnava a Jesus. A situação era pior porque esses homens eram os sábios e ocupavam lugares de responsabilidade na vida da comunidade. Deus sempre condenará o homem que utiliza sua posição de confiança para obter seus próprios fins e crescer em proveito próprio.

Lucas 21

O dom precioso - Luc. 21:1-4
Sinais antes do fim - Luc. 21:5-24
Estai alertas! - Luc. 21:25-38

O DOM PRECIOSO

Lucas 21:1-4

No templo, no Átrio das Mulheres havia treze caixas para ofertas conhecidas como “as Trombetas”. Sua forma era de trombeta com uma boca estreita e uma base larga. Cada uma delas recebia ofertas para distintos propósitos – por exemplo, para a lenha que se utilizava para queimar o sacrifício, para o incenso que se utilizava no altar, para a manutenção das vasilhas de ouro, e assim sucessivamente. Jesus estava sentado perto das Trombetas. Depois do extenuante debate com os emissários dos saduceus e do Sinédrio, estava cansado, e tinha a cabeça apoiada nas mãos. Olhou para cima e viu muita gente que lançava suas ofertas nas Trombetas; ali chegou a viúva pobre. Tudo o que tinha no mundo eram duas moedas. A branca era a menor moeda; seu nome, *lepton*, significa "a delgada", e, portanto, a oferta da viúva era muito pobre. Mas Jesus disse que ultrapassava em muito as outras oferendas, porque era tudo o que tinha.

Duas realidades determinam o valor de qualquer dom:

(1) *O espírito com que se dá*. Uma oferta extraída involuntariamente, uma oferta que se dá com um gemido, para salvar o prestígio ou por mostrar-se generoso, perde mais da metade de seu valor. A única oferta verdadeira é aquela que flui inevitavelmente do coração que ama, a que se dá porque aquele que dá não se pode conter.

(2) *O sacrifício que envolve*. O que pode ser muito pouco para uma pessoa, pode significar uma grande soma para outra. As ofertas que os ricos lançavam nas Trombetas, não lhes custavam muito em realidade; mas as duas moedas da viúva lhe custaram tudo o que tinha. Sem lugar a

dúvidas, os ricos calculavam muito bem o que podiam dar; ela deu com uma generosidade total e desinteressada, e não podia ofertar mais. Nossa oferta não é realmente oferta enquanto não nos dói. Um dom só demonstra nosso amor quando nos privamos que algo ou tivemos que trabalhar o dobro para dá-lo. Quão poucas pessoas doam a Deus assim! Alguém descreveu um homem na igreja, cantando com grande ardor um hino de ação de graças enquanto mede cuidadosamente as moedas de seu bolso para pôr vinte centavos e não cinqüenta na oferta.

É insensato o homem que pode ler a história da viúva e suas duas moedas sem examinar-se a si mesmo profunda e humildemente.

SINAIS ANTES DO FIM

Lucas 21:5-24

O cenário do capítulo

Do versículo 5 em adiante este capítulo se torna muito difícil. A dificuldade reside em que por trás dele há quatro concepções distintas.

(1) A concepção do *Dia do Senhor*. Os judeus consideravam que o tempo se dividia em duas idades. A *idade presente* que era ao mesmo tempo boa e má, irreformável e apta só para a destruição. *A era por vir* que era a idade de ouro de Deus e da supremacia judaica. Mas entre ambas estava o *Dia do Senhor*, que seria uma terrível época de transtornos cósmicos e destruição, as desesperados dores de parto da nova era. Seria um dia de terror.

“Eis que vem o Dia do SENHOR, dia cruel, com ira e ardente furor, para converter a terra em assolação e dela destruir os pecadores” (Isaías 13:9; comp. Joel 2:1, 2; Amós 5:18-20; Sofonías 1:14-18). Chegaria de repente. "O dia do Senhor virá como ladrão na noite" (1 Tess. 5:2; comp. 2 Pedro 3:10). Seria um dia em que o mundo tremeria. “Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz ... Portanto, farei estremecer os céus; e a terra será sacudida do seu lugar, por causa da ira do SENHOR dos Exércitos e por causa do dia do seu ardente furor”

(Isaías 13:10-13; comp. Joel 2:30,31; 2 Pedro 3:10). O Dia do Senhor era uma das crenças básicas do pensamento religioso na época de Jesus. Todos conheciam estas tremendas imagens. Nesta passagem os versículos 9, 11, 25 e 26 fazem uso desse imaginário.

(2) A *profecia da Queda de Jerusalém*. Esta cidade caiu sob as tropas romanas no ano 70 d. C. depois de um cerco desesperado durante o qual seus habitantes se viram reduzidos ao canibalismo e no qual a cidade teve que ser tomada literalmente pedra por pedra. Josefo, o historiador judeu, diz que morreu o número incrível de 1.100.000 pessoas, e que 97.000 foram levados em cativeiro. A nação judia foi extirpada; o templo foi incendiado e tudo foi desolação. Nesta passagem os versículos 5, 6, 20-24 se referem claramente a este acontecimento futuro.

(3) A *Segunda Vinda de Cristo*. Jesus tinha certeza de que ia voltar, e a igreja primitiva esperava sua chegada. Freqüentemente nos ajudará a compreender as passagens do Novo Testamento a respeito da segunda vinda, o recordar que se adotou e lhe atribuiu grande parte do antigo imaginário referente ao Dia do Senhor. Nesta passagem os versículos 27 e 28 se referem claramente a ela. Esperava-se que antes da Segunda Vinda surgissem falsos pregadores pretendendo ser o Cristo, e que houvesse grandes catástrofes. Nesta passagem os versículos 7, 8 e 9 fazem referência a isso.

(4) A idéia da *Iminente Perseguição*. Jesus previu e profetizou as coisas terríveis que os seus teriam que sofrer por sua causa nos dias por vir. Os versículos 12-19 desta passagem se referem a isso.

Esta passagem se tornará muito mais compreensível e valiosa se recordarmos que não contém uma só idéia a não ser quatro concepções reunidas.

A passagem

Um comentário sobre o esplendor do templo foi o que levou Jesus a profetizar. As colunas pilares dos pórticos e dos claustros eram de

mármore branco, de uns treze metros de altura, cada um feito de um só bloco de pedra. Das ofertas, a mais famosa era uma grande videira de ouro maciço; cada um de cujos cachos era tão alto como um homem.

A descrição mais detalhada do templo tal como era na época de Jesus se acha na obra de Josefo *As guerras dos judeus*, livro 5, seção 5. Em um lugar Josefo diz: "A cara exterior do templo não podia senão surpreender a mente do homem e seus olhos porque estava coberta totalmente de pranchas de ouro de grande peso, e, com os primeiros raios do Sol refletiam um grande resplendor como fogo, que fazia com que aqueles que se esforçavam a olhá-lo apartassem os olhos, tal como o teriam feito diante do próprio Sol. Mas para os estranhos, quando estavam a certa distância, o templo parecia uma montanha coberta de neve, porque aquelas partes que não eram douradas, eram extremamente brancas." Para os judeus era incrível que a glória do templo tivesse que ser convertida em pó.

Nesta passagem descobrimos certas características básicas de Jesus e da vida cristã.

(1) Jesus podia ler os sinais da história. Outros podiam estar cegos em face do desastre que se aproximava, mas Ele via a avalanche que estava por chegar. Só quando um homem vê as coisas através dos olhos de Deus, percebe claramente.

(2) Jesus era completamente honesto. Disse a seus discípulos: "Isto é o que devem esperar se decidem seguir-me." Uma vez, em meio de uma grande luta por obter justiça um heróico líder, escreveu a um amigo: "As cabeças rodam pela areia, vêem e agrega a tua." Jesus acreditava nos homens o suficiente para lhes oferecer não o caminho fácil, e sim o atalho dos heróis.

(3) Jesus prometeu a seus discípulos que nunca teriam que enfrentar sozinhos suas tribulações. Toda a história evidencia que os grandes cristãos, com freqüência, quando seus corpos eram torturados e quando estavam aguardando a morte, escreveram a respeito de seus doces encontros com Jesus. Uma prisão pode ser um palácio, um cadafalso

como um trono, as tormentas da vida como o clima do verão quando Cristo está conosco.

(4) Jesus falou de uma segurança que ultrapassa as ameaças da Terra. Disse: "Nem um cabelo de vossa cabeça perecerá." O homem que caminha com Cristo pode perder a vida, mas nunca. perderá sua alma.

ESTAI ALERTAS!

Lucas 21:25-38

Aqui há dois conceitos principais

(1) O conceito da *Segunda Vinda de Jesus Cristo*. Sempre houve vãs e inúteis discussões e especulações a respeito da Segunda Vinda. Não é nos pertence saber quando será ou como será. Mas a grande verdade encerrada nisso é que a história se dirige para algum lugar. Os estóicos pensavam que a história era circular. Sustentavam que cada três mil anos mais ou menos o mundo era consumido por uma grande conflagração, e que depois começava tudo de novo, e a história se repetia. Isto significava que a história não ia a lugar nenhum, e que os homens estavam sempre dando voltas. A concepção cristã da história é que tem uma meta, e que nela, Jesus Cristo será o Senhor de tudo. Isso é tudo o que sabemos, e tudo o que precisamos saber.

(2) Dá-se ênfase à *necessidade de estar alerta*. O cristão não deve pensar que está vivendo em uma situação permanente. Deve ser um homem que vive em um estado de vigília permanente. Uma novelista, em um de seus livros, tem um personagem que não se rebaixava a fazer certas coisas que outros faziam. "Eu sei", dizia, "que um dia chegará algo grande a minha vida, e quero estar preparado para recebê-lo." Devemos viver sempre à sombra da eternidade, com a certeza de que nos estamos preparando ou não para chegar à presença de Deus. Não há nada tão comovedor como a vida cristã.

(3) Jesus passou o dia entre as multidões do templo; passou a noite sob as estrelas com Deus. Recebia forças para encontrar-se com o povo

nos momentos tranqüilos que passava sozinho; podia enfrentar os homens porque chegava a eles depois de ter estado na presença de Deus.

Lucas 22

Satanás entrou em Judas - Luc. 22:1-6
A última refeição juntos - Luc. 22:7-23
Os discípulos de Cristo disputam entre si - Luc. 22:24-40
A tragédia de Pedro - Luc. 22:31-38 e 54-62
Seja feita a tua vontade - Luc. 22:39-46
O beijo de um traidor - Luc. 22:47-53
Ridicularizado, açoitado e julgado - Luc. 22:63-71

SATANÁS ENTROU EM JUDAS

Lucas 22:1-6

Quando Jesus chegou a Jerusalém para morrer, era a época de Páscoa. A festa dos Pães sem Levedura não é, falando estritamente, o mesmo que a Páscoa. A primeira durava uma semana, de 15 a 21 de Nisã (abril), e a Páscoa propriamente dita se comia dia 15 de Nisã. Comemorava a liberação do povo do Israel de sua escravidão no Egito (Êxodo 12). Essa noite o anjo da morte tinha destruído os primogênitos de todas as famílias egípcias, mas não tocou os lares dos israelitas, porque o batente de suas portas estava salpicado com o sangue de um cordeiro para distingui-las. Essa noite partiram tão apressadamente que, em sua última refeição, não houve tempo de assar o pão com levedura. Comeram tortas sem levedura.

Faziam-se muitos preparativos complicados para a Páscoa. Reparavam-se as estradas; asseguravam-se as pontes; pintavam de branco as tumbas à beira das rotas, para não sucedesse que os peregrinos não as vissem, tocassem nelas e ficassem impuros. Um mês antes, o tema central nas sinagogas era a história e o significado da Páscoa.

Dois dias antes da festa se fazia em todas as casas uma busca cerimonial de levedura. O dono de casa tomava uma vela e procurava

somente em cada canto e fenda em silêncio, e se atirava até a última partícula de levedura. Todo varão judeu maior de idade, que vivesse dentro dos vinte e cinco quilômetros de Jerusalém, estava obrigado pela Lei a ir ali durante a Páscoa. Mas a ambição de todo judeu em todas as partes do mundo era ir a Jerusalém durante a Páscoa embora fosse uma vez em sua vida. Até o dia de hoje, quando os judeus de todo o mundo guardam a Páscoa, oram para que no próximo ano possam fazê-lo em Jerusalém. Devido a isto, grandes multidões chegavam à cidade para esta época. Céstio era governador da Palestina na época de Nero, e este imperador tendia a subestimar a importância da fé dos judeus. Para convencer a Nero Céstio tomou um censo de todos os cordeiros que se sacrificavam em uma Páscoa. Josefo nos diz que seu número foi de 256.500. Agora, a Lei estabelecia que o número mínimo de pessoas para celebrar a Páscoa era de dez. Em conseqüência, nessa ocasião, se as cifras forem corretas, deve ter havido mais de 2.700.000 peregrinos. Em uma cidade tão apinhada de gente foi onde teve lugar o drama dos últimos dias de Jesus.

A atmosfera da Páscoa era sempre inflamável. A sede do governo romano estava em Cesaréia, e, normalmente, em Jerusalém estava destacado um pequeno número de soldados; mas durante a Páscoa seu número aumentava. O problema que deviam enfrentar as autoridades judaicas era como prender a Jesus sem provocar um tumulto. A traição de Judas resolveu o assunto. Satanás entrou em Judas.

Duas coisas que se destacam aqui.

(1) Assim como Deus sempre está procurando homens que sejam seus instrumentos, Satanás também o está. O homem pode ser instrumento do bem ou do mal, de Deus ou do diabo. Os seguidores de Zoroastro vêem este universo como o campo de batalha entre o deus da luz e o deus das trevas, e, nessa batalha, o homem deve decidir-se por um deles. Nós, também, sabemos que o homem pode servir à luz ou às trevas.

(2) Mas o que é certo é que Satanás não poderia ter entrado em Judas a não ser que este lhe abrisse a porta. A porta do coração humano não tem trinco do lado de fora. Deve ser aberta por dentro.

Nós mesmos devemos decidir entre ser um instrumento de Satanás ou uma arma nas mãos de Deus. Podemos nos alistar em um ou outro serviço. Deus nos ajude a escolher o correto!

A ÚLTIMA REFEIÇÃO JUNTOS

Lucas 22:7-23

Uma vez mais Jesus não deixou as coisas até último momento; fez seus planos.

As casas das classes privilegiadas tinham duas habitações. Uma sobre a outra, faziam com que a casa parecesse uma pequena caixa localizada sobre outra maior. Chegava-se ao aposento alto por meio de uma escada exterior. Durante a Páscoa o alojamento em Jerusalém era gratuito. O único pagamento que um anfitrião podia receber por abrigar os peregrinos era a pele do cordeiro que comiam na festa. Um uso muito comum do aposento alto era o de ser o lugar de reunião de um rabino com seus discípulos prediletos para falar com eles e lhes abrir seu coração. Jesus tinha tomado medidas para conseguir tal lugar. Enviou Pedro e João à cidade para que procurassem um homem levando um cântaro com água. Conduzir água era uma tarefa de mulheres. Um homem que levasse um cântaro com água séria tão fácil de distinguir, digamos, como um homem que usasse um guarda-chuva de mulher em um dia de chuva. Este era um sinal combinado de antemão entre Jesus e um amigo.

A festa continuou; e Jesus utilizou os símbolos antigos para lhes dar um novo significado.

(1) Do pão disse: "Isto é o meu corpo." Isto é exatamente o que queremos dizer por sacramento. Um sacramento é algo, quase sempre muito comum, que adquiriu um significado muito além de si mesmo para

aquele que tem olhos para ver e coração para compreender. Não há nada especialmente teológico ou misterioso nele. Em todas as nossas casas há alguma gaveta cheia de coisas que poderiam ser chamados lixo, mas que ninguém tira; não podemos fazê-lo, porque quando tomamos e tocamos, e as olhamos, trazem-nos memórias de tal ou qual ocasião ou de tal ou qual pessoa. São coisas comuns, mas têm um significado além de si mesmos. Isso é um sacramento.

Quando a mãe do Sir James Barrie morreu, e quando estavam tirando seus pertences, encontraram que tinha guardado todos os envelopes nos quais seu famoso filho lhe enviava tão fiel e amorosamente seus cheques. Eram só velhos envelopes, mas significavam muito para ela. Isso é um sacramento.

Quando se enterrou Nelson na Catedral de São Paulo, um grupo de marinheiros levou seu ataúde à tumba. Alguém que viu a cena escreve: "Com reverência, e com eficiência, baixaram à sua tumba o corpo do maior almirante do mundo. Depois, como se respondessem a uma rápida ordem da ponte de comando, tomaram a bandeira britânica que cobria o ataúde e a rasgaram em fragmentos, e cada um tomou essa lembrança do ilustre morto." Durante toda sua vida esse pedaço de tecido colorido lhes falaria do almirante que amavam. Isso é um sacramento.

O pão que comemos durante o sacramento é comum, mas, para aquele que tem um coração que sente e compreende, é o próprio corpo do Cristo.

(2) Do cálice disse: “Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós.” É a nova aliança feita ao preço do sangue de Cristo." No sentido bíblico, um pacto é uma relação entre o homem e Deus. Ele se aproxima amavelmente do homem; e este promete obedecer e guardar sua lei. Tudo isto está estabelecido em Êxodo 24:1-8. A continuidade desse pacto depende do homem cumprir sua promessa e obedecer a lei; mas por si mesmo não pode fazê-lo; seu pecado interrompe a relação com Deus. Todo o sistema de sacrifícios judaicos

estava desenhado para restaurar essa relação oferecendo sacrifícios a Deus para expiar o pecado.

O que Jesus disse foi o seguinte: "Com minha vida, e com minha morte, ornei possível uma nova relação entre vocês e Deus. Vocês são pecadores, é certo. Mas porque eu morri por vocês, Deus já não é mais seu inimigo e sim seu amigo." Custou a vida de Cristo restaurar a perdida relação de amizade entre o homem e Deus.

(3) Jesus disse: "Fazei isto em memória de mim." Sabia quão facilmente a mente humana esquece. Os gregos tinham uma frase que usavam para descrever o tempo; diziam: "O tempo apaga todas as coisas", como se a mente do homem fosse um quadro-negro, e o tempo fosse uma esponja que podia limpá-lo. Jesus estava dizendo: "Com a pressa e a pressão das coisas vocês me esquecerão. O homem esquece porque é fraco e não porque queira fazê-lo. Venham à paz e tranqüilidade de meu lar e façam isto com meu povo – e recordarão."

O fato de que nessa mesma mesa estivesse um que era traidor fazia mais dramática a tragédia. Em toda mesa de comunhão Jesus Cristo tem quem o trai, porque se em sua casa nos entregamos a ele e depois em nossa vida o negamos, somos também traidores de sua causa.

OS DISCÍPULOS DE CRISTO DISPUTAM ENTRE SI

Lucas 22:24-30

Uma das coisas mais trágicas do relato evangélico é que os discípulos pudessem discutir a respeito de seus privilégios à sombra da cruz. A distribuição dos assentos em uma festa judaica era muito definida. A mesa estava arrumada como um quadrado com um lado aberto. No lado da frente, no meio, sentava-se o anfitrião. À sua direita o hóspede de mais categoria; à sua esquerda o que segundo em importância; do segundo à sua direita o seguinte; do segundo à sua esquerda o próximo, e assim tudo ao redor da mesa. Os discípulos tinham estado discutindo a respeito de que lugar foram ocupar, porque

ainda não se livraram da idéia de um reino terrestre. Jesus lhes disse categoricamente que as pautas do Reino não eram as deste mundo. Na Terra um rei era valorizado pelo poder que exercia. Um dos títulos mais comuns para um rei no oriente era *Euergetes*, termo grego que significa *Benfeitor*. Jesus disse: "Em meu reino não é o rei, e sim o servo quem obtém esse título."

(1) O que o mundo precisa é serviço. O estranho é que o mundo dos negócios sabe. Bruce Barton assinala que encontraremos à beira do caminho, várias vezes, o pôster: *Estação de serviço*. Uma assinatura dizia: "Nos colocaremos debaixo de seu automóvel mais vezes e nos sujaremos mais que qualquer de nossos competidores." O estranho é que haja mais discussões a respeito da prioridade, e mais preocupação a respeito dos "lugares" do povo na igreja, que em qualquer outro lugar. O mundo necessita e aprecia o serviço.

(2) Só o homem que está disposto a servir mais que qualquer outro realmente consegue elevar-se. Acontece freqüentemente que o trabalhador comum volta a seu lar às 17:30 para esquecer sua tarefa até a manhã seguinte, enquanto que a luz continua acesa no escritório do chefe executivo até bem depois de todos irem. Muitas vezes os transeuntes costumavam ver a luz acesa no escritório de John D. Rockefeller enquanto o resto do edifício estava às escuras. Uma das leis da vida estabelece que o serviço leva à grandeza; e que quanto mais alto chegue um homem maior deverá ser seu serviço.

(3) Para nós a vida pode consistir em dar ou em obter; mas a simples verdade é que se consistir em obter perderemos tanto a amizade do homem como a recompensa de Deus, porque jamais ninguém amou o homem que vive só para si.

(4) Jesus terminou sua advertência prometendo a seus discípulos que aqueles que estivessem com Ele nas boas e nas más, reinariam com Ele no final. Deus não ficará em dívida com ninguém. Aqueles que compartilharam a cruz de Cristo um dia compartilharão sua coroa.

A TRAGÉDIA DE PEDRO

Lucas 22:31-38 y 54-82

Tomamos o relato da tragédia do Pedro de uma só vez. Pedro era um personagem estranho e paradoxal.

(1) Mesmo apesar de sua negação, Pedro era fundamentalmente fiel. H. G. Wells disse uma vez: "Um homem pode ser um mau músico, e entretanto estar apaixonadamente apaixonado pela música." Não importa o que tenha feito, nem quão terrível tenha sido seu fracasso, Pedro era apaixonadamente adepto de Jesus. Há esperança para o homem que mesmo que está pecando se sente acossado pelo bem.

(2) Pedro tinha sido bem alertado. Jesus o tinha feito direta e indiretamente. Os versículos 33-38 com sua conversação a respeito das espadas é uma passagem estranha. Mas o que significam é o seguinte: Jesus estava dizendo: "Até agora vocês me tiveram sempre com vocês. Dentro de muito pouco tempo vocês ficarão liberados a seus próprios recursos. O que vocês vão fazer? O perigo dentro de pouco tempo não será que vocês não possuirão nada; mas sim vocês terão que lutar por sua própria existência."

Esta não é uma incitação a armar-se. É simplesmente uma forma oriental muito vívida de dizer aos discípulos que suas próprias vidas estavam em perigo. Ninguém conhecia a seriedade nem o perigo da situação, e Pedro não conhecia sua própria tendência a fracassar.

(3) Pedro estava muito seguro de si mesmo. Uma advertência que devemos recordar é que se alguém disser:'"Isso é algo que nunca farei", disso terá precisamente que cuidar-se mais. Com freqüência castelos foram capturados porque os atacantes tomaram a rota que parecia impossível de seguir e de escalar, devido a que nesse lugar os defensores estavam despreparados. Satanás é muito ardiloso. Pode atacar o ponto em que alguém está mais seguro de si mesmo, porque ali é mais provável que esteja despreparado.

(4) Para ser justos devemos notar que Pedro foi um dos dois discípulos que tiveram a coragem de seguir ao Jesus ao pátio da casa do Sumo Sacerdote (João 18:15). Pedro caiu diante de uma tentação que só poderia ter-se apresentado a um valente. O homem de coragem sempre corre mais risco que o que procura placidamente a segurança. O perigo de ser tentado é o preço que um homem paga quando se aventura mentalmente ou na ação. Bem pode ser que seja melhor fracassar em uma intrépida empresa que pôr-se a correr e nem sequer tentá-la.

(5) Jesus não lhe falei com o Pedro zangado, mas sim o olhou com tristeza. Pedro poderia ter suportado que Jesus se voltasse e o tivesse repreendido; mas esse olhar silencioso e carregado de tristeza atravessou seu coração como uma espada, e abriu uma fonte de lágrimas.

O castigo do pecado não é enfrentar a irritação de Jesus, e sim a dor em seus olhos.

(6) Jesus disse algo muito bonito a Pedro: “Tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos.” É como se lhe tivesse dito: "Você me negará e chorará lágrimas amargas, mas o resultado será que estará melhor capacitado para ajudar a seus irmãos que estejam passando pelo mesmo problema." Não podemos ajudar realmente a um homem enquanto não tenhamos estado na mesma caldeira de aflição, ou no mesmo abismo de vergonha em que ele esteve. Tem-se dito de Jesus: *Pode ajudar a outros a passar por um mau momento porque ele mesmo o experimentou* (Hebreus 12:18). Experimentar a vergonha do fracasso e da infidelidade não é do todo uma perda, pois nos dá uma simpatia e uma compreensão que de outro modo jamais teríamos obtido.

SEJA FEITA A TU VOLUNTAD

Lucas 22:39-46

O espaço dentro de Jerusalém era tão limitado que não havia lugar para jardins. Muitas pessoas ricos tinham jardins particulares no Monte das Oliveiras. Algum amigo abastado tinha dado a Jesus o privilégio de

utilizar um deles, e Jesus foi ali para travar sua batalha solitária. Tinha só trinta e três anos; e ninguém queria morrer a essa idade. Sabia o que era a crucificação; já a tinha visto. Estava em agonia; a palavra grega descreve a alguém que está lutando com muito medo. Não há uma cena como esta em toda a história. Este é o ponto culminante e crucial na vida de Jesus. Até então poderia ter abandonado. Poderia ter rechaçado a cruz. A salvação de todo o mundo pendia na balança enquanto que o Filho de Deus literalmente a obtinha com seu suor no Getsêmani; e ganhou.

Um famoso pianista disse sobre o Noturno de Chopin em dó menor: "Tenho que dizê-lo. Chopin o disse a Liszt e ele contou isso para mim. Nesta peça tudo é tristeza e problemas. Tantas tristezas e problemas! – até começar a falar com Deus, a orar; depois tudo fica bem." Isto aconteceu com Jesus. Foi ao Getsêmani na escuridão; saiu rodeado de luz – porque tinha falado com Deus. Foi ao Getsêmani em agonia; saiu vitorioso, e com paz em sua alma – porque tinha falado com Deus. A grande diferencia está no tom de voz com que a pessoa diga: "Seja feita sua vontade."

(1) Pode fazê-lo em um tom de submissão total, como se estivesse nas garras de um poder contra o qual é impossível lutar. Então essas palavras podem ser o golpe de graça da esperança.

(2) Pode dizê-lo como alguém que foi obrigado a submeter-se pela força. As palavras podem ser o reconhecimento de uma derrota completa.

(3) Pode dizê-lo como alguém que está totalmente frustrado, e que vê que seus sonhos nunca se tornarão realidade. As palavras podem ser de frio remorso ou até de amarga irritação, que se torna mais amargo porque não se pode remediar nada.

(4) Pode dizê-lo com o tom de uma confiança perfeita. Assim falou Jesus. Estava falando com Alguém que era Pai; estava falando com um Deus cujos braços eternos o sustentavam e rodeavam até na cruz. Estava se rendendo, mas a um amor que jamais o deixaria. A tarefa mais árdua

da vida é aceitar o que não podemos compreender; mas podemos fazê-lo, se estivermos seguros do amor de Deus. Quando a pessoa pode fazê-lo, pode levantar os olhos e dizer com uma confiança perfeita: "Seja feita a tua vontade."

O BEIJO DE UM TRAIDOR

Lucas 22:47-53

Judas tinha encontrado uma forma de trair a Jesus de maneira tal que as autoridades pudessem chegar a ele quando não estivesse rodeado pela multidão. Sabia que Jesus tinha o costume de ir de noite ao jardim da colina, e para lá enviou os emissários do Sinédrio. O capitão do templo, ou o *Sagan* como era chamado, era o oficial responsável da manutenção da ordem no templo; os chefes do guarda do templo a quem se refere esta passagem com seus lugar-tenentes que foram os responsáveis por prender a Jesus. Quando um discípulo se encontrava com um rabino que apreciava, ponha sua mão direita sobre o ombro esquerdo do rabino, sua mão esquerda sobre o ombro direito e o beijava. Judas utilizou como sinal de sua traição o beijo de um discípulo a seu amado Mestre.

Há quatro grupos diferentes envoltos na detenção, e suas ações e reações são muito significativas.

(1) Estava lá Judas o traidor. Era um homem que tinha *abandonado a Deus* e se uniu a Satanás. Só quando alguém expulsa a Deus de sua vida e aceita a Satanás, pode descer ao ponto de vender a Cristo.

(2) Estavam lá os judeus que tinham ido prender a Jesus. Eram homens *cegos diante de Deus*. Quando o Deus Encarnado veio a esta Terra, em tudo o que podiam pensar foi em como levá-lo a cruz. Tinham escolhido seu caminho tanto tempo atrás, e fechado seus ouvidos à voz de Deus e seus olhos à sua direção durante tanto tempo, que no final não puderam reconhecê-lo quando chegou. É algo terrível estar cego e surdo diante de Deus.

(3) Estavam lá os discípulos. Eram os homens que, *no momento se tinham esquecido de Deus*. Seu mundo havia caído e estavam seguros de que o fim tinha chegado. A última coisa que lembravam nesse momento era de Deus; a única coisa em que pensavam era a terrível situação em que tinham caído. Há duas coisas que acontecem a quem se esquece de Deus e o deixa fora da situação. Aterroriza-se totalmente e se desorganiza por completo. Perde o poder de enfrentar a vida e lutar com ela. Nos momentos de prova a vida é impossível sem Deus.

(4) Estava lá Jesus. E ele era a única pessoa em toda a cena que *se lembrava de Deus*. O que mais nos surpreende de Jesus em seus últimos dias é sua serenidade absoluta uma vez passado o momento do Getsêmani. Nesses dias, até durante sua prisão, Ele parecia o dono da situação; e até em seu julgamento, Ele é o juiz. O homem que caminha com Deus pode enfrentar qualquer situação e olhar nos olhos de qualquer inimigo, erguido e sem medo.

Só quando um homem se inclinou diante de Deus pode falar e agir como um conquistador.

RIDICULARIZADO, AÇOITADO E JULGADO

Lucas 22:63-71

Durante a noite Jesus foi levado perante o Sumo Sacerdote. Este foi um interrogatório privado e extra-oficial. As autoridades tinham o propósito de zombar dele, e, se fosse possível, fazê-lo cair em uma armadilha, para poder formular acusações contra Ele. Depois disso, foi entregue aos policiais do templo para que o custodiassem; os quais o fizeram objeto de brincadeiras cruéis. Ao chegar a manhã foi levado perante o Sinédrio.

O Sinédrio era o tribunal supremo dos judeus. Tinha uma jurisdição especial sobre todos os assuntos religiosos e teológicos. Estava composto por setenta membros. Estavam representados nele os escribas, os rabinos e os fariseus, os sacerdotes, os saduceus e os anciãos. Não podia reunir-

se de noite. Por essa razão retiveram a Jesus até a manhã antes de levá-lo diante deles. Só podia reunir-se na sala da Pedra Lavrada no átrio do templo. O Sumo Sacerdote era seu presidente. Possuímos as normas de procedimentos do Sinédrio, que talvez só sejam ideais, e jamais se cumpriram totalmente; mas ao menos nos permitem ver o que os judeus, com seus melhores propósitos, concebiam que devia ser o Sinédrio, e como a atuação no julgamento de Jesus se afastou de seus próprios ideais. O tribunal se sentava em um semicírculo, no qual todos os membros podiam ver-se. O prisioneiro estava de pé de frente para eles vestindo roupas de luto. Atrás dele se sentavam os estudantes e os discípulos dos rabinos. Podiam falar defendendo o prisioneiro, mas não contra ele. As vagas no tribunal provavelmente eram completadas com a cooperação destes estudantes. Todos os cargos deviam ser apoiados pelo testemunho de duas testemunhas examinadas independentemente. Um membro do tribunal podia falar contra o prisioneiro, e depois mudar de opinião e falar a favor dele, mas não o reverso.

Quando chegava o momento do veredicto, cada membro tinha que dar seu julgamento individual, começando pelo mais jovem e terminando pelo mais ancião. Para absolver só se necessitava uma maioria de um; para condenar tinha que haver uma maioria ao menos de dois. A sentença de morte não podia levar-se a cabo no dia em que fosse ditava; devia passar uma noite para que o tribunal dormisse sobre ela, a fim de que a condenação pudesse talvez converter-se em misericórdia. Todo o procedimento estava desenhado para obter a clemência; e, até o breve relato de Lucas mostra claramente que quando o Sinédrio julgou a Jesus estava muito longe de observar suas próprias normas e regulamentos.

Devemos notar cuidadosamente que a acusação que o Sinédrio formulou finalmente contra Jesus foi a de blasfêmia. Pretender ser o Filho de Deus era um insulto à majestade divina, e portanto uma blasfêmia, castigada com a morte.

É trágico pensar que quando Jesus pediu amor não recebeu nem sequer justiça. O glorioso é que Jesus, até depois de ter passado uma

noite de malévolos interrogatórios, mesmo depois de ter sido zombado, esbofeteado e açoitado, tinha a confiança total de que se sentaria à mão direita de Deus, e de que seu triunfo era seguro. Sua fé desafiava os fatos. Em nenhum momento pensou que os homens no final pudessem derrotar os propósitos de Deus.

Lucas 23

O juízo perante Pilatos e o silêncio perante Herodes - Luc. 23:1-12
Os judeus chantageiam Pilatos - Luc. 23:13-25
O caminho do Calvário - Luc. 23:26-31
Ali O crucificaram - Luc. 23:32-38
A promessa do paraíso - Luc. 23:39-43
O longo dia termina - Luc. 23:44-49
O homem que deu una tumba a Jesus - Luc. 23:50-56

O JUÍZO PERANTE PILATOS E O SILÊNCIO PERANTE HERODES

Lucas 23:1-11

Os judeus na época de Jesus não tinham poder para executar uma sentença de morte. Tinha que ser ditada pelo governador romano e executada pelas autoridades romanas.

Por esta razão os judeus levaram Jesus perante Pilatos. Nada mostra melhor sua insensível malignidade que o delito de que o acusaram. No Sinédrio a acusação tinha sido de blasfêmia, pois se tinha atrevido a chamar-se Filho de Deus. Perante Pilatos não se mencionou a acusação em nenhum momento. Sabiam muito bem que diante dele não teria peso e que nunca teria realizado um processo sobre a base de uma acusação que para ele teria sido uma questão de religião e superstição judaica. A acusação que elevaram nessa ocasião foi totalmente política, e tem as marcas da mentalidade e sagacidade dos saduceus.

Foram realmente os saduceus, aristocratas e colaboracionistas os que planejaram a crucificação de Jesus, por temor a que resultasse um elemento perturbador que produzira uma situação na qual perdessem

suas riquezas, sua comodidade e seu poder. Sua acusação perante Pilatos em realidade foi triplo. Acusaram a Jesus de: (a) agitação sediciosa; (b) incitação a que não se pagasse o tributo a César; (c) assumir o título de rei. Cada uma das acusações era uma mentira, e eles sabiam. Recorreram às mentiras mais maliciosas e melhor calculadas em seu quase insano desejo de eliminar a Jesus.

Não era por nada que Pilatos era um oficial romano de grande experiência; leu suas intenções; e não quis gratificar seus desejos mas tampouco quis ofendê-los. Tinham-lhe dado a informação de que Jesus era da Galiléia; faziam isto para acrescentar combustível a suas acusações, devido a que Galiléia era notoriamente "o berço dos sediciosos". Mas para Pilatos representou uma saída. Galiléia estava sob a jurisdição de Herodes Antipas, quem, nesse momento, estava em Jerusalém para passar a Páscoa. De modo que enviou o caso a Herodes. Este rei era justamente uma das poucas pessoas às quais Jesus não tinha absolutamente nada para lhe dizer. Por que Jesus cria que não havia nada para lhe dizer?

(1) Herodes considerava o Jesus como algo que fala que ver. Para ele, Jesus era simplesmente um espetáculo. Mas Jesus não era alguém para ser olhado, e sim um rei a quem era preciso submeter-se. Epicteto, o famoso professor estóico grego se queixava de que pessoas de todo o mundo acudiam a suas conferências, para olhá-lo, como se fosse alguma estátua famosa, mas não para aceitar e obedecer os seus ensinos. Jesus não é uma figura que para se olhar, e sim um Mestre que deve ser obedecido.

(2) Herodes – muito insensatamente – tomou Jesus em brincadeira; riu dele; vestiu-o com um manto de rei para disfarçá-lo de rei. Para dizer de outra maneira, Herodes não quis tomar Jesus a sério. Podia mostrá-lo a sua corte como uma divertida curiosidade, mas ali terminava seu interesse. É um fato simples que a grande maioria dos homens ainda não quer tomar Jesus a sério. Se o fizessem, prestariam mais atenção a suas palavras e exigências.

(3) Há outra tradução possível do versículo 11 : "Herodes, com seus soldados, o menosprezou." Poderia traduzir-se: "Herodes, com seus soldados atrás dele, pensou que Jesus não tinha importância." Seguro em sua posição de rei, forte com o poder de seus guardas, cria que esse carpinteiro galileu não tinha nenhuma importância.

Ainda existem aqueles que, consciente ou inconscientemente, chegaram à conclusão de que Jesus não tem importância, que é um fator que bem pode ser omitido de suas vidas. Não lhe dão um lugar em seus corações e nenhuma influência em suas vidas e pensam que podem dirigir-se facilmente sem Ele.

Para o cristão, longe de carecer de importância, Jesus é a pessoa mais importante de todo o universo.

OS JUDEUS CHANTAGEIAM PILATOS

Lucas 23:13-25

Esta é uma passagem surpreendente. Tão claro como o cristal se vê que Pilatos não queria condenar a Jesus. Sabia muito bem que fazendo-o trairia essa justiça imparcial que era a glória de Roma. Fez nada menos que quatro tentativas para não ditar sentença (João 19:6, 7). Tentou levar todo o caso perante Herodes. Tentou persuadir os judeus de que aceitassem a Jesus como o prisioneiro que ficava em liberdade na Páscoa (Marcos 15:6). Tentou efetuar um compromisso, dizendo que o açoitaria e o deixaria em liberdade. Está bem claro que Pilatos foi chantageado para sentenciar Jesus à morte. Como pôde uma turba judaica chantagear um experiente governador romano para sentenciar Jesus à morte? É literalmente certo que o chantagearam.

O fato básico é que, sob a justiça imparcial de Roma, qualquer província tinha o direito de informar a Roma se um governador não cumpria o seu dever e tal governador seria tratado com toda severidade. Pilatos tinha cometido dois grandes equívocos em seu governo da Palestina. Na Judéia a sede do exército romano não estava em Jerusalém

e sim em Cesaréia. Mas sempre havia um certo número aquartelado de tropas na primeira cidade. As tropas romanas levavam estandartes que levavam no topo um pequeno busto do imperador reinante. Neste momento ele era oficialmente um deus. A lei judaica proibia toda imagem gravada, e por deferência aos princípios judeus, os governadores anteriores sempre tinham tirado as imagens imperiais antes de que suas tropas partirem por Jerusalém. Pilatos se tinha negado a fazê-lo. Entrou de noite com seus soldados levando os estandartes com a imagem imperial. Os judeus foram em multidões a Cesaréia para lhe pedir que tirasse as imagens. Ele se negou. Insistiram em seus pedidos durante dias. No sexto dia concordou reunir-se com eles em um espaço aberto rodeado por suas tropas. Então lhes informou que se não deixassem de incomodá-lo com seus contínuos pedidos lhes aplicaria imediatamente a pena de morte. "Eles se lançaram no chão, descobriram seus pescoços e disseram que aceitariam com prazer a morte antes que se transgredisse a sabedoria de suas leis." Nem mesmo Pilatos podia matar com tanto sangue-frio e teve que transigir.

Josefo nos relata toda a história nas *Antiguidades dos judeus*, livro 18, capítulo 3.

Depois Pilatos construiu um novo aqueduto para a cidade, financiando o plano com dinheiro tirado do tesouro do templo, uma história que já comentamos em Lucas 13:1-4. Uma das coisas que o governo romano não podia tolerar em seu grande império era a desordem civil. Se os judeus tivessem informado oficialmente qualquer destes incidentes, não duvidamos de que Pilatos teria sido prontamente substituído.

João nos relata sobre o nefasto presságio que os funcionários judeus fizeram a Pilatos quando disseram: “Se soltas a este, não és amigo de César!” (João 19:12). Os judeus obrigaram Pilatos sentenciar Jesus à morte com a ameaça de um relatório oficial a Roma que pendia sobre sua cabeça.

Aqui nos encontramos com a terrível verdade de que o passado de um homem pode ressurgir, confrontá-lo e paralisá-lo. Se tiver sido culpado de certas ações e condutas, já não tem direito de dizer certas coisas. Se as disser, jogarão seu passado na cara. Devemos cuidar de não nos permitir nenhuma conduta que algum dia nos despoje do direito de tomar a posição que sabemos que teríamos que adotar, e que permita que as pessoas digam: "Você é quem que tem menos direito de falar assim."

Mas se surgisse tal situação, não há nada mais que uma coisa a fazer: ter coragem de enfrentar a situação com suas conseqüências. Isto é precisamente o que Pilatos não tinha. Sacrificou a justiça a ter que perder seu posto; sentenciou Jesus à morte para poder continuar sendo governador da Palestina. Se tivesse sido um homem verdadeiramente corajoso teria feito o correto, e enfrentado suas conseqüências, mas o seu passado o fez covarde.

O CAMINHO DO CALVÁRIO

Lucas 23:20-31

Quando se condenava um criminoso para ser crucificado, ele era levado ao átrio do julgamento e posto em meio de um quadrado formado por quatro soldados romanos. O criminoso era obrigado a carregar ao ombro sua cruz e conduzi-la ao lugar da crucificação pelo caminho mais longo que houvesse. Era levado a percorrer todas as ruas, caminhos, atalhos e passadiços, enquanto diante dele partia outro soldado levando um pôster com seu crime inscrito nele, de maneira que fosse uma advertência tremenda para todo aquele que queria cometer um delito igual. Isso foi o que fizeram com o Jesus. Começou levando sua própria cruz (João 19:17); mas sob seu peso suas forças cederam e não a pôde levar mais.

Palestina era um país ocupado e qualquer cidadão podia ser chamado em qualquer momento para servir ao governo romano. O sinal de tal ordem era um golpe no ombro com a folha lisa de uma lança

romana. Quando Jesus caiu sob o peso da cruz, o centurião romano a cargo procurou a seu redor alguém que a levasse. Simão tinha chegado à cidade da longínqua região de Cirene, que é a atual Trípoli. Sem dúvida era um judeu que tinha economizado por toda sua vida para ir festejar a Páscoa em Jerusalém. A lança romana o tocou no ombro e, contra seus desejos, e se encontrou levando a cruz de um criminoso.

Tentemos imaginar os sentimentos de Simão. Tinha ido a Jerusalém para ver realizada uma ambição acariciada durante toda sua vida, e se encontrava caminhando para o calvário levando uma cruz. Seu coração estava cheio de rancor para com os romanos e para com esse criminoso que o tinha envolto em seu delito. Mas se podemos ler nas entrelinhas, a história não finaliza aqui.

J. A. Robertson viu nela um dos romances escondidos do Novo Testamento. Marcos descreve Simão como o pai de Alexandre e de Rufo (Marcos 15:21). Não se identifica a um homem pelo nome de seus filhos e sim que eles sejam bem conhecidos na comunidade dentro da qual se escreve. Há um acordo geral de que Marcos escreveu seu evangelho para a igreja de Roma. Consideremos agora a carta do Paulo aos romanos. Entre as saudações do final escreve: “Saudai Rufo, eleito no Senhor, e igualmente a sua mãe, que também tem sido mãe para mim” (Romanos 16:13). De modo que na igreja romana há um tal Rufo, um cristão tão seleto que pode ser chamado um dos escolhidos de Deus, com uma mãe que Paulo ama tanto que pode chamá-la sua mãe na fé. Bem pode ser que este Rufo seja o mesmo filho do Simão de Cirene, e que sua mãe fosse a esposa de Simão. Bem pode ter sucedido que à medida que olhava a Jesus o rancor de Simão se convertesse em um maravilhoso assombro e finalmente em fé; que chegasse a ser cristão; e que sua família fosse do melhor da igreja de Roma. Bem pôde ter sucedido que Simão de Trípoli pensasse que ia fazer realidade a ambição de sua vida, e que por fim ia celebrar a Páscoa em Jerusalém; que se encontrou penosamente contra sua vontade conduzindo a cruz de um criminoso; e, ao olhar, seu rancor

se converteu em assombro e em fé; que naquilo que parecia ser sua vergonha tivesse achado a seu Salvador.

Atrás do Jesus vinha um grupo de mulheres que choravam por ele. Ele se voltou e pediu que não chorassem por Ele, mas sim por elas. Aproximavam-se dias de terror. Na Judéia não havia tragédia maior que um casamento sem filhos; em realidade a esterilidade era uma das razões válidas para o divórcio. Mas chegaria o dia em que uma mulher que não tivesse filhos se alegraria de ser assim. Mais uma vez Jesus estava predizendo a destruição daquela cidade que tantas vezes antes, e agora tão definitivamente tinha rechaçado o convite de Deus. O versículo 31 é um provérbio que poderia ter vários significados. Aqui quer dizer: Se fizeram isso com um que é inocente, o que um dia farão àqueles que são culpados e que o merecem?

ALI O CRUCIFICARAM

Lucas 23:32-38

Quando um criminoso chegava ao lugar da crucificação sua cruz era apoiada sobre o chão. Em geral era uma cruz em forma de "T", sem a parte de acima contra a qual a cabeça podia descansar. Era bastante baixa, de maneira que os pés do delinqüente estavam a apenas um metro ou menos do chão. Havia em Jerusalém uma companhia de mulheres piedosas que tinham como prática ir às crucificações e dar às vítimas um sorvo de vinho com alguma droga que amortecia a terrível dor. Ofereceram a Jesus essa bebida, mas ele a rechaçou (Mateus 27:34). Estava disposto a enfrentar o pior da morte com a mente limpa e os sentidos claros. Os braços da vítima eram estendidos sobre a barra horizontal e cravavam suas mãos. Os pés não se cravavam, mas sim eram atados frouxamente à cruz. Na metade da mesma havia um pedaço de madeira que sobressaía, chamado cadeira, que suportava o peso do criminoso, já que de outra maneira os pregos teriam esmigalhado suas mãos.

Depois a cruz era elevada e erigida em seu lugar. O que fazia terrível a crucificação era o seguinte: a dor desse terrível processo era tremendo, mas não era suficiente para matar a um homem, e se deixava que a vítima morresse de fome e de sede sob o forte sol do meio-dia e as geladas da noite. Sabia-se que muitos criminosos ficavam pendurados na cruz por mais de uma semana até morrer enlouquecidos.

As roupas do criminoso pertenciam aos quatro soldados entre os quais tinha marchado à cruz. Todo judeu vestia cinco objetos: a túnica interior, o manto exterior, o cinto, as sandálias e o turbante. Os soldados repartiam quatro entre si. Ficava o grande manto exterior. Este estava tecido em uma peça sem costura (João 19:23, 24). Se fosse cortado e dividido perdia o valor, de modo que os soldados brincaram com ele à sombra da cruz. Para eles não significava nada senão um criminoso a mais que estava agonizando e morrendo lentamente.

A inscrição que ficava sobre a cruz era o mesmo pôster que se levava diante do homem quando partia através das ruas ao lugar da crucificação.

Jesus disse muitas coisas maravilhosas, mas raramente disse algo mais maravilhoso que: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” O perdão cristão é assombroso. Quando Estêvão estava sendo lapidando também orou: “Senhor, não lhes imputes este pecado!” (Atos 7:60). Não há nada tão bonito nem tão raro como o perdão cristão. Quando o espírito de rancor ameace trazendo amargura a nossos corações, escutemos outra vez a nosso Senhor orando por todos aqueles que o crucificaram, e escutemos a seu servo Paulo dizendo a seus amigos: “Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou” (Efésios 4:32).

A idéia de que este fato terrível foi realizado em ignorância corre através do Novo Testamento. Tempos depois Pedro disse às pessoas: “Eu sei que o fizestes por ignorância” (Atos 3:17). Paulo disse que crucificaram a Jesus porque em realidade não o conheciam (Atos 13:27).

Marco Aurélio, o grande imperador romano e o santo estóico, costumava dizer-se a si mesmo cada manhã: "Hoje te encontrarás com todo tipo de pessoas desagradáveis; elas te machucarão; te injuriarão, e te insultarão; mas não podes viver assim; tu sabes mais porque és um homem no qual habita o espírito de Deus."

Outros podem ter em seu coração o espírito que não perdoa; outros podem pecar por ignorância, mas nós sabemos mais; somos homens e mulheres de Cristo e devemos perdoar como Ele o fez.

A PROMESSA DO PARAÍSO

Lucas 23:39-43

As autoridades crucificaram a Jesus entre dois conhecidos criminosos com propósitos estabelecidos e deliberados. Fizeram-no para humilhar a Jesus diante da multidão, e para que fosse contado entre os ladrões. A lenda se ocupou muito do ladrão arrependido. Deram-lhe vários nomes: Dimas, Demas, e Dumaco. Uma lenda o faz aparecer como um Robin Hood judeu que roubava os ricos para dar aos pobres.

A lenda mais bonita conta como a família sagrada quando fugia com o pequeno menino Jesus, de Belém ao Egito, foi atacada por ladrões. Jesus foi salvo pela misericórdia de um jovem que era filho do chefe do bando de ladrões. O pequeno Jesus era tão bonito que o jovem delinqüente não pôde pôr suas mãos sobre ele, mas sim o liberou dizendo: "Ó, o mais bendito de todos os meninos, se alguma vez chegar o momento de ser misericordioso comigo, lembre de mim e não esqueça esta hora." Assim, diz a lenda, o ladrão que salvou a Jesus quando era um bebê, encontrou-se com Ele na cruz do Calvário e desta vez Jesus o salvou.

A palavra *paraíso* é um termo persa que significa *jardim murado*. Quando um rei persa queria honrar de maneira especial a um de seus súditos o convidava a acompanhá-lo a passear pelo jardim. Jesus

prometeu ao ladrão arrependido algo mais que a imortalidade. Prometeu-lhe o honroso posto de acompanhante pelo jardim nos átrios do céu.

Sem dúvida esta história nos diz, acima de tudo, que nunca é muito tarde para voltar para Cristo. Há outras coisas das quais devemos dizer: "Já passou o momento para isso. Agora estou muito velho." Mas nunca podemos dizer isso de voltar para Cristo. O convite se mantém enquanto palpite o coração do homem. Como escreveu o poeta sobre o homem que se matou ao cair de seu cavalo que galopava:

"Entre o estribo e o chão,
Pedi misericórdia, e achei misericórdia."

Para nós é literalmente certo que enquanto há vida há esperança.

O LONGO DIA TERMINA

Lucas 23:44-49

Cada oração desta passagem tem um rico significado.

(1) Quando Jesus morreu houve uma escuridão. Foi como se o próprio Sol não suportasse olhar o que as mãos do homem tinham feito. O mundo está sempre escuro quando os homens procuram eliminar e destruir a Cristo.

(2) O véu do templo se rasgou em dois. Este véu guardava o lugar santíssimo onde morava a própria presença de Deus, ao qual ninguém podia entrar salvo o sumo sacerdote, e só uma vez ao ano no Dia da Expiação. Foi como se o caminho à presença secreta de Deus, até o momento fechado a todos os homens, fosse aberto a todos. Foi como se o coração de Deus, escondido até esse momento, despiu-se perante os homens. A chegada de Jesus, sua vida e sua morte, rasgam o véu que tinha oculto a Deus do homem. Jesus disse: “Quem me vê a mim vê o Pai” (João 14:9). Na cruz os homens viram o amor de Deus, como nunca o tinham visto nem voltariam a vê-lo.

(3) Jesus clamou com uma grande voz. Três dos evangelhos nos falam a respeito deste grande grito (comp. Mateus 27:50; Marcos 15:37).

João, por outro lado, não menciona o grande clamor, mas diz que Jesus morreu dizendo: “Está consumado!” (João 19:30). Em grego e aramaico estas palavras são uma só. Portanto elas e o grande clamor são a mesma coisa. Jesus morreu com um grito de triunfo em seus lábios. Não disse: “Está consumado!” como quem foi abatido até cair de joelhos e finalmente golpeado, como alguém que admite sua derrota, disse-o como um vencedor que ganhou seu último encontro com o inimigo, como quem concluiu uma tarefa tremenda. Consumado! É o grito de Cristo, crucificado e entretanto vitorioso.

(4) Jesus morreu com uma oração em seus lábios. “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!” É o salmo 31:5 com uma palavra adicionada – a palavra *Pai*. Esse versículo era a primeira oração que toda mãe judia ensinava a seu filho para que fosse a última coisa que dissesse de noite. Assim como nos foi ensinado, possivelmente, a dizer: "Esta noite me deito a dormir", a mãe judia ensinava a seu filho a dizer, antes de que chegasse a escuridão ameaçadora: "Em tuas mãos encomendo o meu espírito." E Jesus a tornou ainda mais bela porque começou com a palavra *Pai*. Até na cruz Jesus morreu como um menino que dorme nos braços de seu pai.

(5) O centurião e a multidão se comoveram profundamente ao morrer Jesus. Sua morte tinha obtido o que sua vida não tinha podido obter; tinha quebrado os duros corações dos homens. Já estava sendo cumprida sua declaração: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo” (João 12:32). O magnetismo da cruz tinha começado a obrar, já com seu último suspiro.

O HOMEM QUE DEU UMA TUMBA A JESUS

Lucas 23:50-56

Era acostume não enterrar os corpos dos criminosos, e sim deixar que os cães e os abutres dessem conta deles; mas José de Arimatéia salvou o corpo do Jesus dessa indignidade. O dia já estava acabando.

Jesus foi crucificado numa sexta-feira; o sábado judeu corresponde também ao nosso. Mas o dia judeu começa às seis da tarde. Por essa razão as mulheres só tiveram tempo para ver onde ficava o corpo e ir a suas casas para preparar os perfumes e especiarias para o mesmo e não fazer nada mais, porque depois das seis da tarde todo trabalho era ilegal.

José de Arimatéia é para nós uma figura de grande interesse.

(1) A lenda nos conta que no ano 61 d.C. foi enviado por Felipe às ilhas britânicas. Foi ao Glastonbury, levando consigo o cálice que tinha sido utilizado durante a Ultima Jantar, e dentro dele o sangue de Cristo. Esse cálice se conheceu como o Santo Graal, e o sonho dos cavalheiros do rei Artur foi encontrá-lo e vê-lo. Diz a lenda que quando José chegou a Glastonbury apoiou seu bastão no chão para descansar, e que o bastão floresceu e se converteu em um arbusto que floresce para o dia de Natal. O espinheiro de São José ainda floresce nessa localidade e, até o dia de hoje, enviam-se brotos do mesmo a todo mundo. A primeira igreja que se construiu na Inglaterra foi a de Glastonbury, e essa igreja, que a lenda associa com o nome de José, é ainda um centro de peregrinação.

(2) Há algo trágico a respeito do José de Arimatéia. É o homem que deu uma tumba a Jesus. Era membro do Sinédrio; é-nos dito que não esteve de acordo com o veredicto e a sentença desse tribunal. Mas não se diz que tenha elevado sua voz em desacordo. Talvez guardou silêncio; ou se ausentou quando viu que não poderia fazer nada para impedir a ação com a qual não estava de acordo.

Que grande diferencia se tivesse falado! Como teria animado a Jesus se, no meio do frio horror dessa odiosa assembléia, uma voz tivesse falado em seu favor! Mas José esperou até que Jesus morresse, e depois lhe deu uma tumba.

Uma das tragédias da vida é que levemos flores à tumba das pessoas a quem deveríamos ter ajudado quando estavam vivas. Deixamos para seus obituários e para os elogios que se fazem nos serviços memoriais e nos minutos de silêncio das comissões, o louvor e o

agradecimento que teríamos que lhes ter outorgado quando estavam vivas. Uma palavra para o que vive vale mais que uma catarata de loas para o morto.

Lucas 24

Buscando no lugar errado - Luc. 24:1-12
O caminho ao ocaso que se tornou amanhecer - Luc. 24:13-35
No cenáculo - Luc. 24:36-49
O final feliz - Luc. 24:50-53

BUSCANDO NO LUGAR ERRADO

Lucas 24:1-12

O sábado judeu é o nosso sábado; era o último dia da semana, e comemorava ou descanso do Deus depois dou trabalho da criação. O domingo cristão é o primeiro dia da semana e lembra a ressurreição de Jesus. De modo que naquele primeiro domingo cristão, as mulheres foram ao sepulcro para levar, conforme acreditavam, os últimos tributos de amor a seu querido morto, e perfumar e ungir o corpo de Jesus com suas essências.

As tumbas orientais estavam quase sempre escavadas na Rocha. Envolvia-se o corpo em longas tiras de tecido como ataduras, e o deitavam em uma prateleira dentro da tumba. Depois se fechava a tumba com uma grande pedra circular do tamanho da roda de um carro que corria através da entrada. Quando as mulheres chegaram, a pedra estava fora de lugar.

Aqui temos precisamente uma das discrepâncias nos relatos da ressurreição que os críticos e os adversários do cristianismo tanto assinalam. Em Marcos o mensageiro na tumba é um jovem com uma longa roupa branca (Marcos 16:5); em Mateus é um anjo do Senhor (Mateus 28:2). Aqui nos deparamos com dois homens com vestimentas resplandecentes; e em João com dois anjos (João 20:12). As diferenças

existem, é verdade; mas também é verdade que, qualquer que seja a descrição, o fato básico de que a tumba estava vazia nunca varia; isso é o que importa. Nunca duas pessoas descrevem o mesmo episódio e incidente nos mesmos termos; e nada tão maravilhoso como a ressurreição jamais escapou de certa medida de elaboração e adorno à medida que era contada e repetida. Mas no centro da história permanece o único fato importante, a tumba vazia.

As mulheres voltaram com sua história ao resto dos discípulos, e eles se negaram a acreditar. Disseram que era uma história de loucos. A palavra que empregaram era usada pelos autores médicos gregos para descrever o murmúrio de uma mente doente e febril. Só Pedro foi ver se era verdade. O fato de que o fizesse diz muito a favor dele. A história de sua negação não era algo que pudesse silenciar-se; e no entanto, Pedro teve a coragem moral de enfrentar àqueles que conheciam sua vergonha. Nele havia algo de herói assim como algo de covarde. O homem que foi uma pomba que revoava estava por converter-se em uma rocha.

A pergunta mais importante e desafiante nesta história é a formulada pelos mensageiros na tumba: “Por que buscais entre os mortos ao que vive?”

Há muitos que ainda procuram a Jesus entre os mortos.

(1) Há os que vêem Jesus como o maior homem e o herói mais nobre que jamais viveu, como alguém que viveu a vida mais bela que se viveu sobre a Terra, e depois morreu. Isso não basta. Jesus não está morto; Ele vive. Não é um herói do passado; é uma presença viva hoje.

(2) Há os que e vêem Jesus como um homem cuja vida deve ser estudada, e cujas palavras devem ser examinadas, e cujos ensinos devem ser analisados. Há uma tendência a pensar no cristianismo e em Cristo como algo que deve ser estudado. Esta tendência pode ser observada no simples fato da proliferação de grupos de estudo e a extinção das reuniões de oração. Sem dúvida nenhuma o estudo é necessário; mas Jesus não é somente alguém que deve ser examinado; é alguém com quem devemos nos encontrar e viver cada dia na vida; não é

simplesmente uma figura em um livro, embora se trate do livro mais grandioso do mundo; mais uma vez, Ele é uma presença viva.

(3) Há os que e vêem Jesus como o modelo e exemplo perfeito. Ele o é; mas a verdade é que um exemplo perfeito pode ser a coisa mais desanimadora do mundo.

Por muitos séculos os pássaros deram ao homem um exemplo do vôo, no entanto só na época moderna o homem pôde voar. Recordamos que quando meninos na escola recebemos um caderno. Acima a página tinha uma linha de escritura impressa; logo seguiam os artigos em branco nos quais teríamos que copiá-la. Que desalentadores eram nossos esforços para reproduzir o modelo perfeito! Mas depois chegava a professora e com sua mão guiava as nossas sobre as linhas até que conseguíamos fazer algo parecido.

Isso é o que Jesus faz. Não é somente o modelo e o exemplo. Ajuda-nos, nos guia, e nos dá forças para segui-lo. Não é simplesmente um modelo na vida; novamente, é a presença divina que nos ajuda a viver.

Bem pode ser que tenha faltado ao nosso cristianismo esse "algo" tão essencial, porque nós também estivemos procurando entre os mortos Aquele que está vivo.

O CAMINHO AO OCASO QUE SE TORNOU AMANHECER

Lucas 24:13-35

Este é outro dos imortais e breves relatos do mundo.

(1) Conta-nos a respeito de dois homens que foram caminhando para o pôr-do-sol. Sugeriu-se que essa é a razão pela qual não puderam reconhecer a Jesus. Emaús estava a oeste de Jerusalém. O Sol estava-se pondo, e os ofuscava tanto que não puderam conhecer seu Senhor. Seja como for, é verdade que o cristão é um homem que não caminha para o ocaso, e sim para o amanhecer. Muito tempo antes foi dito aos filhos de Israel que viajassem no deserto para o amanhecer (Números 21:11). O

cristão não parte para uma noite que cai, e sim para um amanhecer que irrompe – e isso foi o que, em sua tristeza e desilusão, tinham esquecido os dois caminhantes de Emaús.

(2) Fala-nos da habilidade de Jesus para dar significado às coisas. Toda a situação parecia não ter explicação para estes homens. Suas esperanças e sonhos tinham sido destruídos. Toda a desilusão e o desconcerto do mundo se refletem em suas tristes palavras: “Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel.” São as palavras de homens cujas esperanças estão mortas e enterradas. E então Jesus veio e falou com eles, e viram com clareza o significado da vida, e a escuridão se fez luz.

Uma novelista põe na boca de um de seus personagens estas palavras, dirigidas àquela de quem se apaixonou: "Nunca soube o que significava a vida até que o vi em seus olhos."

Só em Jesus, até nos momentos de desconcerto, aprendemos o que significa a vida.

(3) Fala-nos da cortesia de Jesus. Agiu como quem ia seguir. Ele não quis forçá-los; esperou o convite. Deus deu aos homens o maior e mais perigoso dom do mundo, o dom do livre-arbítrio; e podemos utilizá-lo para convidar a Cristo para entrar em nosso coração ou para deixá-lo passar adiante.

(4) Fala-nos como o reconheceram pela forma de partir o pão. Isto sempre soa um pouco como uma referência a sacramento; mas não o é. Em uma refeição comum, numa casa comum, com um pão comum foi como estes homens reconheceram a Jesus. Sugeriu-se belamente que talvez teriam estado presentes quando houve a alimentação dos cinco mil, e, que ao Jesus partir o pão em sua cabana, reconheceram suas mãos.

Não só na mesa de comunhão podemos estar com Cristo; podemos estar com Ele na hora de almoçar também. Não é só o anfitrião em sua igreja; é o hóspede de cada lar. O cristão vive para sempre e em todo lugar em um mundo cheio do Jesus.

(5) Conta-nos como estes dois homens, ao receber sua alegria, apressaram-se a comparti-la. Havia uma caminhada de dez quilômetros a Jerusalém, mas não podiam guardar para si as boas novas.

A mensagem cristã nunca é totalmente nossa enquanto não a tenhamos compartilhado com alguém.

(6) Diz-nos como, quando chegaram a Jerusalém, encontraram a outros que tinham tido sua experiência.

A glória de um cristão é que vive em uma comunidade de pessoas que tiveram a mesma experiência que ele. Tem-se dito que a verdadeira amizade só começa quando as pessoas compartilham uma lembrança comum e se dizem um ao outro: "Você se lembra?" Cada um de nós é membro de uma grande comunidade de pessoas que compartilham uma experiência comum e uma lembrança mútua de seu Senhor.

(7) Conta-nos que Jesus apareceu ao Pedro. Esta será sempre uma das grandes historia não relatadas do mundo. Mas sem dúvida é bonito que Jesus fizesse uma de suas primeiras aparições perante o homem que o havia negado.

A glória de Jesus é que pode devolver ao pecador penitente sua dignidade.

NO CENÁCULO

Lucas 24:36-49

Aqui lemos a respeito de como Jesus se apresentou aos seus quando estavam reunidos no Cenáculo. Nesta passagem ressoam enfaticamente algumas das grandes características da fé cristã.

(1) Acentua *a realidade da ressurreição*. O Senhor ressuscitado não era um fantasma nem um espírito nem uma alucinação. Era real. O Jesus que morreu era verdadeiramente o Cristo que ressuscitou. O cristianismo não se funda em sonhos de mentes transtornadas, nem em visões de olhos febris, e sim em Alguém que na realidade histórica enfrentou a morte, lutou com ela e a venceu e ressuscitou.

(2) Acentua *a necessidade da cruz*. Toda a Escritura apontava para a cruz. A cruz não foi algo forçado para Deus; não foi uma medida de emergência quando todo o resto tinha fracassado e quando os planos tinham saído mal. Era parte do plano de Deus, porque a cruz é o único lugar na Terra, no qual em um determinado momento, vemos o eterno amor de Deus.

(3) Acentua *a urgência da tarefa*. O chamado ao arrependimento e o oferecimento de perdão tinha que ir a todos os homens. A igreja não teria que viver sempre no Cenáculo; foi enviada ao mundo. Depois do Cenáculo estava a missão mundial da igreja. Os dias de tristeza haviam passado e se devia levar a todos os homens as novas de grande alegria.

(4) Acentua *o segredo do poder*. Tinham que esperar em Jerusalém até que descendesse sobre eles poder do céu, até que chegasse o Pentecostes. Há momentos em que pareceria que o cristão está perdendo o tempo, quando precisa esperar em uma prudente passividade. A ação que não está preparada deve fracassar necessariamente. Há um momento para esperar em Deus e um momento para trabalhar para Ele.

Os momentos silenciosos em que esperamos em Deus nunca se perdem; porque no momento em que deixamos de lado as tarefas da vida é quando somos fortalecidos para as mesmas tarefas que abandonamos.

O FINAL FELIZ

Lucas 24:50-53

A Ascensão deve ser sempre um mistério, porque busca dizer com palavras o que está além das palavras e descrever o que está além de toda descrição. Mas era essencial que acontecesse algo assim. Era impensável que as aparições de Jesus fossem diminuindo até desaparecer finalmente. Isso teria destroçado efetivamente a fé dos homens. Tinha que haver um dia de divisão no qual o Jesus da Terra se convertesse finalmente no Cristo do céu. Mas para os discípulos a Ascensão significou obviamente três coisas.

(1) Foi *um final*. Havia terminada uma etapa e começava outra. Havia terminado o dia em que sua fé estava baseada em uma pessoa de carne e ossos, e dependia dela. Agora estavam unidos a Alguém que era independente para sempre do espaço e do tempo.

(2) Mas era deste modo um começo. Os discípulos não deixaram a cena desanimados; abandonaram-na com grande alegria. Porque agora sabiam que tinham um Mestre de quem nada poderia separá-los nunca mais.

"Porque eu estou bem certo", disse Paulo, "de que nem a morte, nem a vida... poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Romanos 8:38, 39).

(3) Mais ainda, a Ascensão deu aos discípulos a certeza de que tinham um amigo, não só na terra, mas também no céu. Sem dúvida é algo sem preço saber e sentir que no céu nos espera o mesmo Jesus que na Terra foi alguém maravilhoso. Morrer não é entrar na escuridão; é ir a Ele.

De modo que voltaram para Jerusalém, e estavam continuamente no templo louvando a Deus. Não é meramente acidental que o evangelho do Lucas termine onde começou – na Casa de Deus.